

Patrícia Ramos Braick • Myriam Becho Mota

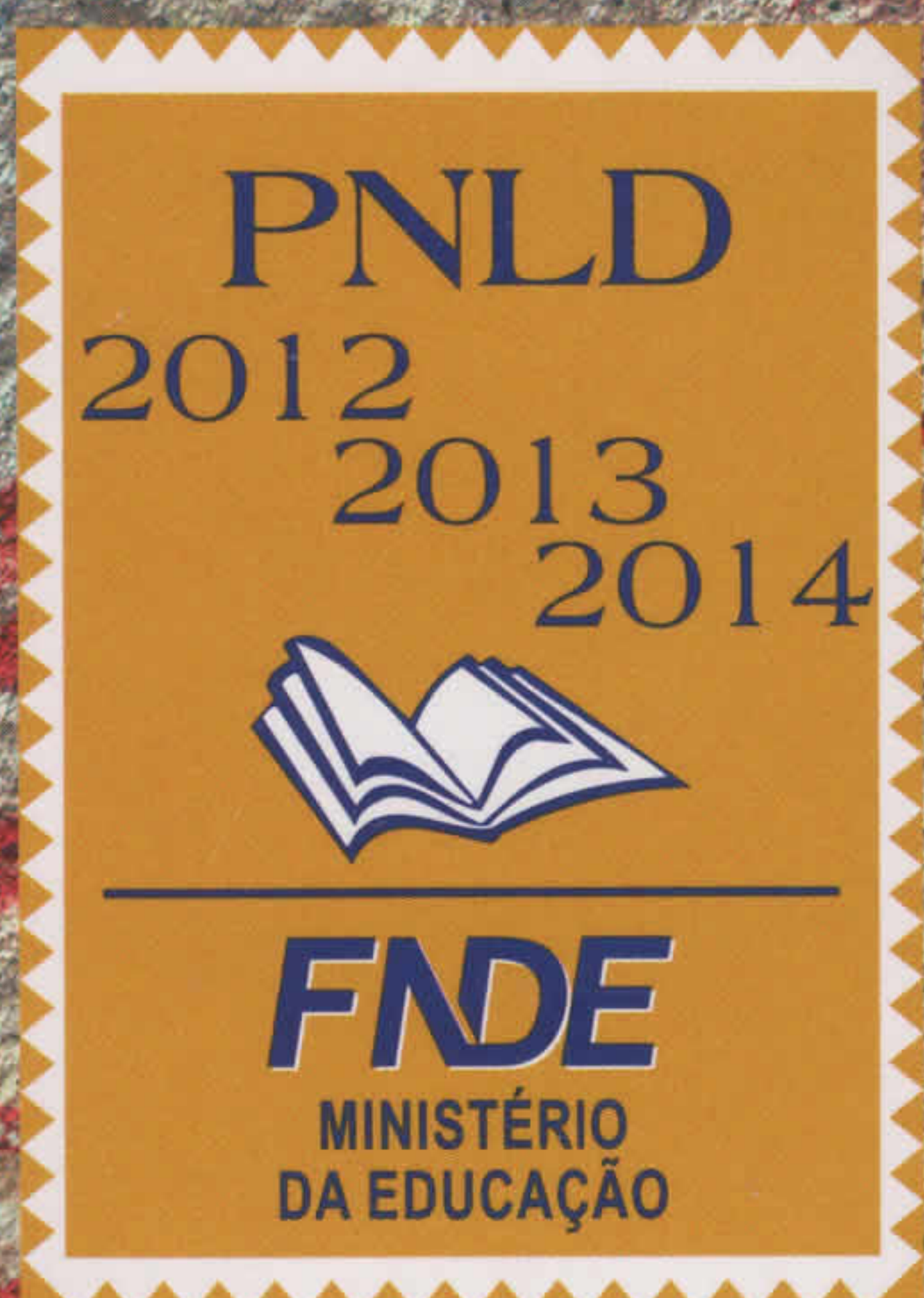
# HISTÓRIA

DAS CAVERNAS AO TERCEIRO MILÊNIO

Volume

1

Das origens da humanidade  
à Reforma Religiosa na Europa



VENDA PROIBIDA

CÓDIGO DO LIVRO: 25022C0601 TIPO: L

 Moderna

Componente curricular:  
HISTÓRIA

### **Cuide bem do livro!**

As escolas da rede pública de ensino recebem, periodicamente, as obras referentes ao **Programa Nacional do Livro Didático** – PNLD, adquiridas e distribuídas pelo Ministério da Educação para todo o país por intermédio do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação, após criteriosa avaliação da Secretaria de Educação Básica, para que professores e alunos contem com materiais de qualidade física e pedagógica.

Este livro precisa ser preservado, e deve ser protegido da água, da poeira e de outras situações que possam causar danos. Procure mantê-lo limpo, sem rabiscos, rasgos ou recortes.

Lembre-se de que, depois de você, ele será usado por outros alunos durante os três anos de vida útil do material. Por isso, ao final do ano letivo, você deverá devolvê-lo bem conservado.

**Sua colaboração é importante!**

Registre aqui o **histórico** de utilização deste livro.

Nome da escola:

Nome do(a) aluno(a):

Ano:

Nome do(a) aluno(a):

Ano:

Nome do(a) aluno(a):

Ano:

**Patrícia Ramos Braick**

Mestre em História (área de concentração: História das Sociedades Ibéricas e Americanas)  
pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.  
Professora do Ensino Médio em Belo Horizonte, MG.

**Myriam Becho Mota**

Licenciada em História pela Faculdade de Ciências Humanas de Itabira, MG.  
Mestre em Relações Internacionais pela The Ohio University, EUA.  
Professora do Ensino Médio e Superior em Itabira, MG.

# HISTÓRIA

## DAS CAVERNAS AO TERCEIRO MILÊNIO

Volume

**1**

**Das origens da humanidade  
à Reforma Religiosa na Europa**

Componente curricular: HISTÓRIA

2ª edição

São Paulo, 2010

 **Moderna**

**Coordenação editorial:** Maria Raquel Apolinário

**Edição de texto:** Nubia Andrade e Silva, Vanessa Gregorut, Vivian Kaori Ehara, Maria Angela Raus, Ricardo Van Acker

**Assessoria didático-pedagógica:** Thelma Cademartori Figueiredo de Oliveira

**Preparação de texto:** Adriane Gozzo

**Coordenação de design e projetos visuais:** Sandra Botelho de Carvalho Homma

**Projeto gráfico:** Marcia Signorini

**Capa:** Marcia Signorini, Ana Carolina Orsolin

Foto da capa: Pintura rupestre de mãos e pássaros em caverna na província Santa Cruz, Argentina, 1997. Hubert Stadler/Corbis-Stock Photos

**Coordenação de produção gráfica:** André Monteiro, Maria de Lourdes Rodrigues

**Coordenação de arte:** Maria Lucia F. Couto

**Edição de arte:** Alexandre Lugó Ayres Neto

**Editoração eletrônica:** 2 estúdio gráfico

**Coordenação de revisão:** Elaine Cristina del Nero

**Revisão:** Afonso N. Lopes, Denise de Almeida, Viviane T. Mendes

**Coordenação de pesquisa iconográfica:** Ana Lucia Soares

**Pesquisa iconográfica:** Ana Claudia Fernandes, Odete Ernestina Pereira, Etoile Shaw, Leonardo de Sousa Klein, Maiti Salla, Thaisi Lima

**Coordenação de bureau:** Américo Jesus

**Tratamento de imagens:** Rubens Mendes Rodrigues

**Pré-impressão:** Helio P. de Souza Filho, Marcio Hideyuki Kamoto

**Coordenação de produção industrial:** Wilson Aparecido Troque

**Impressão e acabamento:** Oceano Indústria Gráfica

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Braick, Patrícia Ramos  
História : das cavernas ao terceiro Milênio /  
Patrícia Ramos Braick, Myriam Becho Mota. —  
2. ed. — São Paulo : Moderna, 2010.

Obra em 3 v.  
Bibliografia.

1. História (Ensino médio) I. Mota, Myriam Becho.  
II. Título

09-12427

CDD-907

**Índices para catálogo sistemático:**

1. História : Ensino médio 907

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Todos os direitos reservados

**EDITORA MODERNA LTDA.**

Rua Padre Adelino, 758 – Belenzinho  
São Paulo – SP – Brasil – CEP 03303-904  
Vendas e Atendimento: Tel. (0\_\_11) 2602-5510  
Fax (0\_\_11) 2790-1501  
www.moderna.com.br  
2013

Impresso no Brasil

# APRESENTAÇÃO

“A educação é o ponto em que decidimos se amamos o nosso mundo o bastante para assumirmos a responsabilidade por ele e, com tal gesto, salvá-lo da ruína que seria inevitável não fosse a renovação e vinda dos novos e dos jovens. A educação é, também, onde decidimos se amamos nossas crianças o bastante para não expulsá-las de nosso mundo e abandoná-las a seus próprios recursos, e tampouco arrancar de suas mãos a oportunidade de empreender alguma coisa nova e imprevista para nós.”

ARENDDT, Hannah. *Entre o passado e o futuro*. São Paulo: Perspectiva, 1972.

A tarefa de construir um saber histórico voltado para a vida, para os problemas contemporâneos, que possibilite explicar as bases materiais sobre as quais se assenta a nossa civilização e reconhecer os rumos para onde elas estão nos conduzindo é um dos grandes objetivos desta obra.

Faz parte da tarefa do educador auxiliar o aluno a reconhecer a relação dinâmica que une o passado, o presente e o futuro. O jovem deve perceber que não se pode compreender o presente sem conhecer o passado nem conhecer o passado ignorando o presente. É justamente essa riqueza de possibilidades que torna a história um campo de estudo tão fascinante.

Esta obra apresenta uma metodologia que transforma a aprendizagem num saber significativo, amparada em referenciais conhecidos e contemporâneos e, por isso mesmo, dotada de sentido e interesse.

A tarefa de focar o saber histórico como uma relação dinâmica entre passado-presente-futuro concretiza-se particularmente nas *Aberturas de capítulos*, nas leituras e questões dos *Textos complementares* e nas atividades da seção *A história e o tempo presente*.

A variedade de documentos, incluindo os que surgiram com a revolução da informática, os textos e as atividades propostas no livro permitem a inserção de novos objetos históricos, entre os quais as relações do homem com a natureza, a história das doenças e epidemias, das relações com o próprio corpo, dos excluídos (mulheres, crianças, prisioneiros, doentes mentais, camponeses, negros, entre outros).

Neste novo trabalho esperamos transmitir a ideia de que a história, resultante de diversas influências e ações, pertence a todos os atores sociais e que sua interpretação, embora finita, é aberta. Procuramos contemplar os diferentes discursos, vozes e ações, tratados como expressão das tensões históricas.

Construir o conhecimento histórico dessa forma é buscar caminhos possíveis para transformar a relação entre ensino e aprendizagem e criar estratégias que contribuam para formar uma prática social humanizada e cidadã.

**Bom estudo!**

# SUMÁRIO

## INTRODUÇÃO

### O fazer história

▶ <b>Capítulo 1</b>	<b>A construção da história</b>	<b>10</b>
	O que é história?	11
	As fontes históricas	11
	Lidando com o tempo	13
	Divisão da história ocidental	18
	Texto complementar: Patrimônios do mundo	20
	Atividades	21
	Técnicas de trabalho: Visita a um museu	26

RÔMULO FIALDINI – MUSEU PARAENSE  
EMÍLIO GOELDI – BELÉM, PARA



## UNIDADE

# 1

### Dos primeiros humanos ao legado cultural do helenismo

▶ <b>Capítulo 2</b>	<b>Da origem do ser humano à formação dos primeiros Estados</b>	<b>30</b>
	A origem do homem	31
	A evolução humana	31
	Uma periodização questionável	33
	A Revolução Neolítica	34
	A Idade dos Metais	36
	Texto complementar: Da formação da Terra ao surgimento da vida humana	38
	Atividades	40
▶ <b>Capítulo 3</b>	<b>A identidade do homem americano</b>	<b>45</b>
	A origem do homem americano	46
	Os primeiros brasileiros	47
	A Pré-história americana	48
	Texto complementar: a antropologia biológica	50
	Atividades	51
▶ <b>Capítulo 4</b>	<b>Mesopotâmia, Egito e o Reino de Cuxe</b>	<b>55</b>
	Mesopotâmia: terra entre rios	56
	Os povos mesopotâmicos	57
	Economia e vida social	59
	Ciência e arquitetura	60

HERVÉ LEWANDOWSKI/RMN/OTHER IMAGES – MUSEU DO LOUVRE, PARIS





Religião e literatura	61
A riqueza arqueológica do Iraque	61
Às margens do Nilo: o Egito	62
Dois reinos, três impérios	63
A sociedade egípcia	64
A terra dos deuses	66
A chave da escrita egípcia	68
Cuxe: o grande reino negro	68
Texto complementar: A história da África e sua importância para o Brasil	74
Atividades	75

### ▶ Capítulo 5 Hebreus, fenícios e persas 79

Hebreus	80
Fenícios	85
Persas	87
Texto complementar: Tensões no Oriente Médio	89
Atividades	91

### ▶ Capítulo 6 Grécia: berço da civilização ocidental 94

O mundo grego	95
Esparta	99
Atenas	100
As Guerras Greco-Pérsicas	102
A Guerra do Peloponeso	103
A conquista macedônica	103
O amor pelo belo	104
Texto complementar: A escultura grega	109
Atividades	110

### ▶ Capítulo 7 O esplendor de Roma 114

Antecedentes	115
Monarquia (753 a 509 a.C.)	115
<i>Res publica</i> ou “coisa pública” (509 a 31 a.C.)	116
Ascensão e queda do Estado imperial (31 a.C. a 476 d.C.)	121
A força do poder espiritual	124
A cultura romana	124
Texto complementar: As termas romanas	128
Atividades	129
Técnicas de trabalho: Análise de filmes	132



# SUMÁRIO

## UNIDADE

# 2

## A construção dos sentidos

### ▶ Capítulo 8

#### Alta Idade Média 136

Os povos bárbaros	137
Idade Média: uma nova concepção	139
A expansão dos francos e o Império Carolíngio	139
A Europa dos feudos	141
A sociedade feudal	144
Texto complementar: Os laços sociais	147
Atividades	148

### ▶ Capítulo 9

#### Nascimento e expansão do Islã 153

A crença que mais cresce no mundo	154
A expansão do Islã	157
A presença árabe na Península Ibérica	159
A derrocada árabe e a ascensão otomana	161
Texto complementar: As mulheres e o véu no mundo islâmico	162
Atividades	164

### ▶ Capítulo 10

#### A civilização bizantina 168

O Império Bizantino: um mosaico de culturas	169
Constantinopla: centro comercial da Idade Média	170
O cotidiano na cidade de Constantinopla	171
O eleito de Deus	173
O esplendor e a decadência do Império Bizantino	174
A igreja Ortodoxa	174
Texto complementar: A culinária bizantina	176
Atividades	177

### ▶ Capítulo 11

#### Baixa Idade Média 180

O crescimento da economia	181
Desenvolvimento intelectual e artístico	183
As cruzadas	184
Peste e rebeliões: a agonia da ordem feudal	186
Texto complementar: Nossas raízes medievais	189
Atividades	190

### ▶ Capítulo 12

#### A consolidação das monarquias na Europa moderna 194

A formação dos Estados modernos	195
As bases do Estado moderno	196
O absolutismo monárquico	198
Os teóricos do absolutismo	199
Os rituais falam	200
Texto complementar: A corte	202
Atividades	203





▶ <b>Capítulo 13</b>	<b>O Renascimento cultural e científico</b>	<b>207</b>
	O Renascimento	208
	O desenvolvimento científico	212
	O Renascimento nos países baixos	213
	Texto complementar: A força criativa de Sandro Botticelli	214
	Atividades	215

▶ <b>Capítulo 14</b>	<b>A expansão ultramarina europeia e o mercantilismo</b>	<b>219</b>
	O grande apelo do desconhecido	220
	A visão europeia representada nos mapas	222
	O expansionismo ibérico	223
	O encontro entre europeus e americanos	226
	O mercantilismo	228
	Texto complementar: O cotidiano das viagens marítimas	232
	Atividades	233

▶ <b>Capítulo 15</b>	<b>A Reforma Protestante e a Contrarreforma Católica</b>	<b>238</b>
	Os antecedentes da Reforma	239
	Martinho Lutero: a justificação pela fé	241
	João Calvino: a predestinação absoluta	243
	A Reforma Anglicana: catolicismo sem Roma	244
	A contraofensiva católica	245
	O preço da fé	247
	Texto complementar: A revolução permanente da impressão gráfica	248
	Atividades	249
	Técnicas de trabalho: Análise e comparação de imagens	252
	<b>Bibliografia</b>	<b>254</b>



GEMÄLDE GALERIE, BERLIM



AKG IMAGES/ALBUM/LATINSTOCK -  
BIBLIOTECA NACIONAL DA FRANÇA, PARIS

# O fazer história

COLEÇÃO PARTICULAR



Morro da favela, obra de Tarsila do Amaral, 1924.

DAGLI ORTI/THE ART ARCHIVE/  
OTHER IMAGES COLEÇÃO PARTICULAR



Pentes de madeira produzidos em Gana e no Congo, século XIX.



Máscara africana de madeira, produzida pelo povo Igbo, da Nigéria. Séculos XIX-XX.

ANGELI



Antes e depois.  
Charge de Angeli, 2005.

CULTURE-IMAGES/OTHER IMAGES  
MUSEU DE BELAS ARTES, BOSTON

# INTRODUÇÃO

- ▶ A charge, a pintura e os objetos ao lado são considerados fontes históricas. O que você entende por isso?
- ▶ As fontes históricas podem ser classificadas de várias maneiras. Qual é o tipo de fonte de cada um dos objetos representados? Que informações as fontes podem fornecer? Quais os cuidados que devemos ter ao analisar um documento histórico?
- ▶ O texto do historiador francês Marc Bloch traz uma característica muito importante da ciência histórica. Qual é essa característica?

## O sentido da história

“A palavra história é uma palavra antiquíssima. [...] Seguramente, desde que surgiu, já há mais de dois milênios, nos lábios dos homens, ela mudou muito de conteúdo. [...] Mesmo permanecendo pacificamente fiel a seu glorioso nome helênico, nossa história não será absolutamente, por isso, aquela que escrevia Hecateu de Mileto<sup>1</sup>; assim como a física de lord Kelvin ou Langevin<sup>2</sup> não é a de Aristóteles. [...]”

BLOCH, Marc. *Apologia da história, ou o ofício de historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002. p. 51.

<sup>1</sup> Hecateu de Mileto (cerca de 546 a 480 a.C.) foi historiador e geógrafo grego, nascido na cidade de Mileto, na atual Grécia.

<sup>2</sup> Lord Kelvin (1824-1907), inglês, e Paul Langevin (1872-1946), francês, eram físicos.

# A construção da história

## Patrimônio da humanidade

*Apresentação do grupo de samba de roda Brilhantes de Iará, em Salvador, Bahia.*

*Foto de 2009.*

*O samba de roda do Recôncavo Baiano foi declarado, em 2004, patrimônio da humanidade pela Unesco, órgão da ONU para Educação, Ciência e Cultura. O samba foi eleito na categoria patrimônio oral e imaterial da humanidade.*



FERNANDO AMORIM/AGÊNCIA A TARDE/FOLHA IMAGEM

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

*Cidade de Goiás, Goiás, 2007.*

*Em 2001, a Unesco declarou patrimônio da humanidade o centro histórico da Cidade de Goiás, graças à riqueza de sua arquitetura civil e religiosa e a sua cultura, que preserva inúmeras tradições locais.*



CAETANO BARREIRA/FOLHA IMAGEM

As imagens que você vê ao lado são exemplos de importantes manifestações da cultura e da arquitetura brasileira. Em 2004, a Unesco reconheceu o samba de roda do Recôncavo Baiano como patrimônio oral e imaterial da humanidade. O título é uma forma de valorizar e proteger a produção cultural dos países.

No Brasil, a Unesco atua em parceria com o Iphan, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, e outras autoridades nacionais no planejamento de ações para proteger, recuperar e promover o usufruto do patrimônio. O legado cultural e material de uma região, estado ou país é um importante documento histórico, de fundamental importância para a história e para a memória de seu povo.

A reavaliação do conceito do que é documento ou fonte histórica e que deve ser preservado para a posteridade ocorreu a partir dos anos 1930 do século XX. Não só os registros oficiais mereciam o título de documento histórico, mas toda a produção humana, como objetos, monumentos, moradias, instrumentos de trabalho, pinturas, poesias, músicas, lendas, relatos orais, além de diferentes registros escritos. Antes disso, considerava-se fonte histórica apenas os documentos oficiais, emitidos pelos órgãos públicos, como certidões de nascimento, atas e editais.

Nesse sentido, a noção do que é um documento histórico foi substancialmente alterada, como você pôde verificar na iniciativa de premiar o samba de roda baiano.

## ► O que é história?

História é um vocábulo de origem grega que significa “conhecimento por meio de uma indagação”. Ele deriva de *histor*: “sábio” ou “conhecedor”. São muitas as definições que se fizeram dessa ciência. O historiador francês Marc Bloch definiu a história como a

ciência dos homens no transcurso do tempo; o francês Lucien Febvre, também historiador, destacou que a história é o processo de mudança contínua da sociedade humana.

Segundo o brasileiro Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, escritor e **lexicógrafo**, história é a “narração metódica dos fatos notáveis ocorridos na vida dos povos, em particular, e na vida da humanidade, em geral”. Já para o historiador e sociólogo Sérgio Buarque de Holanda, a história “é o estudo do que os homens do passado fizeram, da maneira pela qual viviam, das ideias que tinham”.

De acordo com os conceitos citados, podemos concluir que a história é o estudo que os pesquisadores fazem dos homens do passado, mostrando como viviam e o que realizaram os povos que nos precederam. É importante deixar claro que história não é a soma dos acontecimentos do passado, mas o resultado das várias pesquisas feitas sobre esse passado. Em outras palavras, o esforço intelectual para compreender e explicar como era a vida em outros tempos.

Existem muitas outras definições de história e diversos modos de conceituá-la. No decurso da obra teremos a oportunidade de ver várias interpretações em ação.

## ► As fontes históricas

O trabalho do historiador consiste em interpretar os fatos históricos ou as experiências humanas por meio da análise de registros que foram deixados por uma sociedade em determinado tempo e local. Graças a esse procedimento, o historiador torna-se capaz de compreender e interpretar a história.

Para investigar, explicar e compreender os fatos históricos, o historiador necessita estudar documentos ou fontes históricas, ou seja, os registros, vestígios ou marcas da presença dos homens que viveram no passado.

O que chamamos de documento ou fonte histórica não é necessariamente produzido pelos indivíduos com o objetivo de deixar testemunhos para aqueles que viverão no futuro. São os pesquisadores, ao estudarem determinado documento ou fonte histórica, que atribuem um sentido a esses documentos. Cada pesquisador ou grupo de estudiosos elege, baseado em estudos, experiência pessoal e objetivo de trabalho, um conjunto de critérios científicos para definir a relevância e o sentido do material histórico que tem em mãos. Dessa maneira, o presente influencia o modo como vemos e entendemos o passado do homem.

### **Lexicógrafo**

Dicionarista; pessoa que elabora dicionários.

RÔMULO FIALDINI - MUSEU PARAENSE  
EMÍLIO GOELDI - BELÉM, PARÁ



Alguidar marajoara, c. 1800 anos atrás. Cerâmica decorada com pintura vermelha sobre o branco. Ilha de Marajó, Pará.



FOTOS: RANGEL ESTÚDIO/CID

Os documentos são a principal matéria-prima para o trabalho dos historiadores.

Existem diferentes tipos de documentos históricos: escritos, orais, sonoros, visuais e os que compõem a chamada cultura material. Sendo assim, podem ser encontrados em forma de documentos oficiais (leis, contratos, registros contábeis, registros de cartórios) ou particulares (de empresas ou pessoais), publicações científicas, imprensa (livros, revistas e jornais), letras de música, inscrições em monumentos, dados estatísticos, pinturas, esculturas, construções, filmes, vídeos, fotografias, discos, roupas, chapéus, calçados, utensílios domésticos, joias, moedas, enfim, qualquer objeto criado pelo homem. As fontes ou documentos orais são as entrevistas, os relatos, os “causos”, os contos, as lendas, os mitos, as fábulas, entre outras manifestações verbais.

A ausência da escrita no período denominado Pré-história dificulta os estudos sobre a organização social dos povos que viveram naquele tempo. A **arqueologia** busca informações nos vestígios materiais, como armamentos, restos de alimentos e peças de cerâmica.

O aparecimento da grafia mudou radicalmente a forma como podemos analisar o passado. Documentos escritos, mesmo quando parecem sem importância, como uma lista de gastos com a manutenção de um engenho de açúcar do período colonial brasileiro, nos fornecem valiosas informações, como o tipo de alimentação, as possíveis causas de doenças da época, entre outras características. Quando articulados com outras fontes, documentos desse tipo ajudam a montar um panorama mais completo da época estudada.

Grande parte das fontes históricas materiais é encontrada em instituições públicas ou privadas, tais como museus, arquivos, universidades, igrejas, galerias de arte e outros espaços. Esse conjunto de fontes materiais é denominado **patrimônio histórico e cultural** de um povo.

No Brasil, de acordo com o capítulo III, da lei nº 25, de 30 de novembro de 1937, órgãos federais, estaduais e municipais são responsáveis pelo **tombamento** e pela conservação do patrimônio histórico e artístico do país. Entre eles destacam-se o Iphan, órgão federal, os Institutos Estaduais e os Conselhos Municipais, que podem ser de natureza deliberativa ou consultiva.

Entretanto, nem sempre os investimentos públicos são suficientes para a preservação do patrimônio histórico e artístico do país. Muitos projetos de conservação contam com o apoio financeiro de instituições privadas, que em troca recebem incentivos fiscais como a diminuição ou a isenção de certos impostos. Além disso, com essas ações, as empresas ganham credibilidade e a confiança da opinião pública por evidenciar um relativo retorno do lucro das empresas, para a sociedade.

### Arqueologia

(do grego *arque*, velho) Ciência que estuda a vida e a cultura dos povos antigos, principalmente pela interpretação de restos materiais encontrados.

### Tombamento

Iniciativa de colocar sob a guarda do poder público, para conservar e proteger, os bens (materiais ou não) importantes como produto e testemunho de tradição artística e/ou histórica de um povo ou de uma região. São exemplos de bens culturais: construções, obras literárias, músicas, festas folclóricas e muitos outros.

## Analise o documento

### A casa de Chico Mendes

O líder seringueiro Chico Mendes nasceu em 1944, no município do Xapuri, interior do Acre. Durante o final dos anos 1970, ele ficou conhecido por sua luta em defesa da preservação da Floresta Amazônica. Chico Mendes contrariava os interesses dos fazendeiros, que desejavam derrubar a mata para explorar a madeira ou abrir novas áreas destinadas ao cultivo e à criação de gado. Em 1988, Chico Mendes foi assassinado pelo filho de um fazendeiro local.

"A casa de Chico Mendes fica à Rua Batista de Moraes, nº 10, Setor 1, Distrito 1, Lote 290, no centro de Xapuri, município do Acre. Foi lá que o líder sindical e seringueiro Francisco Alves Mendes Filho passou os últimos dois anos da sua vida, dedicada ao seringueirismo, ao movimento de resistência dos trabalhadores locais e à luta contra a devastação da Amazônia. Foi nesta casa, onde hoje funciona uma sala de memória em sua homenagem, que ele morreu assassinado há 20 anos, na noite de 22 de dezembro de 1988, após ter escapado de sucessivos atentados. [...]"

A necessidade de proteção dessa singela construção [...] surgiu a partir de 2005, devido a uma descaracterização do bosque que compõe a paisagem da casa, com a derrubada de algumas árvores e uma in-

vasão urbana. O parecer de tombamento faz alusão à Constituição Federal, que, em seu artigo 216, define que 'constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira'."

Casa de Chico Mendes. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Disponível em <<http://portal.iphan.gov.br>>. Acesso em maio 2009.



Casa de Chico Mendes na cidade de Xapuri, Acre, em 2008.

### Questões

1. Apresente, de acordo com o texto, as razões que motivaram o tombamento da casa de Chico Mendes. Na sua opinião, qual a importância dessa iniciativa?
2. Procure saber se na sua cidade existe algum bem tombado por órgãos do governo. Em caso positivo, pesquise informações sobre a importância histórica do bem tombado.

## ► Lidando com o tempo

Ao trabalhar com as fontes históricas, o historiador lida também com o tempo. E isso é mais complexo do que parece à primeira vista. Você já deve ter escutado expressões como: *estou sem tempo, perdi a hora, o tempo passou e nem percebi*. Praticamente, todas as nossas ações cotidianas estão relacionadas ao tempo.

O senso comum tende a considerar o tempo como algo fluido que avança implacavelmente para o futuro, um ambiente dentro do qual os fatos se sucedem. Em outras palavras, o contínuo passado-presente-futuro. Mas as coisas não são bem assim. De um lado porque, como você vai verificar, o tempo histórico nem sempre corresponde ao tempo cronológico. De

outro lado, devido à própria dificuldade em definir o tempo de maneira satisfatória. No século V, Santo Agostinho resumiu sua dificuldade para estabelecer um conceito de tempo com a seguinte questão: "O que é, então, o tempo? Enquanto não me perguntam, eu sei; se me perguntam e quero explicar, não sei".

Isso porque o tempo tal como geralmente o entendemos é a forma como dividimos os períodos de rotação e translação da Terra, estabelecendo as durações dos dias, meses e anos. Entretanto, o tempo também pode ser caracterizado pelos acontecimentos ou costumes que marcam um determinado período e que podem perdurar ao longo dos anos, formando os chamados tempos históricos, que vamos estudar ainda neste capítulo.

## ▷ O tempo cronológico e os calendários

Os primeiros povos marcavam o tempo seguindo os ciclos naturais, como a alternância entre o dia e a noite, as diferentes fases da lua, o movimento das águas (rios e mares), a posição dos astros e das estrelas no céu e a posição do sol. A observação contínua fez com que eles começassem a marcar as horas, os dias, as melhores épocas para a semeadura, a colheita e as orações, o que deu origem aos calendários. Apesar das diferenças entre os diversos calendários do Ocidente e do Oriente, a maior parte dos povos considerou os ciclos dos astros para determinar e medir o tempo.

### O registro do tempo

"Em sua maioria [...] os povos têm algum método para registrar e marcar o tempo, fundado nas fases da natureza indicadas pelas variações temporais do clima e da vida vegetal animal, ou em fenômenos celestes revelados por observações astronômicas rudimentares. A computação do tempo, isto é, a contagem contínua de unidades de tempo, foi precedida por indicações temporais fornecidas por ocorrências particulares. [...] A fusão do dia e noite numa única unidade de 24 horas não ocorria ao homem primitivo, que os via como fenômenos essencialmente distintos. [...] Uma grande variedade de convenções foi usada para estabelecer quando começa a unidade dia. Os egípcios antigos escolheram a aurora, ao passo que babilônios, judeus e muçulmanos escolheram o pôr do sol."

WHITROW, G. J. *O tempo na história: concepções de tempo da Pré-história aos nossos dias*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993. p. 28-29. (Coleção Ciência e cultura)



INTERFOTO/IMAGEPLUS

DAGLI ORTI/THE ART ARCHIVE/OTHER IMAGES-ARA COLLECTION, PARIS



THE BRIDGEMAN ART LIBRARY/KEYSTONE-THE WORSHIPFUL COMPANY OF CLOCKMAKERS COLLECTION, LONDRES

A ampulheta, a lamparina graduada e o relógio são alguns exemplos dos vários modos que o homem encontrou para contar o tempo e tentar controlá-lo.

Medir o tempo tornou-se uma necessidade para muitas pessoas. Os documentos históricos nos mostram que cada sociedade encontrou uma maneira diferente de contar o tempo, de acordo com o seu modo de vida.

### Calendários do mundo antigo

"Na China, os anos do calendário chinês ainda são contados a partir do nascimento de Buda. No antigo Egito, onde já existia um calendário bastante detalhado há mais de 7 mil anos, o início do reinado de um faraó é que marcava o início da contagem dos anos do calendário egípcio. Na Grécia clássica, as pessoas se preocupavam com a época de sua primeira Olimpíada, enquanto no Império Romano os anos do calendário eram calculados a partir da data de fundação da cidade de Roma."

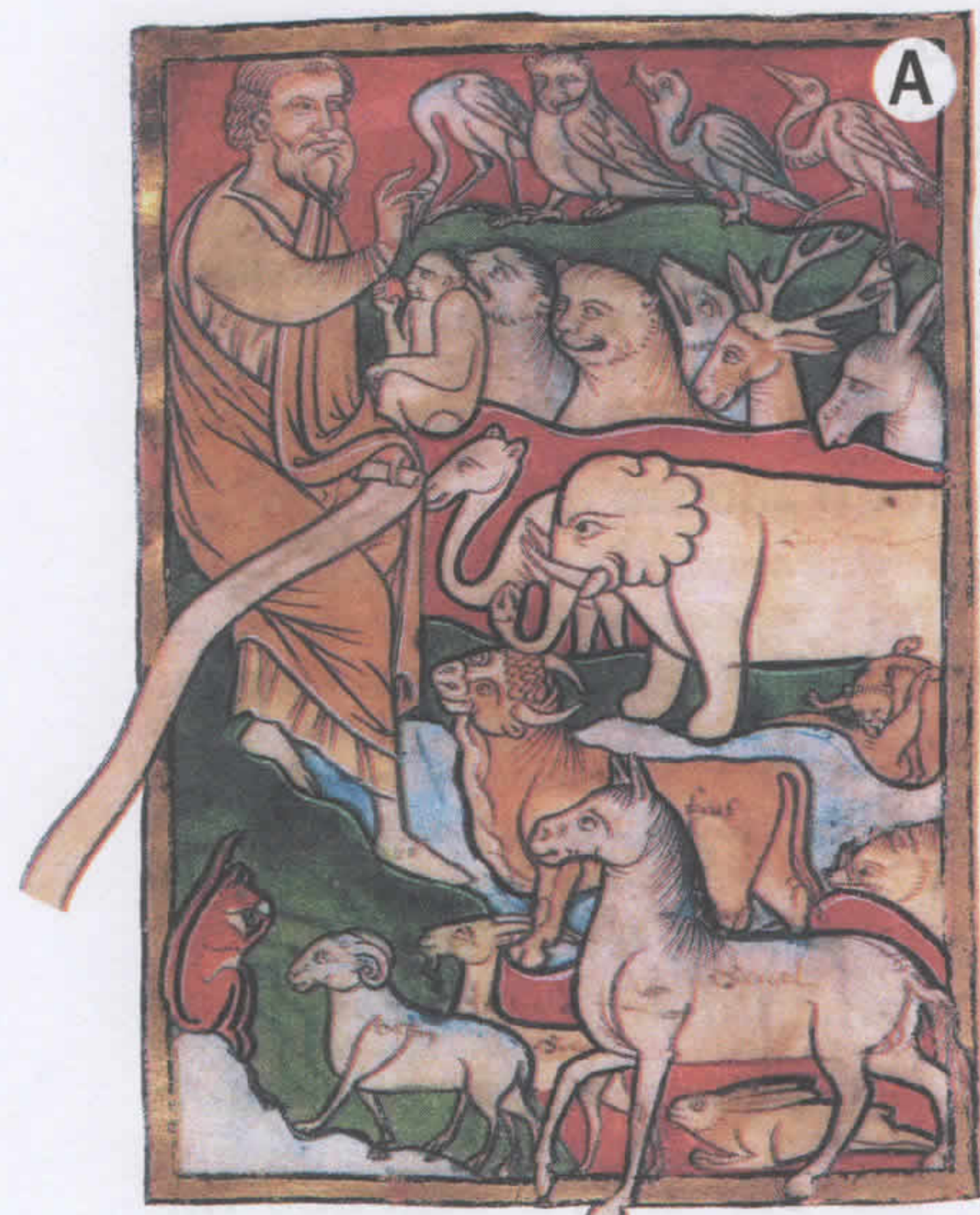
TURAZZI, Maria Inez; GABRIEL, Carmem. *Tempo e história*. São Paulo: Moderna, 2000. p. 28. (Coleção Desafios)



Relógio de Sol em Tiradentes, Minas Gerais. Foto de 2005.

RICARDO AZOURY/DOLHAR IMAGEM





BIBLIOTECA NACIONAL DA RÚSSIA, SÃO PETERSBURGO



NATIONAL GALLERY OF ART, WASHINGTON



AKG IMAGES/LATINSTOCK-SAECHSISCHE LANDESBIBLIOTHEK, DRESDEN

As imagens representam os acontecimentos tidos como marco inicial dos calendários judaico, cristão e islâmico. (A) Adão nomeando os animais, iluminura do século XII que mostra um episódio da criação do mundo, marco inicial do calendário judeu presente na primeira parte da Torá, conhecida como Bereshit. (B) Natividade, pintura a óleo sobre madeira de Lorenzo Lotto, de 1523. A imagem representa o nascimento de Cristo, principal referência do calendário cristão. (C) Maomé e Abu Bakr em uma caverna, miniatura turca de autor não identificado, de 1650. O refúgio de Maomé em uma caverna, para escapar dos seus opositores, remete a um dos momentos da Hégira, fuga do fundador da religião islâmica da cidade de Meca para Medina, evento que marca o início do calendário muçulmano.

Os cristãos datam a história da humanidade tendo como referência o nascimento de Cristo, ou seja, o ano de 2012 representa o número de anos que se passaram desde o nascimento de Jesus. No mundo ocidental, quando se estuda algum fato histórico, é comum utilizar as siglas **a.C.** e **d.C.**, que significam respectivamente **antes de Cristo** e **depois de Cristo**.

Os muçulmanos datam a história da sua civilização a partir da **Hégira**, evento que marca a fuga do profeta Maomé da cidade árabe de Meca para Medina (também localizada na Arábia) no ano de 622 d.C. Maomé é o fundador da religião islâmica.

Já os judeus datam a história a partir da **criação** descrita na *Torá*, que teria ocorrido numa data equivalente a 7 de outubro de 3760 a.C., ao pôr do sol.

## O calendário judaico

"No calendário civil, o dia começa à meia-noite e vinte e quatro horas se contam a partir daí. Já no calendário judaico, o dia começa e termina ao pôr do sol. No calendário judaico, uma pessoa nascida às nove horas da noite de quinta-feira, dia 1º de janeiro de 1981, é considerada como se tivesse nascido na sexta-feira, 26 de Tevet de 5741, que corresponde a 2 de janeiro de 1981. [...]"

KOLATCH, Alfred J. *Livro judaico dos porquês*. São Paulo: Sêfer, 1997. p. 10.

Em suas pesquisas, muitas vezes os historiadores precisam utilizar medidas de tempo como: o século, o ano, o mês, o dia e, até mesmo, a hora em que determinado fato ocorreu. No quadro a seguir, apresentamos algumas das principais formas de datação utilizadas por historiadores.

**Milênio:** período de 1.000 anos.

**Século:** período de 100 anos.

**Quartel:** período de 25 anos.

**Década:** período de 10 anos.

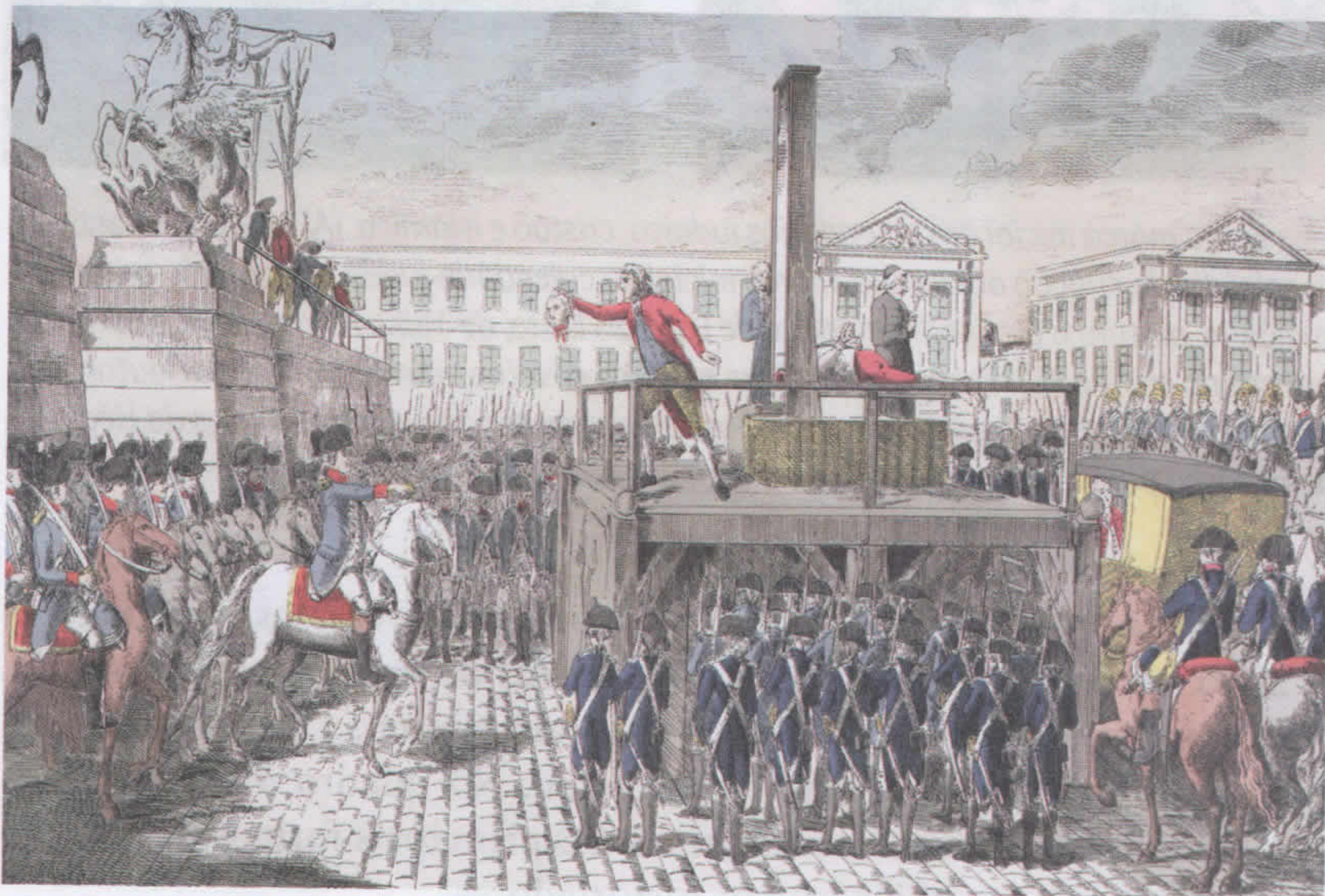
**Quinquênio:** período de 5 anos.

**Biênio:** período de 2 anos (por isso falamos em bienal).

A datação dos fatos da história humana permite ao historiador organizá-los em ordem cronológica. Muitos desses acontecimentos recebem atenção especial dos historiadores por entenderem que são **marcos** na história de um povo, ou seja, assinalam importantes mudanças na vida daquela sociedade. O tempo que transcorre entre um marco e outro, que sinalizam o fim ou o início de um novo modo de vida, é chamado de **período**. Chamamos de **era** o tempo contado depois de algum marco considerado memorável. Por exemplo, no Ocidente vivemos na era cristã, que tem como marco fundamental o nascimento de Jesus Cristo.

Historiadores europeus estabeleceram uma periodização da história que tem como marco inicial a invenção da escrita, que teria ocorrido por volta de 4000 a.C. Tudo o que ocorreu antes dessa data, segundo a divisão europeia clássica, faz parte da **Pré-história**. Os marcos iniciais de cada período dessa divisão são eventos que esses historiadores consideram fundamentais na organização de um novo modo de vida, característico de um período histórico. Dessa forma, a Revolução Francesa teria sido um marco decisivo para o início da **Idade Contemporânea** (veja a foto a seguir).

ARCHIVES CHARMET/THE BRIDGEMAN  
ART LIBRARY/KEystone - COLEÇÃO PARTICULAR



A Revolução Francesa é o marco histórico que divide a Idade Moderna da Idade Contemporânea. A execução de Luís XVI, representada em gravura colorizada, século XVIII, de autor desconhecido.

## ► O cálculo do tempo

Quando você considera uma data qualquer, pode identificar a que século ela pertence por meio de operações matemáticas simples.

Se a data que você estiver examinando terminar em dois zeros, o século corresponde ao(s) primeiro(s) algarismo(s) que está(ão) à esquerda do número analisado. Observe:

**Ano 200 a.C.:** o ano 200 a.C. está inserido no século II a.C.

**Ano 400:** o ano 400 está inserido no século IV.

**Ano 1600:** o ano 1600 está inserido no século XVI.

Quando o ano não termina em dois zeros, basta eliminar a unidade e a dezena que o compõem e somar 1 ao restante do número. Veja o exemplo:

**Ano 450 a.C.:** século V a.C. ( $4 + 1 = 5$ ).

**Ano 324:** século IV ( $3 + 1 = 4$ ).

**Ano 80:** século I ( $0 + 1 = 1$ ).

**Ano 1830:** século XIX ( $18 + 1 = 19$ ).

**Ano 1998:** século XX ( $19 + 1 = 20$ ).

**Ano 2012:** século XXI ( $20 + 1 = 21$ ).

Se o fato ocorreu após o nascimento de Cristo, subtraia do ano corrente o ano em que o fato aconteceu. Veja o exemplo:

Em 2012, quantos anos se completaram desde a independência política do Brasil?

$$2012 - 1822 = 190$$

Se o fato aconteceu antes do nascimento de Cristo, somam-se as duas datas. Observe o exemplo:

Em 539 a.C., o Segundo Império Babilônico foi conquistado pelos persas. Quantos anos se passaram desde a conquista desse império?

$$539 + 2012 = 2.551$$

Portanto, faz 2.551 anos que o Segundo Império Babilônico foi conquistado pelos persas.

Essas regras são fundamentais para o estudo e a compreensão da história, pois essa ciência precisa lidar com o tempo e o espaço.

## ► Tempo histórico, tradição e mentalidade

Até agora, analisamos as distintas formas pelas quais o ser humano conta o tempo e como essa contagem se relaciona com o modo de vida de cada povo. Porém, o tempo é muito mais do que as horas marcadas por um relógio, ou os dias de um calendário, ou os anos de um século; é também tradição, mentalidade e ritmo.

Na sociedade ocidental, por exemplo, há vários rituais como o Carnaval e a Páscoa (judaica e cristã), entre inúmeros outros, celebrados hoje em dia e que têm centenas de anos de existência. A esses rituais damos o nome de **tradição**, ou seja, uma reminiscência do passado que chegou até nós pela transmissão cultural dos mais velhos, pelas crenças religiosas, pelos ideais de um grupo, entre outros. A tradição é a memória viva de um evento passado que, por sua importância na vida das pessoas, é perpetuado de geração em geração.

Não só a tradição marca o tempo passado – as gerações também o marcam. Em qualquer sociedade, há uma gradação populacional que vai dos recém-nascidos aos mais velhos.

Cada geração possui a sua própria **mentalidade**, ou seja, o seu modo de ver e dar significado à vida. Por isso, numa sociedade, assim como em uma família, podemos ter um confronto entre mentalidades ou conflito de gerações. Da mesma forma, podemos ter sobrevivências, na nossa época, de hábitos e ritmos que pertencem a uma outra época e modo de vida, ou seja, em uma mesma época podem coexistir diferentes **tempos históricos**. Por exemplo, muitos dos pescadores jangadeiros do Nordeste do Brasil usam técnicas de pesca da época colonial e mantêm praticamente o mesmo ritmo e horários de trabalho daquele período, embora incorporados ao mercado capitalista.

Em um mesmo tempo cronológico, podemos observar diferentes modos de vida, como mostra o texto do boxe a seguir.

DANIEL CYMBALISTA/PULSAR IMAGENS



Barco e canoa na ilha de Boibepa, em Cairu, Bahia. Foto de 2007. Observe que mesmo com a existência de embarcações motorizadas, os remos continuam sendo utilizados para auxiliar o homem no transporte aquático.

## Os amish

“Eles são um grupo cristão que busca viver isolado da sociedade moderna e de seus confortos – como automóveis, telefone e eletricidade. As comunidades amish recriam o modo de vida rural do século 17, quando a Igreja foi criada pelo suíço Jakob Amman (daí o nome). [...]”

Os amish formam uma tendência radical entre os protestantes **menonitas**, que por sua vez se encaixam numa corrente religiosa chamada anabatismo – para esse grupo, o batismo de bebês não tem valor algum; o sacramento deve ser feito quando o fiel já pode se responsabilizar por seus atos. Originários da Alemanha e da Suíça, os amish da Europa ou emigraram para a América do Norte ou foram assimilados por igrejas menonitas menos ortodoxas.

No Novo Mundo, as comunidades amish floresceram: estima-se que hoje existam cerca de 150 mil pessoas vivendo em mais de 200 assentamentos nos Estados Unidos e no Canadá. Os hábitos dos amish são uma interpretação peculiar de algumas passagens bíblicas. Mirando-se nas ações de Jesus, por exemplo, eles introduziram a lavagem dos pés na liturgia. Pacifistas, eles se recusam a prestar o serviço militar. A ligação de outras singularidades amish com os textos sagrados não é tão direta. Algumas das regras para viver nessas comunidades incluem o veto ao estudo além do ensino fundamental, o uso de barba sem bigode pelos homens e a proibição de instrumentos musicais.”

NOGUEIRA, Marcos. Quem são os amish? *Superinteressante*, nov. 2006. Disponível em <<http://super.abril.com.br>>. Acesso em jan. 2009.



AMY SANCETTA/AP/IMAGEPLUS

Homem amish dirige carroça em estrada da cidade de Burton, Ohio, Estados Unidos. Foto de 2007.

## Menonitas

Protestantes que se caracterizam pela rejeição a qualquer tipo de autoridade eclesiástica. Muitos grupos menonitas formam comunidades fechadas, especialmente na América do Norte.

## ► Divisão da história ocidental

Quando se organiza a linha do tempo de uma sociedade ou do mundo, temos várias possibilidades de elaboração. Como vimos, o historiador determina os marcos cronológicos que considera mais relevantes por meio de uma pesquisa das fontes históricas, conduzida de acordo com alguns critérios escolhidos pelo especialista.

Em função disso, no Ocidente, tornou-se tradicional seguir a divisão da história baseada nos marcos da história europeia, que tem os seguintes períodos: **Idade Antiga**, **Idade Média**, **Idade Moderna** e **Idade Contemporânea**. O marco inicial corresponde à invenção da escrita, por volta de 4000 a.C. Toda a trajetória anterior dos homens, desde o aparecimento do **gênero Homo** sobre a face da Terra, tem sido tradicionalmente denominada de **Pré-história**. Essa periodização da Pré-história é baseada em comportamentos culturais que teriam se desenvolvido com o gênero *Homo* e ainda hoje são compartilhados pelos seres humanos (veja a linha do tempo a seguir). No entanto, esse marco não é consenso entre especialistas; muitos acreditam que a Pré-história teria tido início com o surgimento dos primeiros hominídeos, há cerca de 7 milhões de anos.

### PERIODIZAÇÃO DA HISTÓRIA OCIDENTAL

PASCAL GOELGHELUCK/SCIENCE PHOTO LIBRARY/LATINSTOCK



◀ Crânio de *homo habilis*.

Cerca de 120 mil anos atrás. Surgimento do *Homo sapiens*, ou seja, o homem moderno.



RESINO RAMOS/CID

▲ Tablete de argila com escrita cuneiforme.

Ano I  
Nascimento de Cristo

IDADE ANTIGA

PRÉ-HISTÓRIA

Cerca de 2 milhões de anos atrás. Surgimento dos primeiros representantes do gênero *Homo*.

Cerca de 10 mil anos atrás. Desenvolvimento da agricultura.

Cerca de 7 mil anos atrás. Uso dos metais.

Cerca de 6 mil anos atrás. Invenção da escrita.

Pintura em tumba ▶ de faraó egípcio, que representa o uso do gado para moer trigo, de cerca de 1567-1320 a.C.



VALE DOS NOBRES, TEBAS



COREL/STOCK PHOTOS

▲ Parthenon, monumento em homenagem à deusa da sabedoria Atena, que levou cerca de 15 anos para ser construído (de 447 a 432 a.C.).



Este símbolo indica que o segmento não é proporcional à quantidade de anos que ele representa.

Existe certa dose de preconceito na definição de Pré-história, que coloca à margem da história todos os povos que não fazem uso da escrita. Hoje em dia, existem grupamentos que desconhecem a escrita e, apesar disso, são agentes de sua própria história. A mesma coisa ocorreu no passado. Sendo assim, se acreditarmos que o **sujeito** da história é o **homem**, então ele fez história desde que surgiu no planeta.

**Gênero Homo**

Surgiu há cerca de 2 milhões de anos. Fazem parte desse gênero as espécies *Homo habilis*, *Homo erectus*, *Homo neanderthalensis* e o *Homo sapiens*, ou seja, o homem moderno.

- A história é o resultado de uma série de pesquisas que buscam compreender e explicar a trajetória ao longo do tempo dos diferentes grupos de seres humanos em nosso planeta.
- Para realizar esses estudos, os historiadores recorrem às fontes, vestígios deixados pelo homem ao longo de sua existência. O historiador também utiliza relatos orais, a memória, o auxílio de outras ciências e manifestações culturais em suas pesquisas.
- A história não é escrita a partir de um ponto de vista único. Ela reflete preocupações e tensões de atores e grupos sociais distintos.



COREL/STOCK PHOTOS

▲ Detalhe das Muralhas de Carcassonne, na França, em foto atual. Durante a Idade Média, as muralhas garantiam a segurança dos moradores dos castelos.



THE BRIDGEMAN ART LIBRARY/GRUPO KEYSTONE - BIBLIOTECA NACIONAL DA ESPANHA, MADRI

◀ Gravura do século XV representando a cidade de Constantinopla.



IDADE MÉDIA



IDADE MODERNA



IDADE CONTEMPORÂNEA

**HISTÓRIA**

476  
Queda do Império Romano do Ocidente



MUSEU CÍVICO, PÁDUA

▲ Iluminura de um manuscrito do século XVI representando um cavaleiro medieval.

1453  
Tomada de Constantinopla

1789  
Revolução Francesa

MUSEU CARNAVALET, PARIS



▲ A queda da Bastilha, 14 de julho de 1789. Quadro de Jean-Pierre Houel, século XIX.

## Patrimônios do mundo

A entrevista a seguir, concedida por Francesco Bandarin, diretor do Centro de Patrimônio Mundial da Unesco, foi realizada pela equipe da *Revista de História da Biblioteca Nacional*. Nela, Bandarin falou sobre os novos rumos da preservação dos sítios históricos.

### **“RHBN – Qual o motivo da atualização da lista indicativa brasileira?”**

Estamos pensando em uma nova lista que seja mais representativa de um conceito atualizado de patrimônio. Não somente patrimônios monumentais, coloniais, mas também paisagens e itinerários culturais. Já sobre os sítios naturais, o Brasil está muito bem representado. Paisagem cultural é uma categoria do patrimônio mundial. São sítios onde há uma relação particular entre o homem e a natureza. Onde o homem adaptou a natureza para a sua sobrevivência, atingindo resultados espetaculares. Essa categoria é bastante nova na lista do patrimônio mundial, mas não é muito bem representada no Brasil. Também estamos estudando outras categorias, em torno da Pré-história, por exemplo. É algo muito importante no Brasil, que também não está bem representado. Ou seja, trata-se de uma atualização tendo em vista uma visão mais moderna do que é o patrimônio.

### **RHBN – E o plano de transformar a paisagem do Rio em patrimônio mundial?**

A ideia é preparar uma proposta para uma parte da paisagem histórico-urbana da cidade. Não toda, claro, apenas uma parte. Mas ainda não está bem definido qual será o perímetro, nem qual forma de proteção será aplicada. A ideia é muito interessante e inovadora, mas ainda não a vimos de uma maneira concreta. É algo que depende de muitos fatores.

### **RHBN – Sobre a preservação de patrimônio, qual a posição do Brasil no cenário mundial?**

O Brasil tem uma boa tradição. O Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) foi criado há mais de 70 anos. Não há muitos países que tenham uma instituição deste tamanho, com tal capacidade e tradição. Você encontra isso na Europa, mas fora é difícil. Há uma boa estrutura. O Iphan tem mais de 50 escritórios no país. É algo bem enraizado. Muitos programas importantes fo-

ram desenvolvidos [...]. O Brasil se posiciona muito bem na preservação do patrimônio a nível internacional. Também tem um papel importante na convenção do patrimônio mundial e é um membro muito ativo do comitê. Em 2010, por exemplo, haverá uma reunião deste comitê em Brasília.

### **RHBN – Qual o diferencial deste centro de capacitação que será construído no Rio de Janeiro?**

Estamos falando de um centro para a América do Sul, África e Caribe. Criar instituições deste tipo é uma estratégia nova da Unesco. Neste momento, temos uma em Xangai, trabalhando para a Ásia e Pacífico. Há duas que são fundos, fundações para financiamento: uma na Noruega, outra na África do Sul. Agora, estamos organizando duas instituições de formação: uma no Brasil e outra no Golfo para a região árabe. Já há uma em Turim na Itália. Dentro de alguns anos, teremos seis ou sete destes. Um número limitado, mas importante. Queremos criar uma rede internacional de organizações especializadas na formação e pesquisa sobre a conservação de patrimônio.”

BELISÁRIO, Adriano. Patrimônios do mundo. In: *Revista de História da Biblioteca Nacional*, 27 out. 2008. Disponível em <[www.revistadehistoria.com.br](http://www.revistadehistoria.com.br)>. Acesso em fev. 2010.

## Compreendendo o texto

### ▶ Registre em seu caderno

1. Exponha, de acordo com o texto, o significado de paisagem cultural.
2. Segundo Francesco Bandarin, o Brasil tem uma boa tradição no que diz respeito à preservação do patrimônio. Você concorda com ele? Justifique sua resposta.

### EXPLORANDO O CONHECIMENTO

**1** Você estudou que, para compreender a história, é necessário interpretar documentos e registros que foram deixados por uma sociedade em determinado tempo e local. Com base nesse estudo, conceitue as palavras e expressões a seguir:

- documento histórico (cite exemplos).
- fonte oral.
- tempo histórico.
- tempo cronológico.
- patrimônio histórico.
- vestígios materiais.
- tombamento.

**2** O fragmento da *Canción por la unidad latinoamericana*, reproduzido a seguir, é uma adaptação de Chico Buarque de um poema do compositor cubano Pablo Milanés. Leia o trecho da canção para responder às perguntas a seguir.

"[...]  
É quem garante que a história  
É carroça abandonada  
Numa beira de estrada  
Ou numa estação inglória

A história é um carro alegre  
Cheio de um povo contente  
Que atropela indiferente  
Todo aquele que a negue

É um trem riscando trilhos  
Abrindo novos espaços  
Acenando muitos braços  
Balançando nossos filhos  
[...]

Quem vai impedir que a chama  
Saia iluminando o cenário  
Saia incendiando o plenário  
Saia inventando outra trama"

*Canción por la unidad latinoamericana*. Pablo Milanés (versão de Chico Buarque), 1978. CD *Clube da Esquina 2*, EMI Odeon.

- Qual é o tema central da canção?
- De acordo com o texto, qual é o papel e a função da história na sociedade?
- Releia a última estrofe e a relacione ao que você aprendeu no capítulo a respeito da importância do estudo da história.

**3** Esta imagem é uma gravura do artista francês Jean-Baptiste Debret, que esteve no Brasil entre 1816 e 1831. A pintura de Debret é uma fonte muito importante para o estudo da história do Brasil nessa época. A prancha que você vê aqui faz parte da obra *Viagem pitoresca e histórica ao Brasil*, que Debret publicou quando retornou à França. Observe-a com atenção para discutir, em grupo, as questões a seguir. Ao final, apresentem as conclusões para a classe.

MUSEUS CASTRO MAYADIV. ICONOGRAFIA, RIO DE JANEIRO



O regresso de um proprietário, litografia de Jean-Baptiste Debret, extraída do livro *Viagem pitoresca e histórica ao Brasil*, 1834-1839.

- Como são as roupas e o tipo físico dos personagens que aparecem na gravura?
- O que os personagens estão fazendo na cena?
- Que outras imagens aparecem na gravura?
- Em sua opinião, o artista representou uma cena urbana ou rural? Justifique.
- Com base nessa imagem, como você descreveria a sociedade dessa época? Haveria distinção socioeconômica no período colonial?

### ANÁLISE DAS FONTES

**4** Observe o relógio de sol e a ampulheta na página 14. Na sua opinião, por que as sociedades humanas criaram contadores de tempo? Que indícios esses marcadores podem nos trazer a respeito dessas sociedades?

**5** O texto sobre os amish, na página 17, retrata o modo de vida de comunidades religiosas nos Estados Unidos e no Canadá que vivem de forma muito diferente do padrão habitual da maioria das pessoas.

- Releia o texto e explique como podemos identificar uma comunidade amish.
- O estilo de vida dos amish pode ser considerado uma marca de um calendário próprio desse grupo cristão?
- Compare o seu modo de vida com o modo de vida dos amish. Cite semelhanças e diferenças.

## A HISTÓRIA E O TEMPO PRESENTE

**6** Forme um grupo com seus colegas e, juntos, façam uma linha do tempo registrando acontecimentos importantes que ocorreram no Brasil, ao longo da década de 2000, e que acompanharam a trajetória da vida do grupo. Consulte a biblioteca da sua escola, seu professor de História e *sites* da internet.

**7** O tempo existe, mas não podemos vê-lo ou apertá-lo nas nossas mãos. Porém, comparando cronolo-

gicamente acontecimentos importantes da história das sociedades, é possível medi-lo e representá-lo. Apresente as principais características do nosso calendário, escolha 3 datas consideradas importantes na história do Brasil e justifique por que foram definidas como feriados nacionais.

**8** Procure saber se na sua cidade existe algum bem tombado pelo patrimônio histórico ou em processo de tombamento. Em caso positivo, pesquise a história desse patrimônio. Levante informações importantes, como:

- quais os motivos que levaram ao tombamento desse bem?
- quando isso ocorreu?
- houve o envolvimento da comunidade nesse processo?
- qual a situação desse patrimônio hoje?

Caso não exista, pesquise a história de sua cidade e cite alguns bens locais que você acredita que deveriam ser tombados pelo patrimônio histórico. Leve para a sala de aula o resultado da pesquisa e apresente para os demais colegas.

## Vestibular / ENEM

### Registre em seu caderno

**1** (UnB-DF) Pelo olhar do poeta, também é possível compreender determinados aspectos essenciais para a conceituação de história. Leia, por exemplo, Carlos Drummond de Andrade:

"Aconteceu há mil anos?  
Continua acontecendo.  
Nos mais desbotados panos  
estou me lendo e relendo."

Ou, ainda, do mesmo autor:

"O tempo é a minha matéria, o tempo presente, os homens presentes, a vida presente."

Com o auxílio das observações de Drummond, julgue os seguintes itens referentes ao conceito de história e ao ofício do historiador.

- Tendo por objeto o estudo do passado, a história parte das contingências da "vida presente" para inquirir aquilo que passou.
- Especialmente em épocas de crise generalizada, sobressai o papel que se espera do historiador: lembrar o que os outros esqueceram.
- O quarteto acima traz a ideia de que o passado é continuamente reescrito, a partir de cada presente e de seus novos interesses, eliminando, assim, a possibilidade de a história conter um caráter científico.

**d)** A reconstrução do passado, exatamente como ele ocorreu, é o que fazem os historiadores, independentemente de suas convicções ideológicas e pessoais.

**2** (Uece) Por muito tempo, os historiadores acreditavam que deveriam e poderiam reproduzir os fatos "tal como haviam ocorrido". Dentre as características do conhecimento histórico que assim produziam, podemos apontar corretamente:

- ao privilegiarem a realidade dos fatos, os historiadores esperavam produzir um conhecimento científico que analisasse os processos e seus significados.
- era uma história linear, cronológica, de nomes, fatos e datas, que pretendia uma verdade absoluta, expressão da neutralidade do historiador.
- como se percebeu ser impossível chegar à verdadeira face do que "realmente aconteceu", todo o conhecimento histórico ficou marcado pelo relativismo total.
- os fatos privilegiados seriam aqueles poucos que eram amplamente documentados, como as festas populares e a cultura das pessoas comuns.

**3** (Enem-MEC) Michel Eyquem de Montaigne (1533-1592) compara, nos trechos, as guerras das sociedades tupinambás com as chamadas "guerras de religião" dos franceses que, na segunda metade do século XVI, opunham católicos e protestantes.



"[...] não vejo nada de bárbaro ou selvagem no que dizem daqueles povos; e, na verdade, cada qual considera bárbaro o que não se pratica em sua terra. [...] Não me parece excessivo julgar bárbaros tais atos de crueldade [o canibalismo], mas que o fato de condenar tais defeitos não nos leve à cegueira acerca dos nossos. Estimo que é mais bárbaro comer um homem vivo do que o comer depois de morto; e é pior esquartejar um homem entre suplícios e tormentos e o queimar aos poucos, ou entregá-lo a cães e porcos, a pretexto de devoção e fé, como não somente o lemos, mas vimos ocorrer entre vizinhos nossos conterrâneos; e isso em verdade é bem mais grave do que assar e comer um homem previamente executado. [...] Podemos, portanto, qualificar esses povos como bárbaros em dando apenas ouvidos à inteligência, mas nunca se compararmos a nós mesmos, que os excedemos em toda sorte de barbaridades."

MONTAIGNE, Michel Eyquem de. *Ensaios*. São Paulo: Nova Cultural, 1984.

De acordo com o texto, pode-se afirmar que, para Montaigne,

- a ideia de relativismo cultural baseia-se na hipótese da origem única do gênero humano e da sua religião.
- a diferença de costumes não constitui um critério válido para julgar as diferentes sociedades.
- os indígenas são mais bárbaros do que os europeus, pois não conhecem a virtude cristã da piedade.
- a barbárie é um comportamento social que pressupõe a ausência de uma cultura civilizada e racional.
- a ingenuidade dos indígenas equivale à racionalidade dos europeus, o que explica que os seus costumes sejam similares.

**4** (UFC-CE) Analise o texto a seguir.

"E repare o leitor como a língua portuguesa é engenhosa. Um contador de histórias é justamente o contrário do historiador, não sendo um historiador, afinal de contas, mais do que um contador de histórias. [...]"

ASSIS, Machado de. In: CHALHOUB, S.; PEREIRA, L. A. de M. (Orgs.). *A história contada*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998. p. 67.

Ante as novas tendências interpretativas da história, há uma diferença entre o contador de histórias e o historiador, de acordo com a qual é correto afirmar que:

- a literatura torna-se inexpressiva ao historiador, que se fundamenta nos documentos manuscritos e impressos.

- o contador de história recorre à ficção e o historiador envolve-se com o real, de acordo com a sua interpretação e as práticas sociais consideradas.
- a interpretação do historiador, apesar de valorizar a diversidade de informações, deve limitar-se à do contador de histórias.
- a história do cotidiano passou a ser depreciada pelos profissionais da história por menosprezar a análise social.
- a autenticidade dos fatos históricos exclui a força da subjetividade, presente na reconstrução do passado.

**5** (Enem-MEC) Para o registro de processos naturais e sociais devem ser utilizadas diferentes escalas de tempo. Por exemplo, para a datação do sistema solar é necessária uma escala de bilhões de anos, enquanto que, para a história do Brasil, basta uma escala de centenas de anos.

Assim, para os estudos relativos ao surgimento da vida no planeta e para os estudos relativos ao surgimento da escrita, seria adequado utilizar, respectivamente, escalas de

Vida no planeta	Escrita
a) Milhares de anos	Centenas de anos
b) Milhões de anos	Centenas de anos
c) Milhões de anos	Milhares de anos
d) Bilhões de anos	Milhões de anos
e) Bilhões de anos	Milhares de anos

**6** (Enem-MEC/Simulado) "A Superintendência Regional do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) desenvolveu o projeto "Comunidades Negras de Santa Catarina", que tem como objetivo preservar a memória do povo afrodescendente no sul do País. A ancestralidade negra é abordada em suas diversas dimensões: arqueológica, arquitetônica, paisagística e imaterial. Em regiões como a do Sertão de Valongo, na cidade de Porto Belo, a fixação dos primeiros habitantes ocorreu imediatamente após a abolição da escravidão no Brasil. O Iphan identificou nessa região um total de 19 referências culturais, como os conhecimentos tradicionais de ervas de chá, o plantio agroecológico de bananas e os cultos adventistas de adoração."

Disponível em <<http://portal.iphan.gov.br>>. Acesso em 1 jun. 2009. (Com adaptações.)

O texto acima permite analisar a relação entre cultura e memória, demonstrando que

- as referências culturais da população afrodescendente estiveram ausentes no sul do país, cuja composição étnica se restringe aos brancos.
- a preservação dos saberes das comunidades afrodescendentes constitui importante elemento na construção da identidade e da diversidade cultural do país.

- c) a sobrevivência da cultura negra está baseada no isolamento das comunidades tradicionais, com proibição de alterações em seus costumes.
- d) os contatos com a sociedade nacional têm impedido a conservação da memória e dos costumes dos quilombolas em regiões como a do Sertão de Valongo.
- e) a permanência de referenciais culturais que expressam a ancestralidade negra compromete o desenvolvimento econômico da região.

**7** (Enem-MEC) Não só de aspectos físicos se constitui a cultura de um povo. Há muito mais contido nas tradições, no folclore, nos saberes, nas línguas, nas festas e em diversos outros aspectos e manifestações transmitidos oral ou gestualmente, recriados coletivamente e modificados ao longo do tempo. A essa porção intangível da herança cultural dos povos dá-se o nome de patrimônio cultural imaterial.

Disponível em <www.unesco.org.br>.

Qual das figuras abaixo retrata patrimônio imaterial da cultura de um povo?



NILO LIMA/OPÇÃO BRASIL

*Cristo Redentor*, no estado do Rio de Janeiro.



RENATA MELLO/TYBA

*Pelourinho*, no estado da Bahia.



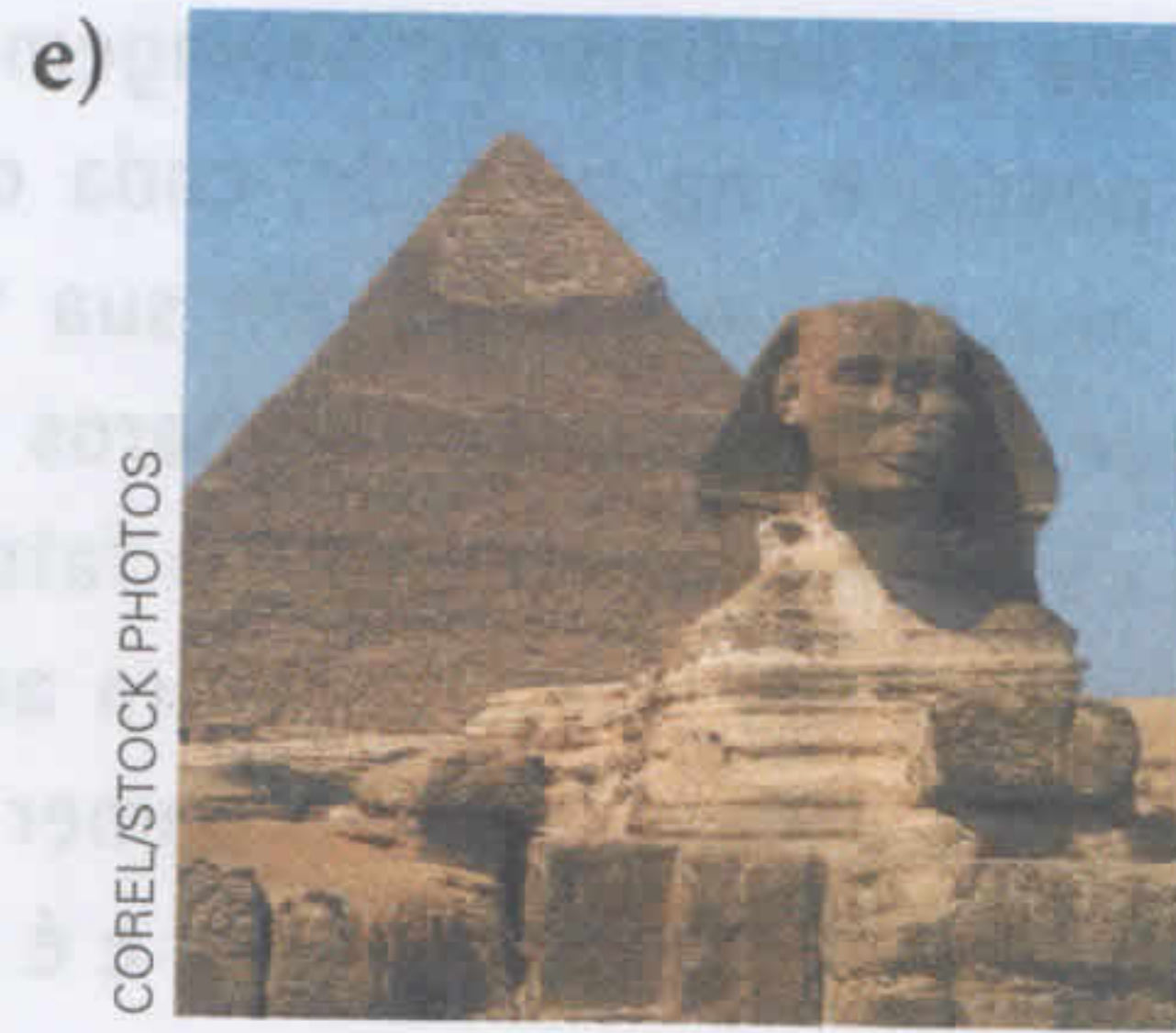
MARCO ANTONIO SÁKINO

*Bumba meu boi*, no estado do Maranhão.



SÉRGIO RANALLI/PULSAR IMAGENS

*Cataratas do Iguaçu*, no estado do Paraná.



COREL/STOCK PHOTOS

*Esfinge de Gizé*, no Egito.

**8** (Enem-MEC) Os quatro calendários apresentados abaixo mostram a variedade na contagem do tempo em diversas sociedades.

<p>1º de janeiro de 2000</p>  <ul style="list-style-type: none"> <li>• Baseado no ciclo solar; tem como referência o nascimento de Cristo.</li> </ul>	<p>24 de ramadã de 1378</p>  <ul style="list-style-type: none"> <li>• A base é a Lua. Inicia-se com a fuga de Maomé de Meca, em 622 d.C.</li> </ul>
<p>23 de tevet de 5760</p>  <ul style="list-style-type: none"> <li>• Calendário lunar; parte da criação do mundo conforme a Bíblia.</li> </ul>	<p>7º dia do 12º mês do ano do coelho</p>  <ul style="list-style-type: none"> <li>• Referência lunar; iniciado em 2697 a.C., ano do patriarca chinês Huangti.</li> </ul>

Fonte: Adaptado de *Época*, n. 55, 7 jun. 1999.

Com base nas informações apresentadas, pode-se afirmar que:

- a) o final do milênio, 1999/2000, é um fator comum às diferentes culturas e tradições.
  - b) embora o calendário cristão seja hoje adotado em âmbito internacional, cada cultura registra seus eventos marcantes em calendário próprio.
  - c) o calendário cristão foi adotado universalmente porque, sendo solar, é mais preciso que os demais.
  - d) a religião não foi determinante na definição dos calendários.
  - e) o calendário cristão tornou-se dominante por sua antiguidade.
- 9** (UFU-MG) No *website* chamado Wikiquote, é possível encontrar citações de pensadores e historiadores como o grego Dionísio de Helicarnaso (séc. I a.C.), o francês François-Marie Arouet, mais conhecido como Voltaire (1694-1778), o escocês Thomas Carlyle (1795-1881) e o francês Lucien Febvre (1878-1956).

Para responder esta questão, utilize os trechos apresentados a seguir:

"A história é a filosofia inspirada nos exemplos".

**Dionísio de Helicarnaso:** [http://pt.wikiquote.org/wiki/Dion%C3%ADsio\\_de\\_Halicarnasso](http://pt.wikiquote.org/wiki/Dion%C3%ADsio_de_Halicarnasso). Acesso em 7 ago. 2007.

"Antigas histórias não são mais do que fábulas sobre as quais as pessoas concordam."

**Voltaire:** <http://pt.wikiquote.org/wiki/Voltaire>. Acesso em 7 ago. 2007.

"O culto ao heroísmo existe, existiu e existirá para sempre na consciência da humanidade".

**Carlyle:** [http://pt.wikiquote.org/wiki/Thomas\\_Carlyle](http://pt.wikiquote.org/wiki/Thomas_Carlyle). Acesso em 7 ago. 2007.

"A história é uma resposta a perguntas que o homem de hoje necessariamente se põe."

**Febvre:** [http://pt.wikiquote.org/wiki/Lucien\\_Febvre](http://pt.wikiquote.org/wiki/Lucien_Febvre). Acesso em 7 ago. 2007.

Considerando a dimensão construtiva e interpretativa dos acontecimentos históricos e o estudo da História

como reflexão sobre o passado e o presente, analise esses fragmentos e, em seguida, copie em seu caderno as afirmativas corretas:

- A citação de Dionísio de Helicarnaso sugere um sentido pedagógico para a História, que deve educar o homem/cidadão através de exemplos do passado. Uma das facetas desse sentido é o culto ao heroísmo, denunciado na frase de Carlyle.
- Os quatro trechos citados indicam, cada qual à sua maneira, a interdependência entre o conhecimento histórico do passado e as necessidades do presente. Assim, sugerem que o conhecimento histórico é relativo ao seu espaço-tempo de produção.
- Os fragmentos de Voltaire e Febvre afirmam que a História não passa de uma invenção do presente sem qualquer relação com os eventos ocorridos no passado. Eles negam, portanto, a validade do conhecimento histórico.
- Reconhecer a historicidade do conhecimento histórico não implica, necessariamente, negar suas possibilidades explicativas e seu valor crítico diante dos "fatos" históricos.

## Ampliando o conhecimento

### Leituras

ALAMBERT, Francisco; NEVES, Maria de Fátima das e PRIORE, Mary Del. *Documentos de história do Brasil. De Cabral aos anos 90*. São Paulo: Scipione, 1996. O livro reúne uma série variada de fontes escritas, que vão desde documentos oficiais, como a Carta de Pero Vaz de Caminha, até poesias e letras de músicas. Os textos permitem compreender como se realiza o trabalho do historiador e como diferentes tipos de interpretação podem ser elaboradas a partir da leitura de um único documento.

BOSCHI, Caio César. *Por que estudar História?* São Paulo: Ática, 2007.

A obra apresenta de forma simples as noções de fonte histórica, tempo e as etapas do trabalho do historiador. O autor mostra a importância da disciplina História em nosso cotidiano e faz um balanço das transformações que a concepção de história teve nos últimos anos.

### Filmes

#### Geração roubada

Direção de Phillip Noyce. Austrália, 2002. 94 min. Baseado na história real de Molly Craig, uma aborígene negra, e mais duas meninas que, em 1931, são retiradas de sua aldeia pelo Estado e encaminhadas para um campo australiano de preparação para o trabalho.

### Narradores de Javé

Direção de Eliane Caffé. Brasil, 2003. 100 min.

Ao saber que Javé corre o risco de desaparecer com a construção de uma usina hidrelétrica, a comunidade decide preparar um documento contando os acontecimentos heroicos da cidade, para que ela seja tombada e escape da destruição.



REPRODUÇÃO

### Nós que aqui estamos por nós esperamos

Direção de Marcelo Masagão. Brasil, 1999. 73 min. Filme memória sobre o século XX, a partir de recortes biográficos reais e ficcionais de personagens que viveram no século passado.

### Site

#### Museu da Pessoa

<[www.museudapessoa.com.br](http://www.museudapessoa.com.br)>

O Museu da Pessoa se dedica a garantir que todos os seres humanos tenham a sua importância reconhecida, registrando sua história de vida em um espaço que preserva a memória social. Ao acessá-lo, você poderá compartilhar a sua história com outros usuários do site.

Os museus são instituições que preservam, pesquisam e divulgam bens materiais e imateriais representativos do patrimônio histórico e cultural de uma comunidade. No Brasil, de acordo com o Iphan (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), existem mais de 2 mil museus. Eles podem ser públicos ou particulares, regionais ou comunitários, artísticos, arqueológicos, históricos, científicos, entre outros.

O museu é uma instituição intimamente ligada a uma sociedade. As ações educativas desenvolvidas nos museus contribuem para o engajamento e a formação das consciências, assim como para a preservação da história e da memória das sociedades.

A proposta desta atividade é uma visita a um museu de sua cidade, onde você poderá conhecer mais sobre a história e a memória de seu município. Caso sua cidade não tenha um museu, sugerimos uma pesquisa na internet, onde você poderá fazer uma visita virtual a algumas dessas instituições.

- **Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade Federal da Bahia:** <[www.mae.ufba.br](http://www.mae.ufba.br)>.
- **Museu da Língua Portuguesa:** <[www.museu-linguaportuguesa.org.br](http://www.museu-linguaportuguesa.org.br)>.
- **Museu Oscar Niemeyer:** <[www.pr.gov.br/mon](http://www.pr.gov.br/mon)>.
- **Museu de Arte de Goiânia:** <[www.goiania.go.gov.br/html/mag/index.htm](http://www.goiania.go.gov.br/html/mag/index.htm)>.
- **Museu Histórico Nacional:** <[www.museuhistoriconacional.com.br](http://www.museuhistoriconacional.com.br)>.
- **Museu de Inhotim:** <[www.inhotim.org.br](http://www.inhotim.org.br)>.

### ■ Objetivos

Visitar um museu, conhecer o tipo de acervo que nele se encontra e participar de atividades educativas promovidas pela instituição.

*Fachada do Museu de Arte Sacra e igreja de Santo Alexandre, Belém, Pará. Foto de 2009.*





FELIPE VARANDA/FOLHA IMAGEM

Carruagem exibida na exposição Do móvel ao automóvel, que ocorreu no Museu Histórico Nacional, na cidade do Rio de Janeiro. Foto de 2006.

## ■ Procedimentos

- 1) Pesquisar** em livros, revistas e *sites* sobre o patrimônio histórico, especialmente o brasileiro. Faça um levantamento de dados gerais sobre o assunto para conhecê-lo melhor. Indicamos o *site* do Iphan ([www.iphan.gov.br](http://www.iphan.gov.br)), no qual você encontra referências sobre preservação do patrimônio brasileiro, definições de patrimônio material e imaterial, bens tombados, relação de museus e centros culturais.
- 2) Sugerir** ao seu professor museus para visitar. Após a definição da instituição, procure se informar a respeito das regras do museu durante a visita, como, por exemplo, se é permitido fotografar o prédio e o acervo.
- 3) Elaborar** perguntas para os monitores ou funcionários do museu: origem do acervo, data de fundação da instituição, relação com mantenedores, características do edifício, preservação dos objetos, número de funcionários e suas especialidades. Converse com seu professor e peça outras sugestões.
- 4) Organizar** o material. Leve um caderno para fazer anotações. Se for permitido, utilize câmera fotográfica para fazer registros da visita.
- 5) Participar** das atividades propostas pelos monitores. Converse com eles para obter o máximo de informações possível a respeito da instituição e do acervo.

- 6) Debater** com os colegas em sala de aula as impressões da visita. Detalhem as especificidades dos objetos, os cuidados com a preservação do acervo e do edifício e a relação da instituição com a comunidade.

Caso a visita seja virtual, pesquise no *site* da instituição dados como data da criação do museu, tipo de acervo, mantenedores etc. Observe atentamente as peças do acervo. Procure entrar em contato com funcionários da instituição por *e-mail* ou telefone para obter informações a respeito da preservação do acervo, número de funcionários e atividades educativas desenvolvidas no museu.

## ■ Avaliação do trabalho

Organize um mural com as informações obtidas durante a visita, de maneira atraente para visualização e leitura. Procure incluir imagens do acervo, dos funcionários e do prédio. Se você não foi pessoalmente ao local, ou não foi permitido fotografá-lo, utilize suvenires (ex.: cartões-postais) ou imagens da internet, não se esquecendo de indicar as fontes. Em seguida, monte uma exposição dos murais na escola e convide alunos de turmas diferentes para acompanhar o resultado de seu trabalho.

# Dos primeiros humanos ao legado cultural do helenismo

A



BRIDGEMAN ART LIBRARY/KEYSTONE -  
MUSEU NATURHISTORISCHE, VIENNA

B



ELECTA/KG IMAGES - LATIN STOCK -  
MUSEU EGIPCIO, TURIM

C



ERICH-LESSING/ALBUM - LATIN STOCK -  
LIEBIGHAUS MUSEUM, FRANKFURT

2	Da origem do ser humano à formação dos primeiros Estados	30
3	A identidade do homem americano	45
4	Mesopotâmia, Egito e o Reino de Cuxe	55
5	Hebreus, fenícios e persas	79
6	Grécia: berço da civilização ocidental	94
7	O esplendor de Roma	114

# UNIDADE

# 1



ERICH-LESSING/ALBUM - LATINSTOCK -  
MUSEU DO LOUVRE, PARIS

Da esquerda para a direita:  
(A) Vênus de Willendorf, escultura em calcário oolítico, c. 30000 a 25000 a.C. Acredita-se que estivesse ligada aos rituais agrícolas de fertilidade;  
(B) escultura da deusa egípcia Sekhmet, cerca de 1400 a.C.;  
(C) cópia da escultura grega, de Míron (450 a.C.), representando Atena, a deusa da sabedoria e da justiça;  
(D) Vênus de Milo, escultura helenística (c. 130 a.C.) representando Afrodite (Vênus para os romanos), a deusa grega do amor e da beleza.

- ▶ Observando a imagem A, estudiosos deduziram que sua função seria a de reverenciar a fertilidade. Quais são as características desse objeto que permitem fazer essa suposição?
- ▶ Que explicação se poderia dar para a mistura entre animal e ser humano encontrada na escultura da deusa Sekhmet?
- ▶ Quais são as principais semelhanças e diferenças entre as esculturas de Afrodite e Atena?
- ▶ Há uma grande diferença entre as imagens A e B em relação às imagens C e D na forma como representam o ser humano. Que possíveis mudanças ocorreram na maneira de pensar que explicariam essa diferença?

# Da origem do ser humano à formação dos primeiros Estados

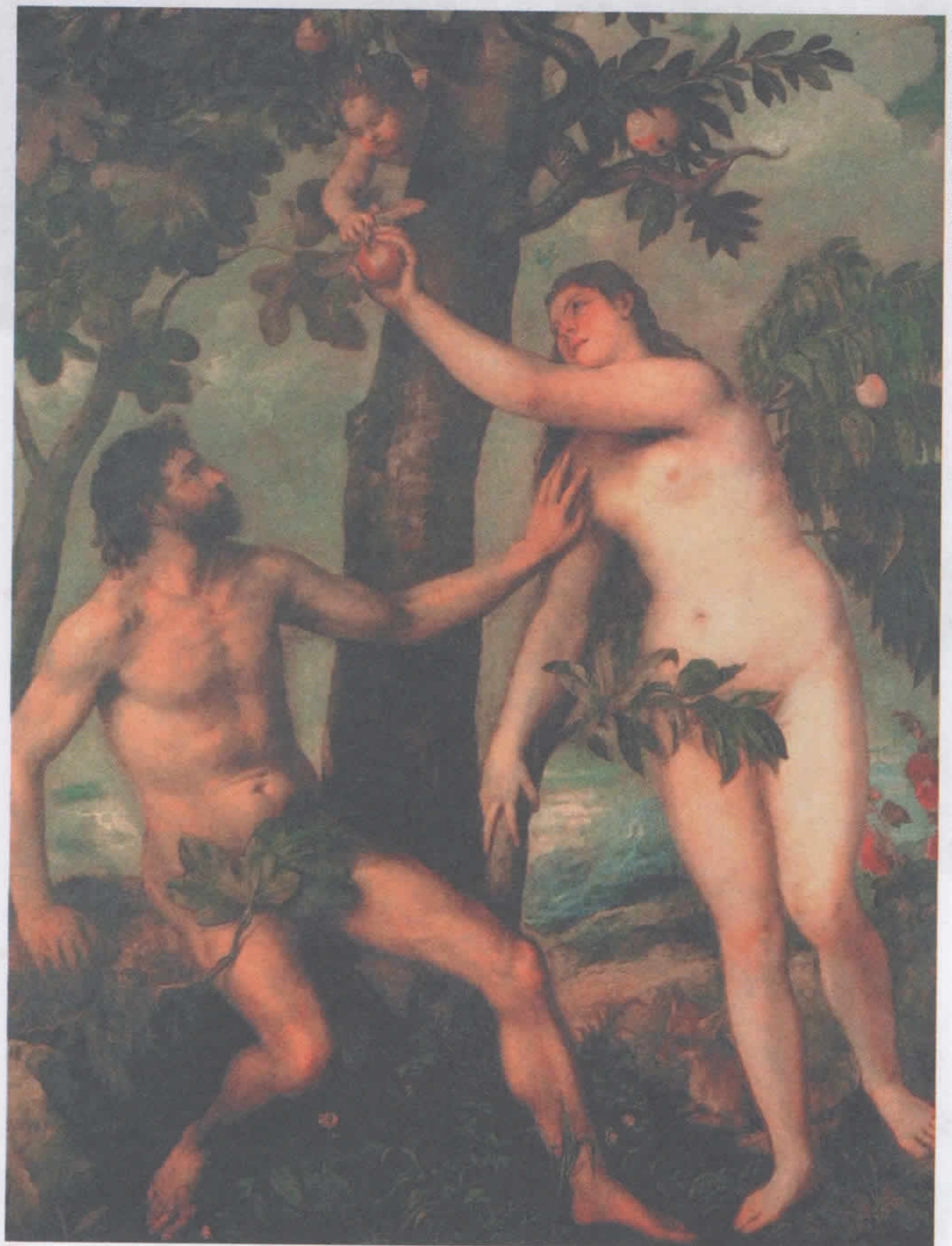
Evolucionistas *versus* criacionistas



COLEÇÃO PARTICULAR

Caricatura de Charles Darwin e de sua obra *A origem das espécies*, publicada em revista do século XIX. Teorias novas provocam, inicialmente, muitas reações contrárias, até que possam ser apreciadas racionalmente e de forma menos apaixonada.

Adão e Eva, de Ticiano Vecellio, c. 1550. A explicação criacionista baseada na interpretação bíblica influenciou a produção artística ocidental, como nesta obra renascentista italiana. No início de sua carreira, Ticiano escandalizou a população de seu tempo por pintar cenas religiosas com personagens nus.



MUSEU DO PRADO, MADRI

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Qual é a nossa origem? De onde viemos? Dúvidas sobre a origem do mundo e dos homens são frequentes em diversas sociedades. Em certas culturas, respostas para essas indagações estão presentes nos mitos e nas crenças religiosas.

As imagens acima referem-se a duas correntes de pensamento que procuram explicar a origem de nossa espécie. O **evolucionismo**, teoria baseada nos experimentos e nas observações do naturalista britânico Charles Darwin, e o **criacionismo**, hipótese que atribui a criação dos homens à obra divina e defendida por várias crenças religiosas.

Ao longo deste capítulo, você vai conhecer melhor essas duas explicações sobre nossa origem.



## ► A origem do homem

Duas hipóteses principais tentam explicar a origem do homem. Uma delas é a teoria da evolução concebida por Charles Robert Darwin (veja boxe a seguir); a outra hipótese, centrada na existência de Adão, é defendida pelos criacionistas.

A hipótese em que se baseia o **criacionismo** é de que o mundo e a humanidade foram criados por um ser supremo, conforme relata o primeiro livro da *Bíblia*, o Gênesis, que narra a criação do mundo, de Adão e de Eva, considerados os primeiros seres humanos segundo os criacionistas. O judaísmo e o cristianismo são exemplos de religiões cujas doutrinas se fundamentam no criacionismo. Mas, mesmo entre os seguidores dessas doutrinas, não há consenso a respeito dessa hipótese. A aceitação literal dos textos da *Bíblia* também não é unanimidade entre os criacionistas.

Em oposição ao criacionismo, a teoria evolucionista ou **darwinismo** afirma que o homem e os demais seres vivos se originaram de organismos mais simples, que sofreram transformações ao longo do tempo. Hoje se sabe que essas mudanças envolvem mutações genéticas e a seleção dos espécimes mais bem adaptados ao ambiente em que viviam. O evolucionismo baseia-se principalmente no estu-

do de **fósseis** e em pesquisas genéticas; por isso é a teoria mais aceita pela comunidade científica atualmente.

É importante você perceber que esse quadro permanece em construção. A cada pesquisa a possibilidade de surgirem novas pistas aumenta.

### Fóssil

"Qualquer vestígio de vida que remonta a uma época muito antiga. Podem se tornar fósseis não só os organismos ou parte deles — ossos, pólen, madeira, conchas —, mas também certas marcas de sua existência — pegadas, pedras trabalhadas, partes de habitações."

FACCHINI, Fiorenzo. *O homem*. São Paulo: Moderna, 1997. p. 6. (Coleção Origem e Evolução)

## ► A evolução humana

Pesquisas desenvolvidas nos últimos trinta anos, nos campos da antropologia, da biologia e da arqueologia, sugerem que a separação entre a linhagem dos seres humanos e dos grandes primatas, como gorilas e chimpanzés, deve ter ocorrido entre 10 e 7 milhões de anos atrás. Essa linha de estudos baseia-se em pesquisas fósseis e genéticas. Análises mostram que, do ponto de vista molecular, homens e chimpanzés são 99% idênticos.

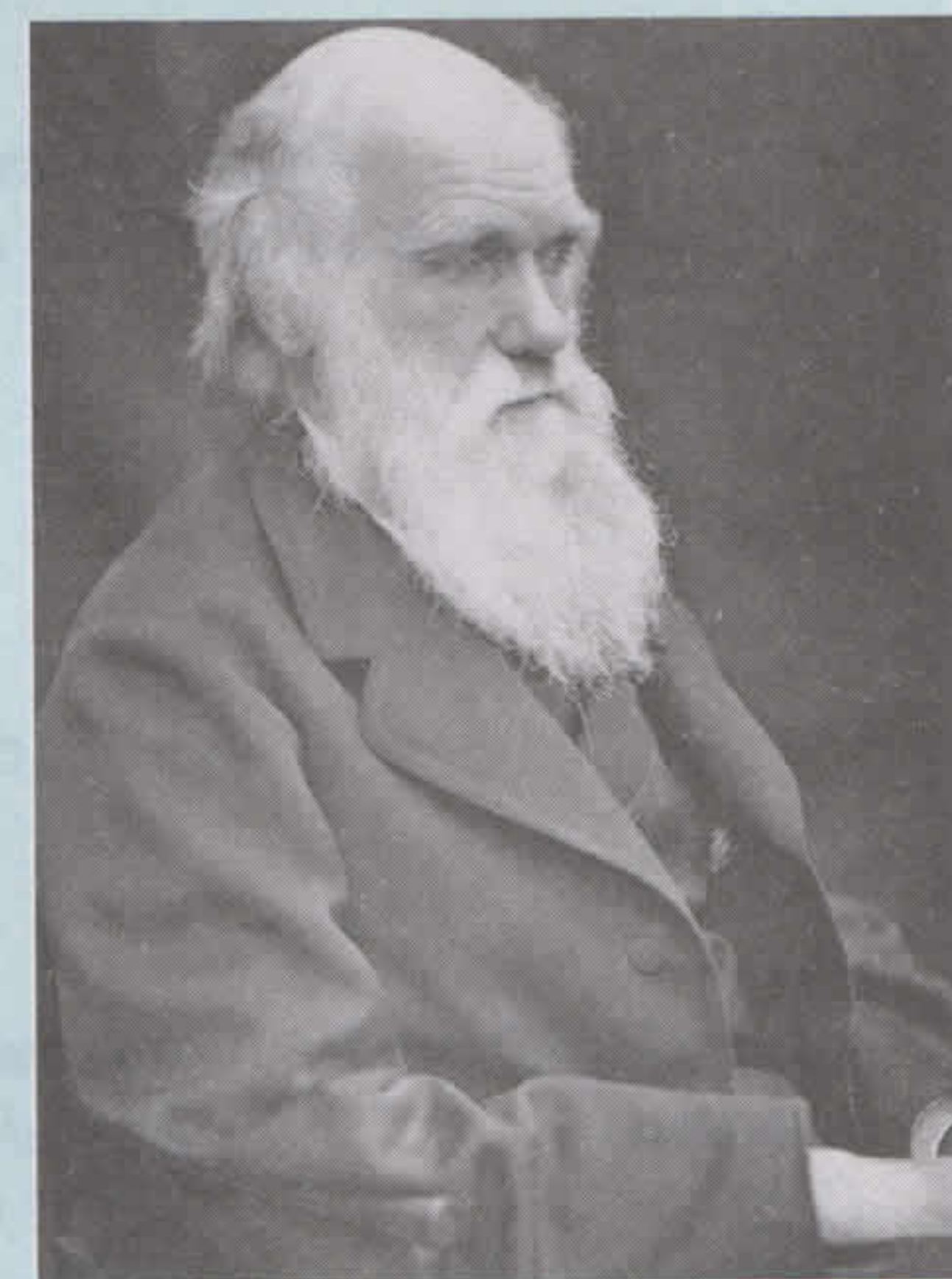
### Darwin e a origem das espécies

Charles Robert Darwin nasceu na Inglaterra em 1809 e desde cedo interessou-se pelas ciências naturais. Em 1825 foi para Edimburgo estudar medicina, mas logo abandonou o curso. Matriculou-se então no Christ's College, em Cambridge, decidido a tornar-se clérigo. Ali fez amizade com o botânico John Stevens Henslow, cuja influência foi decisiva para que Darwin fosse convidado a participar, como naturalista, da viagem de circum-navegação do navio *Beagle*, promovida pelo Almirantado britânico.

Realizada entre 1831 e 1836, a viagem deu suporte às pesquisas iniciais de Darwin sobre a origem das espécies. Ele pôde verificar como espécies aparentadas apresentavam características distintas, de uma região para outra. Notou ainda que entre as espécies extintas e as atuais existiam traços comuns, embora diferenciados. Tais fatos levaram-no a supor que os seres vivos não são imutáveis, mas se transformam. Tal conclusão abalou suas convicções religiosas, a ponto de, por mais de duas décadas, ele se recusar a apresentá-la.

Na base de sua teoria evolucionista, Darwin colocou a luta pela vida, segundo a qual somente os mais aptos conseguem sobreviver e transmitir suas características genéticas favoráveis a seus descendentes. Assim, as transformações que favorecem a adaptação do indivíduo ao meio ambiente continuam a se propagar por meio dos descendentes e, após longo tempo, é possível identificar uma nova espécie originária da antecedente, mas diferente dela.

Sua obra *Sobre a origem das espécies por meio da seleção natural ou a conservação das raças favorecidas na luta pela vida*, publicada em 1859, colocou-o no centro de acirradas polêmicas. Darwin morreu em consequência de um ataque cardíaco em 19 de abril de 1882.



Retrato do naturalista Charles Darwin, de 1869.

JULIA MARGARET CAMERON/COLEÇÃO PARTICULAR

Em 2003, uma equipe de cientistas descobriu na África restos fossilizados de um primata que classificaram como *Sahelanthropus tchadensis*. Datações feitas no crânio e nas rochas em que o fóssil foi encontrado permitiram estimar a sua idade em cerca de 7 milhões de anos. Alguns estudiosos creem que esse hominídeo pode ser nosso ancestral mais antigo.

Outros achados fósseis na África, como o do espécime *Orrorin tugenensis*, de aproximadamente 6 milhões de anos, e do *Ardipithecus ramidus*, com idade estimada em 5,2 milhões de anos, indicam que esses hominídeos também eram ancestrais dos seres humanos. Análises sugerem que eles já apresentavam a capacidade de andar com os membros inferiores em posição semiereta.

O gênero *Australopithecus* surgiu nas savanas africanas há cerca de 4 milhões de anos. No período compreendido entre 4 e 1 milhão de anos atrás, diversas espécies de australopitecos teriam coexistido e, eventualmente, competido entre si. Estudos indicam que se alimentavam de folhas, grãos e frutos e caminhavam em postura ereta.

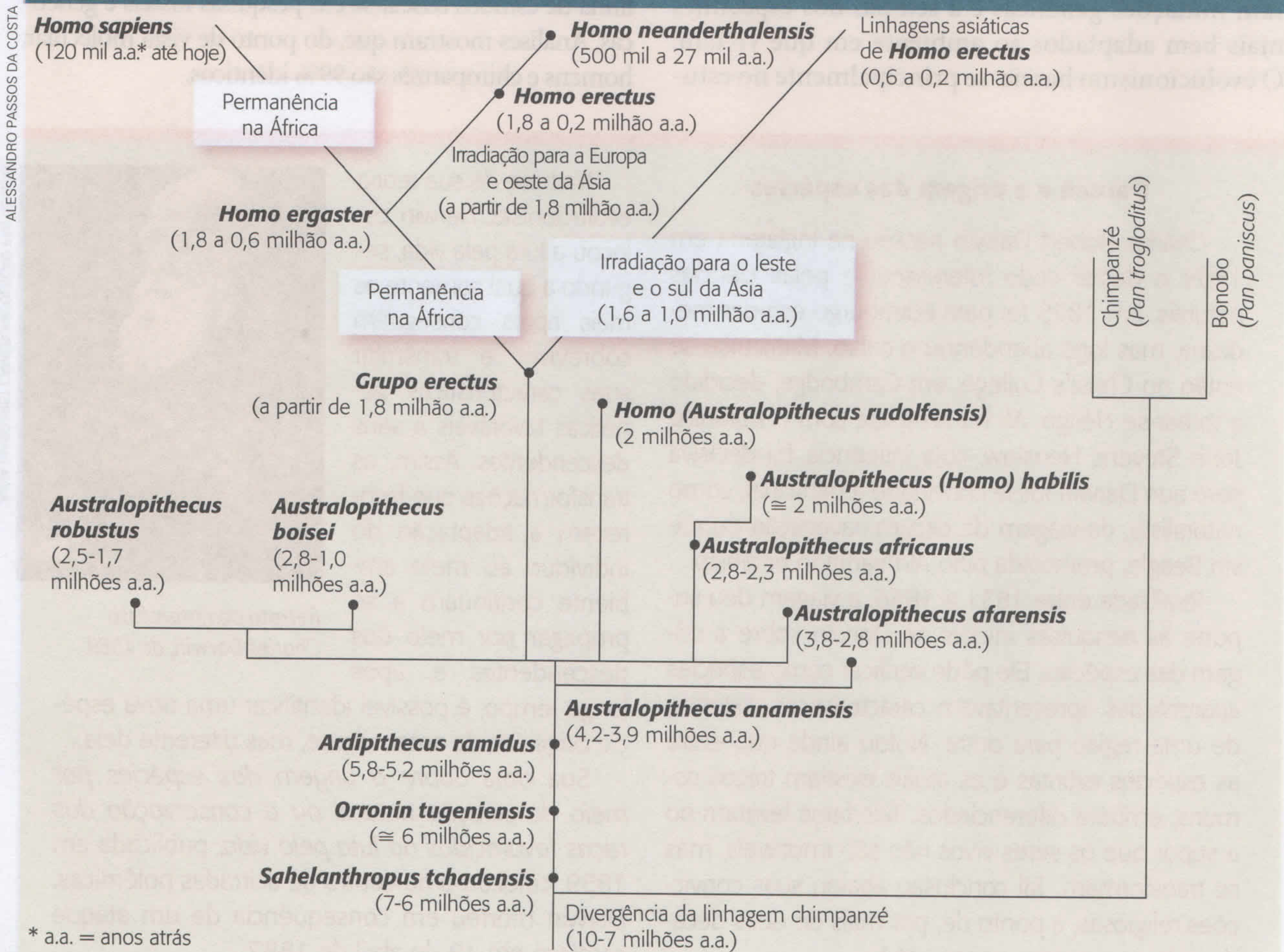
## ► A origem do gênero *Homo*

Mudanças ambientais nas savanas africanas extinguiram grande parte das espécies de australopitecos. No entanto, algumas linhagens conseguiram se adaptar e sobreviver, dando origem ao gênero *Homo*, cerca de 2 milhões de anos atrás.

A evolução do gênero *Homo* não ocorreu de forma linear; o modelo que representa melhor o surgimento de novas espécies é o de uma árvore cujas ramificações podem estar mais ou menos próximas ou até mesmo isoladas umas das outras. *Homo habilis*, *Homo rudolfensis*, *Homo ergaster*, *Homo antecessor*, *Homo erectus*, *Homo floresiensis* e *Homo neanderthalensis* seriam algumas das espécies pertencentes ao gênero.

Acredita-se que o *Homo sapiens*, espécie à qual pertencemos e única sobrevivente do gênero *Homo*, tenha surgido há aproximadamente 120 mil anos, no continente africano. Da África, os homens teriam partido para a Ásia, a Europa, a Oceania e a América.

### ESQUEMA EVOLUTIVO DOS HOMINÍDEOS



Fonte: Tree of Life Web Project. Disponível em <www.tolweb.org>. Acesso em 17 set. 2009.

## ► Uma periodização questionável

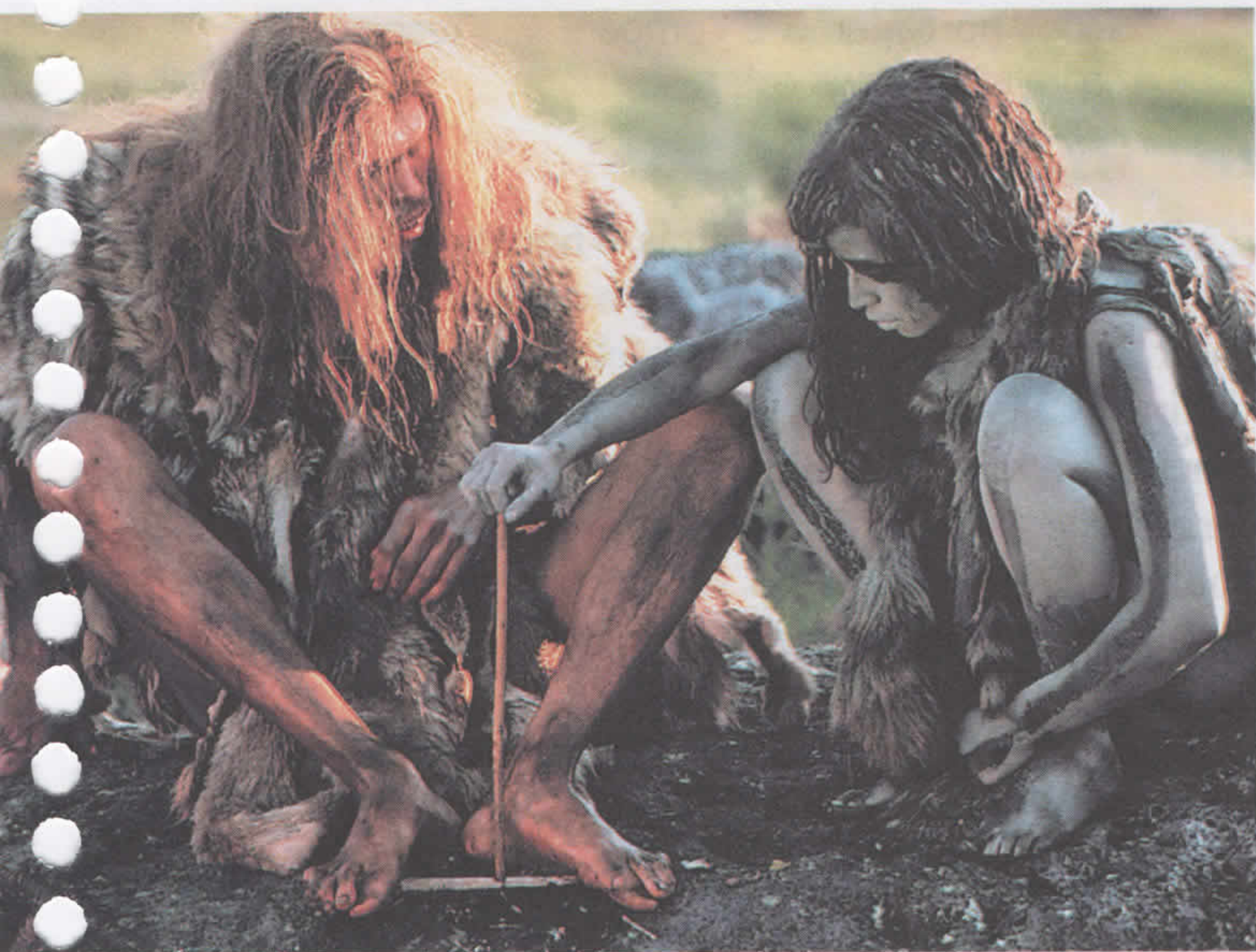
Em sua longa história evolutiva, o ser humano adaptou-se a diferentes meios e assim garantiu e ampliou sua subsistência, desenvolveu o raciocínio e foi capaz de produzir recursos materiais para aperfeiçoar seu estilo de vida. A maior parte dessas conquistas ocorreu em um período denominado **Pré-história**.

É comum muitos historiadores e a imprensa dividirem a história em Pré-história e História. A Pré-história corresponderia ao período anterior à invenção da escrita, e a História ao período em que surgiram os primeiros documentos escritos. Em outras palavras, alguns pesquisadores só reconhecem a escrita como registro histórico.

Mas será que podemos afirmar que os seres humanos só fizeram história a partir da escrita?

Se acreditamos que os sujeitos da história são todos os homens e mulheres que com sua experiência têm transformado a natureza para poder sobreviver, então a história existe desde o momento em que as primeiras espécies do gênero *Homo* surgiram no planeta, há cerca de 2 milhões de anos.

Desde o surgimento dos primeiros seres humanos, a humanidade tem procurado garantir e ampliar suas condições de sobrevivência. E tem obtido isso graças ao desenvolvimento de seu raciocínio, de sua cultura e à produção de recursos materiais e tecnológicos que aperfeiçoaram cada vez mais seu estilo de vida e sua adaptação ao ambiente.



Cena do filme *A guerra do fogo* (1981), do cineasta Jean Jacques Annaud. Nesse filme, grupos pré-históricos travam uma verdadeira guerra pela posse do fogo, que eles ainda não sabiam produzir.

A Pré-história pode ser dividida em três períodos: o **Paleolítico** ou período da pedra lascada, que se estendeu por 2 milhões de anos; o **Neolítico** ou período da pedra polida, que teve início há aproximadamente 10 mil anos; e a **Idade dos Metais**, por volta de 7 mil anos atrás.

## ► O início da longa marcha humana: o Paleolítico

Os humanos do Paleolítico garantiram sua subsistência por meio da caça, da pesca e da coleta de frutas e raízes. Formavam, portanto, uma sociedade de caçadores e coletores que viviam em grupos e dividiam coletivamente o espaço e as atividades, utilizando objetos feitos com pedra lascada, madeira, ossos e dentes de animais.

Os grupos humanos desse período eram nômades, castigados pelas intempéries e pela busca incessante de alimentos. Mas uma conquista humana fundamental ocorreu há cerca de 500 mil anos, no Paleolítico: o controle da produção do fogo, que permitiu o aquecimento durante o frio, a defesa contra animais e a preparação de alimentos.

Fala-se com frequência do “homem das cavernas”, como se os grupos pré-históricos tivessem vivido, cotidianamente, nas profundezas das grutas. Segundo pesquisas, eles ocupavam a entrada de cavernas ou abrigos sob as rochas, inclinações formadas pela erosão nos arenitos, nos calcários e nos basaltos. Em regiões mais quentes, chegaram a ter por teto a copa das árvores.

## ► A transição mesolítica

Entre 35 e 15 mil anos atrás, observamos transformações importantes nas sociedades paleolíticas, como o aperfeiçoamento dos artefatos e a introdução do arco e da flecha. Além disso, as modificações do ambiente terrestre se refletiram nos hábitos dos homens, contribuindo para a sedentarização de alguns grupos, isto é, sua fixação em determinadas regiões.



Biface de sílex talhado de c. 300000 a.C.

GUILLEMOT/CDA/AGG IMAGES/LATINSTOCK – MUSEU NACIONAL DE ARQUEOLOGIA, SAINT-GERMAIN-EN-LAYE, FRANÇA

Algumas sociedades iniciaram a produção de cerâmica e o cultivo de plantas. Esse período de transformações recebeu a designação de **Mesolítico** e representou uma transição para o Neolítico. O estudo das sociedades dessa época pode ser feito com base em instrumentos e armas e também nas magníficas pinturas **rupestres** que elas criaram (veja a foto a seguir).

### Rupestre

Gravado ou traçado na rocha.



Pintura rupestre de aproximadamente 8000 a.C. encontrada no município de Barão de Cocais, Minas Gerais.

### ► A arte rupestre

As pinturas rupestres localizam-se em superfícies ao ar livre e nas paredes das cavernas. Normalmente, essas imagens representam touros, bisões, cavalos e outros animais em cenas de caçadas. É provável que essas pinturas tenham sido utilizadas como um tipo de linguagem que favoreceria a comunicação entre os diferentes grupos humanos.

Entretanto, alguns estudiosos defendem que as pinturas rupestres também tinham caráter mágico, que os homens pré-históricos acreditavam retirar o espírito vital desses animais ao pintá-los nas paredes, o que garantiria uma boa caçada.

### ► A Revolução Neolítica

No início do período Neolítico (10 mil anos atrás), os grupos de caçadores e coletores já dispunham de razoável bagagem cultural. A experiência lhes ensinara a identificar quais animais podiam caçar e quais plantas eram comestíveis ou úteis no tratamento de doenças. Também começaram a triturar alimentos e a polir seus instrumentos de pedra, criando peças mais duráveis que as usadas antes. E haviam desenvolvido crenças religiosas, em seu esforço para compreender os fenômenos da natureza.

## Análise o documento

### A arte das ruas

Os irmãos Otávio e Gustavo Pandolfo, conhecidos como *Osgemeos*, são dois grafiteiros paulistas conhecidos mundialmente. Eles já mostraram os seus trabalhos em Cuba, Estados Unidos, China, Japão e em diversos países da Europa. As obras dos irmãos mesclam uma enorme variedade de cores, e os desenhos ilustram desde cenas cotidianas àquelas que parecem ter saído de um sonho.



Um dos vários grafites espalhados por São Paulo, dos irmãos e artistas plásticos, Otávio e Gustavo Pandolfo, conhecidos como *Osgemeos*. Foto de 2007.



### Questão

- Observe as duas imagens desta página e depois tente perceber as semelhanças e diferenças entre elas. Anote suas observações no caderno e compare sua resposta com a dos seus colegas.

Por volta de 10 mil anos atrás, o homem modificou a sua forma de se relacionar com o ambiente. Além de caçar e coletar frutos e sementes, ele começou a reproduzir e a cultivar plantas necessárias para a sua subsistência e a domesticar animais. A atividade agropastoril forneceu aos indivíduos uma fonte estável de alimento, contribuindo para que eles se fixassem nas áreas mais férteis, em aldeias de casas de madeira, pedra, barro ou adobe (tijolos de barro).

A agricultura desenvolveu-se em maior ou menor grau, em períodos de tempo relativamente próximos, em diversas regiões, mas com grande importância e impacto cultural e socioeconômico na China, na América Central, no Peru e no Oriente Próximo, em especial na região do **Crescente Fértil**, nome que se dá à faixa de terra que se estende desde o vale do Rio Nilo, no Egito, até a Mesopotâmia, cortada pelos rios

## O CRESCENTE FÉRTIL



Fonte: VIDAL-NAQUET, Pierre; BERTIN, Jacques. *Atlas histórico: da Pré-história aos nossos dias*. Lisboa: Círculo de Leitores, 1990. p. 39.

Tigre e Eufrates e correspondente ao território do Iraque e da Síria atuais. Conhecidas como **Revolução Neolítica** ou **Revolução Agrícola**, essas mudanças ampliaram o domínio do homem sobre a natureza, resultando em maior produção de alimentos e no conseqüente crescimento populacional.

### ▶ A vida nas aldeias neolíticas

Pesquisas arqueológicas indicam que os seres humanos que viviam em aldeias na região do Crescente Fértil

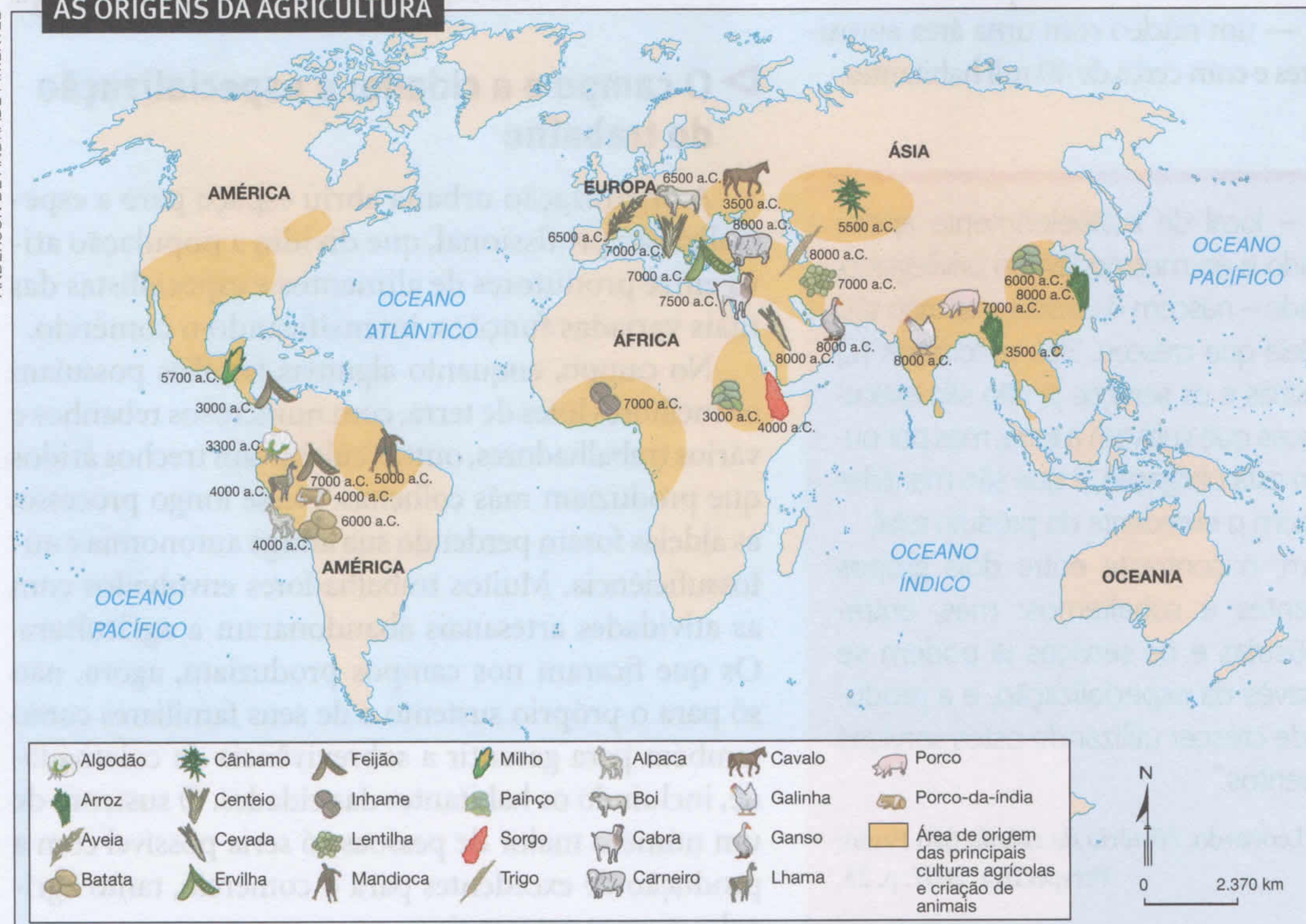
eram quase todos aparentados entre si, pois a comunidade era constituída de poucas famílias extensas, conhecidas como famílias clânicas ou clãs. Um clã era integrado por grupos familiares com um antepassado comum e, com outros clãs, formava uma tribo. O poder político convencional ainda não existia. A tomada de decisões na aldeia estava a cargo dos chefes de família, os anciãos, encarregados de administrar eventuais conflitos.

Mais tarde surgiu a figura do **patriarca**, escolhido entre os mais valentes e sábios chefes de família. Líder religioso e político, o patriarca exercia também a função de proteger a comunidade contra os ataques dos grupos rivais, que investiam contra as aldeias em busca de alimentos e de animais domesticados.

Na aldeia, a atividade fundamental era o cultivo dos campos, feito pelos grupos familiares que depois se apropriavam coletivamente da colheita. A divisão do trabalho, quase inexistente, limitava-se à diferenciação entre as tarefas dos homens e das mulheres. Mesmo atividades como a tecelagem e a cerâmica eram executadas pelo grupo familiar.

A economia de uma comunidade neolítica era de subsistência, gerando poucos excedentes. Além da agricultura, criavam-se cabras, porcos e bovinos. O cão, já domesticado, era um valioso auxiliar no pastoreio. Entre as plantas cultivadas estavam o trigo e a cevada, produtos essenciais para a alimentação da época. A arqueologia comprova a existência de fibras tanto vegetais (linho) como animais (lã) utilizadas na fabricação de vestimentas que substituíram o uso de peles de animais.

## AS ORIGENS DA AGRICULTURA



Fonte: *Atlas da história do mundo*. São Paulo: Times/Folha de S. Paulo, 1995. p. 38-39.

## ► A formação das cidades

Com o tempo, as aldeias foram cercadas de muros de proteção. Seus habitantes aprenderam a conhecer o regime das chuvas e das estiagens, a drenar os pântanos para ampliar as áreas de cultivo, a construir diques para conter as enchentes e a abrir canais de irrigação. Desenvolveram-se novas técnicas de plantio com o aparecimento do arado-semeador. A agricultura irrigada e os demais avanços tecnológicos e nos métodos de trabalho possibilitaram um aumento considerável na produção de alimentos, gerando excedentes em maior escala.

O crescimento das colheitas teve consequências importantes. O alimento mais abundante assegurou melhores condições de sobrevivência, o que resultou num acentuado crescimento populacional. Além disso, os camponeses passaram a dedicar-se ao cultivo e à troca de excedentes agrícolas por arados e outros objetos: surgiu o comércio, inicialmente baseado em escambo, isto é, na troca de produtos.

A criação das cidades é geralmente atribuída aos sumérios, povo do sul da Mesopotâmia. Mas outras surgiram em todo o Crescente Fértil e também na Índia e na China. Uma das mais antigas foi Jericó, na Palestina — um núcleo habitado há 11 mil anos, nas proximidades do Rio Jordão. No ano 8000 a.C., Jericó era uma grande aldeia cercada de muralhas de pedra. Por volta de 3000 a.C., era um centro de funções nitidamente urbanas, rodeado de muros. Por essa época, o Oriente estava pontilhado de cidades cercadas por aldeias agrícolas. Uruk, no atual Iraque, era a maior cidade da Suméria — um núcleo com uma área aproximada de 400 hectares e com cerca de 40 mil habitantes.

## As cidades

"As cidades — local de estabelecimento aparelhado, diferenciado e ao mesmo tempo privilegiado, sede da autoridade — nascem da aldeia, mas não são apenas uma aldeia que cresceu. Elas se formam [...] quando as indústrias e os serviços já não são executados pelas pessoas que cultivam a terra, mas por outras que não têm esta obrigação, e que são mantidas pelas primeiras com o excedente do produto total.

Nasce, assim, o contraste entre dois grupos sociais, dominantes e subalternos: mas, entretanto, as indústrias e os serviços já podem se desenvolver através da especialização, e a produção agrícola pode crescer utilizando estes serviços e estes instrumentos."

BENEVOLO, Leonardo. *História da cidade*. São Paulo: Perspectiva, 2007. p. 23.

## ► A Idade dos Metais

No último período da Pré-história os instrumentos de pedra foram substituídos aos poucos pelos de metal: o cobre foi o primeiro metal a ser explorado (7 mil anos atrás), seguido do bronze (5 mil anos atrás) e mais tarde do ferro (1500 a.C.).

A princípio o cobre, por ser muito maleável, era moldado a frio, trabalhado a marteladas, conforme registros de arqueólogos que encontraram objetos de cobre de aproximadamente 7 mil anos. Tempos depois, os metais passaram a ser aquecidos, despejando-se o material derretido em moldes de cerâmica ou pedra.

Entre os metais, o ferro foi o mais difícil de manusear, pois sua moldagem requeria enorme habilidade e um forno de alta temperatura (1.100 °C). Em razão de sua durabilidade e flexibilidade, ele foi capaz de substituir os outros metais na confecção de numerosos artigos.



Cinturão composto de placas articuladas de bronze, c. 1000 a.C. encontrado em Loir-et-Cher, França.

## ► O campo e a cidade: a especialização do trabalho

A organização urbana abriu espaço para a especialização profissional, que dividiu a população ativa entre produtores de alimentos e especialistas das mais variadas funções, intensificando o comércio.

No campo, enquanto algumas famílias possuíam os melhores lotes de terra, com numerosos rebanhos e vários trabalhadores, outras cultivavam trechos áridos que produziam más colheitas. Nesse longo processo, as aldeias foram perdendo sua antiga autonomia e autossuficiência. Muitos trabalhadores envolvidos com as atividades artesanais abandonaram a agricultura. Os que ficaram nos campos produziam, agora, não só para o próprio sustento e de seus familiares como também para garantir a sobrevivência da coletividade, incluindo os habitantes das cidades. O sustento de um número maior de pessoas só seria possível com a produção de excedentes para o comércio, tanto agrícolas quanto artesanais.

©RMVOTHER IMAGES - MUSEU NACIONAL DE ARQUEOLOGIA, SAINT-GERMAIN-EN-LAYE, FRANÇA

## ▷ O surgimento do Estado

A tradicional autoridade dos chefes de famílias, adequada para comunidades agropastoris, mostrou-se insuficiente para gerir uma sociedade mais complexa, baseada na articulação entre aldeias e cidades. Tornou-se necessário criar estruturas de poder aceitas pela maioria. Foi aí que surgiu o **Estado**.

A maioria dos estudiosos admite que o surgimento do Estado esteve ligado às necessidades advindas da diversificação das atividades econômicas. A coordenação de obras de interesse coletivo, como diques e canais de irrigação, e a regulamentação do comércio exigiam a presença de pessoas encarregadas dessas funções, com poderes para impor suas decisões, muitas vezes por meio da força.

Os primeiros governantes do Crescente Fértil foram **reis-sacerdotes**, numa evidência de que o poder político nasceu ligado à religião. Depois, os reis-sacerdotes foram substituídos por chefes políticos que não exerciam funções religiosas.

Outra mudança fundamental ligada à formação do Estado foi o aparecimento da **propriedade privada**. Nas comunidades agrárias, a terra, as águas e os produtos do trabalho pertenciam à coletividade. O fortalecimento dos templos e do poder político, com seus funcionários, introduziu novos elementos de desigualdade. Uma elite ligada aos reis e aos sacerdotes passou a se apropriar de parte das colheitas, assim como das terras produtivas.

A união de algumas cidades ou Estados, que podiam ou não fazer parte da mesma civilização, deu origem a impérios que dominaram muitos povos e se estenderam por vastos territórios.

### Estado

"[...] conjunto organizado das instituições políticas, jurídicas, policiais, administrativas, econômicas etc., sob um governo autônomo e ocupando um território próprio e independente."

JUPIASSÚ, Hilton; MARCONDES, Danilo. *Dicionário básico de filosofia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996. p. 67.



Fonte: PARKER, Geoffrey. *Atlas Verbo da história universal*. Lisboa: Verbo, 1996. p. 18-19.

### Lembre-se!

- O evolucionismo é hoje a teoria mais aceita pela comunidade científica para explicar o surgimento dos hominídeos e, conseqüentemente, do gênero *Homo*.
- Novas pesquisas têm lançando luz sobre várias lacunas da evolução humana, mas elas não são definitivas; a cada nova descoberta, informações diferentes completam ou desmentem o que se supunha verdadeiro.
- Nossos ancestrais que viveram no Paleolítico eram nômades, viviam da caça e da coleta de frutos, raízes e sementes. Eles elaboraram ferramentas com ossos e dentes de animais, pedra e madeira.
- Por volta de 10 mil anos atrás, a partir de extensas observações da natureza, o homem deu início ao cultivo da terra. Esse processo ficou conhecido como Revolução Neolítica ou Revolução Agrícola.
- A maior oferta de alimentos fez com que o homem se fixasse numa região por mais tempo, o que levou ao surgimento de aldeias e, mais tarde, de grupamentos populacionais maiores – as cidades.

## TEXTO COMPLEMENTAR

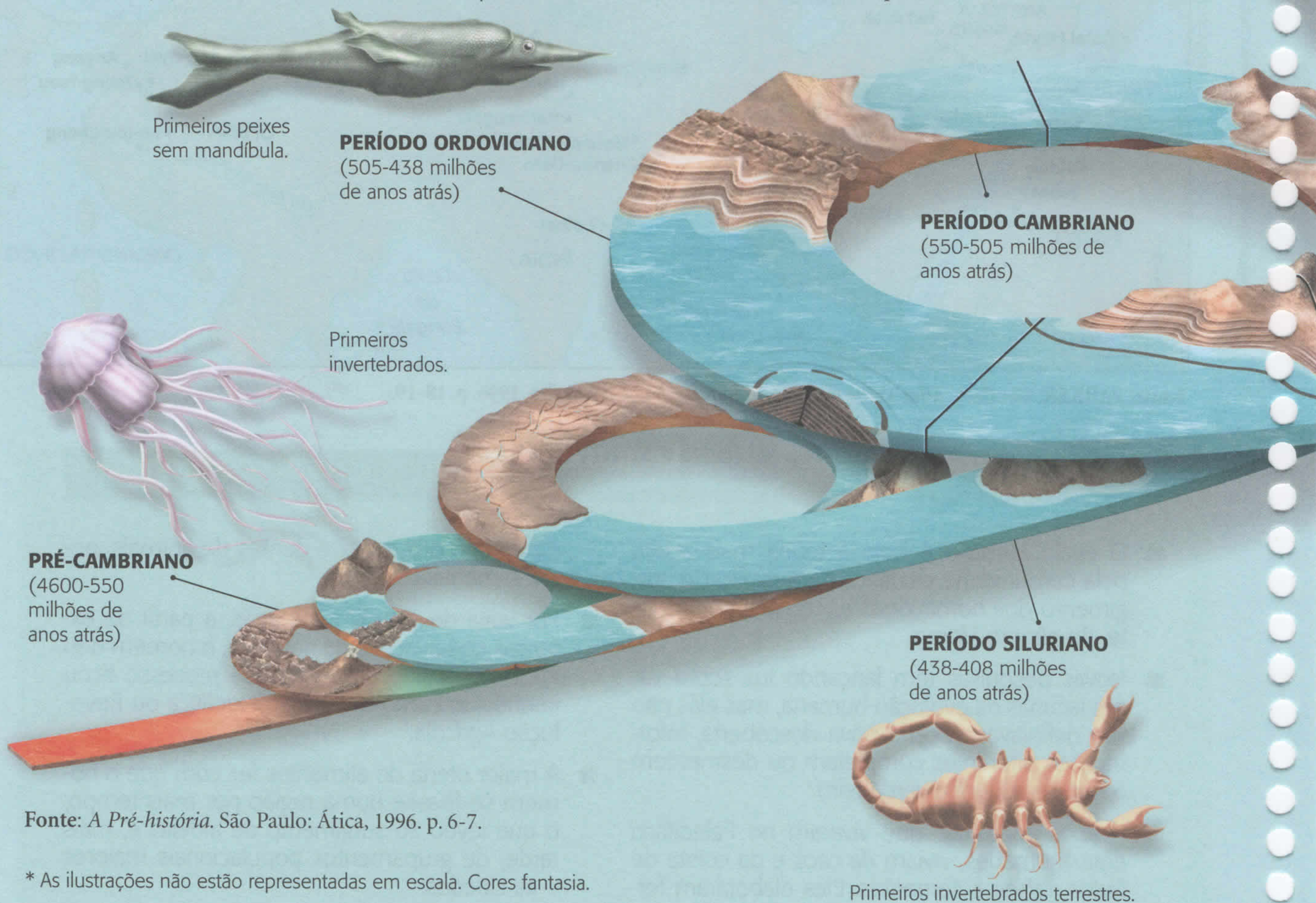
### Da formação da Terra ao surgimento da vida humana

Arqueólogos, paleontólogos, geólogos e astrônomos acreditam que a Terra tenha surgido há cerca de 4,5 bilhões de anos. Acompanhe na ilustração e na tabela a seguir o desenvolvimento da vida no planeta.

Se condensássemos em um ano toda a história do Universo (aproximadamente 15 bilhões de anos), o *Big Bang* corresponderia ao dia 1º de janeiro. Seguindo esse raciocínio, a trajetória humana teria tido início apenas no dia 31 de dezembro, o que mostra como nossa existência é recente no planeta. Acompanhe, no quadro ao lado, alguns acontecimentos marcantes da história da humanidade, expressos nessa escala de tempo.

EVENTO	HORA DO DIA 31 DE DEZEMBRO
Surgimento do <i>Homo sapiens</i>	22h30min
Desenvolvimento da agricultura	23h59min20s
Invenção do alfabeto	23h59min51s
Nascimento de Jesus Cristo	23h59min56s
Queda de Roma	23h59min57s
Grandes navegações	23h59min59s
Exploração do espaço	O primeiro segundo do Ano-Novo

Fonte: SAGAN, Carl. *Os dragões do Éden*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1980. p. 4.

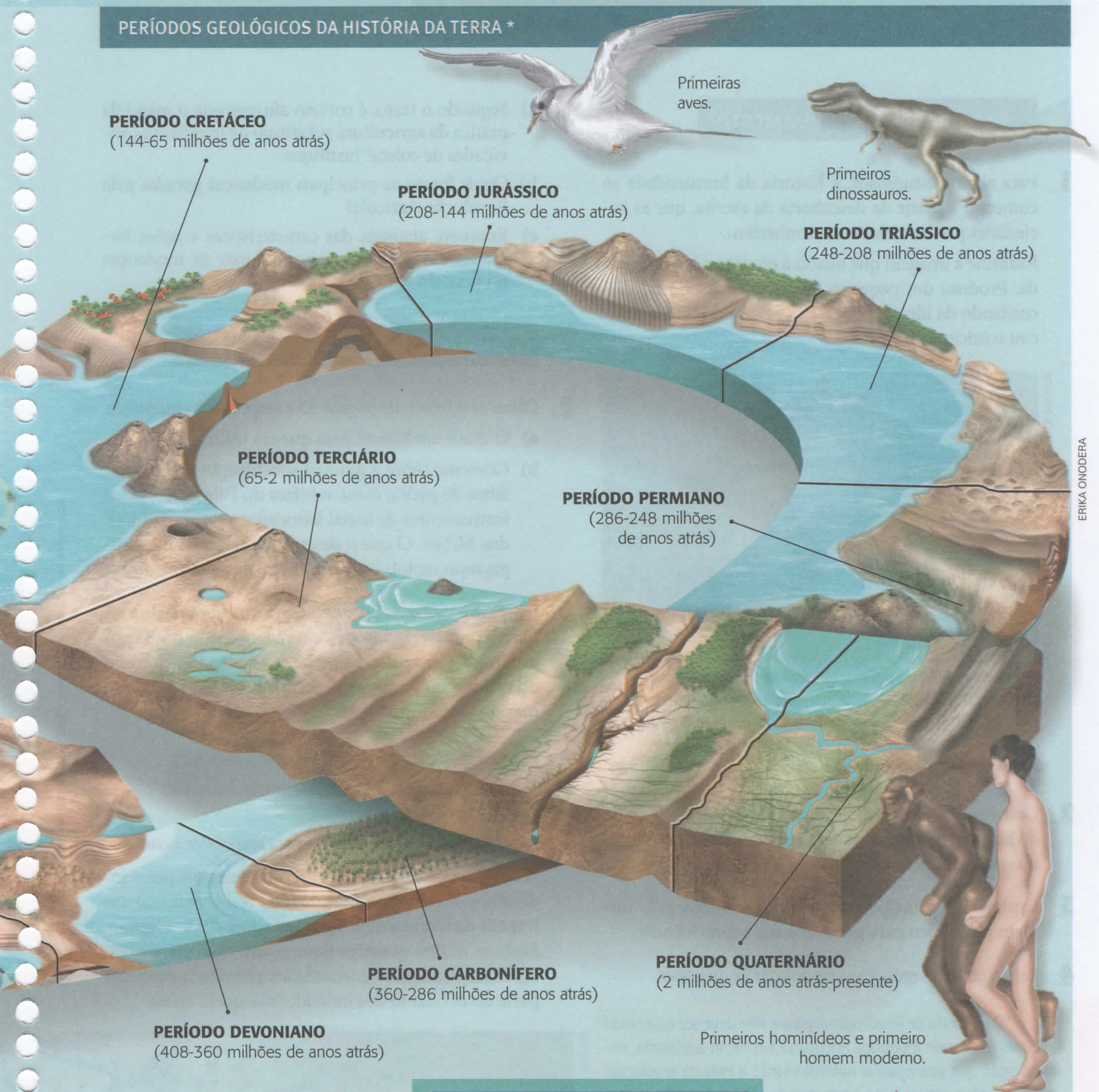


Fonte: *A Pré-história*. São Paulo: Ática, 1996. p. 6-7.

\* As ilustrações não estão representadas em escala. Cores fantasia.



## PERÍODOS GEOLÓGICOS DA HISTÓRIA DA TERRA \*



### Compreendendo o texto

#### Registre em seu caderno

1. Segundo a ilustração, dinossauros e homens foram contemporâneos, como retratam muitas vezes histórias em quadrinhos e filmes? Por quê?
2. De acordo com o quadro, os cerca de 120 mil anos de existência do *Homo sapiens* correspondem, aproximadamente, há quanto tempo?

3. Na sua opinião, quais foram as habilidades desenvolvidas pelo homem ao longo do tempo que permitiram o desenvolvimento de tecnologia suficiente para explorar o espaço?

## EXPLORANDO O CONHECIMENTO

- 1** Para alguns estudiosos, a história da humanidade só começou a partir da descoberta da escrita, que as sociedades pré-históricas não conheciam.

Examine a imagem que ilustra a questão e leia a legenda. Produza um pequeno texto concordando ou discordando da ideia de que a descoberta da escrita marcou o início da história.



O período registrado desde o aparecimento do homem até a invenção da escrita é convencionalmente chamado de Pré-história. Esta sociedade tribal africana, em foto do final do século XX, não domina a escrita. Em razão disso, seus integrantes não são agentes históricos?

- 2** Compare a utilidade do fogo na Pré-história e na vida do homem contemporâneo determinando pelo menos duas semelhanças e/ou diferenças.
- 3** Explique as principais atividades realizadas pelo homem paleolítico para garantir a sua sobrevivência.
- 4** Leia o texto a seguir para responder às questões.

"O conceito de Revolução Agrícola não deve ser entendido como o de uma mudança estrutural em ritmo acelerado, conotação que acompanha habitualmente a palavra revolução. Não se deve pensar que a passagem da atividade coletora para a agrícola tenha-se dado de uma forma brusca ou por um toque de magia. Deu-se, antes, por meio de um longo processo que inclui cuidadosa percepção dos fenômenos naturais, elaboração de teoria causa/efeito e mesmo doses de accidentalidade. [...] Entre saber que os vegetais crescem se plantados e conseguir organizar uma plantação racional e rentável, existe uma longa distância [...]. Daí se acreditar que a convivência da agricultura com a coleta deve ter sido o fenômeno mais comum durante muito tempo."

PINSKY, Jaime. *As primeiras civilizações*. 24. ed. São Paulo: Contexto, 2008. p. 51. (Coleção Repensando a história)

- a) Segundo o texto, é correto afirmar que o início da prática da agricultura substituiu de imediato as atividades de coleta? Justifique.
- b) Quais foram as principais mudanças geradas pela Revolução Agrícola?
- c) Enumere algumas das características e ações humanas essenciais para impulsionar as mudanças no período Neolítico.

## ANÁLISE DAS FONTES

- 5** Observe o biface na página 33 e responda às questões:
- a) O que é um biface? Para que era utilizado?
- b) Comente sobre a gradual substituição dos objetos feitos de pedra, como o biface do Paleolítico, pelos instrumentos de metal fabricados a partir da Idade dos Metais. O que o desenvolvimento da metalurgia representou para o homem, nesse momento?
- 6** Observe o mapa *As origens da agricultura* na página 35. É mais provável que a agricultura tenha sido criada por um único povo e depois tenha se espalhado pelo resto do mundo ou tenha se iniciado em diversos locais ao mesmo tempo? Justifique.

## A HISTÓRIA E O TEMPO PRESENTE

- 7** Leia os textos e analise a figura para responder à questão: A ausência de documentos escritos deixados pelos indivíduos do período denominado Pré-história não nos impede de levantarmos hipóteses sobre como viveram. Embora muitas questões fiquem sem resposta, os vestígios arqueológicos encontrados permitem conhecer parte do cotidiano dos indivíduos daquela época.



Pintura rupestre na caverna de Lascaux, na França. Pelas pesquisas mais recentes, acredita-se que as imagens de Lascaux tenham sido feitas 15 mil anos a.C.

"Época: Por que os homens pré-históricos pintavam as cavernas? No universo acadêmico, a explicação mais aceita para as pinturas é que fariam parte de rituais místicos relacionados à fecundidade. Ou seriam uma espécie de magia para deixar os animais caçados mais vulneráveis. É verdade?"

**Russell Dale Guthrie:** Existe a interpretação de que a arte do Paleolítico tinha significado religioso ou espiritual. Porém, há pouca evidência de que isso seja verdade. A arte mística é marcada por caracteres de repetição, criaturas bizarras, estilização. E essas características não estão presentes nas cavernas. A arte paleolítica pode ser explicada como a maneira natural pela qual as pessoas dessa época interagiam com o ambiente e uns com os outros. Eu acho que essas pinturas foram feitas por pessoas mais racionais, muito espertas, que usavam sua inteligência para sobreviver e interagir. E a arte ia muito além das cavernas."

BUSCATO, Marcela. Os grafiteiros das cavernas. *Época*, 24 nov. 2006. Disponível em <<http://revistaepoca.globo.com>>. Acesso em jan. 2009.

- O que você imagina que os homens do passado queriam transmitir com as imagens que pintaram nas paredes das cavernas?

**8** Nossos ancestrais do Paleolítico migravam constantemente de uma região para outra. Esses indivíduos buscavam alimentos e condições climáticas favoráveis à sobrevivência humana. Pesquise as razões que motivam os movimentos migratórios atuais no Brasil e no mundo. Peça ajuda para seus professores de História e Geografia, consulte a biblioteca da sua escola e sites.

**9** O homem neolítico construía diques e canais. Os açudes brasileiros podem ser comparados a essas obras? Por quê? Existem açudes no seu estado? Eles estão em terras públicas ou em propriedades particulares? Faça uma pesquisa em jornais, revistas, livros ou na internet para verificar quem é mais beneficiado pela construção dessas obras.

**10** A abundância da água foi uma das razões para o desenvolvimento de muitas cidades na antiga região do Crescente Fértil. Desde o século XX, além das disputas travadas em torno do petróleo, boa parte dos entraves que cercam as negociações de paz no Oriente Médio passa pela questão da hidrografia. A água é um dos itens mais importantes do conflito no Oriente Médio, mas é também um dos menos abordados. Pesquise nos meios disponíveis — televisão, jornais, internet, livros, vídeos — a disputa pela água no Oriente Médio.

## Vestibular / ENEM

Registre em seu caderno

- 1** (Enem-MEC) Suponha que o Universo tenha 15 bilhões de anos de idade e que toda a sua história seja distribuída ao longo de 1 ano — o calendário cósmico —, de modo que cada segundo corresponda a 475 anos reais e, assim, 24 dias do calendário cósmico equivaleriam a cerca de 1 bilhão de anos reais. Suponha, ainda, que o Universo comece em 1º de janeiro, à zero hora no calendário cósmico, e o tempo presente esteja em 31 de dezembro, às 23h59min59,99s. A escala abaixo traz o período em que ocorreram alguns eventos importantes nesse calendário.

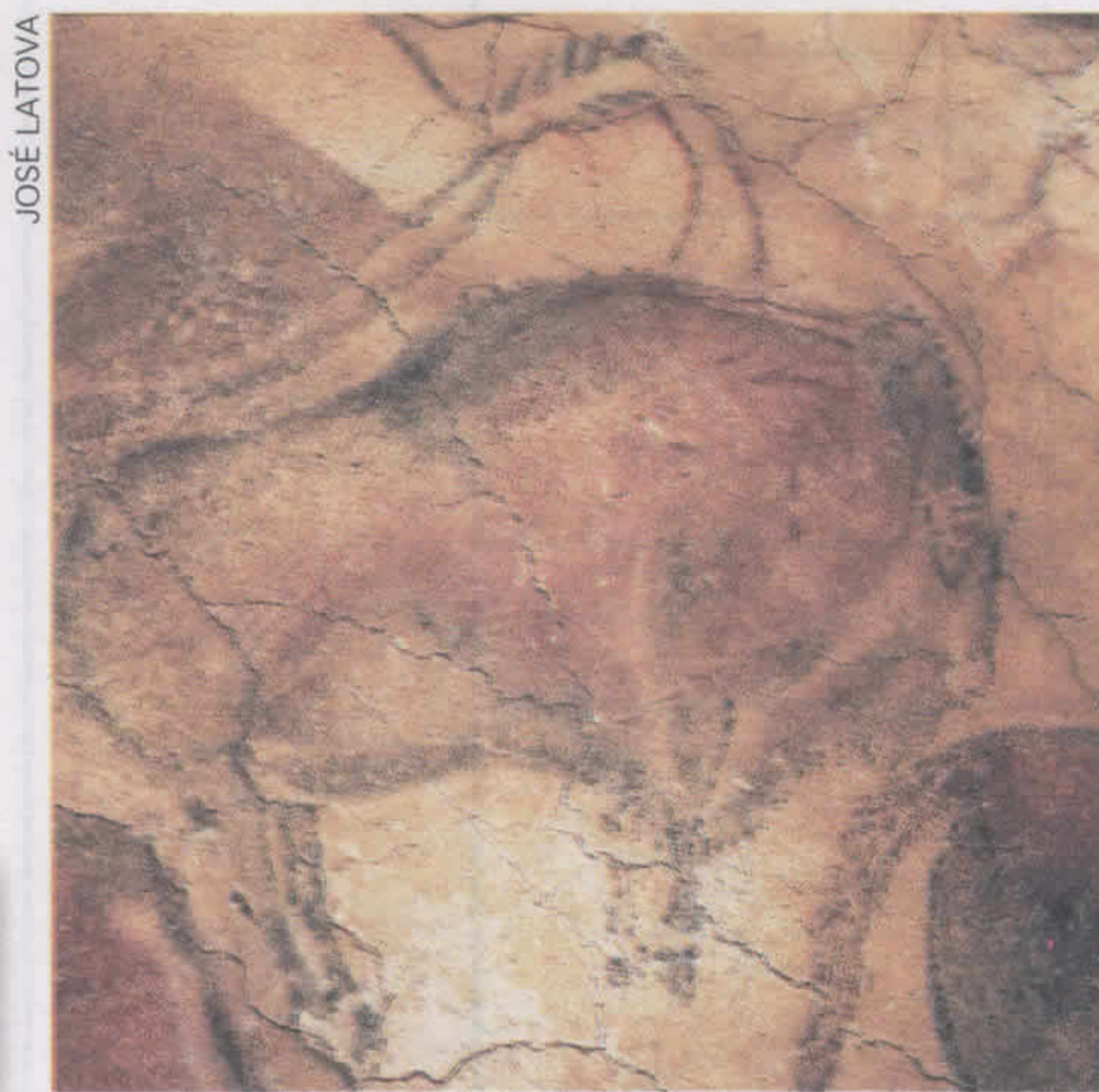
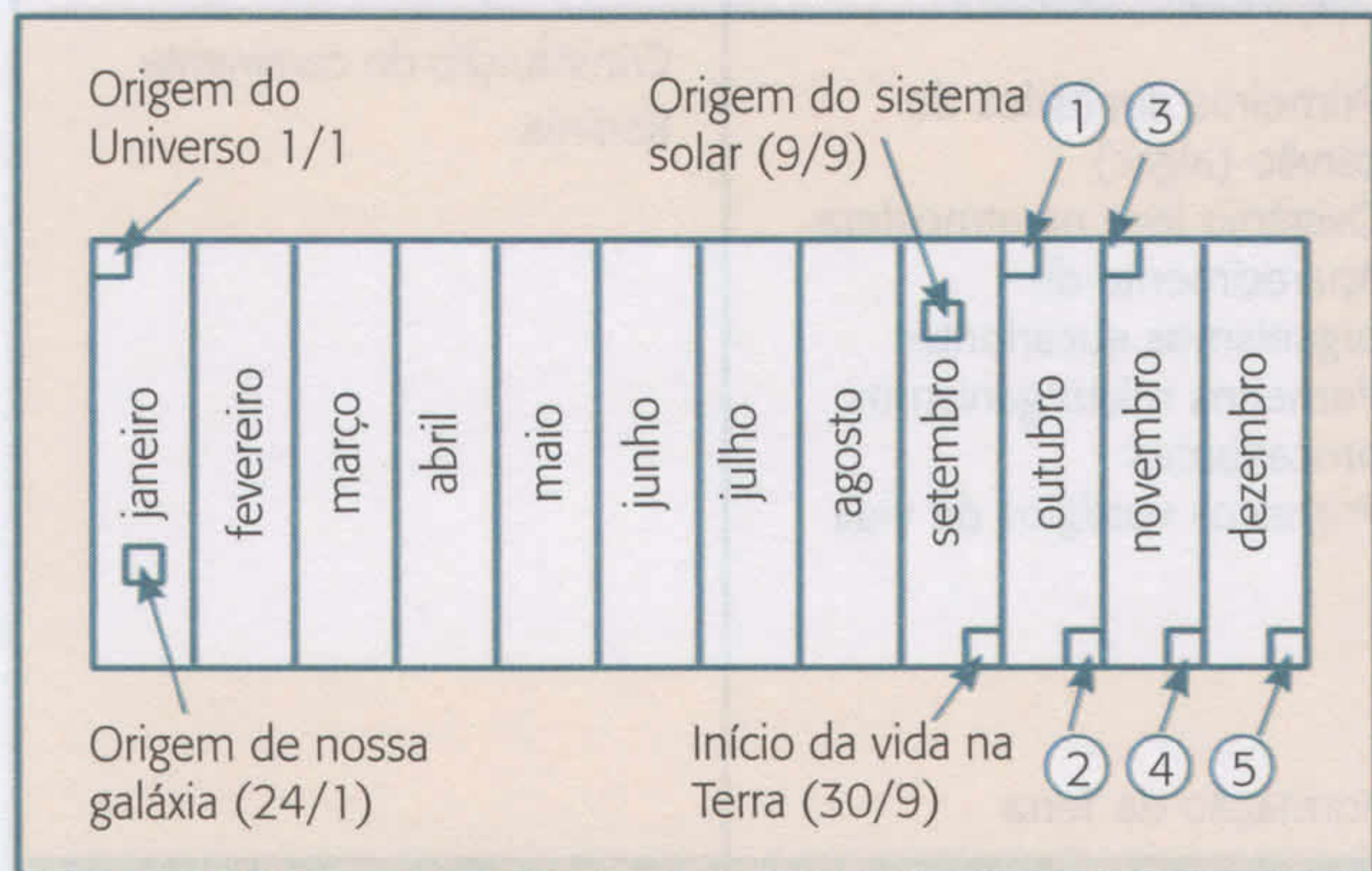


Imagem de um bisão em gruta de Altamira, Espanha, de c. 30000 a 12000 a.C.

Se a arte rupestre representada acima fosse inserida na escala, de acordo com o período em que foi produzida, ela deveria ser colocada na posição indicada pela seta de número:

- a) 1.
- b) 2.
- c) 3.
- d) 4.
- e) 5.

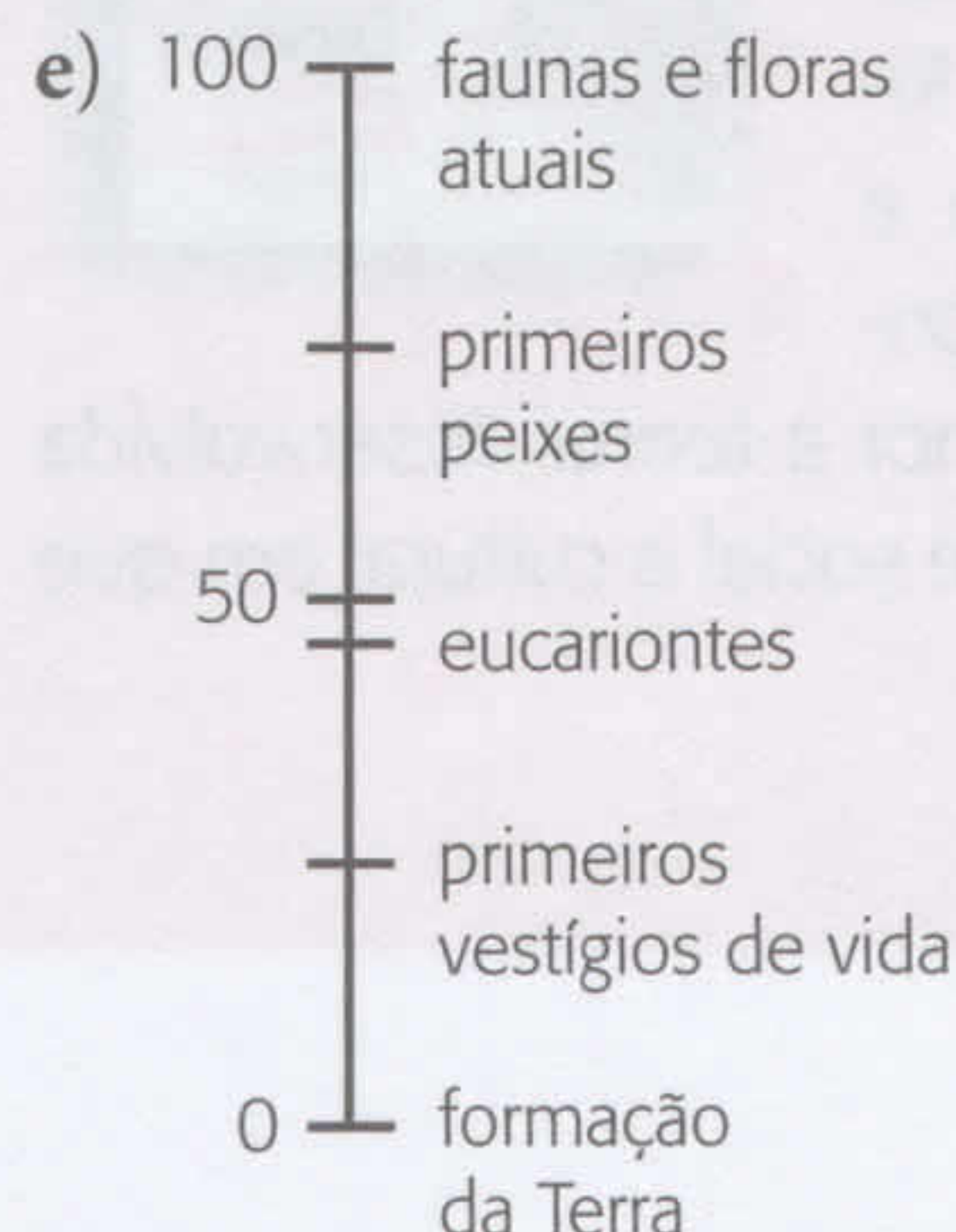
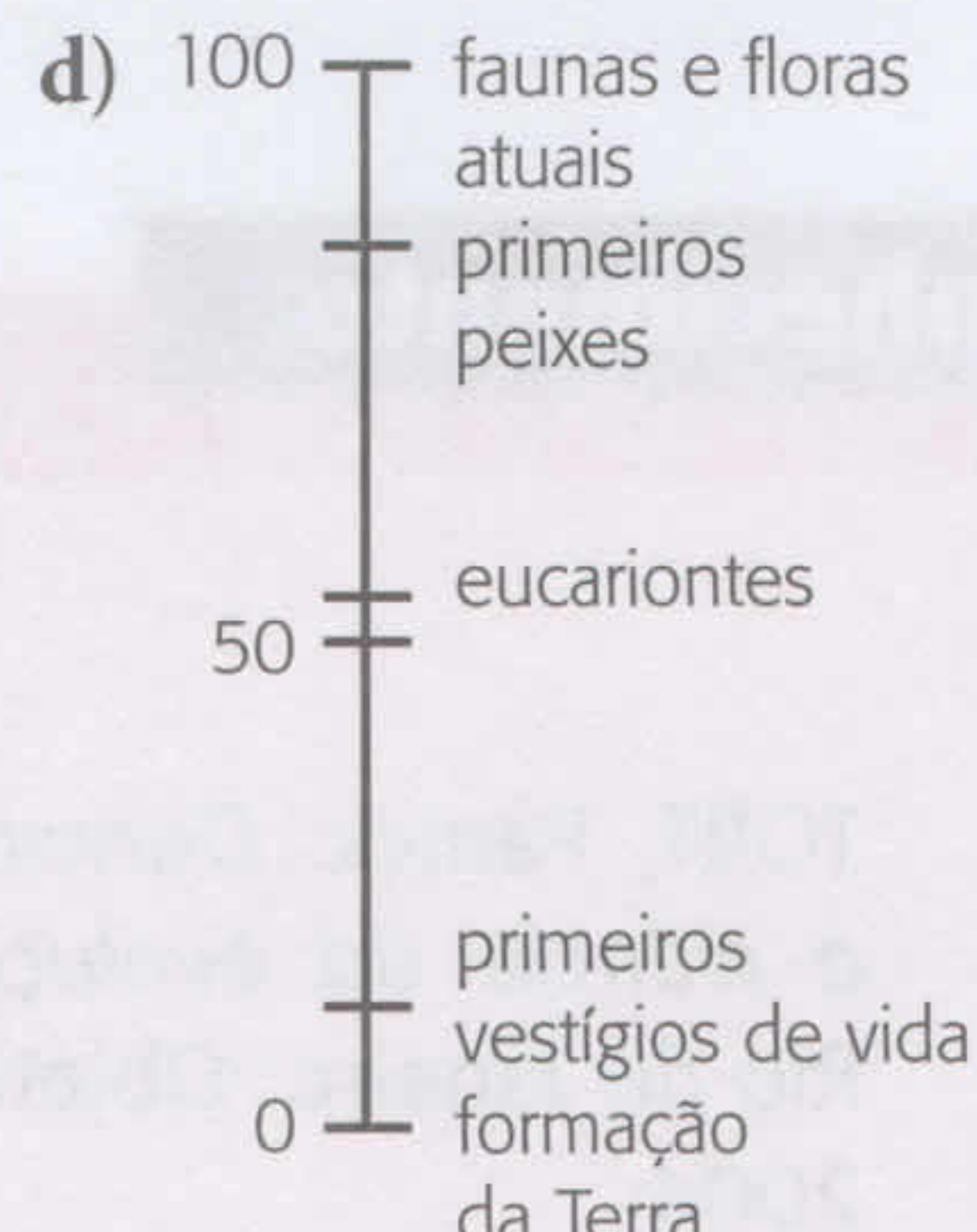
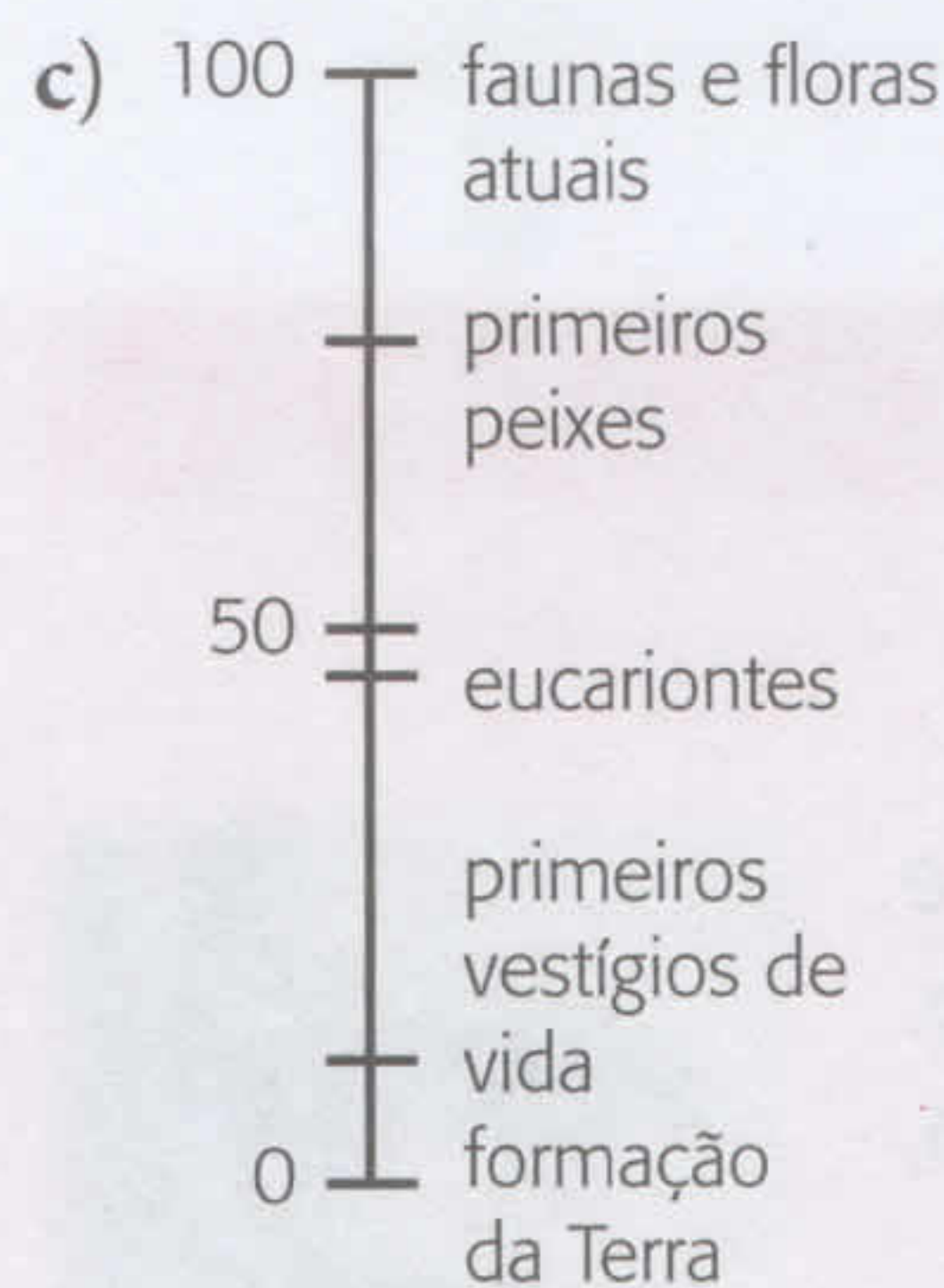
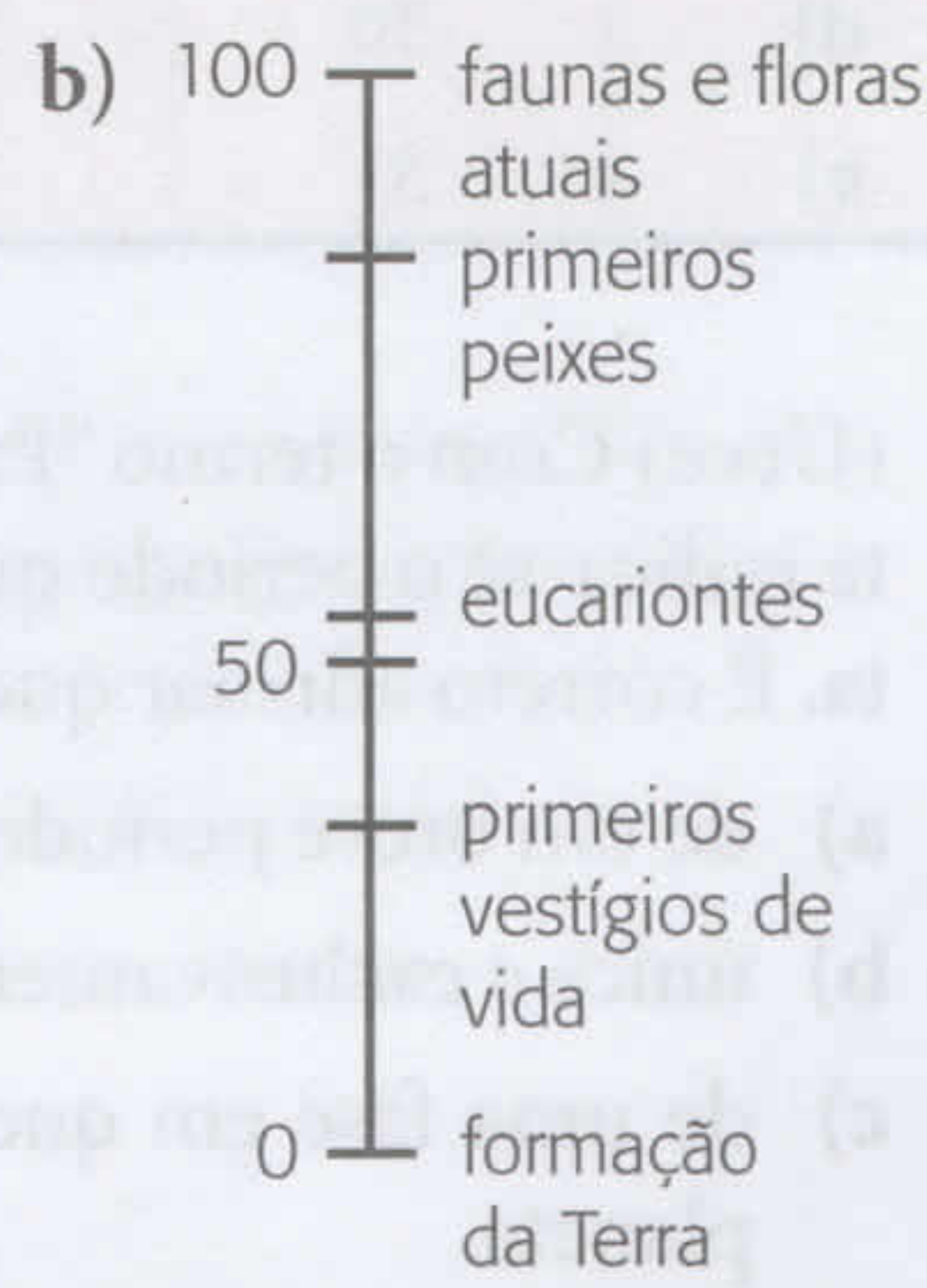
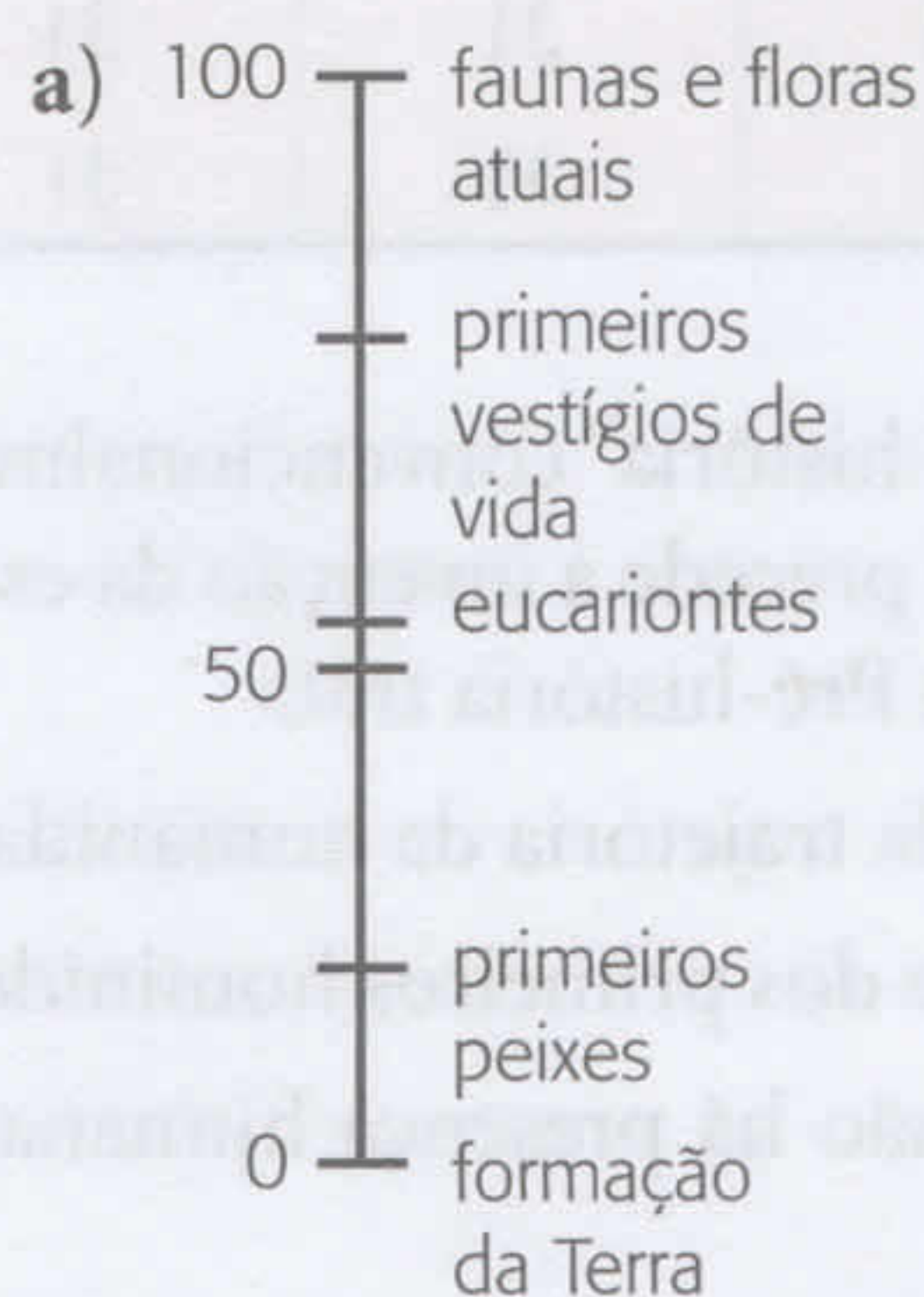
Para responder às questões 2 e 3, analise o quadro a seguir, que esquematiza a história da Terra.

ERA	PERÍODO	MILHÕES DE ANOS	EVOLUÇÃO BIOLÓGICA	PALEOGEOGRAFIA
CENOZOICA	QUATERNÁRIO	0,01	Faunas e floras atuais Primeiras manifestações de arte Sepulturas mais antigas Extinção dos mastodontes e dinotérios	
	NEOGÊNICO	1,8	Aparecimento dos bois, cavalos e veados Primeiros utensílios de pedra	Elevação dos Himalaias Ligação das duas Américas Fecho e dessecação do Mediterrâneo
		5,3	Aparecimento dos homínídeos	
		23,8		
	PALEOGÊNICO	34,6	Primeiros roedores	Elevação dos Pirineus
		56	Primeiros primatas	Conclusão da abertura do Atlântico Norte Constituição do continente Norte-Atlântico
65		Últimos dinossauros Primeiras angiospermas	Abertura do Atlântico Sul	
MESOZOICA	CRETÁCEO	145		
	JURÁSSICO	208	Primeiras aves Primeiros dinossauros	Início da fragmentação da Pangeia Constituição da Pangeia
	TRÍASSICO	245		
PALEOZOICA	PERMIANO	290	Aparecimento dos répteis	
	CARBONÍFERO	363	Aparecimento dos anfíbios Primeiras gimnospermas	
	DEVONIANO	409	Primeiras plantas e primeiros animais terrestres Primeiros peixes	Fecho do oceano Lapetus
	SILURIANO	439		
	ORDOVICIANO	510		Abertura dos oceanos Lapetus e Rheio
	CAMBRIANO	544		
PRÉ-CAMBRIANO		1.000	Reprodução sexuada	Constituição da Avelônia
		1.400	Primeiros depósitos de carvão (algas)	Constituição do continente Rodinia
		1.800	Oxigênio livre na atmosfera	
		2.000	Aparecimento de organismos eucariontes	
		3.100	Primeiros microrganismos procariontes	
		3.500	Primeiros vestígios de vida	
	4.600	Formação da Terra		

**2** (Enem-MEC) Considerando o esquema da página anterior, copie em seu caderno a opção correta.

- Quando os primeiros hominídeos apareceram na Terra, os répteis já existiam havia mais de 500 milhões de anos.
- Quando a espécie *Homo sapiens* surgiu no planeta, América do Sul e África estavam fisicamente unidas.
- No Pré-cambriano, surgiram, em meio líquido, os primeiros vestígios de vida no planeta.
- A fragmentação da Pangeia ocasionou o desaparecimento dos dinossauros.
- A Era Mesozoica durou menos que a Cenozoica.

**3** (Enem-MEC) Entre as opções a seguir, copie em seu caderno a que melhor representa a história da Terra em uma escala de 0 a 100, com comprimentos iguais para intervalos de tempo da mesma duração.



**4** (UFPE) "Já se afirmou ser a Pré-história uma continuação da História Natural, havendo uma analogia entre a evolução orgânica e o progresso da cultura."

Sobre a Pré-história, copie em seu caderno a afirmativa incorreta.

- Várias ciências auxiliam o estudo, como a antropologia, a arqueologia e a química.
- A Pré-história pode ser dividida em Paleolítico e Neolítico, no que se refere ao processo técnico de trabalhar a pedra.
- Sobre o Paleolítico, podemos afirmar que foi o período de grande desenvolvimento artístico, cujo exemplo são as pinturas antropomorfas e zoomorfas realizadas nas cavernas.
- O Neolítico apresentou um desenvolvimento artístico diferente do Paleolítico, através dos traços geométricos do desenho e da pintura.
- Os primeiros seres semelhantes ao homem foram o *Australopithecus* e o Homem de Java, que eram bem mais adaptados que o Homem de Neanderthal.

**5** (Fuvest-SP) Sobre o surgimento da agricultura — e seu uso intensivo pelo homem — pode-se afirmar que:

- foi posterior, no tempo, ao aparecimento do Estado e da escrita.
- ocorreu no Oriente Próximo (Egito e Mesopotâmia) e daí se difundiu para a Ásia (Índia e China), Europa e, a partir desta, para a América.
- como tantas outras invenções, teve origem na China, donde se difundiu até atingir a Europa e, por último, a América.
- ocorreu, em tempos diferentes, no Oriente Próximo (Egito e Mesopotâmia), na Ásia (Índia e China) e na América (México e Peru).
- de todas as invenções fundamentais, como a criação de animais, a metalurgia e o comércio, foi a que menos contribuiu para o ulterior progresso material do homem.

**6** (UFRN) A prática da agricultura e a criação de rebanhos implicaram alterações nas sociedades neolíticas. Nesse contexto, em diversas comunidades do Oriente Próximo, identifica-se, entre outras transformações, o(a)

- desenvolvimento de impérios caracterizados pelo afastamento das tradições mítico-religiosas em favor de um pensamento racional e naturalista.
- ampliação das atividades lucrativas, como, por exemplo, o comércio realizados pelos estrangeiros e seus escravos nos domínios das diversas cidades.
- surgimento de uma prática política descentralizadora, que permitiu o livre desenvolvimento econômico das diferentes regiões ocupadas.
- diferenciação social baseada na riqueza e no poder, com o surgimento do Estado, instrumento de controle e apropriação dos recursos naturais.

**7** (Fuvest-SP) Das três seguintes formulações – primeiro, a de Copérnico, *a terra não é o centro do mundo*, depois a de Darwin, *não nascemos de Deus mas viemos do macaco*, e, por último, a de Freud, *não somos senhores de nossa própria consciência* – pode-se dizer que:

- a) contribuem para tornar o homem cada vez mais confiante e orgulhoso de sua infalibilidade e perfeição.
- b) constituem os fundamentos da modernidade e desfecham golpes profundos na pretensão do homem de ser o centro do Universo.
- c) fortalecem a posição científica dos que criticam esses pressupostos, tendo em vista sua falta de fundamentação empírica.
- d) perdem cada vez mais credibilidade com o avanço científico proporcionado pela astronomia, biologia e psicologia.
- e) harmonizam-se com as concepções dos que defendem a tese criacionista ou propõem um desenho inteligente sobre a criação do Universo.

**8** (Fuvest-SP) Uma maneira de compreender a distribuição temporal de fenômenos ocorridos em longos períodos é situá-los em um ano de 365 dias. Por exemplo, ao transpor os 4,6 bilhões de anos da Terra para esse ano, a formação do planeta teria ocorrido em 1º de janeiro, o surgimento do oxigênio na atmosfera em 13 de junho, o aumento e a diversificação da vida macroscópica a partir de 15 de novembro e o início da separação da Pangeia em 13 de dezembro.

Considere os seguintes eventos:

Evento 1. Surgimento do *Homo sapiens*.

Evento 2. Revolução agrícola do Neolítico.

Evento 3. Declínio do Império Romano.

Evento 4. A colonização da América pelos europeus.

A partir das informações do texto, é correto situar os referidos eventos no mês de dezembro desse ano, no(s) dia(s)

	Evento 1	Evento 2	Evento 3	Evento 4
a)	29	29	30	30
b)	29	30	30	31
c)	30	30	31	31
d)	30	31	31	31
e)	31	31	31	31

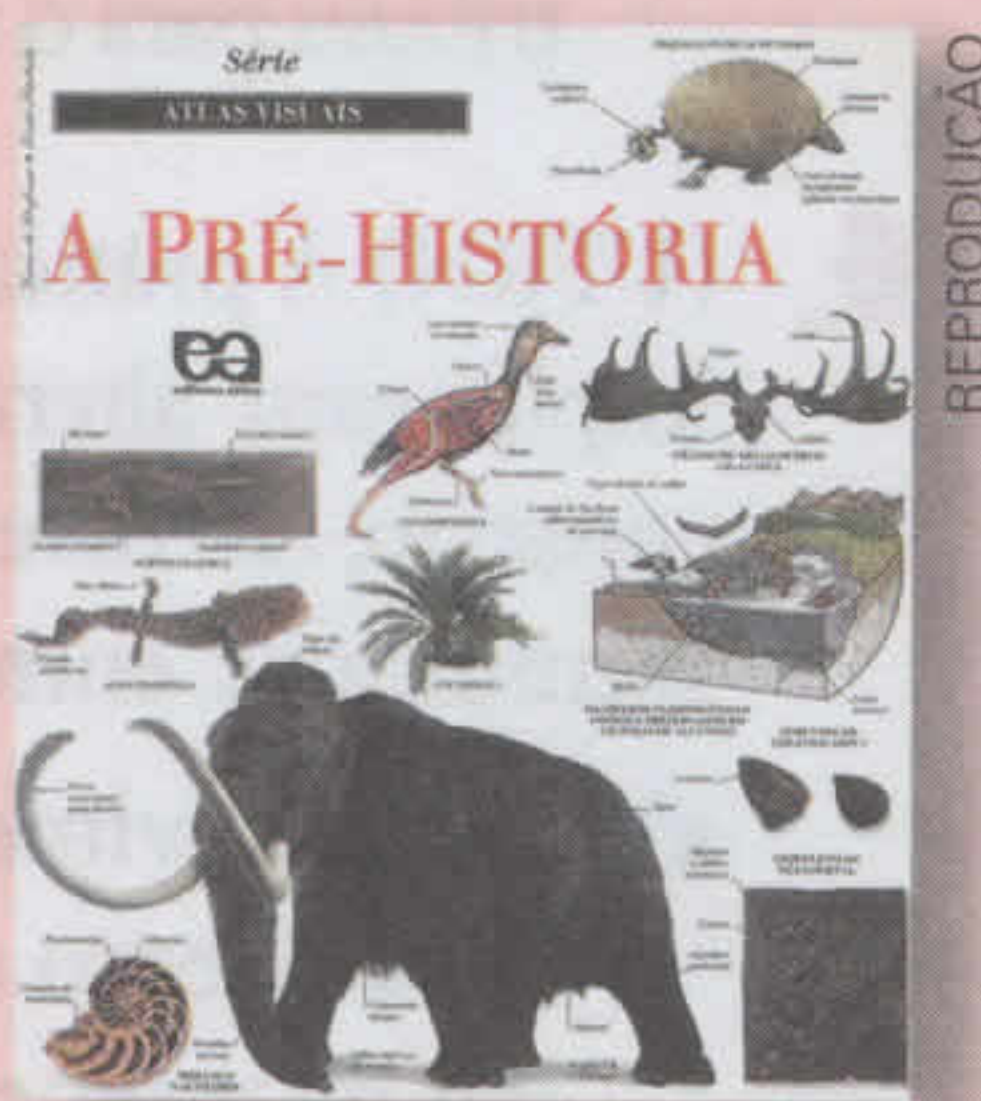
**9** (Uece) Com o termo “Pré-história” convencionalmente indica-se o período que precede à invenção da escrita. É correto afirmar que a Pré-história trata

- a) de um breve período da trajetória da humanidade.
- b) única e exclusivamente dos primeiros hominídeos.
- c) de uma fase em que não há presença humana no planeta.
- d) do maior período da história humana no planeta.

## Ampliando o conhecimento

### Leituras

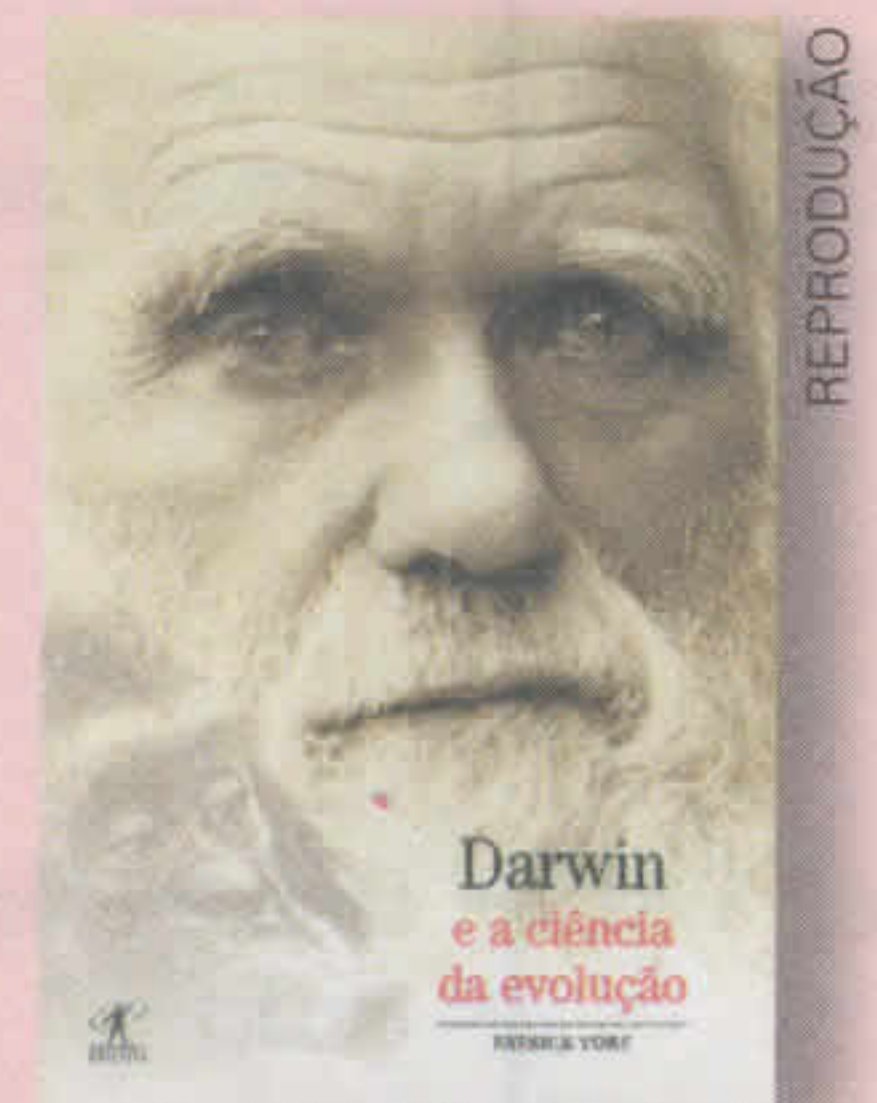
*A Pré-história*. São Paulo: Ática, 1996. (Coleção Atlas Visuais) Livro ilustrado da vida pré-histórica. Aborda o desenvolvimento de plantas e animais, dos mais primitivos ao ser humano.



RODRIGUES, Rosicler Martins. *O homem na Pré-história*. São Paulo: Moderna, 2003. (Coleção Desafios) Livro que une narrativa e ilustrações para recriar a vida na Pré-história. A autora percorre um caminho de milhões de anos para contar a história de nossa espécie.

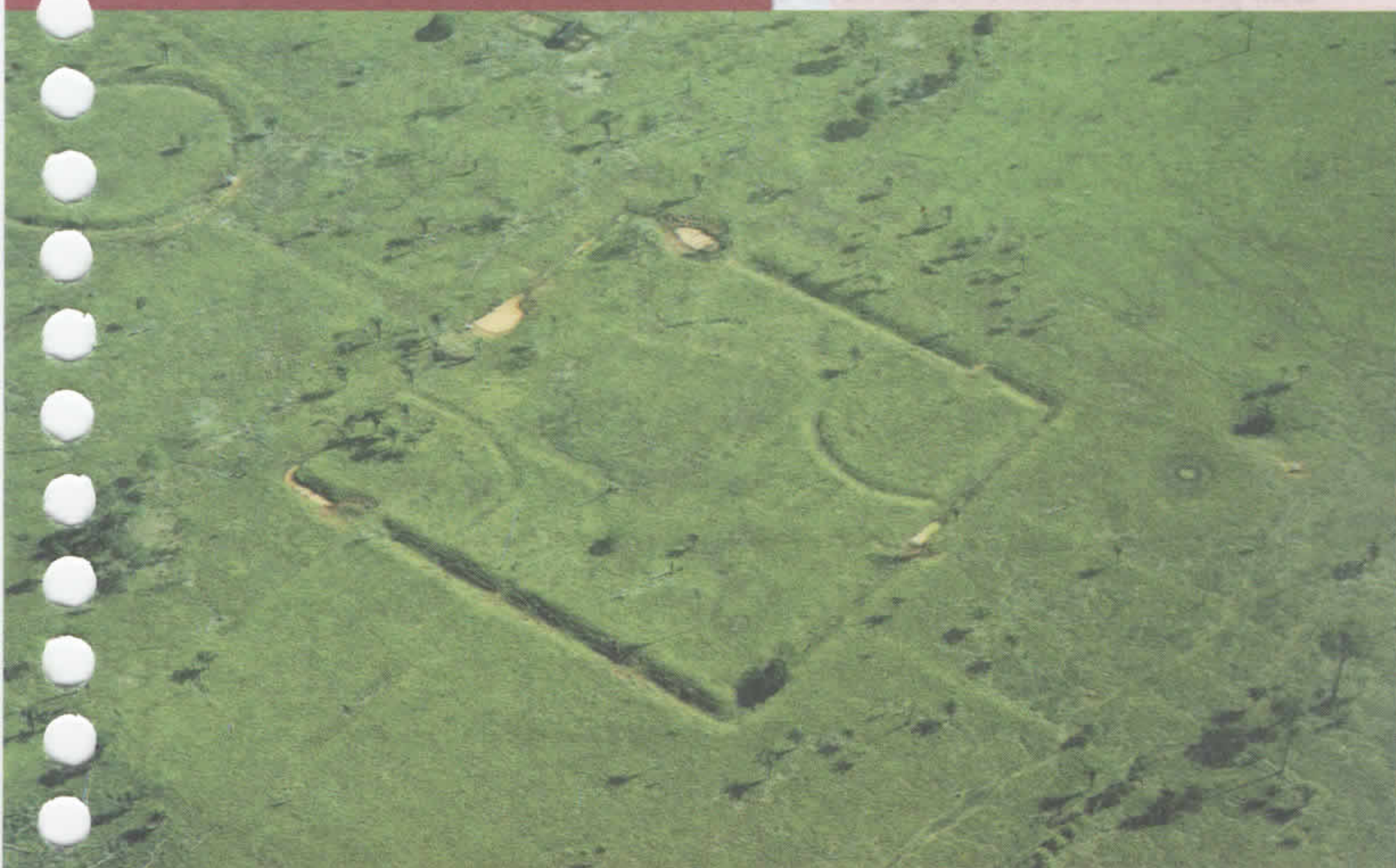
TORT, Patrick. *Darwin e a ciência da evolução*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.

O livro aborda a vida e a obra do naturalista britânico Charles Darwin. Ricamente documentado e ilustrado, o livro é um convite para conhecer melhor a teoria desenvolvida por Darwin e o ambiente social e cultural em que vivia o estudioso.



# A identidade do homem americano

## Novos estudos sobre a antiga civilização amazônica



MARCOS VICENTINI/FOLHA IMAGEM

“Gigantescas trincheiras cavadas na terra na região do Acre reforçam a hipótese de que a Amazônia abrigava sociedades desenvolvidas antes da chegada dos colonizadores. As estruturas, feitas entre o início da era cristã e o ano de 1300, formavam espaços geométricos precisos conectados por estradas retas e perpendiculares a eles. O estudo das figuras encontradas, chamadas geoglifos, foi publicado na última edição da revista *Antiquity* por pesquisadores da Universidade Federal do Pará (UFPA), Universidade Federal do Acre e Instituto Iberoamericano da Finlândia.

As esculturas geométricas têm, em média, entre 90 e 350 metros de diâmetro e são formadas por sulcos com 11 metros de largura e um a três metros de profundidade. Por terem dimensões tão grandes, os geoglifos são vistos melhor do alto, por meio de sobrevoo, por exemplo. Para o estudo, além da pesquisa em campo, foram usadas imagens [de um] programa que disponibiliza fotos de satélite de vários pontos da Terra e do Universo.

A análise em laboratório de uma amostra de carbono coletada em um dos geoglifos indica a provável data em que ele foi construído: 1283 depois de Cristo. Os pesquisadores acreditam que outros podem ter sido feitos na

mesma data. Mas há também estruturas que remontam a 2 mil anos atrás. Segundo eles, as áreas delimitadas pelos geoglifos podem ter sido fortalezas ou centros cerimoniais.”

OLIVEIRA, Raquel. Civilização complexa na Amazônia pré-colombiana. In: *Instituto Ciência Hoje*, 20 jan. 2010. Disponível em <<http://cienciahoje.uol.com.br>>. Acesso em fev. 2010.

Fonte: *Atlas geográfico escolar*. 3. ed. São Paulo: IBGE, 2006. p. 90.

Geoglifos encontrados no Acre a partir da década de 1970, após a derrubada de parte da floresta amazônica. Foto de 2007. Os geoglifos são estruturas geométricas gigantes, com diâmetros que variam de 90 a 350 metros.

FERNANDO JOSÉ FERREIRA



## ▶ A origem do homem americano

Os estudos sobre a origem do homem americano são marcados por debates acalorados entre membros da comunidade científica internacional. Pesquisas arqueológicas, biológicas e paleontológicas têm acrescentado novas informações ao que sabemos sobre o início da aventura humana na América.

Inicialmente, especulava-se que o homem americano era autóctone, ou seja, teria surgido no próprio continente, tese muito contestada porque até agora não se encontrou na América nenhum fóssil de homínido que não fosse de *Homo sapiens*.

Outra hipótese tradicional é defendida por estudiosos do sítio arqueológico de Clóvis, situado no estado norte-americano do Novo México, que afirmam ser a região a mais antiga em vestígios humanos, com 11.500 anos. Para eles, ao final da última Era do Gelo (que ocorreu entre 100 e 9 mil anos atrás) o nível da água dos mares estava tão baixo por causa da glaciação que fez emergir uma faixa de terra ligando a Sibéria ao Alasca, por onde teriam atravessado grupos humanos oriundos da Mongólia e da Sibéria (Ásia).

No entanto, desde o final da década de 1990, o modelo Clóvis foi bastante questionado quando novas descobertas arqueológicas, no sul do Chile, demonstraram que o ser humano ocupava a região havia pelo menos 14,5 mil anos. Tal descoberta causou grande impacto no meio científico.

Certos especialistas, como o pesquisador Walter Neves, da Universidade de São Paulo (USP), defendem que teria havido dois fluxos principais de migrações para a América, através do Estreito de Bering: o primeiro, ocorrido há aproximadamente 14,5 mil anos, era composto por indivíduos que apresentavam características parecidas com a de africanos e aborígenes australianos. O segundo, ocorrido por volta de 11 mil anos, era composto por indivíduos de origem asiática.

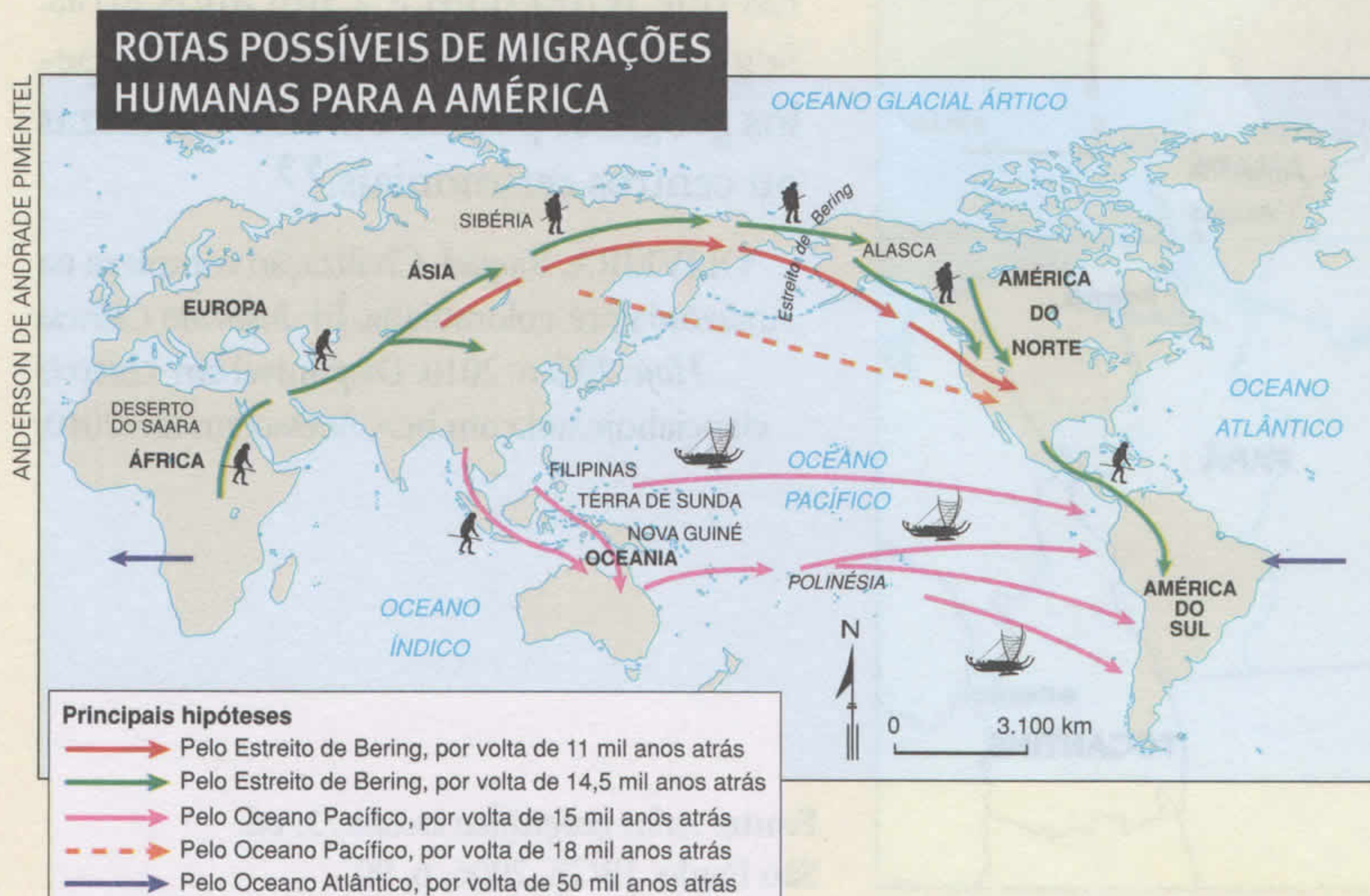
Outro grupo de cientistas acredita que durante a última glaciação, há cerca de 18 mil anos, o tamanho das geleiras entre a Sibéria e a América impossibilitaria a passagem pelo Estreito de Bering, o que os teria feito vir pelo Oceano Pacífico. Alguns cientistas discordam da origem asiática e sustentam que o homem americano teria origem africana e polinésia e teria chegado à América pelo Oceano Pacífico, há 15 mil anos.

A arqueóloga brasileira Niède Guidon, em estudos realizados no município de São Raimundo Nonato, no Piauí, encontrou artefatos e restos de fogueiras de mais de 33 mil anos. A pesquisadora acredita que o homem chegou à América há pelo menos 50 mil anos, vindo da África pelo Oceano Atlântico. No entanto, ainda não foram encontradas evidências fósseis de *Homo sapiens* com essa idade.

A teoria de Guidon acirrou os debates entre os membros da comunidade científica. É importante lembrar que as discussões sobre o tema sofrem constantes reviravoltas, já que o aparecimento de novas evidências arqueológicas, associadas a estudos genéticos, acrescenta dados importantes ao que se sabe sobre a origem do homem americano.

### Análise o documento

#### Teorias do povoamento da América



#### Questão

- Observando o mapa, aponte os elementos que permitiram aos pesquisadores traçar as possíveis rotas de migrações humanas para a América.

Fonte: *Atlas histórico escolar*. Rio de Janeiro: FAE, 1980. p. 43; *Revista Nossa história*, n. 22. São Paulo: Vera Cruz, agosto 2005. p. 17.



## ► Os primeiros brasileiros

Os ancestrais humanos deixaram grande quantidade de vestígios por onde passaram. Esses lugares, conhecidos como sítios arqueológicos, foram encontrados na Ásia, Oceania, Europa e nas Américas. Os sítios arqueológicos revelam hábitos, costumes, alimentação e crenças desses homens e mulheres.

Até o final dos anos 1990, especialistas acreditavam na hipótese do modelo Clóvis. Mas pesquisas realizadas em outros sítios arqueológicos americanos encontraram indícios de um povoamento anterior, inclusive no Brasil.

Entre 1834 e 1844, o naturalista dinamarquês Peter Lund descobriu em grutas de Lagoa Santa (MG) os primeiros fósseis humanos no Brasil. Datados em cerca de 11 mil anos, os esqueletos ficaram conhecidos como fósseis do Homem de Lagoa Santa.

Em 1975, nessa mesma região, pesquisadores desenterraram restos fósseis de um ser humano, posteriormente guardados no Museu Nacional, na cidade do Rio de Janeiro. Em 1999, o arqueólogo Walter Neves estudou o fóssil e concluiu que o crânio, de aproximadamente 11.500 anos, era feminino e tinha feições negroides. O resultado da reconstituição do rosto de Luzia, nome dado ao fóssil, demonstrou que ela se parece mais com os habitantes de algumas regiões da África e da Oceania.

## ► Sítios arqueológicos no Brasil

Além de Lagoa Santa, o Brasil possui outros sítios arqueológicos, de enorme riqueza, como os do Parque Nacional Serra da Capivara, criado em 1979 e tombado em 1991 pela Unesco como Patrimônio Mundial da Humanidade. O parque fica no município de São Raimundo Nonato, no Piauí.

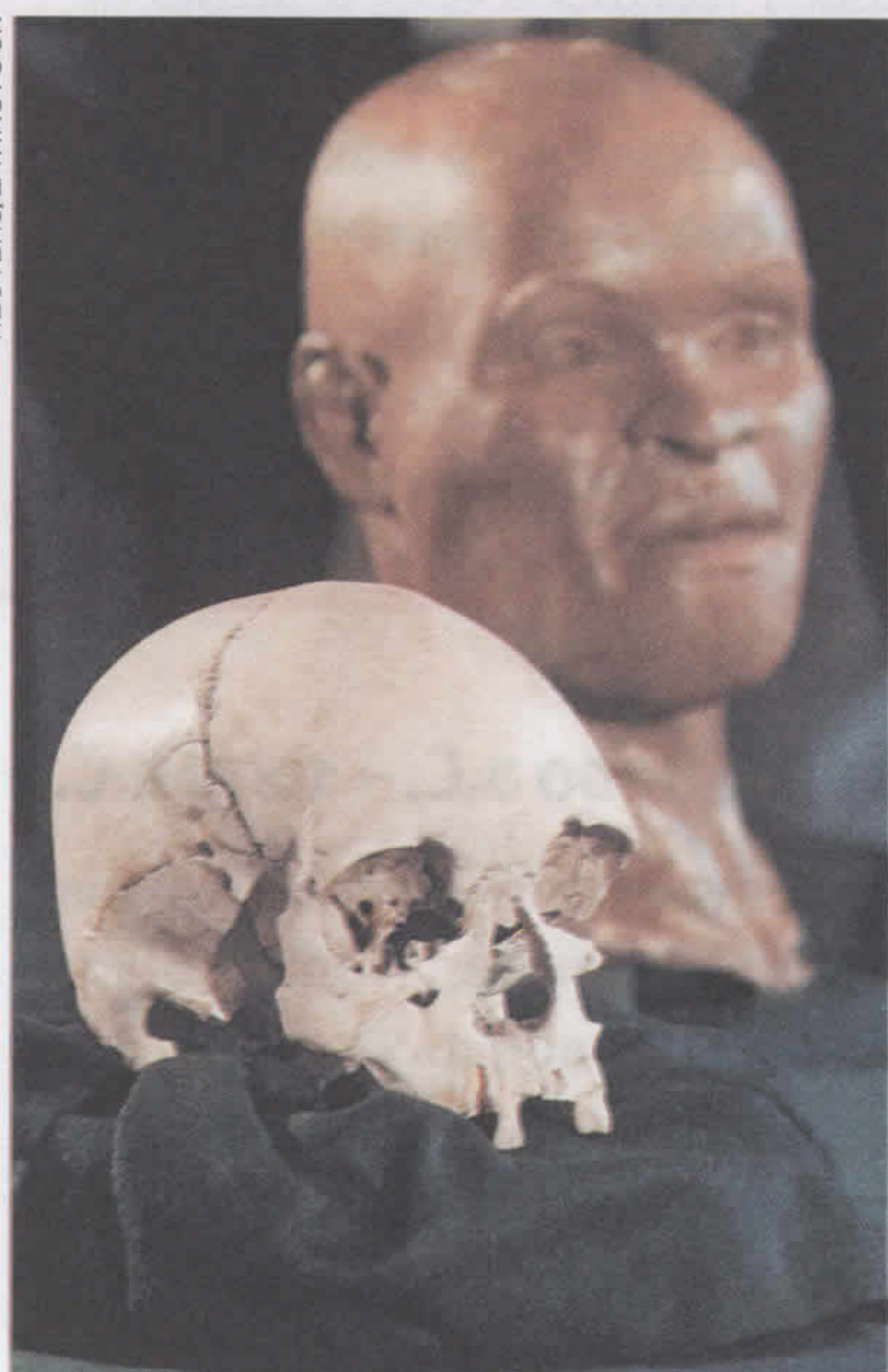


Fonte: HETZEL, Bia; NEGREIROS, Silvia (org.). *Pré-história do Brasil*. Rio de Janeiro: Manati, 2007. p. 22.

Pesquisas dirigidas pelos arqueólogos Niède Guidon e Fábio Parente revelaram a existência na região de mais de 250 sítios arqueológicos, com um acervo que inclui 30 mil pinturas rupestres. As figuras — signos, objetos, animais e pessoas — estão bem conservadas graças à aridez do clima e à dificuldade de acesso ao local. Segundo Guidon, as pinturas foram datadas em pelo menos 20 mil anos e os restos de fogueiras encontrados nos sítios em mais de 50 mil anos.

A Amazônia também é pródiga em vestígios arqueológicos. Na década de 1990, a arqueóloga norte-americana Anna Roosevelt descobriu pinturas rupestres na caverna da Pedra Pintada (PA) com mais de 11 mil anos e sítios com peças de cerâmica que datam de aproximadamente 9 mil anos. Em 2003, a arqueóloga Edithe Pereira apresentou o resultado de um amplo mapeamento na região amazônica, apontando a existência de 111 sítios arqueológicos em que se encontra vasto patrimônio de arte rupestre.

No primeiro plano, crânio de Luzia. No segundo plano, reconstituição de seu rosto. O nome Luzia é um paralelo com Lucy, um dos mais antigos esqueletos humanos já descobertos, que viveu há cerca de 3 milhões de anos. O fóssil recebeu esse nome porque, no momento de sua descoberta, os arqueólogos ouviam a música Lucy in the sky with diamonds, dos Beatles.



## ▶ A Pré-história americana

A periodização da Pré-história americana é diferente da empregada no Velho Mundo. Para facilitar a compreensão desse período, adotamos nesta obra a divisão utilizada por certos especialistas em arqueologia americana: período Lítico, período Arcaico e período Formativo. Essa divisão leva em conta características cronológicas e tecnológicas. É importante lembrar que a Pré-história americana abrange milhares de anos e se estende por uma vasta área. A categorização da Pré-história em três fases distintas é apenas uma ferramenta facilitadora dos estudos a respeito do período.

### ▶ O período Lítico (até 8000 a.C.)

Este período é caracterizado pela existência de grupos de caçadores-coletores. Os vestígios deixados por esses homens mostram que viviam em pequenos grupos, em grandes espaços abertos, e se dedicavam à caça de grandes mamíferos e à coleta de sementes, frutas e raízes. Restos de fogueira encontrados por pesquisadores indicam que utilizavam fogo para cozinhar alimentos, proteger-se do frio e de outros animais.

No sítio arqueológico de Monte Verde, no Chile, localizado em um terreno alagado com água parada e de pouca profundidade, pesquisadores encontraram artefatos de madeira, plantas medicinais, ferramentas, pedaços de carne e ossos de mastodontes, além de pegadas humanas. Graças à formação da turfa, material constituído de restos de vegetais em decomposição em regiões pantanosas, os fósseis foram preservados. Estima-se que esses fósseis tenham datação entre 13.500 e 11.800 anos.



Pintura rupestre em paredão no Parque Nacional Serra Capivara, localizado no Piauí. Foto de 2000.

## A extinção da megafauna americana



Ilustração atual representando uma preguiça-gigante. Sem escala. Cores-fantasia.

“No continente americano, viviam animais gigantes, conhecidos como megafauna, como é o caso das preguiças-gigantes e dos glip-todontes, no território brasileiro. Por que eles desapareceram? [...] No caso da América, acreditamos que pode ter ocorrido uma confluência de três fatores, pois houve, efetivamente, mudança climática, [aumento da temperatura] com a diminuição da área dos campos e cerrados – os *habitats* originais desses grandes animais – concomitantemente à expansão da ocupação humana, que pode tanto ter espalhado doenças como extinguido o número desses animais por meio das caçadas. Segundo alguns estudos realizados com o auxílio de simulação com modelos computacionais, em apenas mil anos a caça excessiva seria suficiente para acabar com algumas espécies de animais.”

FUNARI, Pedro Paulo; NOELLI, Francisco Silva.  
*Pré-história do Brasil*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2006.  
p. 56. (Coleção Repensando a história)

### ▶ O período Arcaico (8000 a.C. – 1000 a.C.)

Nesse período desenvolveram-se culturas mais sofisticadas de caçadores-coletores, com destaque para a exploração de recursos aquáticos, como atestam os depósitos de conchas encontrados. Supõe-se que usavam a carne de lobos-marinhos para a alimentação e a pele para construir embarcações e confeccionar agasalhos.

## Os povos dos sambaquis

Há cerca de 10 mil anos, com a elevação da temperatura e do nível dos oceanos, os primeiros habitantes da América mudaram-se para o litoral em busca de alimentação abundante. Mantiveram as atividades de caça e de coleta de frutos silvestres, raízes e sementes, mas passaram a consumir especialmente moluscos e crustáceos. Um dos registros mais impressionantes da existência desses homens são os **sambaquis**. Esses povos viveram há cerca de 2 mil anos na região costeira do Brasil, quando, acredita-se, foram aculturados por povos tupis.

Os sambaquis foram construídos com fragmentos de conchas e ossos de peixes, que eram depositados uns sobre os outros ao longo de várias gerações. Arqueólogos encontraram nos sambaquis importantes vestígios da presença humana, como moradias, esculturas em pedra, colares, fogueiras, restos de alimentos e recipientes de barro não cozido. Pesquisadores acreditam que os sambaquis podem ter sido utilizados para a prática de rituais e como monumentos funerários.

Os maiores sambaquis brasileiros encontram-se no Estado de Santa Catarina, onde chegam a atingir 30 metros de altura e 400 metros de comprimento.

Alguns sambaquis do país foram declarados patrimônio cultural e tombados pelo governo federal. Porém, essas ações não garantem a integridade desses sítios. Muitos sambaquis foram destruídos para a obtenção de cal, utilizada na construção civil e nas atividades industriais. Programas de educação patrimonial e de conscientização da população que vive nas regiões onde ainda existem sambaquis tentam frear a destruição desse admirável registro da ocupação do litoral americano.

## O período Formativo (1000 a.C. – 500 d.C.)

Pesquisas apontam que a Revolução Neolítica em algumas zonas do México, da América Central, da Amazônia e dos Andes teve início entre 5000 e 4000 a.C., em um processo semelhante ao ocorrido no continente europeu, mas cronologicamente posterior. Essa fase caracterizou-se pela coleta sistemática de vegetais; sedentarização e urbanismo incipiente; confecção de cerâmica, cestaria, tecidos e artefatos de pedra associados à agricultura.

A economia agrícola americana, consolidada entre 3000 e 1000 a.C., caracterizou-se especialmente pelo aproveitamento das espécies vegetais autóctones (milho, batata, abóbora, cacau, mandioca, girassol e outras), graças a técnicas como irrigação, cultivo em terraços escalonados e fertilização. Também há indícios da criação de lhamas e alpacas, membros andinos da família dos camelos.

Na América do Sul, além das culturas andinas, destacaram-se as culturas que surgiram na Ilha de Marajó, os caraíbas, tupis e guaranis, encontrados do Orinoco às regiões meridionais, e os araucanos do Chile e do norte da Argentina.

### Lembre-se!

- Não se sabe ao certo qual é a origem do homem americano. Uma das teorias mais recentes sobre o tema é a de que teria havido sucessivas levas de migração através do Estreito de Bering. Mas não existe consenso sobre o tema, e o assunto ainda é debatido por especialistas de todo o mundo.
- Os primeiros homens que viveram na América eram nômades, viviam da caça e da coleta, constituíram pequenos grupos e conseguiram se adaptar relativamente bem aos diferentes tipos de vegetação e clima americanos.
- Em diversas regiões do litoral do continente encontram-se os sambaquis, preciosos registros da vida que esses homens levavam. Os sambaquis mostram hábitos, costumes, alimentação e crenças desses grupos.
- A prática da agricultura teve início na América por volta de 5000 a.C. e levou à sedentarização e ao início de outras atividades, como a cerâmica, a tecelagem e a confecção de artefatos para a agricultura. A agricultura também favoreceu o surgimento de sociedades mais complexas.

DANIEL CONZI/TEMPO EDITORIAL



Vista do sítio arqueológico Sambaqui de Garopaba do Sul, em Jaguaruna, Santa Catarina. Foto de 2004.

## A antropologia biológica

A antropologia biológica é uma ciência que ajuda os arqueólogos a obterem preciosas informações sobre os primeiros hominídeos que viveram na Terra.

“Se perguntarmos ao arqueólogo qual vestígio o coloca mais próximo do passado, sem dúvida a resposta será: os esqueletos humanos. Retirar esqueletos da terra durante as escavações e, depois, estudá-los cuidadosamente em laboratório faz com que o pesquisador lide com os restos das próprias pessoas que procura entender. E para isto existe a chamada antropologia biológica, que se volta ao estudo das características biológicas, evolutivas e adaptativas do homem. [...]

Por exemplo, a definição do sexo de um indivíduo sepultado é obtida a partir da distinção que existe em uma determinada porção do esqueleto: a pélvis (ou bacia). Os homens apresentam a pélvis menos dilatada do que as mulheres. Afinal, são elas quem carregam por nove meses os bebês em gestação e depois dão à luz. [...]

Para definir a idade de um esqueleto existem diferentes indicadores. Um deles é a análise da presença ou substituição dos dentes de leite e dos permanentes na arcada dentária. Outro indicador é o fechamento da calota craniana, que na criança é aberta, fundindo-se e enrijecendo-se com o passar do tempo. [...]

Além de conhecer a idade, a altura e o sexo, pode-se calcular a expectativa de vida de uma população, ou seja, a idade estimada que as pessoas alcançavam. Em algumas sociedades a mulher tem menor expectativa de vida, devido a complicações derivadas da gravidez e do parto. Já em tempos de guerra, é compreensível que a expectativa de vida da população masculina seja menor.

Esses estudos demográficos fornecem informações a respeito do tamanho da população tratada, taxas de nascimento e óbito, índices de crescimento e densidade populacional numa região. Porém, esses estudos exigem sofisticados programas estatísticos, já que os restos humanos são bastante frágeis à conservação, não suportando mudanças de clima ou a umidade do solo, representando apenas parcela de uma população. [...]

Um ramo da antropologia biológica (a paleopatologia) se dedica à origem, frequência, dispersão e tipos de doenças nas populações antigas.

Analisando os esqueletos, o pesquisador identifica várias anomalias, que podem ter sido causadas por doenças infecciosas, hormonais, nutricionais, metabólicas, tumores, *stress* mecânico ou inflamação dos tecidos moles. Porém somente algumas doenças deixam marcas evidentes nos ossos, como a lepra, o câncer, a polio, a sífilis, a artrite e a osteoporose. Nas fezes fossilizadas e preservadas (coprólitos), os estudiosos obtêm informações detalhadas sobre parasitas intestinais. [...]

E como teria sido a alimentação dos nossos antepassados? [...] Algumas marcas permitem avaliar a questão: ossos mais finos podem indicar uma dieta não adequada, assim como uma tendência para diminuir a altura das pessoas. A saúde dos dentes também é afetada, havendo uma incidência de cáries muito maior em populações que desenvolveram o cultivo do que em grupos apenas caçadores e coletores. Isto porque os produtos cultivados provocam fermentação de açúcares e, com isto, a formação de placa bacteriana, resultando em dentes cariados.”

Arqueologia da morte. *Instituto Itaú Cultural*.

Disponível em <[www.itaucultural.org.br](http://www.itaucultural.org.br)>.

Acesso em jan. 2009.

### Compreendendo o texto

#### ▶ Registre em seu caderno

1. Sintetize o conceito de antropologia biológica, apresentando exemplos de como essa área do conhecimento realiza seus estudos.
2. Liste algumas informações que podem ser obtidas com base no estudo de esqueletos humanos.
3. Explique por que os estudos feitos por esses cientistas são muito importantes para o conhecimento do período conhecido como Pré-história.

Registre em seu caderno

## EXPLORANDO O CONHECIMENTO

- 1 Para facilitar a compreensão da Pré-história do continente americano pesquisadores adotaram as nomenclaturas período Lítico e período Formativo para caracterizar duas fases diferentes do desenvolvimento humano. Apresente as principais características das atividades dos homens nas duas fases.
- 2 Defina a expressão sítio arqueológico.
- 3 Que tipos de imagens predominam nos sítios arqueológicos de São Raimundo Nonato? Qual é a idade das pinturas e restos de fogueiras encontrados nesses sítios? Destaque os reflexos das datações de São Raimundo Nonato sobre as teorias referentes à presença humana na América.
- 4 Depois de medir e analisar crânios de diferentes grupos primitivos — entre eles o de Luzia —, os cientistas desfezeram mais uma certeza: a de que os primeiros habitantes da América tinham as mesmas características físicas, pois possuíam a mesma origem. Como se vê, Luzia trouxe novas respostas... Mas também novas perguntas! Forme um grupo de estudo e organize uma lista de hipóteses sobre as diferentes origens do homem americano. Observe o mapa da página 46 para auxiliar na elaboração das hipóteses.

## ANÁLISE DAS FONTES

- 5 Compare os mapas das páginas 46 e 47. A hipótese da arqueóloga Niède Guidon para a chegada do homem à América é plausível? No momento, o que inviabiliza a completa validação de sua tese?
- 6 Releia o texto complementar *A antropologia biológica* na página 50. Que outras ciências além da antropologia biológica auxiliam o historiador em suas pesquisas?
- 7 Releia o texto do box *A extinção da megafauna americana* na página 48 e faça uma pesquisa sobre o assunto em livros, jornais, revistas e sites da internet. Reúna fontes que tragam diferentes teorias sobre o desaparecimento dos grandes animais que viviam no continente americano, durante a Pré-história. Organize o material e discuta com seus colegas sobre as hipóteses que vocês encontraram. Verifique também se entre essas teorias existe alguma semelhante à que aparece no box.

## A HISTÓRIA E O TEMPO PRESENTE

- 8 Comparando as imagens a seguir, identifique alguns elementos que demonstram as mudanças que ocorreram e vêm ocorrendo nas comunidades indígenas e produza um pequeno texto crítico, reunindo as observações feitas.



Índios da aldeia kapalalo usando computador, no Parque Indígena do Xingu, Mato Grosso, em 2009.



Pintura rupestre no Parque Nacional Serra da Capivara, em São Raimundo Nonato, Piauí, em foto de 1993.



Pintura O missionário, de Henrique Bernadelli, século XIX.

**9** Leia o trecho a seguir:

"A falta de políticas públicas para atender interesses dos povos indígenas e as disputas territoriais são as principais causas do aumento do número de índios assassinados no Brasil, assegura o vice-presidente do Conselho Indigenista Missionário (Cimi), Roberto Liebgott. De acordo com dados da instituição, 76 indígenas foram mortos no ano passado. [...]"

O vice-presidente do Cimi diz estar apreensivo com o crescimento da violência contra a população indígena e aponta falhas do governo que, segundo ele, não atende reivindicações das populações.

'O que nos preocupa é o fato de o governo não ter estruturado uma política indigenista no país de acordo com as necessidades e os anseios das populações indígenas. Nesse sentido, tem se intensificado a pressão sobre as áreas indígenas e conseqüentemente os conflitos que levam a assassinatos de inúmeras lideranças e de outras pessoas nas comunidades.'

Liebgott comentou a situação de Mato Grosso do Sul que registrou aproximadamente 60% dos índios assassinados no país. O número é seis vezes maior que o de Pernambuco, segundo colocado no índice de mortes."

ROCHA, Délcio. Falta de políticas e conflitos por terra determinam mortes de índios, avalia conselho. *Ambiente em foco*, 8 jan. 2008. Disponível em <[www.ambienteemfoco.com.br](http://www.ambienteemfoco.com.br)>. Acesso em jan. 2009.

A cultura indígena faz parte do patrimônio material e imaterial do continente americano. O desaparecimento de elementos culturais importantes e o descaso com o futuro dos grupos remanescentes são comprovados pelos inúmeros incidentes e massacres que envolvem essas comunidades.

- Em grupo, façam uma pesquisa sobre as heranças indígenas presentes na nossa cultura, como palavras, ritmos, mitos, hábitos alimentares, artesanato, entre outros.
- Escolham uma comunidade indígena e pesquisem quais suas condições de vida atualmente.
- Debatam em sala as informações obtidas na pesquisa.

**10** Recentemente, os meios de comunicação têm veiculado informações a respeito de uma grande mudança climática em curso no planeta. No entanto, essa não é a primeira vez que os seres humanos se deparam com alterações drásticas na temperatura da Terra.

- Como era o clima do planeta há cerca de 18 mil anos?
- Quais são as principais conseqüências do aquecimento global para o planeta hoje?
- Alguns ambientalistas defendem que o aquecimento global é um fenômeno natural, porém agravado pela ação humana. Levando em conta essa hipótese, que atitudes podemos tomar com o objetivo de evitar uma catástrofe ambiental relacionada à elevação da temperatura?

## Vestibular / ENEM

Registre em seu caderno

**1** (UFPE) O longo processo evolutivo, que se realizou na África, culminou com a aparição do homem na Terra (o chamado gênero *Homo*), a partir de um ancestral comum ao homem e aos macacos antropoides. O *Homo erectus* e o *Homo ergaster* migraram da África, há pelo menos um milhão de anos, e povoaram a Ásia. O *Homo antecessor* iniciou o povoamento da Europa, há 800 mil anos. Há 100 mil anos, o homem de Neanderthal ocupava também a Europa e a Ásia Menor. Todas essas espécies extingiram-se, restando apenas o *Homo sapiens* moderno, única espécie sobrevivente à qual todos pertencemos. Baseado nessas informações, analise as proposições a seguir.

- A América estava completamente despovoada quando Colombo ali chegou, pela primeira vez, descobrindo o chamado Novo Mundo.
- A América, antes dos descobrimentos dos espanhóis e portugueses, já estava povoada por numerosos grupos humanos de diferentes culturas,

embora todos pertencessem à mesma espécie humana, a do *Homo sapiens* moderno.

- Depois de povoar a Ásia, o *Homo erectus* conseguiu chegar também à América, faz meio milhão de anos.
- Os primeiros homens que povoaram a América chegaram desde a Ásia, através do Estreito de Bering.
- Os primeiros habitantes da América pertenciam a uma espécie humana hoje extinta.

Estão corretas apenas:

- 1 e 2
- 2 e 3
- 3 e 5
- 2 e 4
- 1 e 5

**2** (UFSC) Sobre a ocupação humana no continente americano, copie em seu caderno a afirmativa incorreta.

- Existem elementos que comprovam ter ocorrido há mais de 30 mil anos.

- b) Grupos nômades ocuparam o litoral atlântico.
- c) Grupos agricultores fixaram-se nos altiplanos andinos.
- d) Teorias comprovam a origem asiático-polinésia do homem americano.
- e) Teorias comprovam a origem autóctone do homem americano.

**3** (Enem-MEC) A pintura rupestre [abaixo], que é um patrimônio cultural brasileiro, expressa:



Toca da Entrada do Pajaú. Parque Nacional Serra da Capivara, Piauí. Disponível em: <[www.betocelli.com](http://www.betocelli.com)>.

- a) o conflito entre os povos indígenas e os europeus durante o processo de colonização do Brasil.
  - b) a organização social e política de um povo indígena e a hierarquia entre seus membros.
  - c) aspectos da vida cotidiana de grupos que viveram durante a chamada Pré-história do Brasil.
  - d) os rituais que envolvem sacrifícios de grandes dinossauros atualmente extintos.
  - e) a constante guerra entre diferentes grupos paleoíndios da América durante o período colonial.
- 4** (Ufscar-SP) "[...] Pré-história do Brasil compreende a existência de uma crescente variedade linguística, cultural e étnica, que acompanhou o crescimento demográfico das primeiras levas constituídas por poucas pessoas [...] que chegaram à região até alcançar muitos milhões de habitantes na época da chegada da frota de Cabral. [...] Não houve apenas um processo histórico, mas numerosos, distintos entre si, com múltiplas continuidades e descontinuidades, tantas quanto as etnias que se formaram constituindo ao longo dos últimos 30, 40, 50, 60 ou 70 mil longos anos de ocupação humana das Américas."

FUNARI, Pedro Paulo; NOELLI, Francisco Silva. *Pré-história do Brasil*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2006. (Coleção Repensando a história)

Considerando o texto, é correto afirmar que:

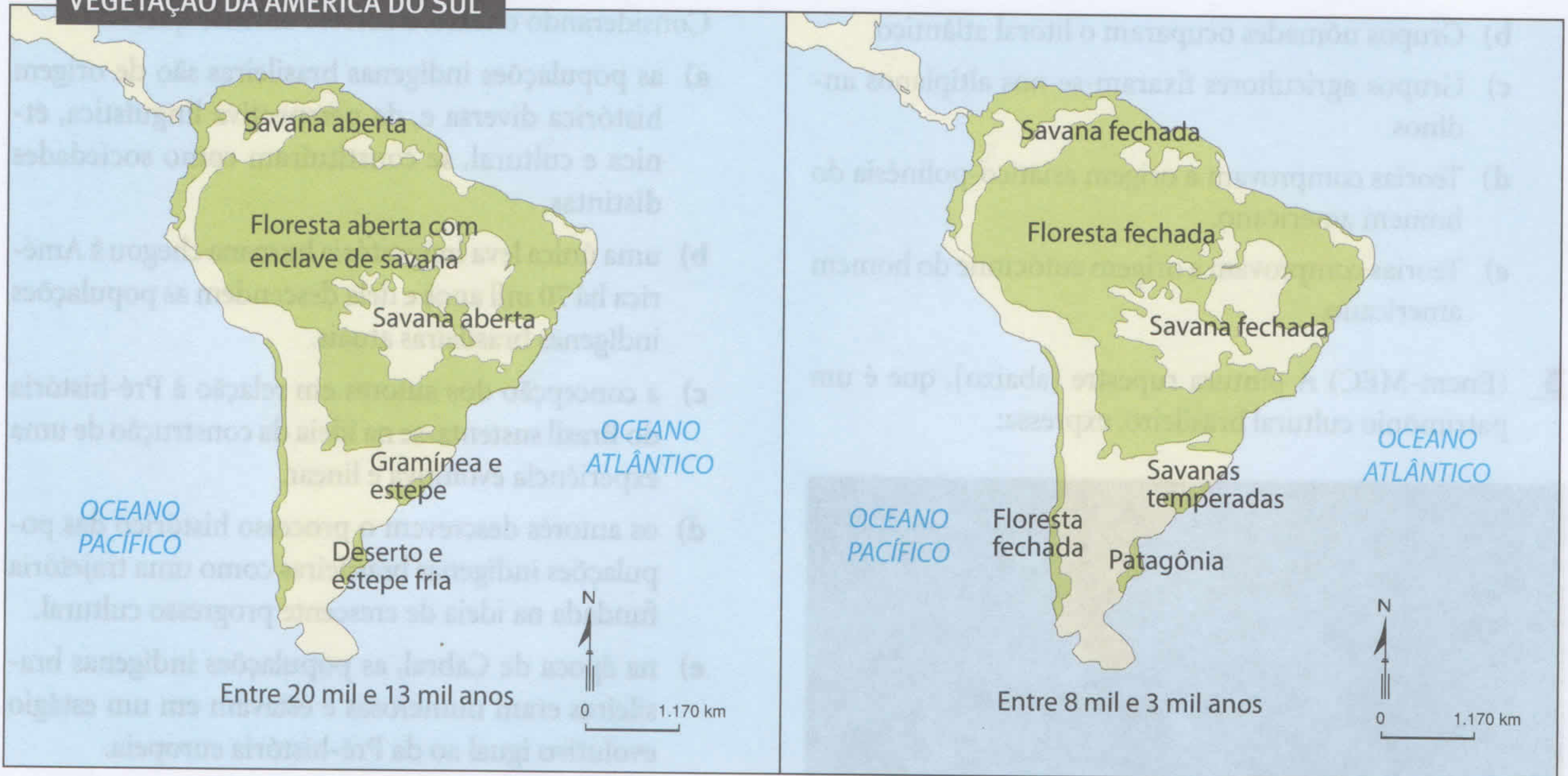
- a) as populações indígenas brasileiras são de origem histórica diversa e, da perspectiva linguística, étnica e cultural, se constituíram como sociedades distintas.
- b) uma única leva imigratória humana chegou à América há 70 mil anos e dela descendem as populações indígenas brasileiras atuais.
- c) a concepção dos autores em relação à Pré-história do Brasil sustenta-se na ideia da construção de uma experiência evolutiva e linear.
- d) os autores descrevem o processo histórico das populações indígenas brasileiras como uma trajetória fundada na ideia de crescente progresso cultural.
- e) na época de Cabral, as populações indígenas brasileiras eram numerosas e estavam em um estágio evolutivo igual ao da Pré-história europeia.

**5** (Enem-MEC) Segundo a explicação mais difundida sobre o povoamento da América, grupos asiáticos teriam chegado a esse continente pelo Estreito de Bering há 18 mil anos. A partir dessa região, localizada no extremo noroeste do continente americano, esses grupos e seus descendentes teriam migrado, pouco a pouco, para outras áreas, chegando até a porção sul do continente. Entretanto, por meio de estudos arqueológicos realizados no Parque Nacional Serra da Capivara (Piauí), foram descobertos vestígios da presença humana que teriam até 50 mil anos de idade.

Validadas, as provas materiais encontradas pelos arqueólogos no Piauí:

- a) comprovam que grupos de origem africana cruzaram o Oceano Atlântico até o Piauí há 18 mil anos.
  - b) confirmam que o homem surgiu primeiramente na América do Norte e, depois, povoou os outros continentes.
  - c) contestam a teoria de que o homem americano surgiu primeiro na América do Sul e, depois, cruzou o Estreito de Bering.
  - d) confirmam que grupos de origem asiática cruzaram o Estreito de Bering há 18 mil anos.
  - e) contestam a teoria de que o povoamento da América teria iniciado há 18 mil anos.
- 6** (Enem-MEC) Entre 8 mil e 3 mil anos atrás, ocorreu o desaparecimento de grandes mamíferos que viviam na América do Sul. Os mapas a seguir apresentam a vegetação dessa região antes e depois de uma grande mudança climática que tornou essa região mais quente e mais úmida.

## VEGETAÇÃO DA AMÉRICA DO SUL



Fonte: Pesquisa Fapesp, n. 98, 2004.

As hipóteses a seguir foram levantadas para explicar o desaparecimento dos grandes mamíferos na América do Sul.

- I Os seres humanos, que só puderam ocupar a América do Sul depois que o clima se tornou mais úmido, mataram os grandes animais.
- II Os maiores mamíferos atuais precisam de vastas áreas abertas para manterem o seu modo de vida, áreas essas que desapareceram da América do Sul com a mudança climática, o que pode ter provocado a extinção dos grandes mamíferos sul-americanos.

III A mudança climática foi desencadeada pela queda de um grande asteroide, que causou o desaparecimento dos grandes mamíferos e das aves.

É cientificamente aceitável o que se afirma:

- a) apenas em I.
- b) apenas em II.
- c) apenas em III.
- d) apenas em I e III.
- e) em I, II e III.

## Ampliando o conhecimento

### Leituras

AQUINO, Rubim Santos Leão de; CALADO, Ivanir; GAU, Marcelo. *Os primeiros brasileiros*. Rio de Janeiro: Record, 2000. (Coleção Aventura no tempo)

História de uma tribo pré-histórica, do tempo dos sambaquis, que luta contra a fome em sua migração para chegar ao território que viria ser o Brasil.

NEVES, Ana Maria Bergamin; HUMBERG, Flávia Rica. *Os povos da América: dos primeiros habitantes às primeiras civilizações urbanas*. São Paulo: Atual, 2003.

As autoras discutem as teorias sobre a origem do homem americano e traçam um panorama dos primeiros povos que habitaram o continente.

### Sites

#### Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo – MAE

<[www.mae.usp.br](http://www.mae.usp.br)>

O site conta com uma galeria virtual em que é possível visualizar alguns dos objetos expostos no museu. Textos informativos apresentam explicações sobre a Pré-história do continente americano.

#### Fundação Museu do Homem Americano – FUNDHAM

<[www.fundham.org.br](http://www.fundham.org.br)>

Página sobre os sítios arqueológicos localizados no Parque Nacional Serra da Capivara, no Piauí. São mais de 400 sítios, com vestígios de vida humana e da megafauna e flora americanas.



## A história da água e do homem

“Foi nas origens das primeiras sociedades que as ofertas de água doce exerceram um papel muitas vezes determinante na dinâmica da vida humana e no desenvolvimento técnico e material. Data de aproximadamente 3100 a.C. o surgimento da civilização suméria, na região banhada pelos rios irmãos Tigre e Eufrates, no atual Iraque.

Estes rios, através de seu regime de cheias e vazantes anuais, provê as terras adjacentes com matéria orgânica fertilizante. [...] Graças à abundância das colheitas eles obtinham mais alimento do que o necessário para a sobrevivência imediata. O armazenamento deste excedente dava aos sumérios algumas vantagens na época: a liberação de alguns indivíduos da lavoura para o trabalho com a arquitetura e a escrita. [...]

Há uma hipótese geral, no estudo das origens das diferentes sociedades, de que a produção de um excedente agrícola é necessária para que os agrupamentos humanos cresçam. [...] Os rios e suas dinâmicas anuais de cheias-vazantes propiciaram a fartura nas agriculturas nas sociedades suméria, acadiana e egípcia.”

A história do homem também é a história das águas. *Com ciência*, n. 13, 10 set. 2000. Disponível em <[www.comciencia.br](http://www.comciencia.br)>. Acesso em jan. 2009.

Vista da ponte sobre o Rio São Francisco, que liga as cidades de Juazeiro, no estado da Bahia, e Petrolina, em Pernambuco. Foto de 2005. O Rio São Francisco é utilizado por milhões de pessoas para navegação e gera energia elétrica para abastecer toda a região Nordeste e parte do estado de Minas Gerais.



EVARISTO SÁ/AF

Água é um recurso natural indispensável à vida humana. Cerca de 60% a 70% do nosso peso corpóreo é constituído de água, que, além de regular nossa temperatura interna, ainda é responsável por boa parte das funções do organismo. A água também é utilizada na geração de energia elétrica, na agricultura, na indústria e nas atividades cotidianas.

Contudo, apenas 3% da água do planeta é doce. A maior parte desse total concentra-se nos aquíferos, nas geleiras e calotas polares. Esses reservatórios localizam-se em regiões muito distantes dos centros consumidores, o que significa que a água doce realmente disponível representa apenas uma pequena parcela do total existente. A irregularidade na distribuição das chuvas, a poluição das fontes de água e o desperdício tendem a agravar a escassez desse recurso.

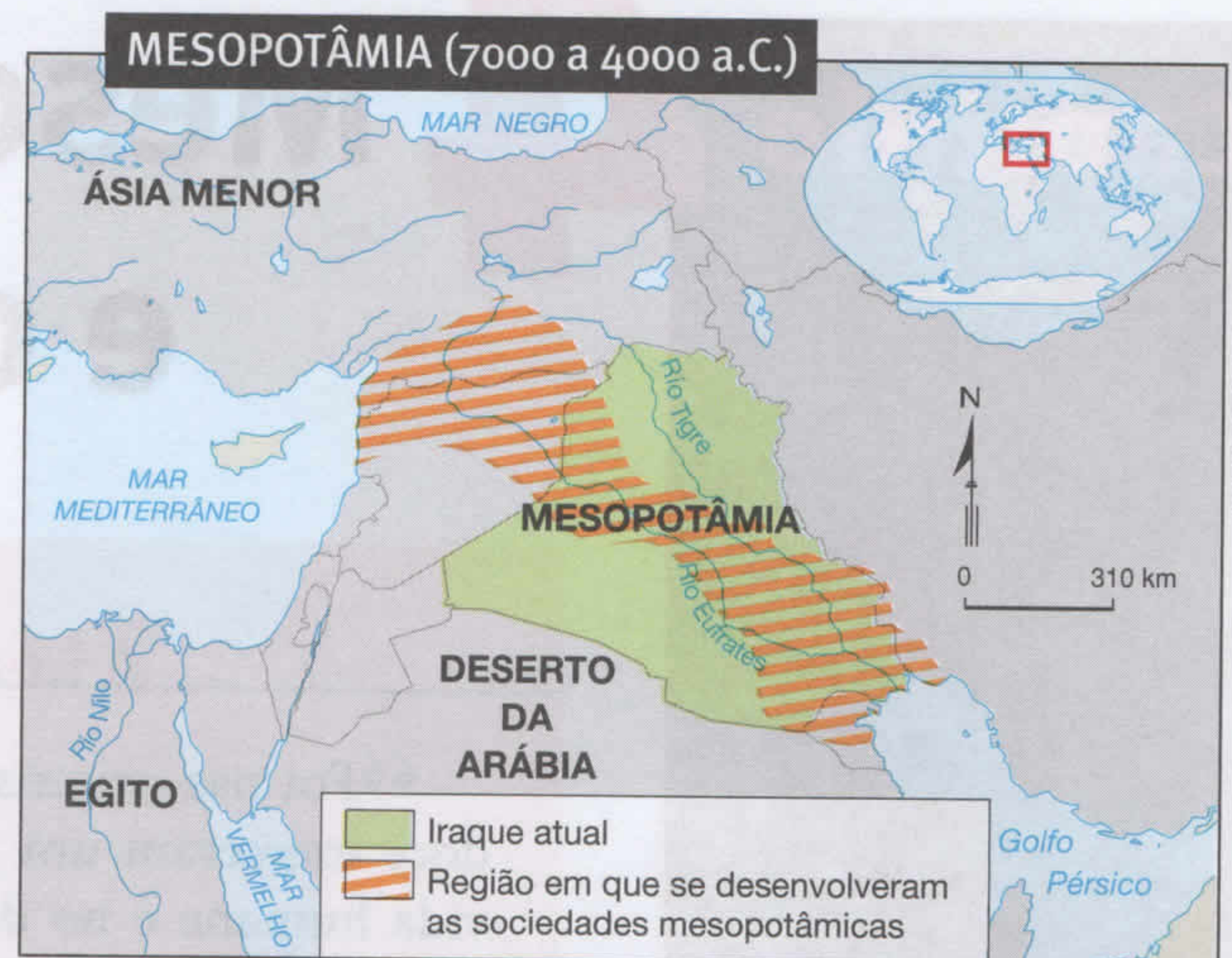
Hoje, estudiosos afirmam que em alguns anos a disputa de terras com maior disponibilidade de água doce levará países do Oriente Médio e da África a travar grandes conflitos. E foi justamente a necessidade de água que levou as primeiras civilizações a se estabelecer na região entre os rios Tigre e Eufrates, no Oriente Médio.

A antiga Mesopotâmia, a “região entre rios”, testemunhou a passagem pelo território dos povos sumérios, acadianos, assírios, babilônios, persas e os gregos de Alexandre. Essas civilizações da Antiguidade oriental nos deixaram muitas contribuições importantes, como os primeiros registros escritos, e as formas de medir o tempo e de determinar as estações do ano. Muitos elementos de sua cultura permanecem vivos até hoje.

## ► Mesopotâmia: terra entre rios

Localizada no Crescente Fértil, cercada por montanhas ao norte e desertos ao sul, esses elementos não impediram, ao longo da história da Mesopotâmia, as migrações de sociedades nômades. Atraídos pelas condições favoráveis à prática da agricultura, povos como sumérios, acádios, amoritas, assírios e caldeus migraram para essa área em diferentes épocas, entrando em conflito com os ocupantes anteriores — e sedentarizando-se com rapidez. Cada um desses povos dominou a Mesopotâmia em um determinado momento. Assim, as sucessivas invasões não favoreceram a formação de um império duradouro e unificado como no Egito.

Contudo, uma importante semelhança entre as sociedades mesopotâmica e egípcia é que ambas podem



Fonte: *Atlas histórico*. São Paulo: Encyclopaedia Britannica, 1997. p. 12.

ser consideradas as duas primeiras áreas civilizadas a surgir em vales fluviais inundáveis: o Vale do Nilo (Egito) e o vale entre o Tigre e o Eufrates (Mesopotâmia). Além disso, o trecho entre os dois rios mesopotâmicos foi a única região do Velho Mundo a chegar por si mesma a uma urbanização completa e aos aspectos variados daquilo que se convencionou chamar de **civilização**. Foi um longo processo, que vai do surgimento de aldeias sedentárias, por volta de 7000 a.C., à constituição de múltiplas cidades-Estado no sul mesopotâmico, no final do quarto milênio, antes da era cristã.

Antes que surgissem as cidades, já estava em curso uma crescente diferenciação social na Mesopotâmia. Os indivíduos ativos passaram a ser divididos de acordo com as atividades que exerciam, entre produtores de alimentos e especialistas. Os primeiros permaneceram nos centros urbanos e, aos poucos, constituíram um segmento detentor de prestígio, poder e riqueza. Os habitantes das aldeias passaram a depender das cidades para a sobrevivência, tornando-se tributários.

### Civilização

“Agregação de vastas populações em cidades; a diferenciação, nesses agrupamentos, de produtores primários (pescadores, agricultores etc.), especialistas em artesanato, mercadores, funcionários públicos, sacerdotes e governantes; uma concentração real do poder econômico e político; o uso de símbolos convencionais para registrar e transmitir informações (escrita), e padrões, igualmente convencionais, de pesos e medidas, de tempo e espaço.”

CHILDE, V. Gordon. *Social evolution*. London: Watts, 1951. Citado em *Dicionário de ciências sociais*. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1987. p. 190.

## ► Os povos mesopotâmicos

A região onde se desenvolveu a sociedade mesopotâmica costuma ser dividida entre Alta Mesopotâmia, parte norte montanhosa e menos fértil, e Média e Baixa Mesopotâmia, centro e sul do vale entre o Tigre e o Eufrates. O quadro geográfico e o clima semi-árido fazem lembrar o Egito; contudo, os dois rios principais não se assemelham ao Nilo. As enchentes do Tigre e do Eufrates são mais violentas, na maioria das vezes provocando inundações devastadoras. Várias dessas catástrofes inspiraram poemas sumerianos e babilônios como a *Epopéia de Gilgamesh* e o *Mito da criação*, que encontramos na *Bíblia*.

### ► Os sumérios e os acádios

A primeira sociedade a desenvolver uma civilização na Mesopotâmia foi a dos **sumérios**. No final do quarto milênio antes de Cristo, esse povo veio da Ásia central, através do Planalto do Irã, e fixou-se na Caldeia (Média e Baixa Mesopotâmia), na região que ficou conhecida como Súmer. Os sumérios construíram diques e canais para irrigar as áreas em que cultivavam árvores frutíferas e cereais. O excedente de alimentos permitiu que os sumérios se dedicassem a outras atividades, como o artesanato e o comércio. Também criaram a mais antiga forma de escrita, designada **escrita cuneiforme** por ser composta de caracteres em forma de cunha, gravados com um estilete em placas de argila mole, que depois eram secas ao sol ou em fornos para ganhar resistência (veja a foto abaixo). Essa escrita foi decifrada no século XIX,

a partir das pesquisas do alemão Georg Grotefend e do inglês Henry Rawlinson, permitindo o conhecimento da rica literatura mesopotâmica, que incluía textos religiosos, míticos, históricos, fábulas, provérbios e códigos de leis.

As primeiras grandes cidades sumérias foram erigidas por volta de 3000 a.C. A organização político-administrativa desse povo deu-se em torno de doze cidades-Estado, como Ur, Uruk, Nippur e Lagash, cada uma constituída por um núcleo urbano e as terras que o circundavam. O chefe de cada cidade-Estado era chamado de *Patesi*. Rei-sacerdote que acumulava funções religiosas e militares, desfrutando de poder absoluto, o *Patesi* controlava ainda as obras públicas, como a construção de canais, celeiros e templos. Vestígios dessas cidades guardam preciosos registros da arquitetura e da arte produzidas pelos sumérios.

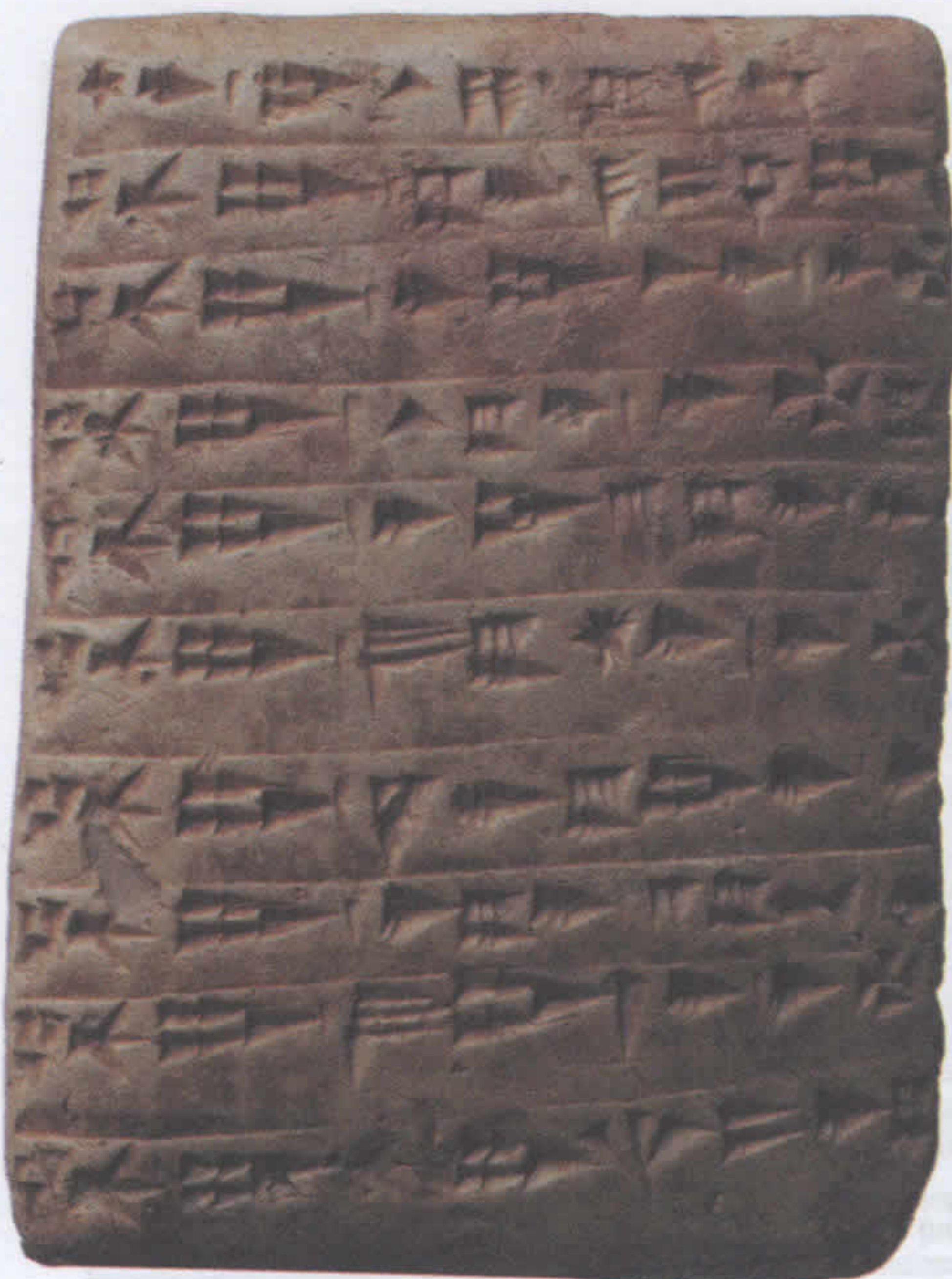
Independentes e rivais entre si, as cidades-Estado sumerianas viviam em guerra, disputando o controle central do território. Por volta de 2350 a.C., esses núcleos ficaram sob a influência de um povo de origem semita, os acádios, formando com eles o **Império Acádio** — o primeiro grande Estado a se constituir na Mesopotâmia. A língua suméria tornou-se, a partir daí, pouco conhecida, sendo utilizada apenas em alguns rituais religiosos.

### ► Os amoritas ou babilônios

Por volta de 1900 a.C., as regiões dos sumérios e acádios foram dominadas pelos amoritas, também de origem semita, que criaram o segundo império organizado na Mesopotâmia: o **Império Babilônico**.

Dentre os reis amoritas destacou-se Hamurábi (1728-1686 a.C.), que governou o império de forma centralizadora e autoritária, conquistando e unificando toda a Mesopotâmia. Durante seu governo, a cidade de Babilônia tornou-se um dos maiores centros comerciais da Antiguidade. Hamurábi ordenou que fossem reunidas em um código as principais leis criadas por soberanos predecessores, assim como as leis criadas pelo próprio Hamurábi. O rei percebeu que leis claras e coerentes teriam o efeito de unificar o império. O **Código de Hamurábi**, como ficou conhecido, possui 280 artigos e baseou-se na chamada *Lei de talião*. Gravado em um monumento de pedra medindo 2 metros de altura por 35 centímetros de largura, o Código de Hamurábi foi encontrado em 1902 e está exposto no Museu do Louvre, em Paris.

A morte de Hamurábi levou o império à decadência, motivada principalmente por novas ondas migratórias, como as dos cassitas e dos hititas.



Placa de argila com escrita cuneiforme de aproximadamente 1359 a.C., proveniente de Ugarit, Síria.

**Código de Hamurábi**

“53º – Se alguém é preguiçoso no ter em boa ordem o próprio dique e [...] em consequência se produz uma fenda no mesmo dique e os campos da aldeia são inundados d’água, aquele, em cujo dique se produziu a fenda, deverá ressarcir o trigo que ele fez perder. [...]”

129º – Se a esposa de alguém é encontrada em contato sexual com um outro, se deverá amar-los e lançá-los n’água, salvo se o marido perdoar à sua mulher e o rei a seu escravo. [...]”

218º – Se um médico trata alguém de uma grave ferida com a lanceta de bronze e o mata ou

lhe abre uma incisão com a lanceta de bronze e o olho fica perdido, se lhe deverão cortar as mãos.

219º – Se o médico trata o escravo de um liberto de uma ferida grave com a lanceta de bronze e o mata, deverá dar escravo por escravo. [...]”

229º – Se um arquiteto constrói para alguém e não o faz solidamente e a casa que ele construiu cai e fere de morte o proprietário, esse arquiteto deverá ser morto.”

Código de Hamurábi. Disponível em <www.culturabrasil.pro.br>. Acesso em jan. 2009.



**Questões**

1. A partir da leitura do documento, explique o que era a *Lei de talião*, cujos princípios estão expressos no Código de Hamurábi.
2. O que as leis representam para uma sociedade? Qual a importância desses registros para o historiador?

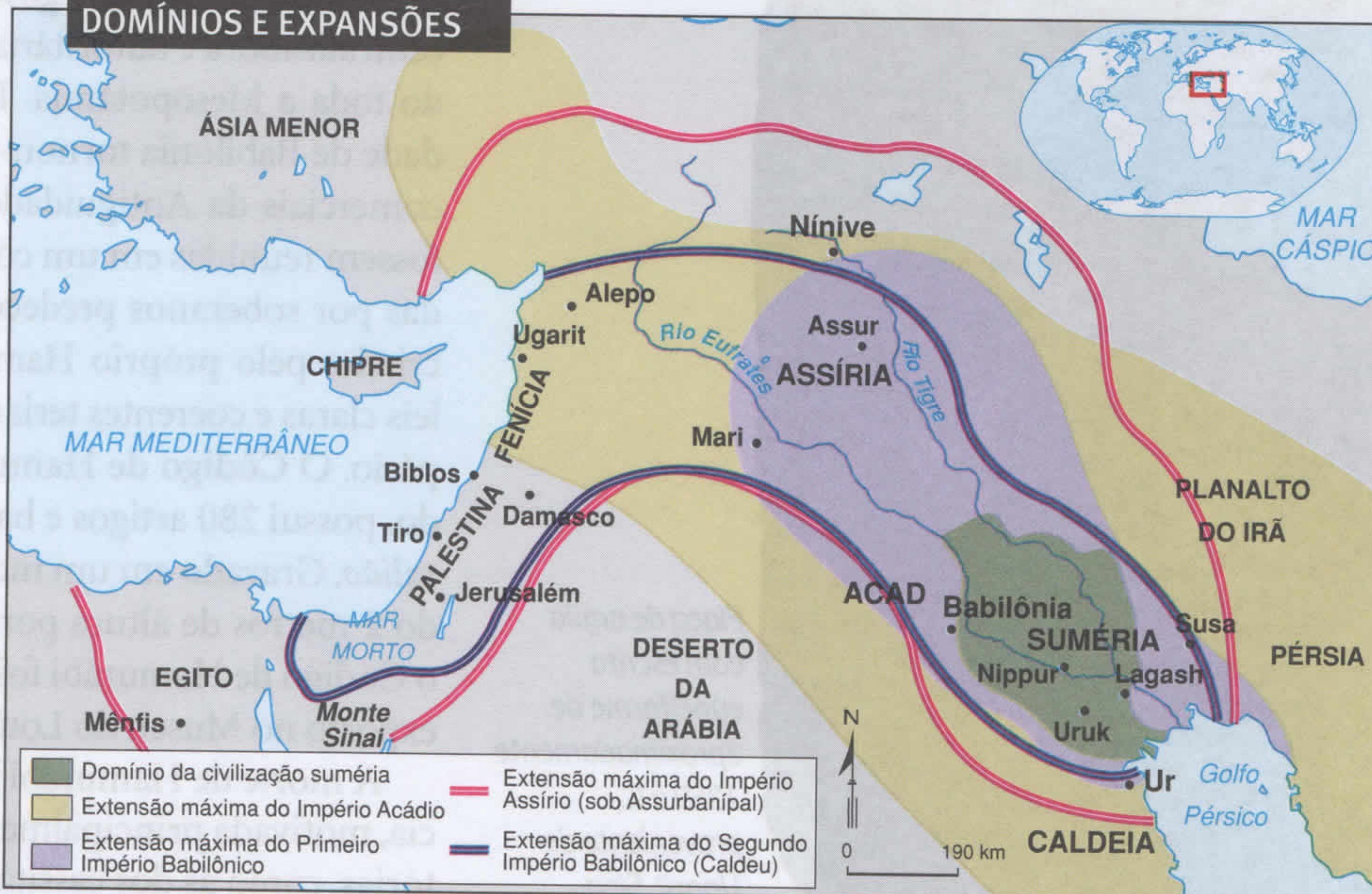
**Os assírios e os caldeus**

A partir de 1300 a.C. ocorreu a ascensão dos assírios, um povo que habitava o Planalto de Assur, no norte da Mesopotâmia. O local se tornou núcleo do **Império Assírio** (1300-612 a.C.).

Nessa região desértica, os assírios dedicavam-se à caça e à agricultura. Vestígios arqueológicos indicam

que tiveram o primeiro exército organizado da história, com tropas de arqueiros e lanceiros, carros de combate e cavalaria. Graças a essa máquina de guerra, conseguiram formar um grande império que, além da Mesopotâmia, chegou a dominar os territórios que hoje correspondem à Armênia, Síria, Palestina e ao Egito.

**POVOS DA MESOPOTÂMIA: DOMÍNIOS E EXPANSÕES**



Fonte: VIDAL-NAQUET, Pierre; BERTIN, Jacques. *Atlas histórico: da Pré-história aos nossos dias*. Lisboa: Círculo de Leitores, 1990. p. 29.



WERNER FORMAN/KG IMAGES/LATINSTOCK

Relevo em pedra do palácio de Assurbanipal em Nínive, Assíria, c. 668-627 a.C.

Em suas incessantes campanhas, os assírios tratavam os vencidos com extrema crueldade: mutilações, torturas e deportação em massa das populações derrotadas eram práticas habituais.

Em 612 a.C., os caldeus, povo de origem semita, derrotaram os assírios e fundaram o **Segundo Império Babilônico** ou **Neobabilônico** (612 a.C. a 539 a.C.). Foi no reinado de Nabucodonosor (604 a.C. a 561 a.C.) que o império viveu o apogeu do desenvolvimento arquitetônico, representado pelas construções públicas, como as muralhas da cidade, a Torre de Babel e os Jardins Suspensos da Babilônia, considerados uma das sete maravilhas do mundo antigo, segundo relatos de cronistas da Antiguidade.

Os domínios de Nabucodonosor abrangeram o reino de Judá, no sul da Palestina, e chegaram até as fronteiras do Egito. Todavia, após a morte do rei, seus sucessores não conseguiram manter a unidade do vasto território. Em 539 a.C., o Segundo Império Babilônico foi conquistado pelos persas. Foi o fim da história dos grandes Estados mesopotâmicos.

## ► Economia e vida social

A sociedade mesopotâmica foi marcada por rígida divisão social: as funções de cada indivíduo eram estabelecidas de acordo com a camada a que pertencia. Nobres, guerreiros, sacerdotes e funcionários ocupavam posições privilegiadas. Na base da pirâmide social estavam os escravos e os camponeses, além de grande número de trabalhadores que prestavam serviços à comunidade. Esses grupos eram constantemente convocados para o serviço militar e para a construção de obras públicas.

As violentas enchentes dos rios da Mesopotâmia costumavam causar a destruição das plantações e grandes catástrofes. Os resultados eram a crise no abastecimento e a fome — um quadro agravado pelas guerras frequentes, que também destruíam as colheitas. Essas condições exigiram a criação de um sistema de irrigação e drenagem, que incluía a construção de diques e barreiras de proteção. Ao mesmo tempo, era necessário acumular água para irrigar os campos nas épocas de seca.

Na verdade, a prática de atividades agropastoris em escala mais ampla na região só se tornou possível graças à ação coletiva dos trabalhadores. A construção das obras de proteção e de irrigação exigia um esforço permanente, conjunto e disciplinado pela lei. Mobilizar forças para essas obras era uma das prioridades dos Estados que se organizaram na Mesopotâmia. As cidades também se tornavam cada vez mais ricas e complexas. Documentos iconográficos encontrados pelos arqueólogos comprovam a importância que o artesanato teve para a sociedade mesopotâmica. Segundo os desenhos, os artesãos produziam vasilhas de argila, pedra, vidro e madeira. Eles dominavam a produção de cerveja, tijolos (base das construções), tecidos, objetos de metal, couro, artigos de madeira etc.

O comércio também ganhou importância crescente: zona de passagem, ponto de encontro de povos e culturas, a região mesopotâmica tornou-se um dos polos mercantis do Oriente. O próspero artesanato atraiu a atenção de diversos povos, que por meio de cartas de crédito efetivaram vultosos negócios na área. Outras operações bancárias, como empréstimos a juros, corretagem e associações, também ocorriam com frequência entre os mercadores. O padrão de troca comercial eram barras de metal.

## ► Ciência e arquitetura

Há cerca de 4 mil anos, os sacerdotes mesopotâmicos dedicavam-se a estudar os corpos celestes e seus movimentos. Eles acreditavam que os astros influenciavam a vida cotidiana dos homens e que eventualmente poderiam interferir na agricultura.

Com isso, desenvolveram a astrologia e a astronomia, assim como aperfeiçoaram os conhecimentos da matemática. Nesse campo, os mesopotâmicos desenvolveram a álgebra e dividiram o círculo em 360 graus. O calendário lunar, a semana de sete dias, a divisão do ano em doze meses e do dia em dois períodos de doze horas — todos esses aspectos fundamentais da nossa cultura surgiram na Mesopotâmia há milhares de anos.

A medicina teve grande desenvolvimento na Mesopotâmia. Para o tratamento de diversos tipos de enfermidade, os médicos aplicavam e administravam unguentos, infusões e chás feitos à base de folhas, raízes, flores e sementes. Além disso, também eram feitos rituais e orações para aliviar dores e promover a cura. Os médicos da Mesopotâmia também possuíam grande conhecimento da anatomia humana. Tábuas de argila babilônias, assírias e caldeias descrevem algumas das cirurgias que eram realizadas por esses médicos e os tratamentos indicados para as doenças que conheciam.

Preocupados em ficar mais próximos do céu, a suposta morada dos deuses, os mesopotâmicos construíram templos altos e majestosos, os **zigurates**, cujas torres davam a impressão de apontar para o firmamento. Chegando a possuir vários pavimentos e escadarias externas, os zigurates funcionavam não só como locais para rituais sagrados, mas também como celeiros, hospitais, bibliotecas e observatórios astronômicos. No alto, ficavam os altares de cerimônias, de onde os sacerdotes observavam os corpos celestes.

*Zigurate de Ur, construído cerca de 4.000 anos atrás, na cidade de Ur, na Mesopotâmia, em foto recente.*

## ► Religião e literatura

A religião desempenhava um papel muito importante na Mesopotâmia. As divindades eram representadas como figuras masculinas ou femininas, geralmente imortais, detentoras de grandes poderes sobre o homem e a natureza e associadas a características do comportamento humano, tanto positivas quanto negativas.

O centro da vida religiosa eram suntuosos templos, mas realizavam-se adorações aos deuses em residências,

bosques ou outros ambientes. Assim como acontecia no Egito, os sacerdotes e as sacerdotisas cumpriam numerosas funções econômicas, sociais e políticas.

Os mesopotâmicos acreditavam na vida após a morte, uma dimensão em que as pessoas passariam a viver na escuridão sob suas próprias leis. No funeral, as tumbas abrigavam alguns bens do morto e variavam conforme as condições financeiras. Podiam ser potes (para crianças), câmaras subterrâneas, hipogeus (túmulos subterrâneos escavados nas rochas) ou mausoléus (grandes construções funerárias para vários membros da mesma família).

A literatura babilônica foi fortemente influenciada pela religião. Poemas e narrativas literárias contavam histórias de heróis, deuses ou semideuses, destacando-se duas obras sumerianas: o *Mito da criação* e a *Epopéia de Gilgamesh*. O primeiro faz um relato da origem do mundo por obra do deus Marduk. Por sua vez, a *Epopéia de Gilgamesh* é um extenso poema que narra as aventuras do gigante Gilgamesh, rei da cidade sumeriana de Uruk.

Um dos trechos mais conhecidos da *Epopéia de Gilgamesh* narra um episódio semelhante — mas anterior — ao relato bíblico sobre o dilúvio e a arca de Noé. Gilgamesh encontra um homem imortal, Utnapishtim, que lhe revela “um triste mistério dos deuses”. Utnapishtim conta que as divindades decidiram “submergir a terra de Shurupak”, mas que ele, homem devoto, recebeu ordem de construir um barco em meio ao deserto e nele se abrigar com sua família, seus amigos “e os quadrúpedes e as aves de sua escolha”. Depois do dilúvio, que durou 6 dias e 6 noites, os deuses concederam a Utnapishtim a imortalidade.

## ► A riqueza arqueológica do Iraque

O atual Iraque ocupa a maior parte do território da antiga Mesopotâmia. O país possui um grande número de sítios arqueológicos, muitos deles ainda não catalogados e estudados. Durante os conflitos travados na região, em 2003, envolvendo as forças da coalizão liderada pelos Estados Unidos, centenas desses sítios foram destruídos e preciosas informações sobre os povos que viveram na Mesopotâmia se perderam. A descoberta de três tábuas de argila no país mostra a necessidade de preservar esses sítios e como esses registros são importantes e reveladores do cotidiano de nossos antepassados.

Representação de Gilgamesh no palácio de Sargão II, rei assírio, na antiga cidade de Dur Sharrukin. Século VIII a.C.



ERICH LESSING/ALBUM/LATINSTOCK - MUSEU DO LOUVRE, PARIS

## A mais antiga cozinha do mundo

"Por muito tempo se acreditou que o primeiro livro de cozinha do mundo foi o que nos deixou Marco Gávio Apício, gastrônomo romano do século I d.C., autor do precioso tratado *De re coquinaria*. [...] No ano passado, porém, o historiador francês Jean Bottéro [...] contestou formalmente essa convicção [...]. Ele afirma que as primeiras receitas do mundo surgiram na Mesopotâmia, milênios antes de Apício. [...]"

O historiador Bottéro fez suas revelações amparando em documentação inédita, que afortunadamente sobreviveu à extinção da Mesopotâmia: três tabletas de argila com inscrições cuneiformes. Neles encontrou quatro dezenas de receitas. [...] Os mesopotâmicos adoravam caldos, nos quais mesclavam nabo ou beterraba e carnes de cervo, gazela, cabrito e pombo. Para temperar, usavam cominho, cebola, coentro e alho. Compreensivelmente, as receitas ainda careciam de precisão. Não informavam como eram preparados os ovos, por exemplo. Nem o tempo de cozimento dos alimentos. Isso dificulta enormemente a reprodução fiel de seus pratos. Em compensação, os tabletas de argila descrevem tipos de pão e técnicas de preservação dos alimentos. [...]"

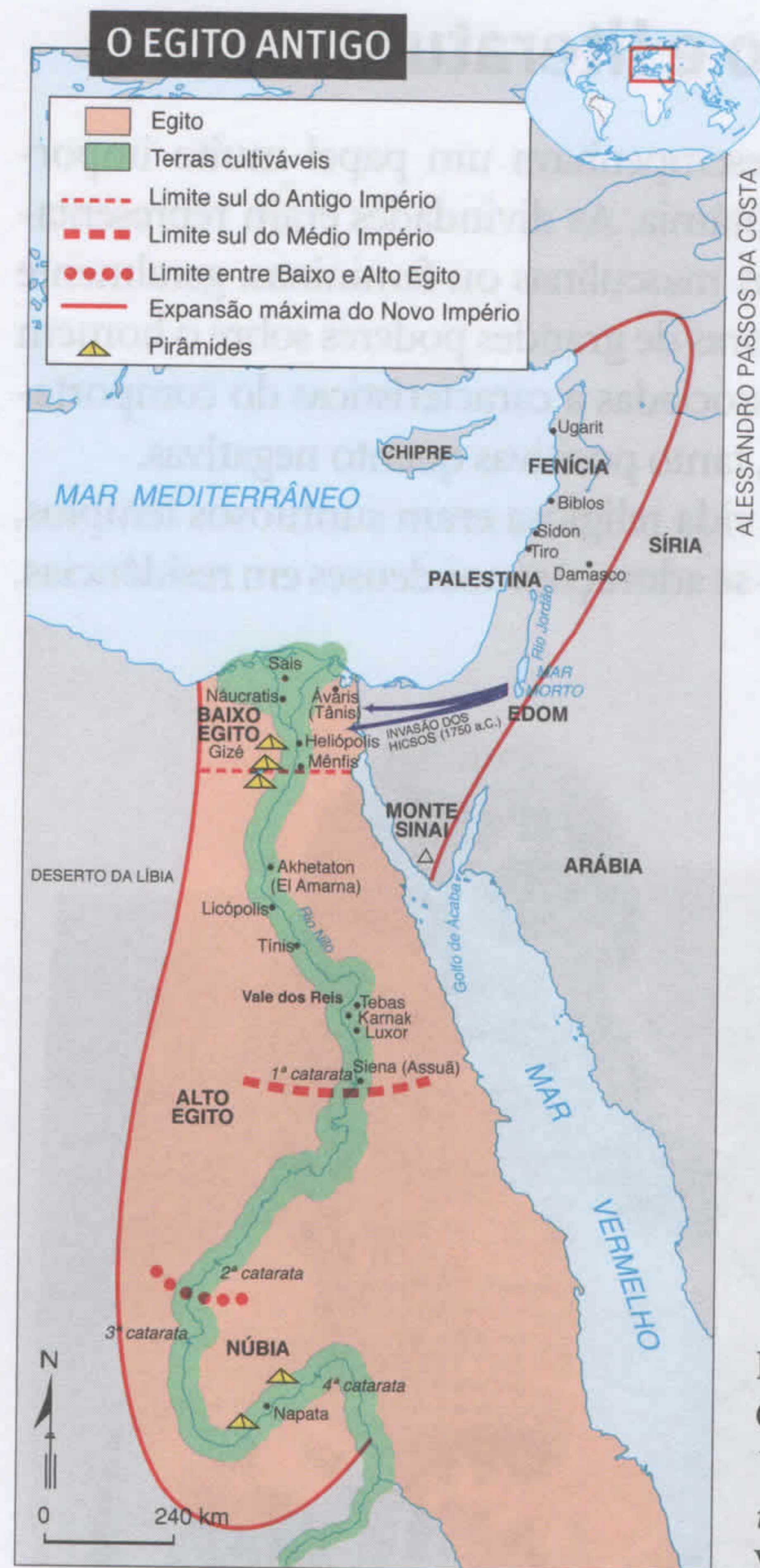
A cozinha mesopotâmica formou a base das culinárias do Oriente Médio e, de certa forma, da praticada no Ocidente. Pode-se dizer que as delícias exibidas modernamente nas mesas de muitos países europeus, como França, Itália e Espanha, evocam os velhos prodígios dos vales do Tigre e Eufrates."

DIAS LOPES, J. A. A mais antiga cozinha do mundo.  
*O Estado de S. Paulo*, 28 fev. 2003.

## ► Às margens do Nilo: o Egito

O Egito está localizado no nordeste da África, em uma região conhecida no passado como Crescente Fértil. Apesar dessa designação, ocupa um território predominantemente desértico. A maior parte do país corresponde ao Deserto da Líbia e apenas 5% do solo é utilizado para a agricultura. No tempo dos faraós, porém, a agricultura era a maior fonte de riqueza do país.

Em larga medida, isso aconteceu graças ao Rio Nilo, um dos rios mais longos do planeta, com cerca de 6.671 quilômetros de extensão. Ele corta o país no sentido norte-sul. Sua fertilidade possibilitou a fixação de



povos nômades em uma das regiões mais áridas da Terra. Durante as cheias, entre os meses de junho e setembro, as águas cobriam as margens desérticas do Nilo. Mas, quando o rio voltava ao nível normal, uma grossa camada de limo fertilizante (húmus) era deixada sobre a terra. Então os camponeses iniciavam as semeaduras favorecidas por um terreno fertilizado e rico.

Desse modo se desenvolveu, no Vale do Nilo, uma economia baseada na agricultura irrigada, onde se cultivava trigo, cevada, linho, papiro, legumes e frutas e criavam-se bois, carneiros, cabras, aves e porcos. As águas do Nilo eram cortadas por barcos que asseguravam a ligação permanente entre as terras do sul e as regiões pantanosas do delta, ao norte. Por esses motivos, os egípcios reverenciavam o grande rio como uma divindade protetora, e suas cheias, embora por vezes destruíssem moradias e afogassem homens e animais, eram vistas como uma bênção divina.

Mas as cheias, por si só, não garantiam uma agricultura farta e diversificada. Foram os habitantes do vale, em especial os camponeses (os *felás*) que aprenderam, com muita criatividade e trabalho coletivo, a construir diques e canais de irrigação que reduziam os danos e estendiam a regiões distantes os benefícios das cheias do Nilo.



"Embora o verdejante curso do Nilo surja como uma autêntica antítese das esbranquiçadas areias do Saara, através das quais desliza, estes dois traços contrastantes juntos constituíram uma força primordial no desenvolvimento da agricultura e estabeleceu a sociedade humana em África. [...] A evolução foi complexa, envolvendo a domesticação de plantas e animais, inovações tecnológicas, fixação de aldeias e o aumento do nível de interdependência social. 'Foi indubitavelmente a melhor adaptação a um ambiente semiárido específico.'"

READER, John. *África: biografia de um continente*. Lisboa: Publicações Europa-America, 2002. p. 168.

## ► Dois reinos, três impérios

Inicialmente, o Egito estava dividido em pequenas aldeias independentes conhecidas como *nomos*, lideradas pelos *nomarcas*. A prática da agricultura, favorecida pelo quadro natural do território, propiciou o desenvolvimento da região com a formação das primeiras cidades. A união das populações do Vale do Nilo na construção de canais de irrigação e diques, para melhor controlar os efeitos das inundações, originou a formação de dois reinos: o Alto Egito ou Terra do Sul e o Baixo Egito ou Terra do Norte.

Acredita-se que por volta de 3200 a.C. um governante do Alto Egito, Menés, unificou o Alto e o Baixo Egito, que passou a estar submetido à autoridade de um único soberano, o Faraó, termo que significa "Casa Grande". Identificado a *Hórus*, filho de Rá, o deus-sol, o faraó detinha em suas mãos a administração e os tribunais de justiça. Era também o sacerdote

chefe dos templos, liderava o exército, intervinha no comércio, nas minas e nos celeiros.

A história do Egito unificado é normalmente dividida em três períodos: o Antigo Império, o Médio Império e o Novo Império.

O **Antigo Império**, com a capital em Mênfis, iniciou-se com a unificação dos dois reinos e estendeu-se até 2181 a.C. Esse período caracterizou-se por grandes obras de irrigação e pelo desenvolvimento da agricultura, além da construção das grandes pirâmides de *Quéops*, *Quéfren* e *Miquerinos*, no planalto de Gizé, consideradas uma das sete maravilhas do mundo antigo. Designadas pelos nomes dos respectivos faraós que as construíram, elas desafiam os conhecimentos de engenharia até os dias de hoje.

Nesse período o Estado egípcio era pacifista e mantinha-se praticamente isolado de outros povos. Mas aos poucos o poder central se debilitou. Sua decadência pode ser atribuída às manobras dos grandes proprietários de terras e dos líderes dos antigos *nomos*, que desafiaram, muitas vezes, a autoridade do faraó, às rebeliões de camponeses e às invasões de povos nômades. A partir de 2200 a.C., esse quadro tornou inevitável o esfacelamento do império.

O **Médio Império** teve início em 2052 a.C., ainda em meio aos conflitos, e conseguiu restabelecer a unidade do Egito. A cidade de Tebas tornou-se a capital dos dois reinos. Foi um período próspero, marcado pela expansão territorial e pelo início das relações comerciais entre os egípcios e outros povos, como os fenícios, os sírios e os cretenses. As obras públicas de irrigação receberam novo impulso, ampliando as áreas agrícolas, e a vida cultural floresceu.

*Grandes pirâmides de Quéops, Quéfren e Miquerinos, no planalto de Gizé, Egito, em foto recente.*



A trajetória do Médio Império sofreu uma brusca interrupção por volta de 1630 a.C., quando o Egito foi conquistado pelos **hicsos**. Povo nômade da Ásia, os hicsos utilizavam armas de ferro e carros de guerra conduzidos por cavalos, desconhecidos dos egípcios. Os conquistadores permaneceram por mais de um século no território egípcio.

O **Novo Império** (1537-525 a.C.) resultou de um processo de união dos egípcios contra os hicsos. Sob a liderança do faraó Amósis I, a sociedade conseguiu expulsar os invasores. Outros povos que haviam se estabelecido no Egito, como os hebreus, foram perseguidos e transformados em escravos. O pacifismo deu lugar a uma política expansionista: exércitos egípcios anexaram o Reino de Cuxe, a Palestina, a Etiópia, a Síria e a Fenícia.

A partir de 1075 a.C., iniciou-se um longo período de decadência e o Egito foi sucessivamente conquistado por outros povos. No século VII a.C., o território foi ocupado pelos assírios, em 525 a.C. caiu em poder dos persas e em 332 a.C., quando era uma província persa, foi dominado por Alexandre da Macedônia. Passou então a integrar o mundo helenístico, de cultura greco-asiática. Afinal, em 30 a.C., o Egito foi anexado pelos romanos.

## ► A sociedade egípcia

O Egito foi marcado por uma rígida divisão social. Na base dessa pirâmide estavam os escravos e os camponeses, além de um grande número de trabalhadores que prestavam serviços à comunidade. Esses grupos eram constantemente convocados para a construção de obras públicas.

Com o tempo, a sociedade ficou mais diversificada, abrangendo comerciantes, artesãos, construtores, soldados, embalsamadores, funcionários públicos, escribas, sacerdotes e pessoas de muitas outras profissões. Como acontece hoje em certos países, a ocupação profissional dos indivíduos determinava sua posição na sociedade.

Os **camponeses** compunham a imensa maioria da população. Em geral eram trabalhadores independentes que prestavam serviço nas propriedades agrícolas e recebiam como salário uma pequena parte da colheita. Eles não eram escravos, portanto não pertenciam aos proprietários de terras. Viviam em casas feitas de madeira, barro e papiro, quase sempre erguidas nas áreas de plantio. Quando não estavam trabalhando na agricultura, os camponeses eram recrutados pelo faraó para prestarem serviços nas construções públicas.

Os **escravos** constituíam a camada social mais explorada. Geralmente eram estrangeiros, prisioneiros de guerras.



Cenas de sementeira e colheita em tumba localizada em Tebas, c.1555-1080 a.C.

## A mulher egípcia

"A família egípcia parece apresentar a marca de antigos usos que davam à mulher um lugar muito amplo, talvez mesmo de preponderância. Invocava-se frequentemente, por exemplo, a filiação materna pelo menos em pé de igualdade com a ascendência paterna. Em caso de morte de marido, se não havia um filho adulto, a mulher assumia a chefia da família, inclusive no que dizia respeito às relações com o Estado. De maneira oficial, talvez após um certo tempo, principalmente depois de se tornar mãe, era chamada 'dona da casa', e tal expressão parece ter revestido seu pleno sentido jurídico, embora a casa proviesse do marido."

AYMARD, André; AUBOYER, Jeannine.  
*História geral das civilizações*. 6. ed., tomo I, v. 1.  
Rio de Janeiro: Difel, 1977. p. 49.

Entre os segmentos privilegiados estavam os **sacerdotes** e as **sacerdotisas**, respeitados pelo conhecimento que detinham e por serem vistos como mediadores da relação dos homens com os deuses. Esses profissionais enriqueciam com as oferendas dos devotos e não pagavam impostos, até mesmo de suas propriedades particulares. Eram responsáveis pela administração dos templos e de escolas nas quais os médicos, escribas e outros profissionais obtinham seus conhecimentos.

Sacerdotes e sacerdotisas cultuavam e serviam as divindades; no entanto, as funções dos sacerdotes não se resumiam aos aspectos religiosos. Um complexo conjunto de funções econômicas, sociais, políticas e funerárias fazia parte das atribuições sacerdotais. Em determinados momentos o poder dos sacerdotes rivalizava com o do faraó, o que causou graves crises políticas no Egito.

O **soldado** exercia uma profissão de prestígio, fonte de ascensão social. Quando serviam diretamente ao chefe do Estado, por um longo período de tempo, os militares eram recompensados com ouro, terras e altos cargos.

O **escriba**, ou seja, o escrivão profissional, estava entre os poucos que sabiam ler, escrever e contar. Ele controlava a cobrança dos impostos, a classificação dos valores de todas as propriedades, a contagem do número de trabalhadores do reino, a organização das leis, a fiscalização das atividades econômicas, além de ser responsável por outras importantes funções públicas.

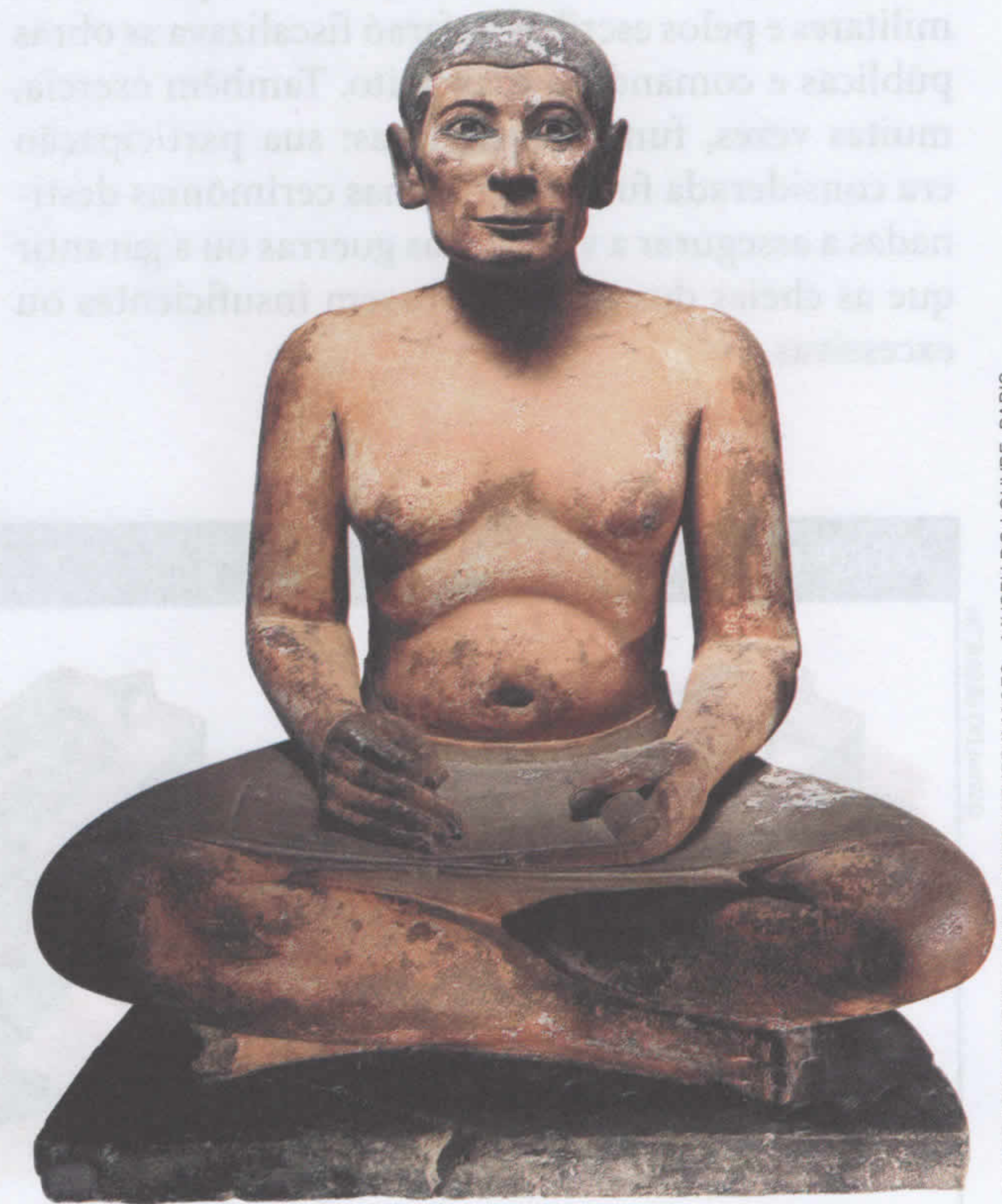
O escriba recebia salários. Não na forma como conhecemos hoje, porque o dinheiro ainda não tinha sido inventado. Os salários e impostos eram pagos

em produtos — como trigo, pão, carne, frutas, gordura, sal — ou trocados por prestação de serviços. Nas guerras, os escribas acompanhavam os exércitos, encarregando-se de manter os registros em dia.

O **funcionário público** era importante na administração da sociedade. Ele era responsável pela arrecadação dos impostos, chefiava a polícia, fiscalizava as construções e administrava as obras públicas.

Os **artesãos** produziam lanças, arcos e escudos para as tropas que combatiam as guerras. Também fabricavam objetos como vasos de cerâmica, cestos, sandálias, perucas, tecidos, barcos fluviais e estátuas gigantescas. Para as camadas privilegiadas, esses profissionais produziam joias, esculturas, quadros e objetos destinados a enfeitar as tumbas. Existiam também artesãs que fabricavam perfumes, óleos para o corpo, roupas e produtos de maquiagem.

Graças ao trabalho dos **comerciantes**, os egípcios adquiriam produtos importados, como a madeira da Fenícia, para a construção de navios, móveis e sarcófagos, e metais como cobre e estanho, vindos da Núbia (atual Sudão), importantes para a confecção das armas. Também eram trazidas da Grécia e do Oriente Médio plantas cuja resina era usada na mumificação.



Escultura representando escriba egípcio, de cerca de 2500 a.C. A escrita, assim como a matemática, surgiu para poder registrar e contabilizar as riquezas produzidas, calcular as estruturas das obras, contar os acontecimentos importantes e administrar o reino.

"Na prática, os ministros e governantes eram escolhidos dentro de um círculo limitado, talvez entre os filhos do rei, os companheiros dos primeiros conquistadores e as famílias dos chefes locais que oportunamente se haviam submetido. Gozavam do usufruto e dos benefícios de propriedades rurais ou de províncias inteiras, organizadas como 'casas' completas, miniaturas da 'casa' real de que faziam parte. Mais tarde, essas propriedades chegaram a ser herdadas pelos filhos dos concessionários, e finalmente foi possível dispor delas como bens testamentários. Depois da era das pirâmides, o cargo de governador também passou a ser hereditário. Os governadores tratavam suas províncias como propriedades ou principados, embora devessem tributos e serviços ao faraó."

CHILDE, V. Gordon. *O que aconteceu na história*. Rio de Janeiro: Zahar, 1973. p.126-127.

No topo da estrutura social estava o **faraó**. Assessorado pelos funcionários públicos, pelos altos militares e pelos escribas, o faraó fiscalizava as obras públicas e comandava o exército. Também exercia, muitas vezes, funções religiosas: sua participação era considerada fundamental nas cerimônias destinadas a assegurar a vitória nas guerras ou a garantir que as cheias dos rios não fossem insuficientes ou excessivas.

## ► A terra dos deuses

A sociedade do Egito antigo atribuía a condição de deuses e deusas às forças da natureza — entre as quais o sol, o céu, a terra e o Rio Nilo. Havia centenas de divindades, associadas aos acontecimentos da vida diária, à morte e aos fenômenos naturais. A religião **politeísta** (adoração de vários deuses) e **antropozomórfica** (divindades representadas por seres híbridos, com uma parte humana e outra animal) assumia diferentes formas, até mesmo a adoração de animais.

As crenças religiosas estavam na base de manifestações culturais como a arte, a medicina, a astronomia, a literatura e o próprio governo do Egito.

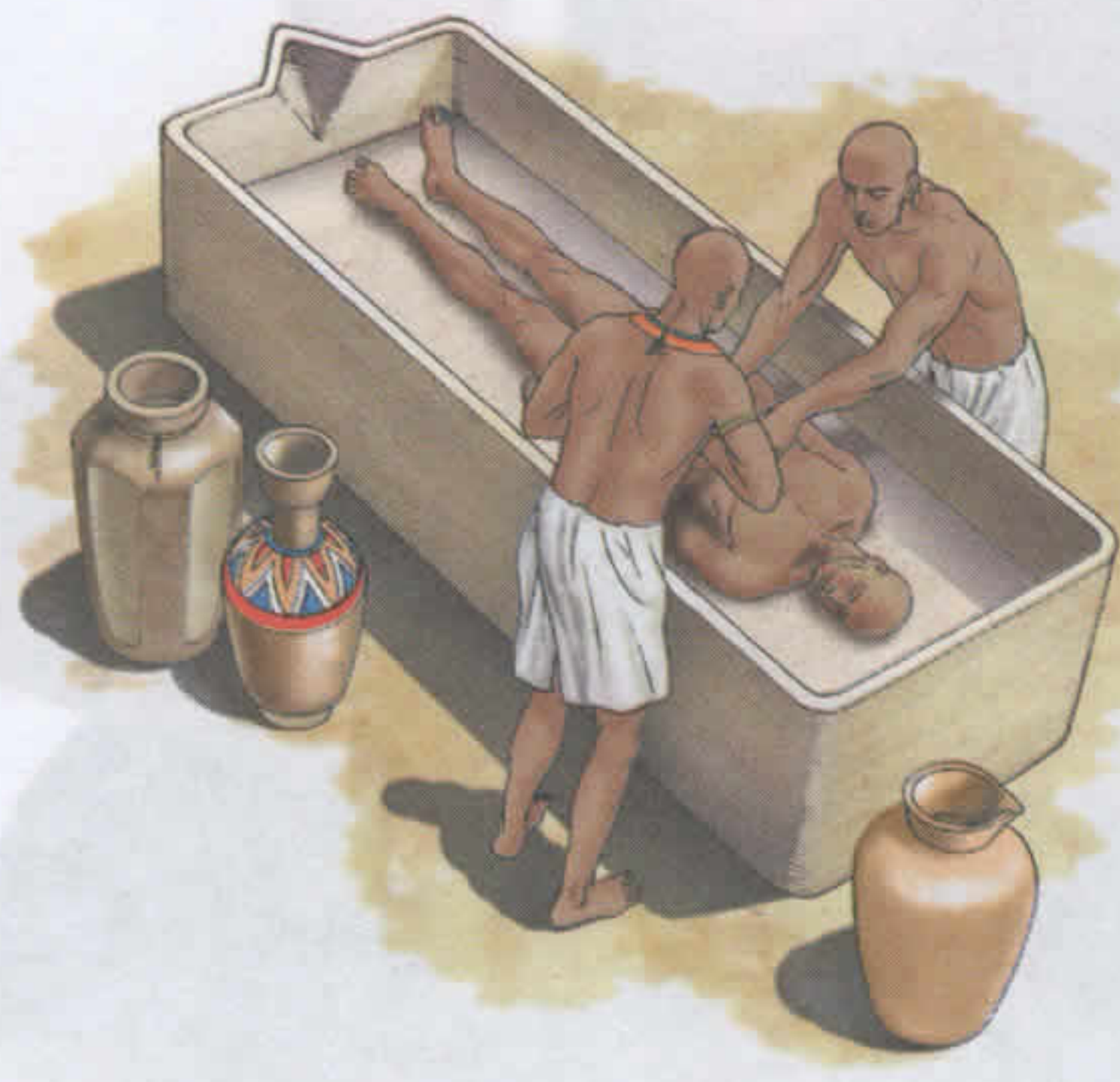
## ► Os ritos funerários

Os egípcios acreditavam que após a morte o *ka* (espírito) poderia retornar ao corpo, desde que este estivesse preservado. Para isso, os embalsamadores egípcios empregavam uma série de técnicas de mumificação, como a extração das vísceras e a aplicação de ervas aromáticas na cavidade abdominal do cadáver.

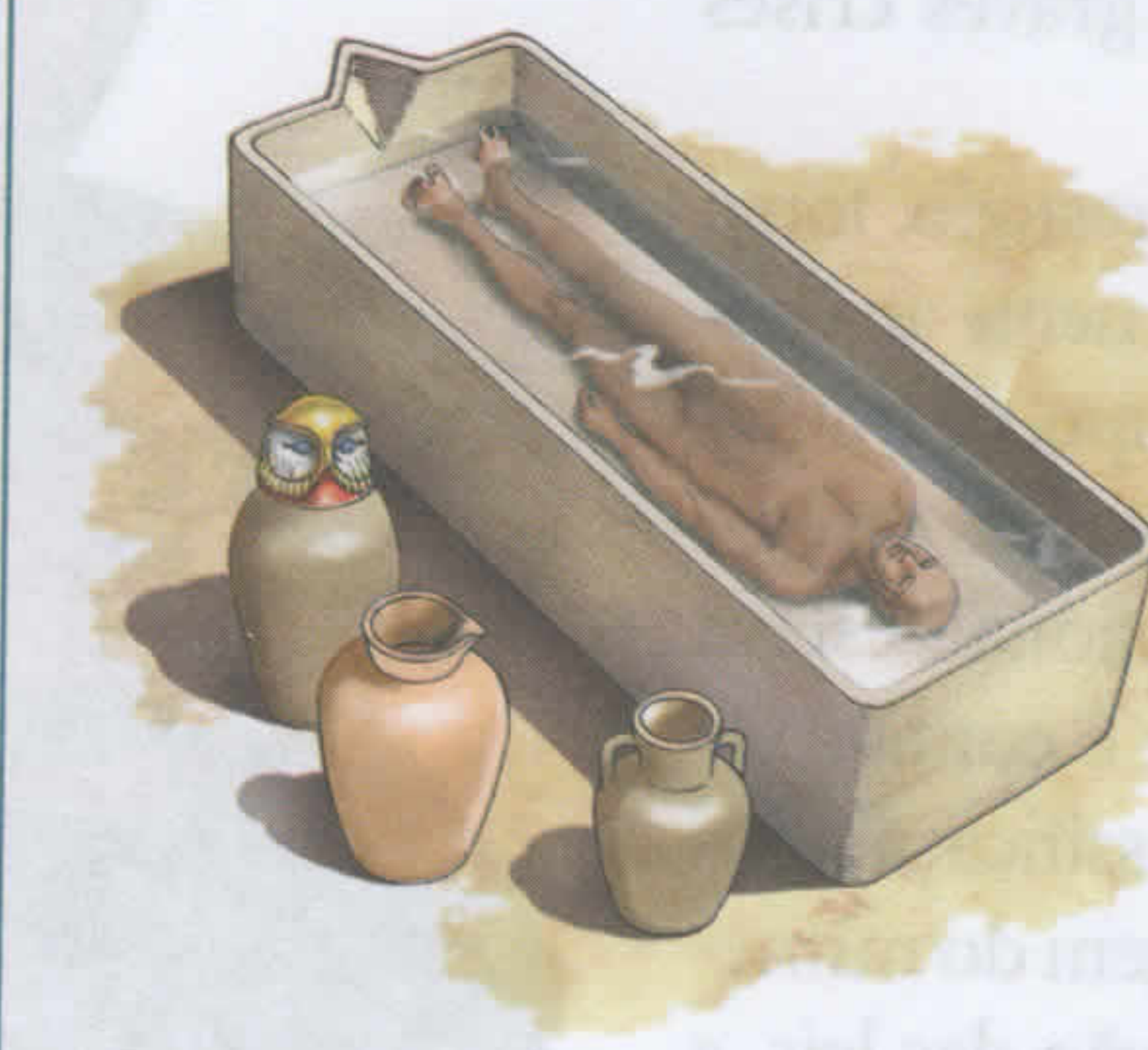
A princípio, a mumificação era uma exclusividade do faraó e de sua família. Eles eram enterrados em suntuosos túmulos com um grande número de objetos, joias, alimentos, pinturas e esculturas de escravos que os acompanhariam em sua nova vida. Mas, com o passar do tempo, até mesmo os homens menos favorecidos, que podiam arcar com os custos de um embalsamador, contavam com os serviços desse profissional.

### O PROCESSO DE MUMIFICAÇÃO

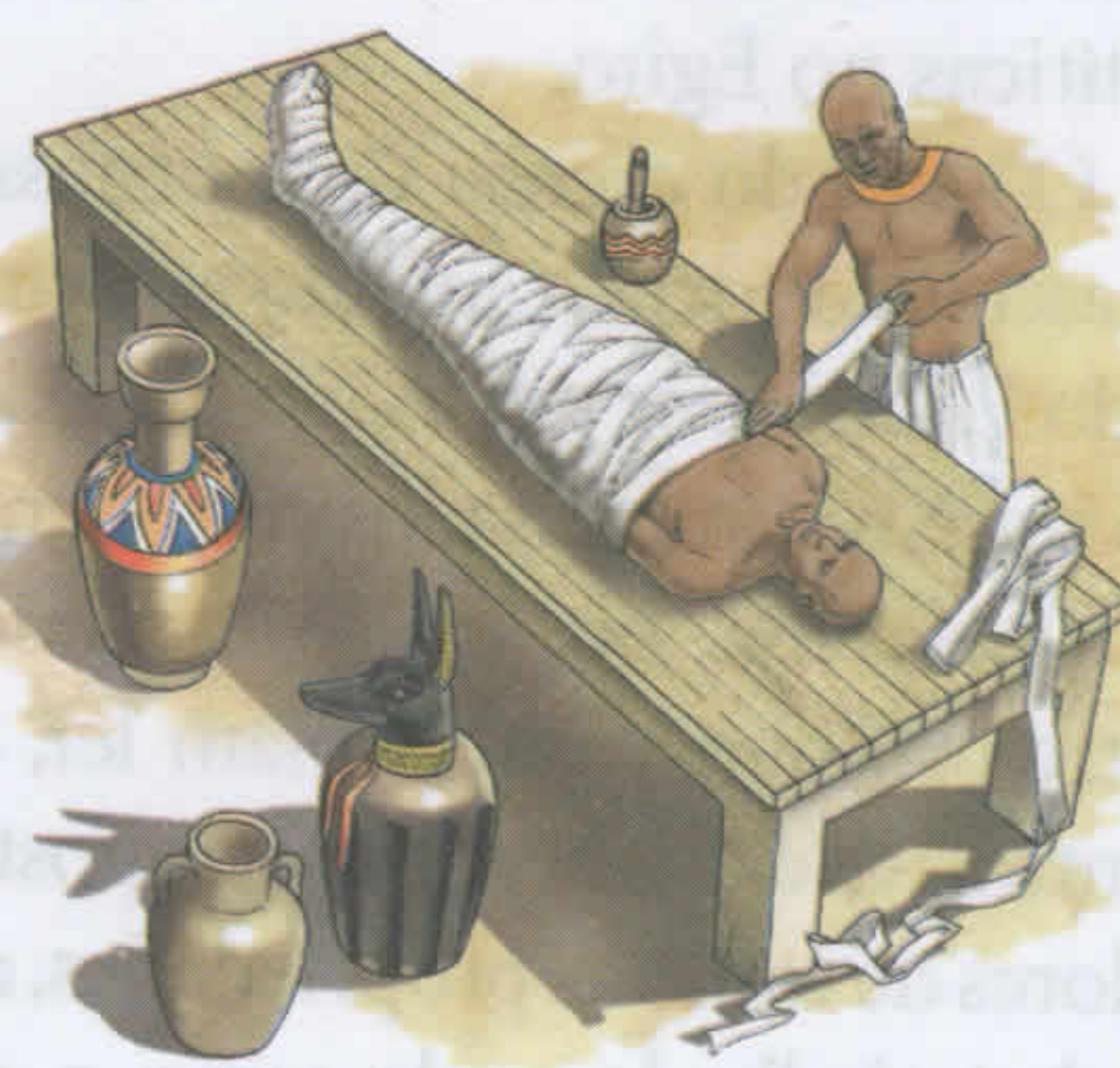
OSWALDO SEQUETIN



1. Os embalsamadores retiram as vísceras.



2. O corpo, mergulhado em produtos químicos, fica em repouso por setenta dias.



3. Depois de lavado, o corpo é enrolado em faixas de linho.

Fonte: CASSON, Lionel. *O antigo Egito*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1983. p. 88.



Afresco da tumba de Ramsés I, no Vale dos Reis em Tebas, mostrando um faraó ladeado pelos deuses Anúbis, à direita, e Hórus, à esquerda, c. 1292-1290 a.C.

## ▷ Aton, o deus único

O domínio dos milenares deuses do Egito foi quebrado durante o reinado do faraó Amenófis IV (1353-1336 a.C.), que tentou implementar o culto ao deus único. A reforma religiosa tinha o objetivo de diminuir a autoridade crescente dos sacerdotes, que ameaçava o poder central. A experiência monoteísta (crença num só deus) baseou-se no culto ao deus Aton, simbolizado pelo disco solar. O faraó passou a intitular-se Akenaton — sacerdote de Aton, aquele que é útil a Aton — e fundou uma nova capital, Akhetaton (horizonte do disco solar), nas proximidades de Tebas, então capital do Egito. Combatido pelos sacerdotes dos velhos deuses, o monoteísmo declinou após a morte de Akenaton.

O faraó Tutankhamon, filho e sucessor de Amenófis, durante seu reinado ordenou a restauração dos templos e sua decoração com novas estátuas de deuses e deusas. Além disso, foram nomeados sacerdotes, bailarinas e cantoras para alegrar as divindades.

*Na história do Egito antigo, o rei Akenaton e sua esposa Nefertiti são considerados personagens simbólicos da civilização egípcia por terem sido a origem do único cisma profundo conhecido pelo Egito no decorrer de seus 3 mil anos de história. Na foto, Akenaton e sua família representados em relevo de cerca de 1349 a.C.*

## O julgamento de Osíris

Para os egípcios, o outro mundo encerrava os mesmos prazeres desfrutados na Terra — criados, caça, pesca, lazer em família, boa comida e músicas. Mas, para ter acesso a tudo isso, o morto precisava ser absolvido num julgamento final.

Acreditavam que, independentemente da condição socioeconômica do falecido, logo após a sua morte ele se apresentava ao Tribunal de Osíris, o deus dos mortos, para ser julgado por seus erros. Nesse momento o espírito lia um trecho do *Livro dos Mortos*, manual de conselhos que o orientava a se portar diante do Tribunal de Osíris. Algumas das transgressões que o morto não podia ter cometido eram: matar, falsificar medidas, roubar, mentir, escutar conversas dos outros, cometer adultério ou manter relações homoeróticas, provocar tumulto. Finalmente, no momento do julgamento, Osíris colocava o coração do morto em uma balança para ser pesado. Se o peso do coração fosse muito grande, ele não teria acesso ao Duat, o reino subterrâneo dos mortos.



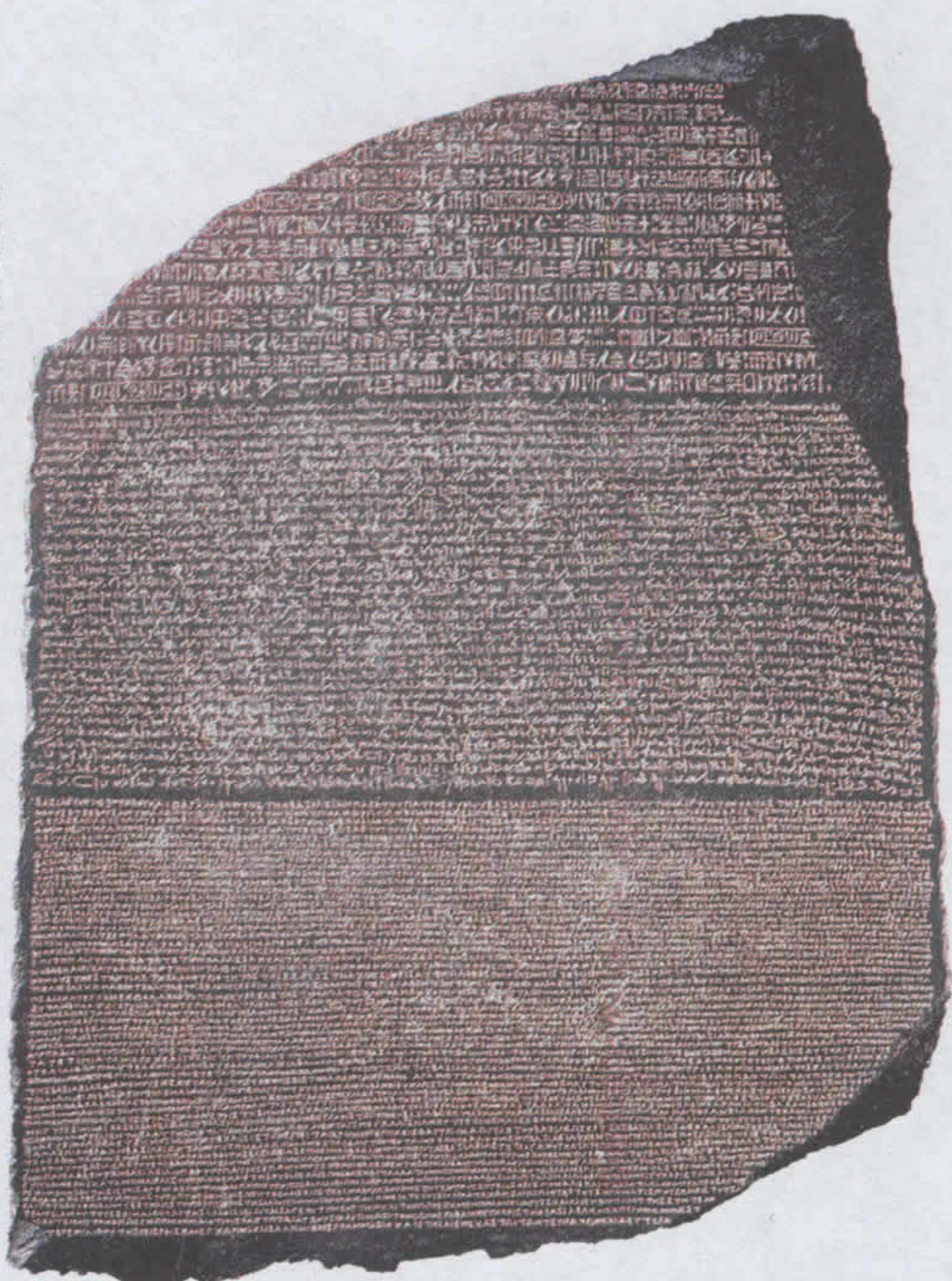
## ► A chave da escrita egípcia

Até o início do século XIX, a escrita egípcia permaneceu envolvida pelo mistério. Os hieróglifos encontrados nos túmulos e nas pirâmides só foram estudados a partir de 1799, quando o general francês Napoleão Bonaparte invadiu o Egito e nomeou estudiosos para registrar os monumentos encontrados. Um deles tornou-se conhecido como Pedra de Roseta — uma lápide de basalto preto, de 114 cm de altura e 72 cm de largura. A lápide continha um texto gravado em três escritas diferentes. Uma delas era o grego, a outra se assemelhava aos signos gravados nos monumentos, chamada escrita hieroglífica, e a terceira parecia ser uma variante do egípcio, utilizada nos documentos administrativos do período helenístico, conhecida como escrita demótica (veja a foto abaixo).

Os escritos gregos revelaram que se tratava de um decreto de 196 a.C., época do governante Ptolomeu V Epifânio. A conclusão foi imediata: na lápide estava gravado um documento bilíngue — grego e egípcio — em três escritas. O linguista francês Jean-François Champollion iniciou um cuidadoso trabalho de decifração dos hieróglifos, em 1808.

Em 1822, Champollion conseguiu decifrar a palavra “Ptolomeu”, gravada na Pedra de Roseta em 196 a.C.

A partir dessa descoberta outros documentos egípcios puderam ser lidos e a história dessa importante civilização passou a ser conhecida e admirada.



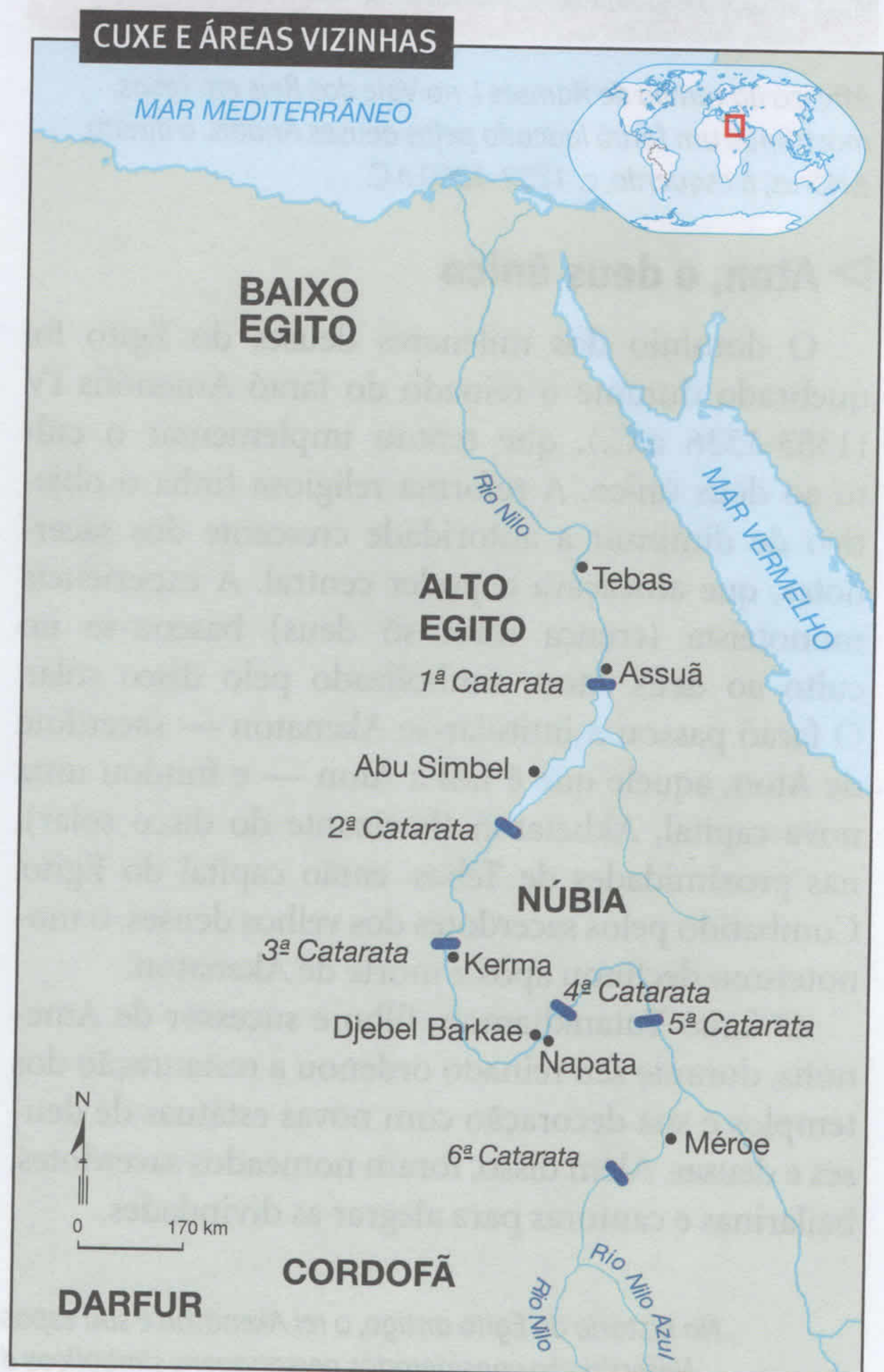
ANN ROMAN PICTURE LIBRARY/HERITAGE/OTHER IMAGES - MUSEU BRITÂNICO, LONDRES

Lápide conhecida como Pedra de Roseta, decifrada pelo francês Jean-François Champollion, c. 196 a.C.

## ► Cuxe: o grande reino negro

O Reino de Cuxe desenvolveu-se na região conhecida como Núbia, no norte do continente africano, onde atualmente se localiza o Sudão. Templos, palácios, pirâmides e vestígios de habitações edificadas pelos habitantes do Reino de Cuxe atestam a riqueza da civilização cuxita. No local onde se encontrava a cidade de Méroe, antiga capital do reino, existem mais de 200 pirâmides. Em 2003 o acervo arqueológico de Méroe foi incluído na lista de patrimônio mundial.

As primeiras informações a respeito do Reino de Cuxe datam da época em que os egípcios iniciaram a expansão do seu território em direção ao sul da cidade de Tebas, por volta do ano 2500 a.C. Os egípcios deslocaram-se com o objetivo de garantir a importação de produtos como ébano, marfim, penas de avestruz, entre outros, controlar o comércio ao longo do Rio Nilo, bem como proteger as suas fronteiras.



Fonte: SILVA, Alberto da Costa e. *A enxada e a lança: a África antes dos portugueses*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996. p. 85.

A análise do mapa (p. 68) permite perceber que a região da antiga Núbia situava-se em local estratégico. Tal fato permitiu que os habitantes do reino servissem de elo entre os povos do Mediterrâneo, do norte da África e do Oriente.

A civilização de Cuxe recebeu forte influência cultural e religiosa dos egípcios. Pesquisas arqueológicas realizadas na região reuniram uma variedade de produtos de origem egípcia como utensílios de cerâmica, pérolas, tintas, entre outros. Contudo, apesar do intenso contato, os cuxitas conseguiram manter características independentes, visíveis na criação de deuses próprios, no sistema de sucessão dos reis e no papel atribuído às mulheres da família real.

## ▶ Período de guerras e disputas políticas

Durante o período do Novo Império (1537-525 a.C.), os egípcios conseguiram expulsar os hicsos e retomar o controle de seu território. Após a vitória, o faraó Amósis I inaugurou uma nova etapa de supremacia imperial egípcia.

Entre as conquistas mais importantes, podemos destacar o controle sobre as regiões da Mesopotâmia e parte da antiga Núbia. Somente no século IX a.C., quando o Egito estava sob novo domínio estrangeiro, os cuxitas conseguiram se fortalecer e unificar o reino.

### Análise o documento

#### Os núbios na pintura egípcia



COLEÇÃO PARTICULAR

Cópia do século XIX de afresco localizado na cidade de Tebas, datado de c. 1380 a.C., mostrando chefes núbios levando presentes para o rei do Egito.

#### Questões

1. A imagem acima representa a cobrança de tributos em forma de presentes ao rei do Egito, uma prática comum na sociedade egípcia. Descreva a cena representada na pintura.
2. Aponte as características das sociedades núbia e egípcia que foram representadas nessa pintura.
3. Na sua opinião, qual era a função dessas pinturas para os antigos egípcios? Justifique a sua resposta.

## ▷ A dinastia cuxita no Egito

A partir do século X a. C., o Egito passou por várias desordens internas, corrupção e disputas pelo poder, o que contribuiu para um novo período de decadência. Nesse momento, o Reino de Cuxe emergiu como uma grande potência. Por volta do século IX a.C., surgiu como um reino independente e estabeleceu a cidade de Napata (ao sul de Kerma e ao pé da montanha sagrada de Djebel Barkal) como a nova capital. Exercendo influência relevante na região, Cuxe chegou a conquistar todo o Egito, fundando a 25ª dinastia.

Cerca de cem anos depois, os cuxitas foram vencidos pelos assírios, que já dominavam toda a Mesopotâmia e o Egito. Repelidos pelos assírios, os cuxitas regressaram à capital Napata, onde os reis continuaram a governar.

### Os faraós cuxitas

“O reino cuxita aparece como uma monarquia dupla, cujo símbolo é o duplo *araeus*, as duas serpentes que se erguem sobre a frente do faraó e o protegem. Em seu comportamento geral, suas roupas e atitudes, os soberanos da 25ª dinastia copiam os faraós do Egito que os precederam e de quem afirmam ser seus sucessores, se não descendentes. O estilo dos seus monumentos é tipicamente faraônico. [...] Eles também usam ornamentos característicos do Sudão, como um tipo de gorro justo que se molda firmemente ao pescoço, com uma parte lateral protegendo as têmporas, e seguro por uma faixa grossa, que é amarrada com as pontas caindo por trás dos ombros.”

LECLANT, J. O Império de Kush: Napata e Méroe. In: KI-ZERBO, J. *História geral da África*. v. 2. São Paulo: Ática/Unesco, 1982. p. 280-281.

## ▷ O período meroíta

No século VII a.C., o Egito foi invadido pelos assírios. O rei cuxita Taharqa entrou em guerra contra esse povo, mas foi derrotado, o que levou ao fim da dinastia cuxita no Egito. Um século mais tarde, o território do Reino de Cuxe foi invadido pelos egípcios e Napata foi dominada. Como consequência, os cuxitas dirigiram-se ainda mais para o sul, transferindo a capital do reino para a cidade de Méroe. Esse período ficou conhecido como **meroíta**. Contudo, a capital religiosa continuou sendo Napata, onde eram enterrados os soberanos até o fim do século IV a.C., quando, então, passaram a ser sepultados em Méroe.

Alguns historiadores explicam que a transferência da capital para o sul também tinha razões econômicas, pois as terras de Méroe eram muito mais propícias à agricultura e à criação de animais, devido à sua localização numa área de chuvas mais frequentes. Constituía, igualmente, um ponto estratégico para as rotas comerciais entre o Chade, o Alto Nilo e o Mar Vermelho. Além disso, a grande quantidade de árvores na região proporcionava lenha para o processamento do ferro, onde, dessa maneira, teria se difundido a metalurgia para o restante do continente africano.



Busto do faraó da 25ª dinastia cuxita, Taharka, c. 690-664 a.C.

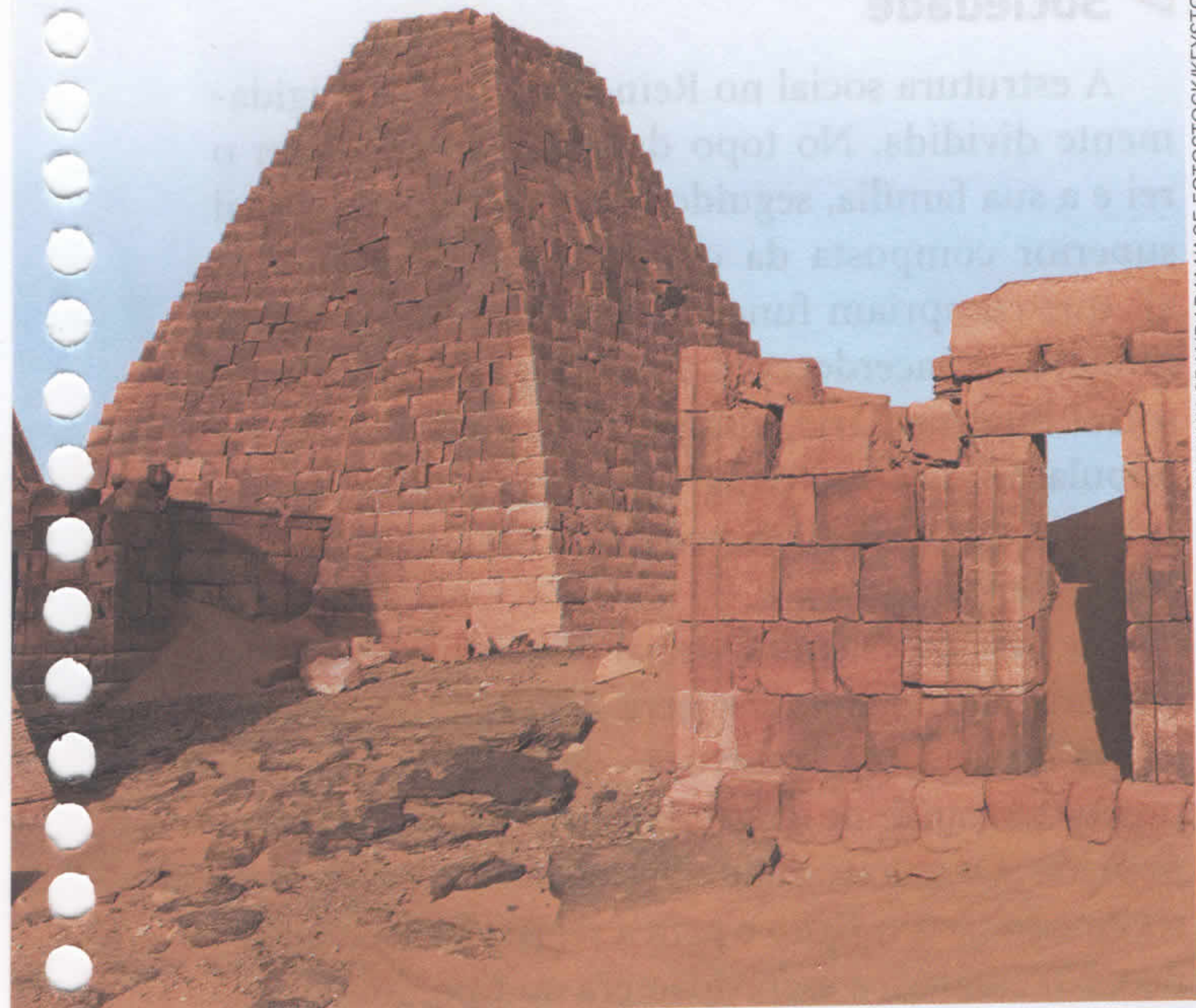
## A grandiosidade de Napata e Méroe

“Não se encontra nenhum sítio de importância antes de Napata, cujo papel nas cerimônias reais e costumes religiosos foi salientado [...]. A importância desse núcleo urbano deve-se também à sua localização na extremidade setentrional de uma rota de caravanas que margeava três cataratas de difícil navegação. Todas as mercadorias provenientes das regiões meridionais e centrais do reino, bem como do interior da África, tinham que passar por Napata. [...]

Embora a cidade de Méroe seja mencionada pela primeira vez no último quartel do século V antes da era cristã. [...] Heródoto (II, 29) descreve-a como uma ‘grande cidade’. As escavações confirmaram que esse núcleo urbano ocupava uma grande área, com uma parte central cercada por subúrbios e, talvez, por um muro. Além de ser, por muitos séculos, a capital e a residência real, Méroe atuou como um dos principais centros econômicos e comerciais do país, situando-se na encruzilhada das rotas de caravanas e servindo igualmente de porto fluvial.”

HAKEM, A. M. Ali. A civilização de Napata e Méroe. In: KI-ZERBO, J. *História geral da África*. v. 2. São Paulo: Ática/Unesco, 1982. p. 315-316.





SYLVAIN GRANDDAMIAGE FOTOSTOCK/KEYSTONE

Ruínas da cidade de Méroë com vestígios da civilização cuxita, no atual Sudão. Foto de 2006.

## ▷ O sistema de sucessão dos reis e o papel das mulheres

No Reino de Cuxe, o sistema de sucessão era hereditário por linhagem real, ou seja, o rei era escolhido entre os irmãos do soberano, diferentemente dos sistemas orientais antigos, onde o filho sucedia de forma direta o pai. Os chefes militares, os altos funcionários e os chefes dos clãs tinham papel fundamental, pois eram eles que elegiam o novo soberano. Logo depois, o rei era confirmado por meio de um oráculo, caracterizando assim a escolha divina. A realeza, portanto, possuía caráter sagrado, sendo os reis considerados filhos das divindades, que o guiavam durante o seu governo.

**Estelas** encontradas no Egito e no Sudão revelam os procedimentos de sucessão e coroação reais cuxitas. Na época meroíta, o rei dirigia-se para a cidade de Napata, ao norte da capital Méroë, onde se realizavam a cerimônia de coroação e as visitas aos templos religiosos, em especial o dedicado ao deus Amon, o mais importante em Cuxe.

As mulheres da família real ocupavam cargos relevantes no reino. A rainha-mãe, chamada de candace ou *kandake* (derivada da palavra meroíta *ktke* ou *kdke*, que significa rainha-mãe), ou ainda senhora de

### Estela

Coluna ou placa de pedra vertical em que os povos antigos faziam inscrições.

Cuxe, exercia um papel importante nas cerimônias de eleição e de coroação do rei. Além disso, as candaces tinham a função de educar as crianças da família real. Algumas delas chegaram a ocupar cargos políticos, proclamando-se rainhas governantes. A mais antiga das rainhas de que se tem notícia foi Shanakdakhte, que reinou no início do século II a.C. Em outros momentos, podia ocorrer uma espécie de corregência, ou seja, quando o rei morria a esposa tornava-se candace reinante.

A grande influência e o *status* elevado da rainha-mãe são comprovados pelas iconografias religiosas encontradas nos templos da época, nas quais elas aparecem em posição de destaque ou levando oferendas aos deuses.

O rei era o principal responsável pela administração e elaboração das leis. Os chefes militares e os altos funcionários, cujos títulos poderiam ser de chefes do tesouro, chefes do celeiro, chefes do arquivo, guardiões do selo e escribas, exerciam papéis essenciais na administração do reino, bem como na eleição de um novo soberano.

Os chefes militares, muitas vezes, pertenciam à família real e tinham o dever de proclamar a sucessão do rei e preparar a cerimônia de coroação. Em situação de guerra, o comando era delegado a um dos chefes militares, enquanto o rei ficava em seu palácio, à espera, para receber as glórias diante de um desfecho bem-sucedido.



*Sistro de Henuttawy, c. 1069-664 a.C. O sistro é um instrumento de percussão com um som achocalhado, feito em bronze ou madeira. Já existia na Suméria desde 2500 a.C. e também era utilizado no Egito pelas sacerdotisas e mulheres da nobreza. Era o instrumento tido como símbolo das rainhas-mães do Reino de Cuxe.*

HERVÉ LEWANDOWSKI/RMN/OTHER IMAGES - MUSEU DO LOUVRE, PARIS

## ▷ Economia

A diversidade geográfica, característica do território que compreendia o Reino de Cuxe, incluindo-se as zonas áridas e as áreas do Vale do Rio Nilo, proporcionou o desenvolvimento de diferentes atividades econômicas. Dentre essas atividades estavam a criação de animais como gado, carneiros, cabras, cavalos, burros e camelos, utilizados como transporte de carga.

Outra fonte fundamental de subsistência da população cuxita era a agricultura. Os principais produtos cultivados eram trigo, cevada, sorgo, lentilha, melão, abóbora, pepino. O algodão era a cultura técnica principal, e o seu cultivo, fiação e tecelagem proporcionaram, por volta do século IV a.C., muitas riquezas ao reino por meio da exportação de produtos têxteis.

Em grande medida, Cuxe foi considerado um dos reinos mais ricos da Antiguidade por causa da incorporação das áreas produtoras de ouro localizadas entre o Nilo e o Mar Vermelho. O ouro constituía uma das principais riquezas do reino. Toneladas desse metal foram utilizadas em muros e estátuas dos templos. Além disso, a exportação de ouro teve grande influência nas relações comerciais entre Cuxe, Egito e Roma. Por sua vez, as áreas desérticas eram ricas em pedras preciosas, como ametista e rubi. Em contrapartida, a prata, o cobre e o bronze, encontrados nos objetos para oferendas nos templos e sepulturas, eram, provavelmente, importados.

O comércio desenvolveu-se, sobretudo, nos centros urbanos, transformando-os em pontos estratégicos entre o Mar Vermelho, o Alto Nilo e a savana nilo-chadiana. Os principais produtos exportados eram objetos de cerâmica, ouro, marfim, óleos, incenso, pedras preciosas e semipreciosas, ébano, peles de leopardo e penas de avestruz. O destino mais recorrente desses produtos era o Egito, a região do Mediterrâneo e a Arábia. Inúmeras caravanas passavam ao longo do Rio Nilo e pela “ilha de Méroe”. Esta última localidade era ponto estratégico para a região do Mar Vermelho, Etiópia do Norte, Kordofan e Darfur.

## ▷ Sociedade

A estrutura social no Reino de Cuxe era rigidamente dividida. No topo da sociedade estavam o rei e a sua família, seguidos de uma camada social superior composta da corte, de funcionários reais que cumpriam funções administrativas, chefes militares e sacerdotes. Logo a seguir, na camada social intermediária, composta da maior parte da população, estavam os agricultores, os criadores de animais, os artesãos, os pequenos funcionários e os comerciantes.

Na base da estrutura social estavam os escravos, em geral prisioneiros de guerra. A mão de obra escrava era utilizada na construção de palácios, templos, pirâmides, canais de irrigação e no cultivo de jardins e pomares. Os escravos também eram comercializados, sobretudo para o Egito e para a região do Mediterrâneo. No entanto, a escravidão era do tipo doméstica, isto é, não configurava a base da produção econômica, sendo as mulheres a maior parte dos cativos.

## ▷ Arte

Os objetos produzidos no Reino de Cuxe eram considerados de grande nível técnico e artístico. Os monumentos arquitetônicos, como templos, palácios e pirâmides, eram construídos e decorados por especialistas em vários ofícios, incluindo arquitetos, escultores, marceneiros, ourives etc. Mesmo sendo notável a influência egípcia, os objetos cuxitas revelam, sobretudo a partir do século II a.C., uma tradição artística original.

Foram descobertos alguns vestígios de objetos feitos por marceneiros, como móveis, cofres e até instrumentos musicais. A cerâmica era outro produto da arte em Cuxe, diferenciando-se da produção externa pela qualidade da textura e da decoração. As mulheres, em geral, produziam a cerâmica à mão, e estes objetos eram utilizados pela população em atividades cotidianas. Os homens faziam a cerâmica em torno, destinada à exportação e ao uso das camadas sociais superiores, e, por isso, estava sujeita às variações de estilo e forma.

Como já foi mencionado, Cuxe ficou conhecido pelas suas riquezas auríferas. O trabalho de joalheria revela toda a grandiosidade desse reino. Placas, braceletes, brincos, colares e anéis feitos em ouro, prata, pedras preciosas e marfim foram encontrados em grande quantidade nos túmulos reais. Estas joias eram minuciosamente trabalhadas com desenhos de animais como girafas, rinocerontes, leões etc.



*Pote de cerâmica de Cuxe, localizado nas ruínas de Méroe, no atual Sudão, c. 270 a.C.*



Bracelete de ouro que pertenceu à rainha Amanishaketo, c. 10 a.C.

## ▷ Religião

A religião no Reino de Cuxe era politeísta e antropozoomórfica. Apesar de os povos cuxitas terem incorporado algumas divindades egípcias, como Amon (considerado o mais importante pelos reis), Ísis, Tot, Arensnuphis, Hórus, Statis, entre outros, cultuavam igualmente deuses da própria cultura, como Apedemak e Sebiumecker. Apedemak era um deus guerreiro, representado com cabeça de leão, de grande importância no reino, em especial nas cerimônias dos templos. E Sebiumecker era tido como o deus criador, talvez a principal divindade cuxita.

O culto às divindades cuxitas tornou-se oficial no século III a.C., quando a influência egípcia enfraqueceu. Nessa mesma época, surgiram a língua e a escrita meroíta, que pode ser vista nas inscrições em diversos monumentos. Aliás, o culto aos deuses estava em toda parte, podendo ser observado nas obras de arte e na arquitetura das sepulturas, dos palácios e templos.



Friso com imagem de Apedemak, deus-leão núbio ao lado do deus Hórus em templo meroítico em Naga, atual Sudão, c. 300-100 a.C.

## ▷ A escrita cuxita

Os cuxitas usaram os hieróglifos egípcios como sua primeira forma de escrita. Depois, começaram a criar sua própria escrita, cursiva, que tinha como base um alfabeto composto por quinze consoantes, quatro vogais e outros quatro caracteres silábicos.

Os cientistas ainda trabalham para decifrar a escrita meroíta. A dificuldade é grande, pois a língua cuxita desapareceu há muito tempo. Até agora foi possível identificar alguns nomes de pessoas e de lugares. Também se pode ler a escrita meroíta, mas não se consegue interpretar o seu significado.

“Com a rainha Shanakdakhete (170-160 a.C.) parece ter ascendido ao poder um matriarcado tipicamente local. É uma edificação em honra de seu nome, em Naga, que se encontram inscrições gravadas em hieróglifos meroítas. Tais inscrições contam-se entre as mais antigas de que se tem conhecimento. Esses hieróglifos foram tomados de empréstimo ao egípcio, mas diferem dele em vários aspectos. São escritos e lidos em sentido contrário ao dos textos egípcios, o que pode atestar um desejo deliberado de diferenciação.”

LECLANT, J. O Império de Kush: Napata e Méroe. In: KI-ZERBO, J. *História geral da África*, v. 2. São Paulo: Ática/Unesco, 1982. p. 287.

## Lembre-se!

- A existência de rios perenes, como o Tigre, o Eufrates e o Nilo, na região conhecida como Crescente Fértil, foi fundamental para o desenvolvimento das primeiras civilizações.
- Na Mesopotâmia foram encontrados os registros mais antigos de escrita (escrita cuneiforme) e de uma compilação de leis, o Código de Hamurábi.
- Mesopotâmicos e egípcios desenvolveram intrincados sistemas religiosos que influenciavam muitos aspectos da vida cotidiana e da produção científica e cultural desses povos.
- A riqueza de Cuxe deve-se, em grande medida, às áreas produtoras de ouro existentes no seu território. Além do uso em objetos de arte, joias, templos e palácios, esse metal era um dos principais produtos exportados, com o marfim, incenso, ébano, entre outros.

## A história da África e sua importância para o Brasil

Reconhecer a importância da história dos povos africanos ainda é um desafio a ser vencido, como mostra o texto a seguir de Alberto da Costa e Silva.

"Há alguns anos, causaria surpresa um auditório repleto de interessados na história da África. E, há alguns anos, seriam poucos os que não teriam pejo em repetir Sir Hugh Trevor-Hoper, que afirmou, em 1963, não haver uma história da África subsaariana, mas tão somente a história dos europeus no continente, porque o resto era escuridão, e a escuridão não é matéria da história. [...]"

Na realidade [...] desde o século IX, encontramos anotações sobre o passado e o presente de alguns de seus povos em obras de viajantes e eruditos árabes como Al-Yakube, Al-Bakri, Al-Masudi, Al-Umari, Ibne Batuta, Ibne Khaldun e Leão Africano, bem como, a partir do fim do Quatrocentos, nos textos dos navegadores e cronistas europeus como Cada-mosto, Duarte Pacheco Pereira, João de Barros, Pigafeta, Diogo Gomes ou André Álvares d'Almada. O próprio Camões, n'*Os Lusíadas*, ajuda-nos, e muito, a entender o que se passava, nos últimos anos do século XV, na costa africana do Índico.

Do Quinhentos aos Novecentos, marinheiros, comerciantes, aventureiros, missionários, militares, enviados diplomáticos, exploradores e homens de ciência registraram em diários, descrições de viagem, memórias, relatórios e ensaios as informações que recolhiam das crônicas de corte, [...] e do que ouviam dos bardos, dos griots, dos línguas, dos velhos, dos guias e dos serviçais. [...]"

Desse pendor pela descrição da realidade participaram também africanos, que, ao narrar suas vidas e experiências na África, no cativeiro americano ou na Europa, deixaram anotações preciosas sobre as regiões de onde provinham e por onde passaram e sobre os povos de que faziam parte. [...]"

Sendo antiga e ampla a bibliografia histórica sobre a África, a história da África é, contudo, uma disciplina nova. Nova, porque só há algumas décadas se incorporou ao currículo das universidades. [...]"

Preocupados com nós próprios, com o que fomos e somos, deixamos de confrontar o que tínhamos por herança da África com a África que ficara no outro lado do oceano, tão diversificada na geografia e

no tempo. No entanto, a história da África – ou, melhor, das várias Áfricas –, antes e durante o período do tráfico negreiro, faz parte da história do Brasil.

O estudo da história da África, de uma perspectiva brasileira, nos ajudará a responder [...] a muitas perguntas. Talvez tenhamos até mesmo melhores condições de entendimento afetivo para contar, explicando, como se criouliaram as duas margens do Atlântico, como se estabeleceram certos padrões culturais comuns nas cidades e vilarejos costeiros ligados pelo tráfico. Na habitação. Na cozinha. Nas vestimentas. Nas festas. Em quase todos os modos de vida. [...]"

A história da África é importante para nós brasileiros porque ajuda a explicar-nos. Mas é importante também por seu valor próprio e porque nos faz melhor compreender o grande continente que fica em nossa fronteira leste e de onde proveio quase a metade dos nossos antepassados. Não pode continuar o seu estudo afastado de nossos currículos, como se fosse matéria exótica. Ainda que disto não tenhamos consciência, o **obá** do Benim ou o **angola a quiluanje** estão mais próximos de nós do que os antigos reis da França."

SILVA, Alberto da Costa e. A história da África e sua importância para o Brasil. In: *Um rio chamado Atlântico: África no Brasil e o Brasil na África*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira/UFRJ, 2003. p. 229-240.

### Obá e angola a quiluanje

Termos utilizados em línguas africanas com o significado de representante político, rei, soberano.

### Compreendendo o texto

#### Registre em seu caderno

1. Indique como se caracterizam as relações existentes entre o Brasil e a África.
2. De que maneira podemos conhecer a história dos povos africanos? Identifique quais são as fontes históricas disponíveis apontadas no texto.
3. Faça uma pesquisa em livros e na internet e descubra as influências dos africanos na cultura brasileira. Procure as características da cultura africana que marcaram a nossa música, a língua portuguesa, a alimentação, as religiões, as festas etc.

### EXPLORANDO O CONHECIMENTO

- 1** Mesopotâmia significa, em grego, “região entre rios”, uma referência às terras situadas às margens dos rios Tigre e Eufrates. Compare o nascimento da sociedade mesopotâmica com a egípcia, destacando o papel dos rios para essas civilizações.
- 2** A guerra e a violência parecem ser marcas registradas da região da Mesopotâmia. Da Antiguidade até os dias de hoje a região tem vivido constantes conflitos. Explique a origem das primeiras guerras mesopotâmicas.
- 3** A característica guerreira da sociedade mesopotâmica deu origem a uma rígida divisão do trabalho, marcado por uma sociedade desigual. Cada indivíduo tinha tarefas a cumprir na sociedade, de acordo com a camada social a que pertencia. A aristocracia guerreira ocupava posição privilegiada na sociedade, ao lado dos nobres, sacerdotes e funcionários. Descreva a função de cada um dos segmentos sociais na vida política, religiosa e econômica da Mesopotâmia.
- 4** A sociedade egípcia era organizada em torno do faraó, chefe político visto pela sociedade como um deus e considerado responsável por quase tudo que acontecia na vida cotidiana. Os demais membros da sociedade exerciam funções diferenciadas, e sua importância estava ligada ao papel que desempenhavam na sociedade. Caracterize os grupos sociais que compunham a sociedade egípcia.
- 5** No Egito antigo, os indivíduos adoravam centenas de deuses e deusas tidos como responsáveis pela vida, pela fertilidade do solo, pela morte e pela natureza.
  - a) Conceitue as palavras *politeísta* e *antropozoomórfica*.
  - b) Avalie a importância da vida após a morte para os egípcios.
- 6** A história do Egito unificado é normalmente dividida em três períodos. Caracterize cada um deles apontando os acontecimentos importantes que marcaram cada época.
- 7** Ao longo da história do Reino de Cuxe, a presença do Egito foi muito marcante. Aponte as relações e as diferenças estabelecidas entre estes dois reinos da Antiguidade africana.

### ANÁLISE DAS FONTES

- 8** Observe a imagem do zigurate na página 60 e compare-a com a imagem das pirâmides na página 63. Após esse primeiro exame, considere os textos sobre as religiões mesopotâmica e egípcia presentes nas páginas 61 e 66. Formule, então, uma explicação que justifique a semelhança entre as duas construções.
- 9** Releia o boxe *A grandiosidade de Napata e Méroe* na página 70 e indique, resumidamente, o papel dessas cidades para o Reino de Cuxe.

### A HISTÓRIA E O TEMPO PRESENTE

- 10** Os princípios do Código de Hamurábi (olho por olho, dente por dente) estenderam-se a todos os setores da vida, inclusive às relações pessoais. Além disso, influenciaram as normas de outras civilizações. Informe-se se os princípios do Código de Hamurábi ainda sobrevivem nos países atuais do Oriente Médio. Anote em seu caderno os dados que encontrar.
- 11** A sociedade egípcia era profundamente religiosa e devotada à ideia da vida após a morte. Você acha que isso também acontece na sociedade brasileira? Faça uma pesquisa sobre as religiões de maior crescimento no Brasil. O que explica a popularidade delas? Que explicações elas fornecem para a vida após a morte?
- 12** Os rios ainda hoje são considerados bens naturais da maior importância para a agricultura. As populações que vivem em locais áridos têm grandes dificuldades para sobreviver por causa da escassez de água. A transposição das águas do Rio São Francisco, por exemplo, é uma proposta que expressa a importância das águas para a vida humana. Esse projeto, com o qual se pretende levar água para ajudar e aliviar a seca que assola a população do sertão, tem sido palco de diversos debates. Em grupo, façam uma pesquisa sobre o assunto — nos sites do Ministério da Integração ([www.mi.gov.br](http://www.mi.gov.br)) e na Fundação Joaquim Nabuco ([www.fundaj.gov.br](http://www.fundaj.gov.br)) vocês podem encontrar informações importantes. Ao realizar a pesquisa, procurem dimensionar o peso das condições geográficas e o da estrutura socioeconômica vigente na configuração do quadro de pobreza que assola grande parte da população sertaneja. Ao final, construam um painel com os prós e os contras da realização desse projeto.

**1** (Fuvest-SP) No antigo Egito e na Mesopotâmia, assim como nos demais lugares onde foi inventada, a escrita esteve vinculada ao poder estatal. Este, por sua vez, dependeu de um certo tipo de economia para surgir e se desenvolver.

Considerando as afirmações acima, explique as relações entre:

- a) escrita e Estado;
- b) Estado e economia.

**2** (UFRN) As sociedades que, na Antiguidade, habitavam os vales dos rios Nilo, Tigre e Eufrates tinham em comum o fato de:

- a) terem desenvolvido um intenso comércio marítimo que favoreceu a constituição de grandes civilizações hidráulicas.
- b) serem povos orientais que formaram diversas cidades-Estado, as quais organizavam e controlavam a produção de cereais.
- c) haverem possibilitado a formação do Estado a partir da produção de excedentes, da necessidade de controle hidráulico e da diferenciação social.
- d) possuírem, baseadas na prestação de serviço dos camponeses, imensos exércitos que viabilizaram a formação de grandes impérios milenares.

**3** (FEI-SP) Podem ser consideradas características das civilizações da Antiguidade Oriental:

- a) o monoteísmo e uma rígida divisão social.
- b) o politeísmo e uma sociedade organizada de maneira igualitária.
- c) o politeísmo e uma rígida divisão social.
- d) o monoteísmo e uma sociedade organizada de maneira igualitária.
- e) o politeísmo e uma sociedade de classes.

**4** (UFSE) Analise as proposições sobre os egípcios e povos mesopotâmicos. Copie em seu caderno as proposições corretas.

- a) A religião monoteísta foi o elemento cultural mais atuante em todos os períodos da história política do Egito antigo.
- b) A medicina, a arquitetura e a engenharia no Egito foram pouco utilizadas e insignificamente estimuladas pelo poder central.
- c) Estimulados pelos faraós e pelos sacerdotes, técnicos e artistas, atuando como verdadeiros funcionários do Estado, buscaram, em vão, através dos estudos da astronomia, elaborar um calendário.

d) Mesopotâmia — nome dado pelos gregos e que significa “terra entre dois rios” — compreendia os vales e planícies irrigados pelos rios Tigre e Eufrates, onde hoje é território do Iraque e terras próximas.

e) Durante o reinado de Nabucodonosor (604 a.C.-561 a.C.), o Segundo Império Babilônico viveu o seu apogeu. Foi a época das grandes construções públicas, como os templos para vários deuses, especialmente o de Marduk, as grandes muralhas da cidade e os palácios, a exemplo dos “Jardins Suspensos da Babilônia”, considerados pelos gregos como uma das maiores “maravilhas do mundo”.

**5** (UFC-CE) Leia com atenção as afirmativas a seguir sobre as condições sociais, políticas e econômicas da Mesopotâmia.

- I As condições ecológicas explicam por que a agricultura de irrigação era praticada através de uma organização individualista.
- II Na economia da Baixa Mesopotâmia, a fome e as crises de subsistência eram frequentes, causadas pela irregularidade das cheias e também pelas guerras.
- III Na Suméria, os templos e zigurates foram construídos graças à riqueza que os sacerdotes administravam à custa do trabalho de grande parte da população.
- IV A presença dos rios Tigre e Eufrates possibilitou o desenvolvimento da agricultura e da pecuária e também a formação do primeiro reino unificado da história.

Sobre as afirmativas anteriores, é correto afirmar:

- a) I e II são verdadeiras.
- b) III e IV são verdadeiras.
- c) I e IV são verdadeiras.
- d) I e III são verdadeiras.
- e) II e III são verdadeiras.

**6** (Vunesp) Os Estados teocráticos da Mesopotâmia e do Egito evoluíram acumulando características comuns e peculiaridades culturais. Os egípcios desenvolveram a prática de embalsamar o corpo humano porque:

- a) se opunham ao politeísmo dominante na época.
- b) os seus deuses, sempre prontos para castigar os pecadores, desencadearam o dilúvio.
- c) depois da morte a alma podia voltar ao corpo mumificado.

- d) construíram túmulos, em forma de pirâmides truncadas, erigidos para a eternidade.
  - e) os camponeses constituíam categoria social inferior.
- 7** (Vunesp) Caracterize as relações entre os camponeses e o Estado no Egito antigo.

**8** (Unioeste-PR) Se tomarmos como referência a Antiguidade oriental, é correto afirmar sobre a sociedade egípcia que

- a) os faraós, apesar de estarem no topo da hierarquia social, deviam obediência aos sacerdotes, que detinham o poder teocrático.
- b) a alta nobreza era constituída pelos parentes do faraó, pelos altos funcionários do palácio, pelos oficiais superiores do exército, pelos chefes locais da administração e pelos sacerdotes.
- c) os escribas, homens letrados, eram considerados os “olhos e ouvidos” do faraó.
- d) os camponeses e os artesãos constituíam uma camada social dinâmica que controlava a economia agroindustrial egípcia.
- e) os escravos não recebiam proteção dos seus senhores e eram maltratados em todas as situações.

**9** (UFRN) A religião estava presente em todos os aspectos da vida no antigo Egito. A medicina, inclusive, era impregnada de elementos mágicos e religiosos.

A relação entre religião e medicina no antigo Egito era evidente na medida em que

- a) as práticas médicas estavam voltadas apenas para o tratamento dos faraós, cuja imagem era associada aos deuses.
- b) as técnicas desenvolvidas na medicina foram estimuladas pela necessidade de preservar o corpo para a vida após a morte.
- c) os médicos, recrutados entre as mais altas camadas sociais, acumulavam também a função de promover o culto religioso.
- d) os médicos queriam prolongar a existência terrena, estimulados pelas crenças religiosas que negavam a imortalidade da alma.

**10** (UEL-PR) A arquitetura dos templos do antigo Egito forneceu para a posteridade a mais fértil e expressiva documentação sobre a cultura egípcia. Entre suas principais características pode-se indicar a

- a) ausência de telhados, uma vez que a chuva era muito rara.
- b) utilização de tijolos de argila queimada na construção de paredes, escadarias e colunas.
- c) grandeza nas dimensões e construções sólidas.

d) adoção de diversos tipos de materiais, conforme as figuras retratadas.

e) preocupação em atrelar arte e ciência em uma mesma construção.

**11** (Enem-MEC) Ao visitar o Egito do seu tempo, o historiador grego Heródoto (484-420/30 a.C.) interessou-se por fenômenos que lhe pareceram incomuns, como as cheias regulares do Rio Nilo. A propósito do assunto, escreveu o seguinte: “Eu queria saber por que o Nilo sobe no começo do verão e subindo continua durante cem dias; por que ele se retrai e a sua corrente baixa assim que termina esse número de dias, sendo que permanece baixo o inverno inteiro, até um novo verão. Alguns gregos apresentam explicações para os fenômenos do Rio Nilo. Eles afirmam que os ventos do noroeste provocam a subida do rio, ao impedir que suas águas corram para o mar. Não obstante, com certa frequência, esses ventos deixam de soprar, sem que o rio pare de subir da forma habitual. Além disso, se os ventos do noroeste produzissem esse efeito, os outros rios que correm na direção contrária aos ventos deveriam apresentar os mesmos efeitos que o Nilo, mesmo porque eles todos são pequenos, de menor corrente.”

Heródoto. *História*, livro II, 19-23. Chicago: *Encyclopaedia Britannica Inc.* 2. ed. 1990. p. 52-53 (Com adaptações).

Nessa passagem, Heródoto critica a explicação de alguns gregos para os fenômenos do Rio Nilo. De acordo com o texto, julgue as afirmativas abaixo.

- I Para alguns gregos, as cheias do Nilo devem-se ao fato de que suas águas são impedidas de correr para o mar pela força dos ventos do noroeste.
- II O argumento embasado na influência dos ventos do noroeste nas cheias do Nilo sustenta-se no fato de que, quando os ventos param, o Rio Nilo não sobe.
- III A explicação de alguns gregos para as cheias do Nilo baseava-se no fato de que fenômeno igual ocorria com rios de menor porte que seguiam na mesma direção dos ventos.

É correto apenas o que se afirma em:

- a) I.
- b) II.
- c) I e II.
- d) I e III.
- e) II e III.

**12** (Enem-MEC) O Egito é visitado anualmente por milhões de turistas de todos os quadrantes do planeta, desejosos de ver com os próprios olhos a grandiosidade do poder esculpida em pedra há milênios: as pirâmides de Gizé, as tumbas do Vale dos Reis e os numerosos templos construídos ao longo do Nilo.

O que se transformou em atração turística era, no passado, interpretado de forma muito diferente, pois

- a) significava, entre outros aspectos, o poder que os faraós tinham para escravizar grandes contingentes populacionais que trabalhavam nesses monumentos.
- b) representava para as populações do Alto Egito a possibilidade de migrar para o sul e encontrar trabalho nos canteiros faraônicos.
- c) significava a solução para os problemas econômicos, uma vez que os faraós sacrificavam aos deuses suas riquezas, construindo templos.
- d) representava a possibilidade de o faraó ordenar a sociedade, obrigando os desocupados a trabalharem em obras públicas, que engrandeceram o próprio Egito.
- e) significava um peso para a população egípcia, que condenava o luxo faraônico e a religião baseada em crenças e superstições.

**13** (UFSM-RS) "(...) E a situação sempre mais ou menos / Sempre uns com mais e outros com menos / A cidade não para, a cidade só cresce / O de cima sobe e o de baixo desce / (...)"

Este trecho da música do pernambucano Chico Science (1966-1997) e grupo Nação Zumbi nos remete à vida

em cidades, processo que passou a ser significativo na história, a partir do 4º milênio a.C., na Mesopotâmia. Sobre esse processo, é correto afirmar:

- a) com o surgimento e crescimento das cidades, houve um progressivo aumento da especialização do trabalho e da igualdade social, enfraquecendo o poder político.
- b) a diminuição da produção agrícola assegurou excedentes para a manutenção de especialistas, desenvolvendo a urbanização em cidades-Estado socialmente desiguais.
- c) apesar da urbanização e das novas tecnologias de irrigação, mantém-se um Estado de caráter exclusivamente político e que não intervém na economia, conservando a ordem social hierarquizada.
- d) a sedentarização do homem, o desenvolvimento de cidades, a especialização do trabalho e uma sociedade desigual levaram à constituição de polos de poder como o Templo e o Palácio.
- e) mesmo se legitimando através de conquistas militares ou como mediadores entre o mundo terreno e o mundo divino, os soberanos separaram a esfera política da religiosa no intuito de conservar uma sociedade desigual.

## Ampliando o conhecimento

### Leituras

*Antigas civilizações*. São Paulo: Ática, 1995. (Coleção Atlas visuais)

Fotos e ilustrações de objetos, monumentos e obras de arte das mais importantes civilizações da Antiguidade enriquecem e facilitam o entendimento sobre esses povos.

AL-MUQASFA, Ibn. *A epopeia de Gilgamesh*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

Os poemas narram a epopeia de Gilgamesh, o rei de Uruk, na Mesopotâmia e revelam uma preocupação bastante humana com a mortalidade, a busca do conhecimento e uma tentativa de escapar ao destino do homem comum, em uma mistura de aventura, moralidade e tragédia.

JOLY, Dominique. *As fabulosas histórias dos deuses do Egito*. São Paulo: Ibep-Nacional, 2007.

A obra é uma compilação de lendas que mostram como os egípcios imaginavam que o mundo havia sido criado, a sucessão de dias e noites, as estações do ano e o relacionamento entre os deuses.

REDE, Marcelo. *A Mesopotâmia*. São Paulo: Saraiva, 1997. (Coleção Que história é esta?)

O autor mostra como surgiram as primeiras civilizações mesopotâmicas, como se estruturavam e como era a cultura desses povos. Destaque para a grande quantidade de documentos escritos e arqueológicos.

TIANO, Oliver. *Nos passos dos... deuses do Egito*. Rio de Janeiro: Rocco, 2005.

Fartamente documentada, esta obra apresenta diversos aspectos da mitologia, da vida dos faraós, das pirâmides, dos escribas, entre outros temas da civilização egípcia.

### Site

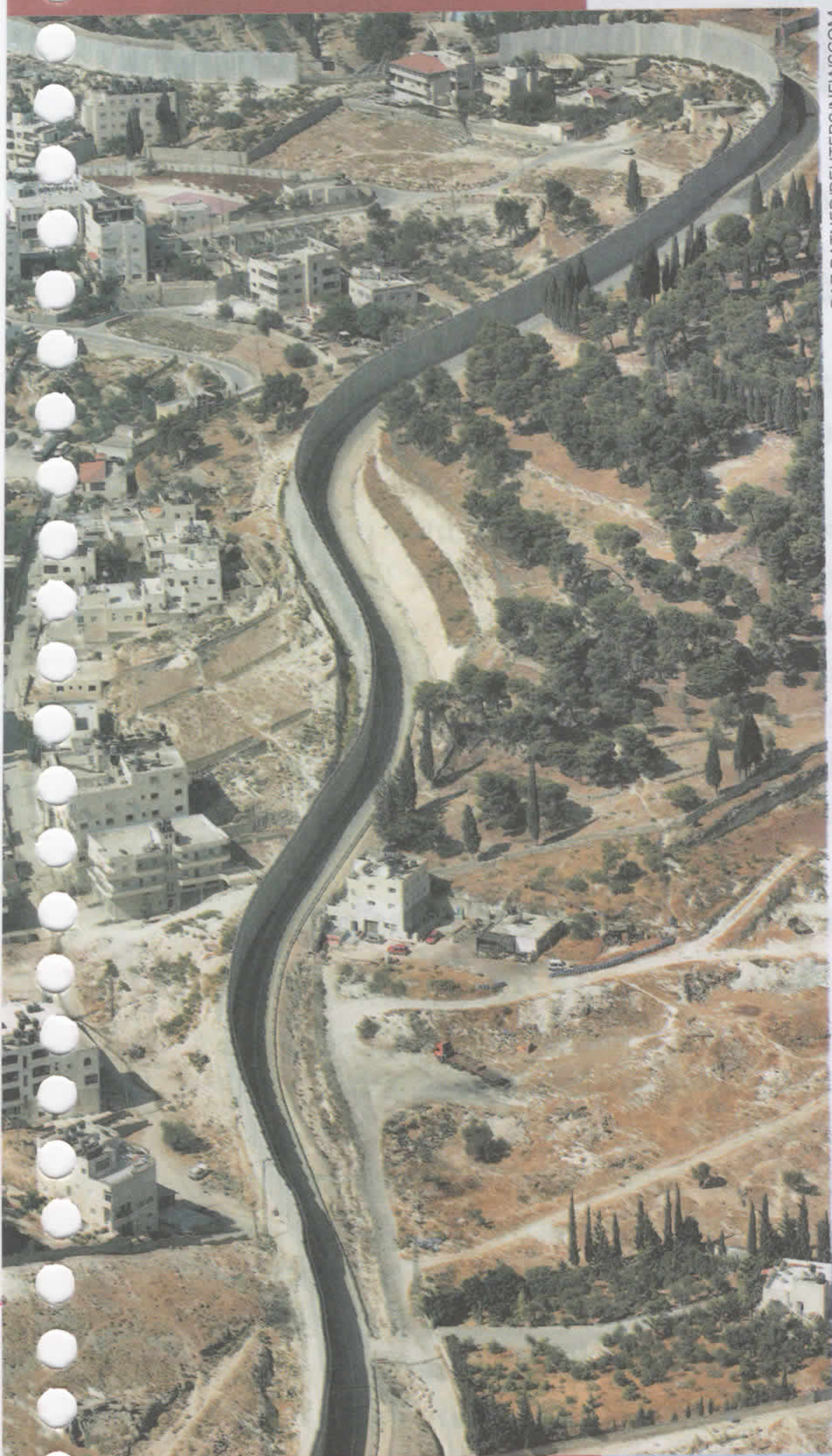
#### Discovery Channel – Especial Egito

<[www.discoverybrasil.com](http://www.discoverybrasil.com)>

O site conta com um grande número de informações sobre o Egito antigo e belas imagens. O link "Quer descobrir mais sobre a grande pirâmide?" mostra quais eram as técnicas utilizadas pelos egípcios para a construção dessas magníficas obras.



# Hebreus, fenícios e persas



BAZ RATNER/REUTERS/NEWS.COM

## Muro separa Israel da Cisjordânia

“Alunos e funcionários do **liceu** de Anata, no subúrbio de Jerusalém, ficaram perplexos após toparem com um muro de concreto de oito metros de altura, erguido durante o último fim de semana por Israel e que agora divide em dois o estabelecimento. O muro cruza o pátio do liceu, isolando as quadras de futebol e de vôlei da escola e deixando para os 800 alunos um espaço estreito e limitado para o recreio e as atividades esportivas. O muro é parte da barreira de separação erguida por Israel na Cisjordânia e na região de Jerusalém. [...]

‘Parece que estamos em uma prisão. Não temos nem vontade de sorrir ou de conversar’, comentou o aluno Hicham Mahmud, 15. [...] Além disso, o barulho das escavadoras e das britadeiras nos impede de estudar. Os professores devem gritar para que possamos escutá-los’, disse. [...]

Folha Online, 5 out. 2005. Folha Mundo.

Disponível em <www1.folha.uol.com.br>. Acesso em fev. 2010.

### Liceu

Estabelecimento de ensino; escola.

Os territórios habitados pelos antigos hebreus e fenícios hoje correspondem ao Estado de Israel, Autoridade Palestina, Líbano e Síria. À esquerda, trecho do muro que está sendo construído pelo governo israelense para separar Israel dos territórios palestinos da Cisjordânia, em 2008. À direita, grafite do artista britânico Banksy no muro que separa Israel da Cisjordânia. Foto de 2005.

MARCO DI LAURO/GETTY IMAGES



## ► Hebreus

Os hebreus são importantes para a cultura do mundo ocidental. A moral e a ética dos hebreus foram o seu mais importante legado e serviram de base para o judaísmo e o cristianismo, duas das principais religiões do mundo atual.

Ao longo do tempo, vários povos exerceram influência sobre essa região. Mas a herança histórica mais marcante foi deixada pelos judeus e árabes, cuja trajetória estudaremos em outro capítulo.

Ainda hoje, as relações entre árabes e judeus são marcadas por conflitos constantes. Ambos lutam pela hegemonia sobre a Palestina: os judeus julgam-se com direitos históricos sobre a região, e os árabes palestinos afirmam possuir direitos adquiridos pela longa e contínua ocupação.

A civilização hebraica, de origem **semita**, desenvolveu-se na região da antiga Palestina (veja o mapa a seguir). O território é cortado pelo Rio Jordão, que o fertiliza e o torna propício à agricultura. Nas áreas não banhadas pelo Jordão viviam grupos nômades de pastores. Um desses grupos era formado pelos hebreus, organizados em clãs patriarcais seminômades que se dedicavam à criação de gado nos oásis dos desertos da Arábia.



Fonte: HILGEMANN, Werner; KINDER, Hermann.

*Atlas historique: de l'apparition de l'homme sur la terre à l'ère atomique.* Paris: Perrin, 1992. p. 32.



Torá em rolo de pergaminho.

THE BRIDGEMAN ART LIBRARY/KEYSTONE - MUSEU AMERICANO DE HISTÓRIA NATURAL, NOVA YORK

A sociedade hebraica formou-se no segundo milênio antes de Cristo, momento em que o Egito e a Mesopotâmia já eram considerados grandes impérios. Uma das principais fontes de pesquisa sobre a história do povo hebreu é a Torá (veja a foto), que corresponde ao *Pentateuco* — os cinco primeiros livros do Antigo Testamento da *Bíblia*: Gênesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio. Além destes, o Antigo Testamento traz 41 livros. Por meio desses textos podemos conhecer a história, os costumes, os mitos, as ciências, as leis, a moral, as práticas sociais e o padrão de comportamento do povo judeu.

### A *Bíblia* e o trabalho do historiador

“É preciso ter presente que a *Bíblia* tem um compromisso com a unidade do povo hebreu e não com a narrativa fiel de acontecimentos. [...] O fato de questionarmos a historicidade de algum personagem não significa que não possam tirar da história contada informações que nos interessam. O narrador acaba referindo-se a costumes e padrões de comportamento que caracterizam uma época e dizem respeito também a mitos que derivam de uma região. Assim, não há contradição entre questionar a historicidade de personagens bíblicos, colocar em dúvida alguns dos fatos milagrosos ali narrados e utilizar o material como fonte para o trabalho do historiador.”

PINSKY, Jaime. *As primeiras civilizações*. 24. ed. São Paulo: Contexto, 2008. p. 108-109. (Coleção Repensando a história)

### Semita

Povo proveniente da Ásia que, segundo a *Bíblia*, descende de Sem, filho de Noé. Dos semitas originaram-se os povos hebreu e árabe, entre outros.

## Bíblia: o livro sagrado cristão

A palavra *Bíblia* é derivada do grego *Biblos* = "papiro, papel, livro" e significa o conjunto dos livros sagrados, não importando qual seja o credo. Usualmente, a palavra *Bíblia* é ligada ao livro sagrado dos cristãos, seguidores de Jesus Cristo, mas ela também pode designar o livro sagrado dos judeus.

A *Bíblia* cristã é basicamente dividida em duas partes: o Antigo Testamento (AT), relativo à tradição religiosa judaica, e o Novo Testamento (NT), que corresponde aos escritos dos apóstolos de Jesus Cristo. No tocante ao número de livros contidos na *Bíblia* cristã, há duas versões: a protestante, que conta com 39 livros no AT, e a católica, com 46. Em relação ao NT, as duas contêm 27 livros.

A *Bíblia*, diferentemente de alguns outros livros sagrados, é considerada uma obra inspirada por Deus (judaico e cristão); é a revelação de Deus aos homens. Por isso, é chamada de a Palavra de Deus. Para os fiéis, portanto, lê-la é uma das principais formas de se conhecer a vontade de Deus.

Além do aspecto religioso, a *Bíblia* é considerada um documento histórico; traz, entre outras coisas, a história dos judeus, referências a outros povos da antiga Palestina, filosofia antiga, costumes e tradições judaicas, elementos do cotidiano desse povo, referências a locais e episódios da história antiga do Oriente Médio.



JAVIER JAIME SANCHEZ/CID

A Bíblia.

O período histórico de elaboração da *Bíblia* situa-se entre 1200-1100 a.C. e 100 d.C. Por volta de 1200 a.C., ainda não havia uma bem definida escrita hebraica. Até então, a *Bíblia* judaica era transmitida oralmente. Apenas por volta do reinado de Davi (1025 a 985 a.C.) é que foram feitas as primeiras versões escritas dos textos sagrados. Os primeiros cinco livros, conhecidos como Pentateuco ou Torá, que inclui o Gênesis (relato da formação do Universo e do homem por Deus), foram finalizados em 398 a.C. Devido à fragilidade do material em que foram escritos, foi necessário, durante séculos, fazer várias cópias dos manuscritos originais. Estes não existem mais.

Os hebreus acreditavam ser o povo eleito de Deus, a quem chamavam de Iaweh ou Jeová. Confiavam que Deus escolheria determinados membros do grupo para que estes comandassem os demais e fizessem os planos divinos se cumprirem. Abraão, Isaac, Jacó e Moisés teriam sido alguns desses escolhidos.

A sociedade hebraica era patriarcal, formada por famílias numerosas que seguiam com devoção uma das mensagens de Deus: "Crescei e multiplicai-vos". Muitas vezes, avaliava-se o valor de uma mulher pelo número de filhos que ela conseguia gerar.

A partir dos 10 anos de idade, os meninos começavam a ser treinados pelo pai para assumirem um papel de destaque na tribo. Já as meninas eram cercadas de cuidados e, desde cedo, preparadas para o casamento. Quando se casavam, elas tornavam-se propriedade dos maridos.

O concubinato era uma prática aceita entre os hebreus. A esposa tinha direitos que as concu-

binas não possuíam. A herança também não era partilhada de forma igual entre filhos legítimos e ilegítimos.

A exemplo dos demais povos do Oriente, a sociedade hebraica era escravista. Os escravos eram divididos em dois grupos: o dos escravos hebreus e o dos escravos estrangeiros, prisioneiros de guerra. Ambos detinham alguns direitos assegurados pela lei religiosa, como o de possuir bens materiais e os de converter-se ao judaísmo e casar.

A fase inicial de organização política e econômica dos hebreus é conhecida como **Período dos Patriarcas**. Além de exercerem as funções de sacerdotes, juízes e chefes militares, os patriarcas eram a autoridade política e moral do clã e conduziam seus descendentes e seus rebanhos de oásis em oásis. Por muitas gerações o povo hebreu foi dirigido pelos patriarcas e se dedicou ao pastoreio e à agricultura.

## Análise o documento

### A sociedade hebraica

"Naquele ano, Isaac semeou nessa terra e colheu o cêntuplo. O Senhor o abençoou, e ele se tornou um grande personagem. [...] Tornou-se proprietário de um grande rebanho de ovelhas e bois, e de numerosa criadagem. [...] Isaac envelhecera, seus olhos apagavam-se e não enxergava mais. Chamou Esaú, seu filho primogênito, e disse-lhe: [...] 'Vês que fiquei velho e ignoro o dia da minha morte. Traze, agora, as tuas armas, tua aljava e teu arco; corre ao campo e abate a caça para mim. Prepara-me uma iguaria como gosto, traze-ma e eu a comerei, para que minh'alma te abençoe antes de morrer.'"

Gênesis 26,27. *Bíblia*. Tradução ecumênica. São Paulo: Loyola, 1994. p. 57-58.



### Questão

- O trecho da *Bíblia* que você acabou de ler permite conhecer parte das tradições da sociedade hebraica. De acordo com o texto, cite as atividades econômicas e os costumes dos hebreus.

### ▷ O exílio no Egito

Por volta de 1750 a.C., segundo a tradição bíblica, um grande período de seca assolou a região e os hebreus migraram para o Egito. Fixaram-se na região do Delta do Nilo e lá permaneceram durante 400 anos. Nessa época o Egito estava sob o domínio dos hicsos, que chegaram a contratar muitos hebreus para trabalhos diversos, confiando-lhes inclusive importantes cargos públicos. Depois que os hicsos foram expulsos pelos egípcios, os hebreus passaram a sofrer perseguições e chegaram a ser escravizados.

Liderados por Moisés, os hebreus deixaram o Egito e iniciaram o retorno à Palestina, num episódio que ficou conhecido como **Êxodo**. Segundo a *Bíblia*, Moisés era filho de hebreus, e sua mãe, para impedir que o menino fosse morto pelos soldados do faraó, colocou-o num cesto de vime e o soltou no Rio Nilo, próximo do local onde uma princesa se banhava todos os dias em companhia de suas servas. A princesa, ao ver o cesto com a criança, tirou-o do rio, considerando-a presente dos deuses. Levou o menino para o palácio e criou-o como príncipe do Egito, dando-lhe o nome de Moisés, que quer dizer "nascido das águas".

Quando cresceu, Moisés descobriu sua verdadeira identidade e revoltou-se com o tratamento humilhante e cruel dispensado ao seu povo. Então foi viver entre os hebreus. Mais tarde, recebeu de Iaweh a missão de libertá-los da servidão no Egito e conduzi-los de volta à Palestina, a Terra Prometida.

Segundo alguns especialistas em História Antiga, há dúvidas quanto à veracidade do fato de os hebreus terem sido aprisionados no Egito. Parece não existirem relatos sobre tal episódio nos registros egípcios.

*Princesa egípcia retira Moisés do cesto que estava no Rio Nilo, em cena do filme O príncipe do Egito, de 1998.*





Gravura do século XIX de Gustave Doré, Moisés com as tábuas da lei, representando o momento em que Moisés mostra as tábuas com os mandamentos ao povo de Israel.

Não resta dúvida, porém, quanto à importância do episódio do Êxodo na constituição da identidade cultural do povo judeu e ao papel desempenhado por Moisés na construção dessa identidade. Ele entrelaçou a ideia de Deus único nas normas de vida desse povo em formação.

Segundo a tradição judaica, foi durante o retorno à Palestina que Moisés recebeu de Iaweh, no Monte Sinai, as **Tábuas da Lei** (duas placas de pedra nas quais foi escrito o **Decálogo**, ou os **Dez Mandamentos**). O Decálogo, também conhecido como Lei Mosaica, era o cerne das regras civis, morais e religiosas dos hebreus. Moisés morreu antes de chegar à Palestina, e a liderança do grupo foi assumida por Josué.

A partir da crença em um Deus único e das leis associadas aos Dez Mandamentos, apresentadas nos livros da *Bíblia*, foi desenvolvida a primeira grande religião monoteísta, o **judaísmo**, que influenciou a formação do cristianismo e mais tarde da religião islâmica. Hoje, os judeus, os cristãos e os muçulmanos consideram a *Bíblia* um livro sagrado.

## ▷ O reino hebraico e sua decadência

Coube a Josué, um hábil chefe militar, iniciar a luta pelo controle da Palestina ou Canaã, onde já viviam outros povos. Na Terra Prometida, os Filhos de Israel dividiram-se em doze tribos lideradas pelos **Juízes**, chefes militares e políticos escolhidos pelo povo. As tribos eram autônomas e só se uniam diante das ameaças comuns nas guerras contra os **filisteus e cananeus**, além de manterem uma unidade cultural representada principalmente pela língua e pela religião. Entre os chefes temporários das tribos destacaram-se Sansão, Gedeão e Samuel.

No decorrer das lutas com os cananeus, os filisteus e outros povos de Canaã, as tribos de Israel perceberam a necessidade de reforçar sua unidade por meio da constituição de um reino politicamente organizado. Assim, por volta do ano 1000 a.C., optaram pela implantação da Monarquia. Saul, o primeiro rei de Israel, realizou conquistas militares, mas depois de sofrer algumas derrotas começou a encontrar forte oposição por parte do seu povo. Numa batalha contra os filisteus, diante da derrota iminente, Saul suicidou-se, sendo sucedido por Davi. O novo soberano foi proclamado inicialmente rei de Judá, a porção sul do território, e mais tarde de todo o reino. Davi definiu e organizou o Estado e conquistou Jerusalém, escolhendo-a para ser a capital política e religiosa do reino. Na tradição judaica, Davi era um jovem pastor que derrotou o gigante Golias, o guerreiro dos filisteus.

O governo de Salomão, filho de Davi, marcou o apogeu da Monarquia. Salomão fortaleceu o poder, criou uma administração organizada e eficiente, promoveu a expansão do comércio com outros povos do Oriente e construiu palácios e templos — dentre esses monumentos destacou-se o suntuoso templo de Jerusalém.

Porém, para sustentar a política de grandes construções e o luxo da corte, Salomão instituiu impostos opressivos e criou um corpo de funcionários encarregados da fiscalização e cobrança dos tributos. Além disso, os camponeses eram recrutados à força para trabalhar nas obras públicas. Tais medidas geraram descontentamentos e acarretaram revoltas sociais.

### **Filisteus e cananeus**

Povos originários da antiga Palestina e rivais dos hebreus pelo controle da região.

Com a morte de Salomão, em 935 a.C., instalou-se uma crise político-sucessória que levou à ruptura entre as tribos. Assim, formaram-se dois Estados: o **Reino de Israel**, constituído pelas dez tribos do norte lideradas por Jeroboão, com capital em Samaria; e o **Reino de Judá**, governado por Roboão, filho de Salomão. Era integrado pelas tribos de Benjamim e Judá e tinha sua capital em Jerusalém. Esse episódio ficou conhecido como **Cisma**. Os habitantes do Reino do Norte (Israel) passaram a ser chamados de israelitas, e os do Reino do Sul (Judá) tornaram-se conhecidos como judeus.

### **A separação de Judá e Israel**

“Não se tratou da divisão de um reino unificado, mas sim da não renovação da união pessoal entre Judá e Israel que existira sob Davi e Salomão. Tratava-se da consolidação e do enrijecimento do velho dualismo entre Norte e Sul, que havia sido apenas encoberto temporariamente pela união pessoal, mas de modo algum eliminado por ela.”

DONNER, Herbert. *História de Israel e dos povos vizinhos*. Dos primórdios até a formação do Estado. São Leopoldo: Sinodal, 1997. p. 278.

A partir de então, crises frequentes enfraqueceram os dois reinos, que ficaram sujeitos às invasões de assírios, egípcios e babilônios. Em 721 a.C., os assírios conquistaram o Reino de Israel, e as dez tribos que o

constituíram foram assimiladas culturalmente por outros povos e perderam sua identidade hebraica. Em 586 a.C. o rei da Babilônia, Nabucodonosor, conquistou o Reino de Judá e depois de sufocar uma revolta dos judeus ordenou a transferência da população para a Mesopotâmia. Esse episódio, que ficou conhecido como **Cativeiro da Babilônia**, durou até 538 a.C., quando Ciro, rei da Pérsia, após conquistar os territórios babilônicos (inclusive a Palestina), permitiu que os judeus retornassem a Jerusalém e reconstruíssem o Templo em 537 a.C.

Depois da hegemonia persa, a Palestina foi conquistada, em 332 a.C., por Alexandre da Macedônia. Uma nova invasão ocorreu em 63 a.C., colocando o território sob o controle de Roma. Durante a dominação romana, grupos nacionalistas judaicos se organizaram e incitaram revoltas, duramente reprimidas, até serem definitivamente esmagadas no ano 70 da era cristã. Os judeus foram então expulsos da Palestina, proibidos de retornar àquela região e dispersos pelas províncias romanas. Esse episódio tornou-se conhecido como **Diáspora**, termo que significa dispersão.

Espalhados pelo mundo, os judeus passaram a viver em pequenas comunidades. Sem território próprio, preservaram sua unidade cultural (língua, religião, costumes etc.) e mantiveram-se como nação até 1948, quando a ONU criou o Estado de Israel, permitindo o retorno do povo judeu ao antigo território. Porém, a criação de Israel provocou conflitos com os palestinos, populações de origem árabe que havia séculos ocupavam a região — e essa situação perdura até os dias atuais.



*Durante ofensiva israelense em Gaza, em 2009, palestinos em protesto na Cisjordânia atiram pedras contra soldados israelenses.*

ELIANA APONTE/REUTERS/LATINSTOCK

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

## Fenícios

Os fenícios habitavam a costa do atual Líbano. O território ocupava uma estreita faixa de terra, comprimida entre o mar e as montanhas. Eles dedicavam-se à agricultura, à caça e à pesca. No entanto, sua posição geográfica — próxima às passagens das caravanas nômades — favoreceu o contato com diversos povos estrangeiros, a navegação e a atividade comercial.

Não existiu na Fenícia um Estado unificado, nos moldes daquele que se desenvolveu no Egito. Cada cidade era um Estado independente, governado por dois *sufetas* e organizado como uma Monarquia ou uma República plutocrática (isto é, controlada pelos cidadãos ricos). Predominavam o poder da elite mercantil, formada por grandes comerciantes e armadores, e o dos sacerdotes.

O comércio e o artesanato propiciaram o crescimento de poderosas cidades. As principais cidades fenícias (Sidon, Biblos, Tiro e Ugarit) dominaram outros territórios e estenderam suas rotas comerciais por todo o Mediterrâneo, estabelecendo feitorias e colônias em pontos estratégicos como Cartago, no norte da África, Sicília, no sul da Península Itálica, e Cádiz, no sul da Espanha.

A religião dos fenícios era animista, isto é, atribuía poderes sagrados às montanhas, às árvores e às manifestações da natureza. Além disso, estava centrada em ritos e deuses locais. Cada cidade tinha o seu deus principal (*Baal*), mas também havia a prática de cultos dedicados a divindades comuns a todas as cidades.



Baixo-relevo em sarcófago de Sidon mostrando um barco fenício, século II a.C.

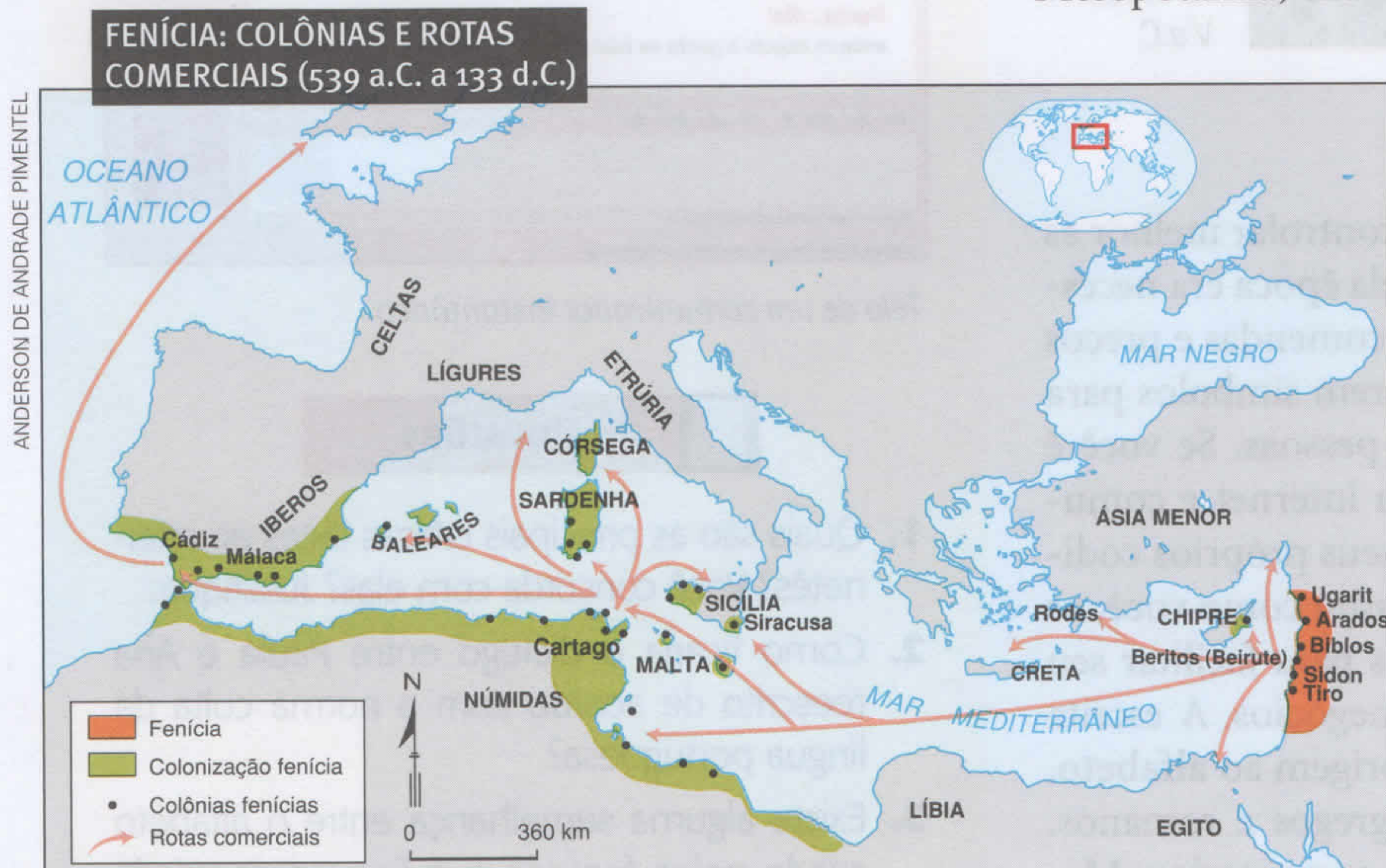
## O artesanato e o comércio

Artesãos hábeis, os fenícios empregavam os metais, a madeira e o marfim na confecção de armas, joias, cerâmicas e objetos de vidro transparente e colorido. Também dominavam a técnica da tinturaria de tecidos, utilizando a “púrpura”, espécie de corante vermelho-escuro extraído de uma concha chamada *múrice*.

Importavam tecidos, vestimentas e tapetes da Mesopotâmia, marfim, ébano, essências aromáticas

e ouro da Arábia, e cavalos da Ásia Menor. Navegadores exímios, os fenícios foram para a Península Ibérica em busca de prata, ferro, estanho e chumbo e chegaram até a atual Inglaterra e à costa do Mar do Norte. Também realizaram viagens em torno da África.

No norte da África e no Oriente Médio, as cargas eram transportadas em caravanas, nos lombos de mulas e camelos, em carroças e navios. Atravessavam desertos, florestas, rios e mares. Nessas viagens os fenícios não levavam apenas mercadorias. Eles transmitiam experiência, ideias e cultura.



Fonte: HILGEMANN, Werner; KINDER, Hermann. *Atlas historique: de l'apparition de l'homme sur la terre à l'ère atomique*. Paris: Perrin, 1992. p. 34.

Que língua é essa?

“Vc jah viu exe tipo de texto? Pois eh, ixo eh o internetes... ou melhor, o internetês. Essa forma de expressão grafolinguística explodiu principalmente entre adolescentes que passam horas na frente do computador [...], em *chats*, *blogs* e comunicadores instantâneos em busca de interação – e de forma dinâmica. [...] Nosso adolescente [...] faz das ferramentas *on-line* uma extensão da vida social. [...] Na ponta do teclado, o internetês dá nome a um conjunto de abreviações de sílabas e simplificações de palavras que leva em conta a pronúncia e a eliminação de acentos. De quebra, acrescenta uma leve dose de humor às mensagens *on-line*. Não o suficiente para evitar inúmeras críticas, como a de que os jovens têm sido induzidos a escrever mal. [...]”

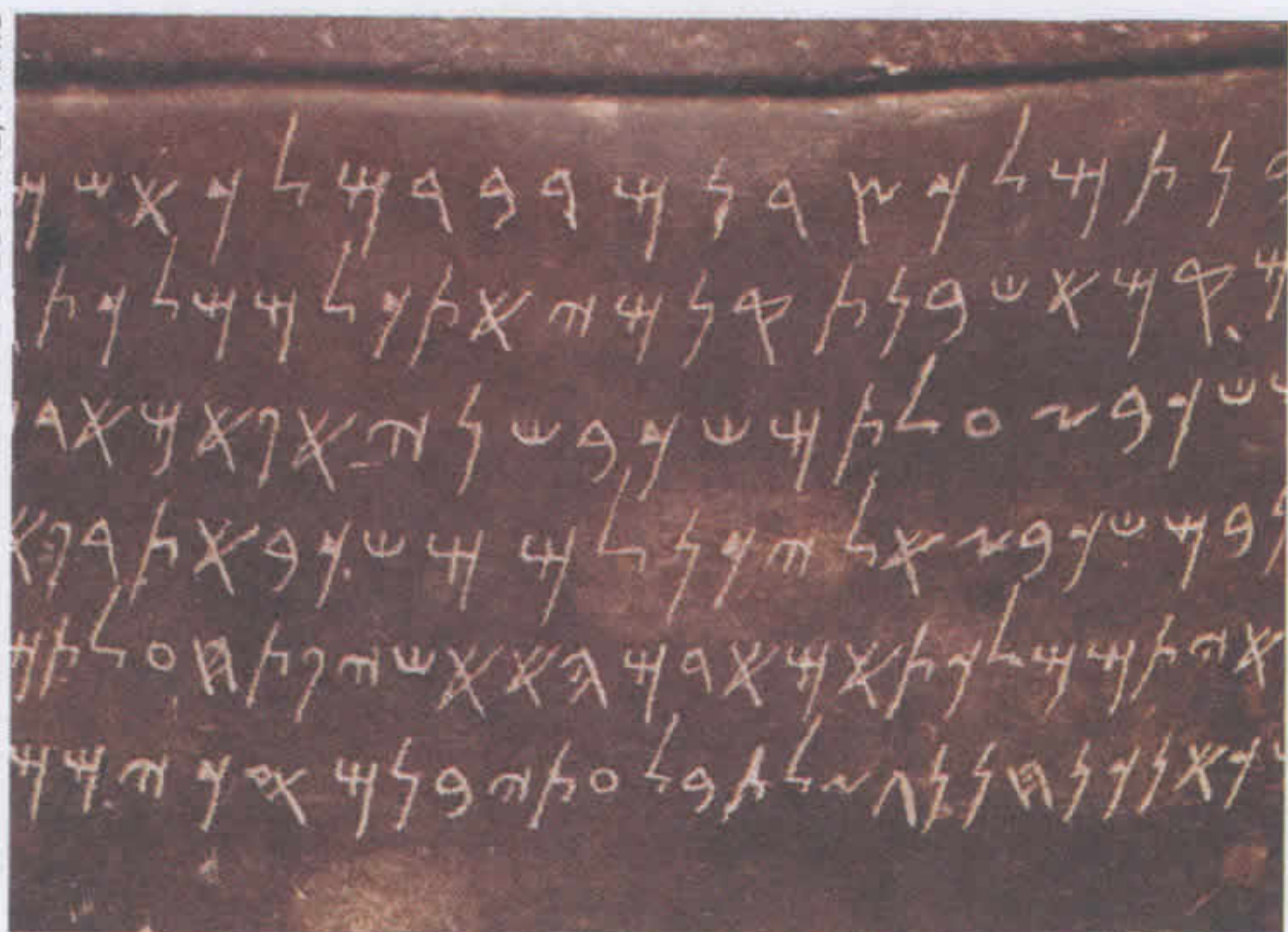
MARCONATO, Sílvia. A revolução do internetês. *Língua Portuguesa*, n. 5, março 2006. p. 22.

Inicialmente, os mercadores praticavam o escambo, ou seja, faziam trocas de mercadorias. Por volta do século VII a.C. surgiram as primeiras moedas. Elas eram cunhadas em ouro, prata ou bronze e, em pouco tempo, tornaram-se eficientes instrumentos facilitadores do comércio e símbolo de riqueza.

As feitorias e colônias fenícias no norte da África e em alguns portos da Espanha, da França e de Chipre eram usadas como entrepostos comerciais. Na África, a colônia de Cartago (que significa “Cidade Nova”) desempenhou importante papel no comércio do Mediterrâneo.

Entre os séculos XII e IX a.C., as cidades fenícias alcançaram grande desenvolvimento, dominando o Mar Mediterrâneo, o Mar Negro e o Mar Cáspio. Mas a partir do século VIII a.C. a Fenícia foi sucessivamente anexada aos impérios assírio, babilônico, persa e macedônico. Com a conquista de Tiro por Alexandre da Macedônia, em 332 a.C., a hegemonia do universo fenício passou para Cartago, que resistiu aos romanos no episódio conhecido como **Guerras Púnicas**. Porém, os romanos alcançaram a vitória final em 146 a.C., e os cartagineses foram escravizados.

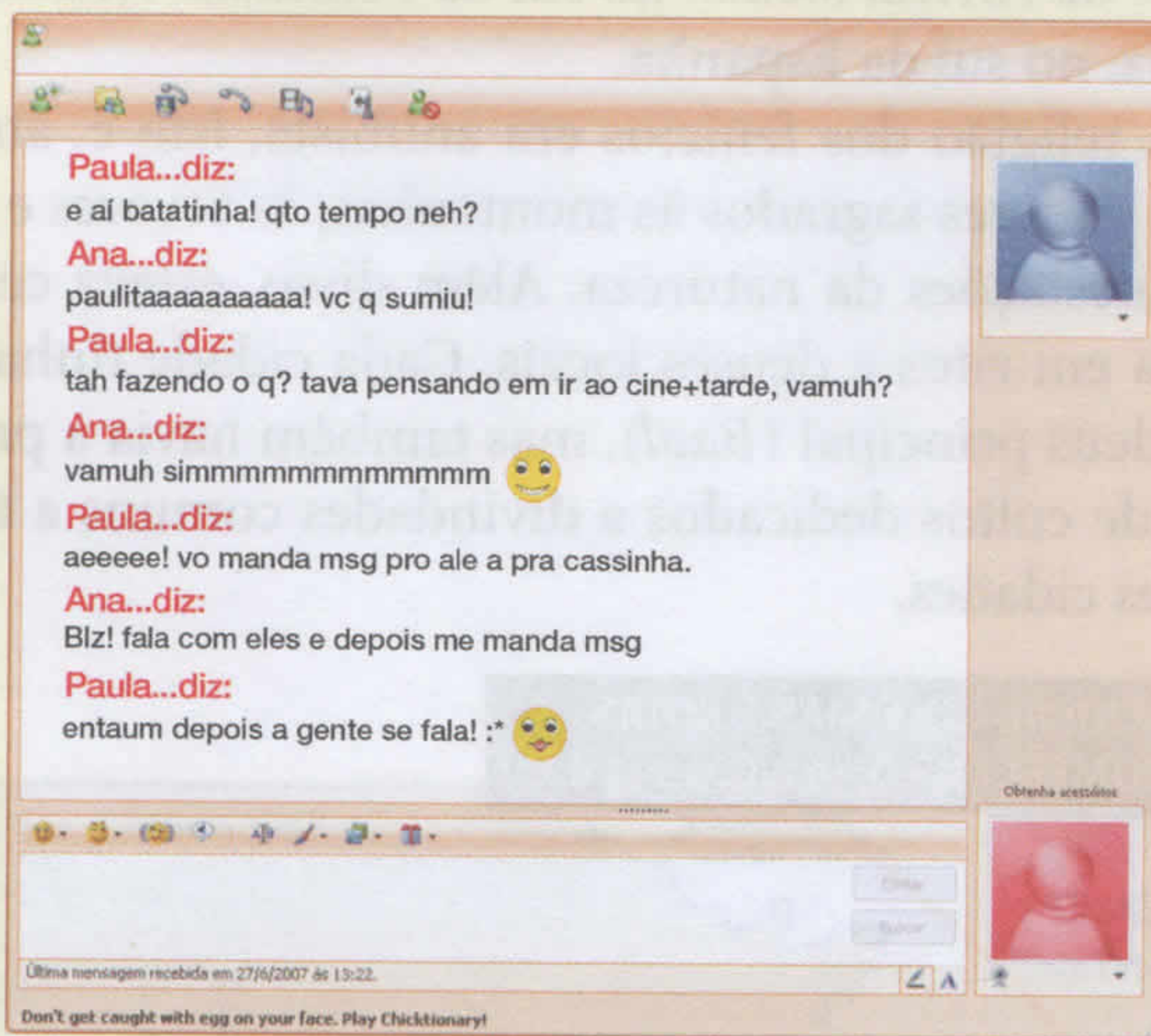
THE BRIDGEMAN ART LIBRARY/KEYSTONE - MUSEU DO LOUVRE, PARIS



Ao lado, detalhe de inscrição fenícia em sarcófago do século V a.C.

▶ Inventando o alfabeto

A necessidade de organizar e controlar melhor as atividades comerciais — já naquela época era necessário anotar entradas e saídas, encomendas e preços — levou os fenícios a desenvolverem símbolos para facilitar a comunicação entre as pessoas. Se você é usuário de salas de bate-papo da internet e comunicadores instantâneos, deve ter seus próprios códigos de comunicação. Pois bem, assim como você, os fenícios também criaram códigos para facilitar seu trabalho e a administração dos negócios. A escrita desenvolvida pelos fenícios deu origem ao **alfabeto**, posteriormente adaptado pelos gregos e romanos. Esse sistema de códigos difundiu-se por todo o Mediterrâneo e constituiu o alfabeto base de várias línguas modernas.



PAULO MANZICID

Tela de um comunicador instantâneo.

Questões

1. Quais são as principais críticas feitas ao internetês? Você concorda com elas? Justifique.
2. Como ficaria o diálogo entre Paula e Ana reescrito de acordo com a norma culta da língua portuguesa?
3. Existe alguma semelhança entre o alfabeto criado pelos fenícios e a linguagem criada pelos internautas?



## IMPÉRIO PERSA EM SUA MÁXIMA EXTENSÃO (Século VI a.C.)



FERNANDO JOSÉ FERREIRA

Fonte: HILGEMANN, Werner; KINDER, Hermann. *Atlas historique: de l'apparition de l'homme sur la terre à l'ère atomique*. Paris: Perrin, 1992. p. 40.

## ► Persas

Aproximadamente em 2000 a.C., as terras do atual Irã foram habitadas pelos medos, que por muitos séculos dominaram os persas, outro povo a ocupar a região. Porém, por volta de 550 a.C., um príncipe persa, Ciro, o Grande, conquistou o Reino da Média, unificando-o com o da Pérsia, passando a estender seu poder, ao longo de 25 anos, por ampla extensão de terras. Esse enorme Estado desapareceu em 330 a.C., conquistado pelos exércitos de Alexandre, o Grande. Todavia, em seus dois séculos de existência, a concepção de uma monarquia centralizada politicamente e justificada pela religião atingiria grande expressão.

Após unificar os territórios dos medos e dos persas, em 550 a.C., Ciro procurou ampliar as fronteiras do império recém-formado, conquistando a Lídia e as cidades gregas da Ásia Menor. Em 539 a.C., dominou a cidade da Babilônia (libertando em seguida os judeus do cativeiro imposto por Nabucodonosor e permitindo que voltassem à Palestina) e anexou a Fenícia, a Síria e a Palestina.

A hegemonia política de Ciro foi reforçada por meio de uma política de respeito às diferenças culturais e religiosas dos povos conquistados. Como resultado, Cambises, filho e sucessor de Ciro, herdou em 529 a.C. um império rico e um exército poderoso. Ele deu continuidade ao expansionismo persa, conquistando o Egito na **Batalha de Pelusa**, em 525 a.C.

Com a morte de Cambises em 522 a.C., sem deixar herdeiros, o trono persa foi entregue a Dario I, genro e conselheiro de Ciro, que recebeu o apoio da cúpula política do reino. Dario foi considerado um grande estadista, responsável pelo apogeu do Império Persa.

## ► Uma administração eficiente

Para governar domínios tão extensos, nos quais viviam populações das mais diversas origens, Dario empreendeu uma ampla reorganização político-administrativa e criou um sistema eficiente de administração pública. O império foi dividido em províncias chamadas *Satrapias*, dirigidas por governadores, os **sátrapas**, que pagavam ao Estado impostos proporcionais à riqueza da província. Para fiscalizar a ação dos sátrapas e prestar contas dos tributos, Dario criou um serviço de informações formado por funcionários de sua confiança conhecidos como "Olhos e ouvidos do rei". O sistema de impostos foi unificado com a criação do *dárico*, moeda de ouro tida como a primeira unidade monetária internacional. As moedas locais continuaram a existir, porém com importância cada vez menor.

Para efetivar o contato entre as províncias, Dario organizou um funcional sistema de correios e pavimentou uma ampla rede de estradas, ligando as grandes cidades como Pasárgada, Susa e Persépolis. Por elas passaram a seguir as grandes caravanas de mercadores que levavam e traziam mercadorias dos mais variados pontos do império.

## A infraestrutura do correio

“Não há ninguém no mundo capaz de percorrer um itinerário mais rapidamente do que esses mensageiros [...]. Diz-se que são tantos os homens e os cavalos, distribuídos ao longo do itinerário, quantos são os dias do percurso completo; um cavalo e um homem para cada dia de viagem; nada, nem neve, nem chuva, nem calor, nem escuridão, impede-os de completar a toda velocidade o trajeto que lhes cabe percorrer. O primeiro cavaleiro entrega o correio ao segundo, este ao terceiro e assim sucessivamente [...].”

HERÓDOTO, I. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de. *História da civilização*. São Paulo: Nacional, 1975. p. 30.

Apoiado no seu poderoso exército, Dario I e depois seu filho Xerxes tentaram subjugar as colônias gregas da Ásia Menor. Foi essa a origem das chamadas **Guerras Greco-Pérsicas**, entre os persas e as cidades-Estado do mundo grego. Elas assinalaram o enfraquecimento do Império Persa, até sua total submissão em 330 a.C., com a derrota de Dario III, o último imperador, no confronto com Alexandre da Macedônia.

### ► Zoroastrismo: o bem *versus* o mal

Os persas sofreram influências culturais dos muitos povos que dominaram. Seus palácios, monumentos e obras de arte em geral demonstravam características egípcias, babilônicas, assírias e dos demais povos da Mesopotâmia. Na religião, porém, a cultura persa mostrou sua originalidade, basicamente devido à influência reformadora do profeta Zoroastro (c. 628-c. 551 a.C.).

MARYAM BAKHSI CJ/CRB/REUTERS/LATINSTOCK



Crianças participam de dança ritual de zoroastrismo, em comemoração aos 3 mil anos de sua crença em Teerã, Irã, em 2003. Em todo o mundo existem cerca de 200 mil seguidores dessa religião; metade deles vive no Irã.

Os princípios pregados por Zoroastro estão contidos no *Zend Avesta*, livro sagrado dos antigos persas. Contrariando as demais religiões do Oriente, sua doutrina negava a magia, o politeísmo e os sacrifícios de sangue. Em vez dessas práticas, o zoroastrismo enfatizava a capacidade de os indivíduos optarem entre o bem e o mal. Zoroastro e seus seguidores ensinavam a crença em **Ahura-Mazda**, o deus do bem, da luz, da justiça e da sabedoria. Mas além dele havia também **Arimã**, o espírito das trevas. As pessoas tinham liberdade de escolher entre os dois.

Para ser aceito pelo espírito do bem, cada indivíduo tinha que dizer sempre a verdade e ser bom para os outros. A recompensa por esse comportamento era a vida eterna no Paraíso. Aos seguidores do espírito do mal, estava reservado o inferno, uma vida de tormentos. Hoje, essa religião ética e dualista está presente na Índia — onde seus adeptos são conhecidos como Parsis, “persas”. No Irã, onde a crença em Ahura-Mazda nasceu, restam uns poucos milhares de seguidores do profeta Zoroastro em meio aos 70 milhões de iranianos, 99,1% dos quais adeptos do Islã.

### Lembre-se!

- Os hebreus não criaram um reino com a mesma força e influência que o babilônico ou egípcio. Mas suas tradições, especialmente a religiosa, mostraram-se muito duradouras. O monoteísmo, por exemplo, tornou-se um dos principais elementos de duas religiões que possuem hoje grande número de adeptos: o cristianismo e o Islã.
- Os fenícios eram grandes artesãos, comerciantes e navegadores. A necessidade de facilitar as transações comerciais levou os fenícios a desenvolver um conjunto de símbolos, utilizados na escrita, que se tornou a base de muitas línguas modernas.
- Os persas foram grandes guerreiros. Em dois séculos, eles estabeleceram um grande império. Para controlar essas áreas, os persas valeram-se da tolerância religiosa e cultural, além de um eficiente sistema de administração.

## TEXTO COMPLEMENTAR

### Tensões no Oriente Médio

Conhecer o Estado de Israel e seus vizinhos é muito importante para compreender a situação política e diplomática da região que chamamos de Oriente Médio.

“O Estado de Israel, que abriga quase 7 milhões de pessoas, é um dos países mais desenvolvidos do Oriente Médio, a começar por sua economia – o país é líder de exportação de diamantes, equipamentos de alta tecnologia e alimentos, como frutas e vegetais.

Além de todo esse desenvolvimento, a economia israelense conta com a ajuda dos Estados Unidos, que provê vários empréstimos ao país. A economia desenvolvida, porém, não alivia o peso de um dos países mais controversos do mundo. [...]

Desde sua criação, após a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), Israel e todo o Oriente Médio vêm sendo sacudidos por guerras e confrontos entre judeus e árabes, que não concordam com a divisão territorial das antigas terras palestinas.

A Autoridade Nacional Palestina (ANP) surgiu como resultado dos Acordos de Oslo, assinados em setembro de 1993 entre Israel e a Organização para a Libertação da Palestina. Nos termos estabelecidos no acordo, a ANP deveria existir até maio de 1999. No final deste período, o estatuto final dos territórios da faixa de Gaza e da Cisjordânia, ocupados por Israel após a vitória na Guerra dos Seis Dias, de 1967, já deveria estar resolvido.

Em janeiro de 1996, foram realizadas as primeiras eleições para a presidência da ANP e para o Conselho Legislativo da Palestina. Yasser Arafat foi eleito presidente com 87,1% dos votos, ocupando o cargo até a sua morte em dezembro de 2004. O seu partido, a Fatah, ganhou 55 dos 88 lugares do Conselho.



Fonte: Folha Online. Disponível em <[www.folha.uol.com.br](http://www.folha.uol.com.br)>. Acesso em jan. 2009.

O cargo de primeiro-ministro da ANP foi criado em 2003 pelo Conselho Legislativo da Palestina – por sugestão dos Estados Unidos –, tendo sido Mahmoud Abbas (eleito presidente da ANP em janeiro de 2005) o primeiro a ocupar o cargo.

Em janeiro de 2006, o Hamas – grupo considerado terrorista por Israel, pelos EUA e pela União Europeia – venceu as eleições parlamentares e formou governo com Ismail Haniyeh como primeiro-ministro. A vitória do Hamas acirrou as tensões, já que o grupo não aceita a existência de Israel e prega a destruição do Estado em sua carta de fundação, de 1988.

Mas Israel e a Autoridade Nacional Palestina (ANP) não estão sozinhos a protagonizar disputas na região. Marcados por diferenças religiosas, culturais e políticas, os Estados árabes e persa (Irã) que integram a região vivem inúmeros conflitos alimentados pelo jogo de influências da comunidade internacional.

A última guerra no Líbano (entre julho e agosto de 2006), o conflito no Iraque, o aumento da tensão entre o Irã e os Estados Unidos, a luta no Afeganistão entre as forças internacionais e o grupo radical islâmico Taleban [grupo extremista islâmico deposto por uma coalizão liderada pelos EUA no final de 2001, que controlava mais de 90% do Afeganistão] são exemplos.

Geograficamente, o Oriente Médio se situa ao redor das costas sul e leste do mar Mediterrâneo. Em várias definições, a região se estende desde o Marrocos até a Península Arábica e o Irã, mas não há um significado oficial para o termo. De forma geral, o Oriente Médio assumiu seu sentido atual quando este nome foi dado ao Exército britânico que comandava no Egito durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945).

À época, a região conhecida como Oriente Médio englobava Turquia, Chipre, Síria, Líbano, Iraque, Irã, territórios palestinos (onde hoje se encontra o Estado de Israel), Jordânia, Egito, Sudão, Líbia e os vários Estados árabes (Arábia Saudita, Kuwait, Iêmen, Omã, Bahrein, Qatar e Emirados Árabes Unidos).

Informalmente, vários outros países são hoje incluídos no termo. Os três países do norte da África – Tunísia, Argélia e Marrocos –, sendo próximos aos Estados Árabes com relação à política externa e religião, podem ser incluídos na definição. Além disso, fatores geográficos e culturais costumam associar também o Afeganistão e o Paquistão ao Oriente Médio."

Saiba mais sobre o Oriente Médio. *Folha Online*, maio 2008. Disponível em <[www.folha.uol.com.br](http://www.folha.uol.com.br)>. Acesso em jan. 2009.

*Prédio danificado durante a guerra entre Israel e o grupo xiita libanês Hezbollah. Sul do Líbano, 2006.*

RAMZI HAIDAR/AFP



## Compreendendo o texto

### ▶ Registre em seu caderno

1. De acordo com o texto e o mapa, que regiões hoje fazem parte do Oriente Médio?
2. Qual é a principal causa das tensões entre árabes palestinos e israelenses?
3. Quais são as consequências desses conflitos para a população civil?
4. Na sua opinião, que medidas poderiam ser tomadas no intuito de contribuir para a solução dos conflitos no Oriente Médio?

### EXPLORANDO O CONHECIMENTO

- Os hebreus foram os primeiros a defender a crença em um deus único.
  - Compare a religião dos hebreus com a dos egípcios e mesopotâmicos.
  - Caracterize o modelo de sociedade hebraica existente na Antiguidade.
- Segundo o Antigo Testamento, o primeiro grande líder dos hebreus foi Abraão. Guiado por Deus, por volta de 2000 a.C., Abraão conduziu seu povo desde a cidade de Ur, na Caldeia, até Canaã (terra dos cananeus), na Palestina, a Terra Prometida. Inicialmente o povo hebreu, semelhante aos demais povos da Antiguidade, vivia em tribos, sem contar com um Estado politicamente centralizado.
  - Caracterize o poder político dos hebreus nos primeiros tempos.
  - Comente os fatores que impulsionaram a migração dos hebreus para o Egito.
- O alfabeto foi uma invenção dos fenícios. Qual a utilidade do alfabeto para os povos daquela época?
- A Fenícia, que corresponde atualmente ao Líbano, era uma área estreita, cercada pelo Mar Mediterrâneo e por montanhas, com litoral formado por numerosas ilhas e portos, bem na encruzilhada de rotas comerciais.
  - Explique de que forma a posição geográfica dos povos fenícios favoreceu o desenvolvimento do comércio.
  - Produza um pequeno texto sobre a organização política dos povos fenícios.
- Conceitue:
  - Plutocracia.
  - Religião animista.
- O texto a seguir estabelece uma diferenciação entre a religião hebraica e outras crenças da Antiguidade. Leia-o e aponte as diferenças que foram destacadas pelo autor.

"Ao contrário dos gregos, os hebreus não especularam sobre as origens das coisas e o funcionamento da natureza; sabiam que Deus era o criador de tudo. Para os hebreus a existência de Deus fundamentava-se na convicção religiosa e não na investigação científica; na revelação e não na razão. [...] Diferentemente dos deuses do Oriente, Javé não

era atraído pela luxúria ou impelido para o mal, mas era 'clemente e misericordioso' [...]. Em contraste com os deuses pagãos, que eram indiferentes aos seres humanos, Javé estava atento às necessidades do homem."

PERRY, Marvin. *Civilização ocidental: uma história concisa*. São Paulo: Martins Fontes, 1999. p. 97.

### ANÁLISE DAS FONTES

- Releia o boxe *A Bíblia e o trabalho do historiador* na página 80 e explique as precauções que devem ser tomadas pelo historiador ao analisar as fontes históricas. Por que podemos questionar a historicidade de um personagem ou evento bíblico, mas, ainda assim, utilizar a *Bíblia* como objeto de pesquisa para a história?
- Observe o mapa da página 87 e releia o boxe *A infraestrutura do correio*, na página 88. Depois, caracterize a administração dos persas, sob o domínio do rei Dario I, relacionando seus conteúdos.

### A HISTÓRIA E O TEMPO PRESENTE

- Neste capítulo, você examinou a origem dos conflitos entre judeus e palestinos, que até hoje assolam o Oriente Médio. Individualmente ou em grupo, faça uma ampla pesquisa sobre esse assunto em jornais, revistas e na internet. De que maneira está feita a separação do território da Palestina entre esses dois povos? Como é a convivência de árabes e judeus com a minoria cristã que também habita aquela região?
- Apesar de estarem dispersos por vários cantos do mundo, os judeus continuam mantendo suas tradições, o que permite a continuidade de sua cultura, passada de geração a geração. Você conhece alguém que seja seguidor do judaísmo ou de origem judaica? Caso positivo, converse com essa pessoa a respeito da história de seu povo. Em caso negativo, faça uma pesquisa sobre a história do povo judeu. Se você for de ascendência judaica, relate aos seus colegas o que sabe sobre o judaísmo. Anote as principais informações no caderno e leia para os colegas na sala de aula.

- 1** (UFSC) Entre as civilizações da Antiguidade que tiveram o Mar Mediterrâneo como cenário do seu desenvolvimento, destacaram-se os hebreus (judeus, israelitas), por terem sido o primeiro povo conhecido que afirmou sua fé em um único deus. As bases da história, da filosofia, da religião e das leis hebraicas estão contidas na *Bíblia*, cujos relatos, em parte confirmados por achados arqueológicos, permitem traçar a evolução histórica e cultural do povo hebreu e identificar sua influência sobre outras civilizações. Identifique a(s) proposição(ões) correta(s) nas suas referências à cultura hebraica.
- Entre os princípios religiosos contidos na *Bíblia* está o politeísmo, isto é, a crença em muitos deuses.
  - O vínculo visível das influências do judaísmo sobre o cristianismo está na pessoa de Cristo, considerado “O Messias” pelas duas religiões.
  - Os hebreus destacaram-se em diferentes áreas do conhecimento humano e nos legaram os livros do Antigo Testamento.
  - O cristianismo e o islamismo, religiões que têm hoje milhões de seguidores, receberam influências do judaísmo.
  - O *Pentateuco*, o *Talmud* e o *Corão* representam o conjunto dos escritos que reúnem os preceitos do judaísmo.
- 2** (PUC-SP) O cristianismo, na sua origem, está repleto de heranças (em geral modificadas) da religião judaica; mas há, também, elementos que não são partilhados por essas duas concepções religiosas. Dentre eles, podemos destacar
- a referência ao Antigo Testamento como escritura sagrada.
  - o conceito de culpa como elemento estruturante da moral religiosa.
  - a fé em um deus único.
  - o alcance universal do ideal de salvação.
  - a adoção de uma moral sexual que valoriza a monogamia.
- 3** (FGV-SP) Das alternativas abaixo, a que melhor caracteriza a sociedade fenícia é:
- a existência de um Estado centralizado e o monoteísmo;
  - o monoteísmo e a agricultura;
  - o comércio e o politeísmo;
  - as cidades-Estados e o monoteísmo;
  - a agricultura e a forma de Estado centralizado.
- 4** (Vunesp) Alguns povos da Antiguidade foram mercadores que viveram do comércio marítimo. Cite três cidades-Estado fenícias e indique a principal contribuição que os fenícios legaram às civilizações posteriores.
- 5** (UFC-CE) Os hebreus, junto aos egípcios, mesopotâmicos, persas, fenícios e cretenses, formaram as primeiras civilizações da Antiguidade, na região do Oriente Médio. Sobre a civilização hebraica, responda às questões que seguem.
- Os hebreus são antepassados de que povo da atualidade?
  - O que foi o Êxodo?
  - Explique a Diáspora.
- 6** (UCS-RS) Associe as civilizações da Antiguidade Oriental, listadas na coluna da esquerda, às características políticas que as identificam, indicadas na coluna da direita.
- |                     |   |
|---------------------|---|
| 1. Mesopotâmica (A) | A sociedade e a economia eram dirigidas por um governo teocrático, baseado na união entre a Igreja e o Estado. O poder religioso fornecia as bases ideológicas que explicavam e justificavam o poder político. O governante era, a um só tempo, deus e rei.   |
| 2. Fenícia (B)      | Os impérios, surgidos nessa civilização, possuíam caráter teocrático. Os imperadores, embora não possuíssem uma condição divina, eram a expressão viva do poder do Estado e exerciam as funções de sumo-sacerdote, supremo juiz e comandante militar.   |
| 3. Egípcia (C)      | A civilização não teve uma unidade política, ou seja, não conseguiu organizar um Estado unificado com um governo centralizado. Agrupou-se em cidades-Estado, governadas de forma teocrática, nas quais o poder era exercido por um rei, assessorado por um conselho, este formado por representantes da oligarquia comercial. |

4. Persa (D) A civilização, guerreira e expansionista, era governada por uma Monarquia absoluta teocrática. Possuiu como principais cidades: Susa, Persépolis, Pasárgada e Ecbátana. Seu imperador – o rei dos reis – mantinha uma política de tolerância em relação às leis, aos costumes e às religiões dos povos conquistados.

Copie em seu caderno a alternativa que associa corretamente as duas colunas, de cima para baixo.

- a) 1-D; 2-B; 3-A; 4-C.      d) 1-B; 2-C; 3-A; 4-D.  
b) 1-C; 2-D; 3-B; 4-A.      e) 1-A; 2-C; 3-B; 4-D.  
c) 1-D; 2-A; 3-C; 4-B.

- 7 (UFC-CE) Os fenícios viviam numa faixa de duzentos quilômetros de comprimento, entre o Mar Mediterrâneo e as montanhas do atual Líbano. Semitas, provinham do litoral setentrional do Mar Vermelho.

Copie em seu caderno a principal contribuição desse povo para as sociedades atuais.

- a) O alfabeto.  
b) Os templos.  
c) A escrita hieroglífica.  
d) A escrita cuneiforme.  
e) A invenção do comércio.

- 8 (UFPI) Entre as principais características da civilização hebraica, merecem destaque especial:

- a) a religião politeísta em que as figuras mitológicas de Abraão, Isaac e Jacó formavam uma tríade divina.  
b) a criação de uma federação de cidades autônomas e independentes (cidades-Estado) controladas por uma elite mercantil.  
c) a criação de um alfabeto (aramaico) que seria incorporado e aperfeiçoado pelos egípcios, tornando-se conhecido como escrita hieroglífica.  
d) as práticas religiosas caracterizadas pela crença na existência de um único Deus (monoteísmo) e no messianismo, pois acreditavam na vinda de um messias libertador do povo hebreu.  
e) as inovações tecnológicas desenvolvidas na agricultura, possibilitando grande crescimento da produtividade agrícola na região palestina.

- 9 (UFG-GO) O monoteísmo influenciou profundamente a história de um povo da Antiguidade, sendo, inclusive, fator de unidade política para a conquista da Palestina, território onde se ergueu sua civilização. Estamos falando dos:

- a) fenícios.  
b) egípcios.  
c) hebreus.  
d) persas.  
e) sumérios.

## Ampliando o conhecimento

### Leituras

GAARDER, Jostein; HELLERN, Víctor; NOTAKER, Henry. *O livro das religiões*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

Descreve as características e a base de várias religiões, expondo suas semelhanças e diferenças, apresenta deuses desconhecidos e a possibilidade de entrar em contato com um mundo em que não faltam demonstrações de sabedoria, fé e muitos conflitos.

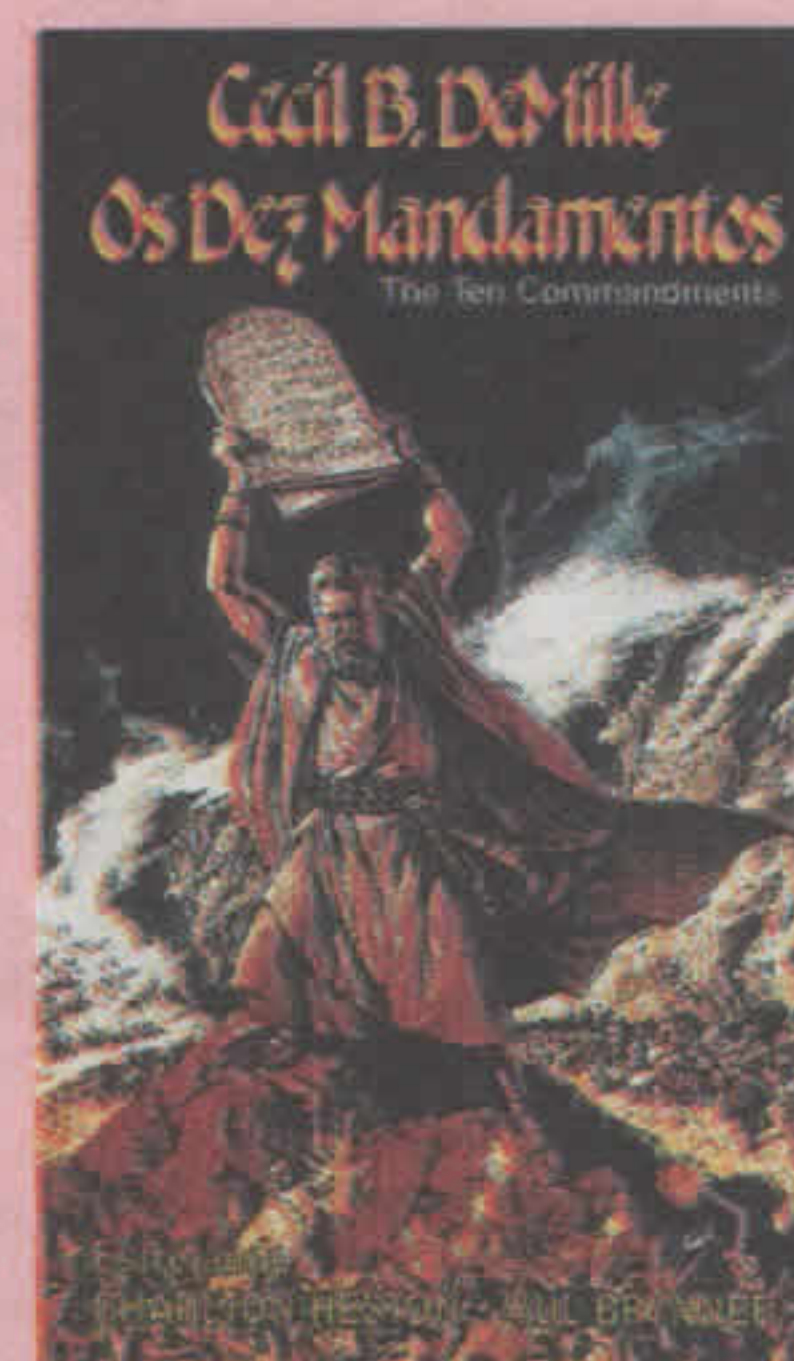
TREIGNIER, Michel. *Guerra e paz no Oriente Médio*. São Paulo: Ática, 1999. (Coleção História em movimento)

O livro traça um painel da história do Oriente Médio, desde a Antiguidade até os dias atuais. O autor faz um balanço da situação política e diplomática da região e analisa as perspectivas de paz para os conflitos existentes.

### Filme

#### Os Dez Mandamentos

Direção de Cecil B. DeMille. EUA, 1956. 220 min. Superprodução épica que narra a história de Moisés desde o nascimento no Egito até a liderança do povo hebreu rumo à Terra Prometida.



### Site

#### Confederação Nacional das Entidades Líbano-Brasileiras

<[www.confelibra.org.br](http://www.confelibra.org.br)>

Site em que se divulgam textos sobre a cultura libanesa e sua formação, além de fomentar o intercâmbio entre o Brasil e o Líbano.

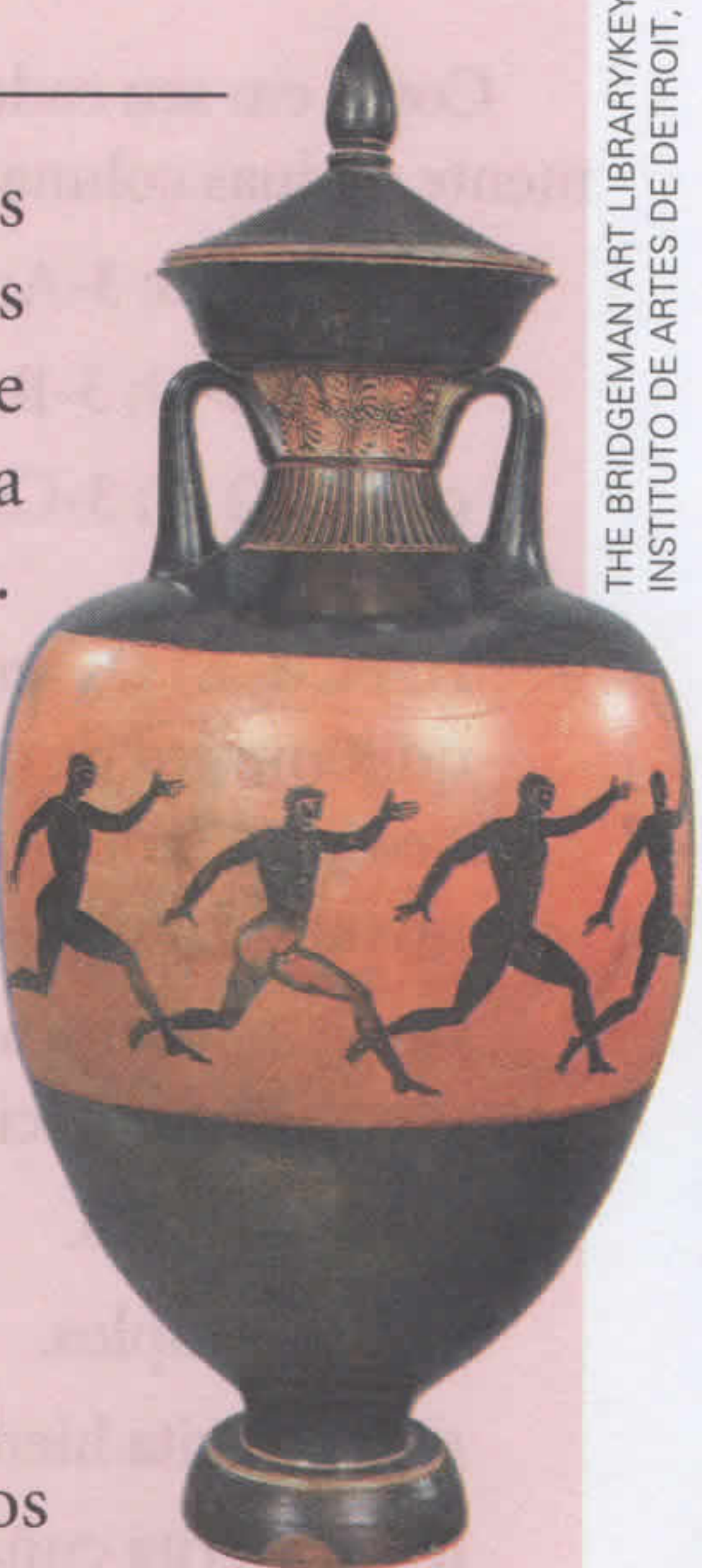
# Grécia: berço da civilização ocidental

## Os Jogos Olímpicos

“Os Jogos Olímpicos são um dos mais importantes eventos do planeta, mobilizando populações de centenas de países e emocionando a todos com vitórias, recordes e histórias de superação. De quatro em quatro anos, uma cidade do mundo tem o privilégio de sediar os Jogos. Nela, competidores e torcedores se misturam e, durante pouco mais de duas semanas, ajudam a preservar e fortalecer o espírito olímpico.

Os primeiros registros oficiais da existência dos Jogos Olímpicos datam de 776 a.C. Eles eram uma homenagem a Zeus — maior divindade segundo a mitologia grega — e tinham o poder de interromper guerras, batalhas e combates. A vitória nos Jogos Olímpicos consagrava o atleta e proporcionava glória também à sua cidade de origem. A celebração dos Jogos Olímpicos durou até o ano 394 d.C., quando, por questões religiosas, foi banida pelo imperador romano Teodósio.

Seu renascimento só aconteceu cerca de 1500 anos depois, graças aos esforços de um pedagogo e esportista francês, o barão Pierre de Coubertin, que viu no esporte



Ânfora grega com desenho de atletas correndo, de c. 375-370 a.C.

*Atletas disputam a maratona paraolímpica no último dia dos Jogos Paraolímpicos de Pequim. Foto de 2008. A prática do esporte assume um valor importante para os portadores de deficiência, como caminho para exercer uma cidadania plena.*



ALEXANDER F. YUAN/AP PHOTO/IMAGEPLUS

e nos ideais olímpicos gregos uma fonte de inspiração para o aperfeiçoamento do ser humano. Os primeiros Jogos Olímpicos da Era Moderna ocorreram em Atenas, no ano de 1896. [...]

Outra importante inovação foi o surgimento dos Jogos Paraolímpicos, em que competem atletas com deficiências. A inspiração veio de 1948, quando Sir Ludwig Guttmann organizou, em Londres, uma competição envolvendo veteranos da II Guerra Mundial. Doze anos depois, a cidade de Roma recebia 400 atletas nos primeiros Jogos Paraolímpicos da história.”

*Sobre os Jogos Olímpicos. Comitê Olímpico Brasileiro (COB). Disponível em <www.cob.org.br>. Acesso em jan. 2009.*



A cultura ocidental deve muito de sua existência aos gregos antigos. Foi na Grécia que surgiu uma série de inovações relacionadas à arte, à arquitetura, à literatura e à ciência, que até hoje estão presentes em nosso cotidiano. A racionalidade, por exemplo, foi um tema caro aos gregos. Eles se confrontaram com medos, limites e traumas e analisaram os fenômenos naturais a partir de uma perspectiva mais lógica. Mas isso não implica dizer que eles abandonaram a religiosidade; os gregos apenas buscavam explicações que iam além dela.

Até hoje, intelectuais, admiradores de esportes e a mídia interessam-se pelos gregos antigos. Afinal, a democracia, a filosofia, os Jogos Olímpicos e outros objetos fascinantes surgiram na Grécia. É essa sociedade que vamos conhecer melhor agora.

## ► O mundo grego

Por volta de 2500 a.C., levadas de invasores pertencentes a tribos indo-europeias começaram a ocupar o sul dos Balcãs, a Península do Peloponeso e as ilhas do Mar Egeu (veja o mapa da página 96). Esses povos também fundaram colônias na costa da Ásia Menor e na Sicília e no sul da Península Itálica, região conhecida como Magna Grécia. Seu primeiro grande polo cultural se desenvolveu na Ilha de Creta, a maior do Egeu. A civilização cretense floresceu entre 2000 e 1400 a.C. Nesse período, Creta dominou o comércio marítimo no Mediterrâneo e estendeu sua influência à Grécia Continental.

Sabemos pouco sobre como se organizava sua sociedade, mas é certo que palácios tinham uma grande importância. Os arqueólogos descobriram suas ruínas em Cnossos, Faistos e Malia. O palácio era o centro da vida econômica e política. Era lugar de residência do rei, que governava com auxílio de funcionários e de uma nobreza. Os palácios tinham armazéns para guardar os produtos agrícolas entregues como tributos por uma população de camponeses. Nos arquivos palacianos foram encontradas tabuinhas de cerâmica com um tipo de escrita identificada como Linear B. A decifração dos caracteres ocorreu só em meados do século XX e revelou que se tratava de registros de transações comerciais e de bens. À diferença dos palácios encontrados no Oriente Próximo, aqueles de Creta não eram circundados por muralhas, indicando a falta de necessidade de proteção contra invasores externos.

Antropólogos e historiadores têm colocado questões sobre a sociedade cretense, especialmente no



Afresco de Cnossos, da civilização minoica, mostrando um touro correndo e acrobatas executando performance, c. 1700-1400 a.C.

que diz respeito ao *status* da mulher. Muitos elementos sugerem que sua religião tinha como base o culto à Grande-Mãe, deusa da fertilidade, considerada a mãe de todos os seres vivos. Segundo alguns especialistas, a preponderância feminina na religião estaria associada a uma organização social semelhante ao sistema matriarcal. Outros, porém, acreditam que os dados iconográficos — pinturas encontradas em cerâmicas e painéis — não são suficientes para fundamentar essa interpretação, uma vez que nem sempre é fácil distinguir as representações divinas e as imagens de sacerdotes, sacerdotisas e adoradores.

### Tribos indo-europeias

Tribos que ocuparam diversas regiões da Europa e da Ásia. Linguistas acreditam que esses povos falavam uma língua comum, o indo-europeu, por volta de 3000 a.C., que teria começado a separar-se em diferentes idiomas cerca de mil anos depois. Com exceção do basco, todas as línguas oficiais dos países da Europa Ocidental pertencem a quatro ramos da família indo-europeia: o helênico (grego), o românico (português, italiano, francês, castelhano etc.), o germânico (inglês, alemão) e o céltico (irlandês, gaélico). Um quinto ramo, o eslavo, engloba diversas línguas atuais do Leste Europeu. Existem ainda ramos asiáticos, como o indo-iraniano (subgrupos indo-ariano e iraniano).

## ▷ Dos heróis de Homero ao “Período Obscuro”

Em torno de 1400 a.C. a sociedade cretense encontrou seu fim. As causas não são muito claras: terremotos, revoltas das populações submetidas aos palácios e invasões de povos estrangeiros são algumas causas apontadas. Muitos historiadores acreditam que Creta foi subjugada pelos aqueus, tribos de origem indo-europeia que se estabeleceram em Micenas e em outras cidades da Grécia Continental por volta de 1900 a.C. Sob a hegemonia de Micenas, os aqueus também conquistaram a cidade de Troia, na Ásia Menor, numa guerra que se estendeu por dez anos. Diz a lenda que o conflito resultou do rapto de Helena, a linda esposa de Menelau, rei de Esparta, pelo príncipe Páris, filho do rei Príamo, de Troia. A arqueologia nos traz uma outra versão: fundada em 3000 a.C., Troia era uma rica cidade e os aqueus provavelmente empreenderam uma guerra com motivo de saque. Em 1220 a.C. Troia foi conquistada.

As campanhas militares contra essa cidade foram cantadas por poetas ao longo dos séculos e, entre os séculos IX e VIII a.C., ganharam uma forma escrita que a tradição atribui a Homero. O poema épico *Iliada* (Troia também era chamada de Ílion) narra a guerra, enquanto a *Odisseia* conta as aventuras do herói grego Odisseu (Ulisses) em seu retorno para casa, após os combates.

## *Iliada*

“Vem, minha filha; aqui mesmo bem perto de mim vem sentar-te, [...]

Vem revelar-me quem seja aquele homem de aspecto imponente: [...]

Disse-lhe Helena, a divina mulher, em resposta, o seguinte:

‘Sinto por ti, caro sogro, respeito e vergonha a um só tempo.

Bem melhor fora se a Morte terrível me houvesse levado,

antes de haver consentido em seguir o teu filho, deixando

o lar e o esposo, minha única filha e as gentis companheiras.

Mas não devia assim ser; essa a causa de todo o meu choro.

Ora te vou responder a respeito do que perguntaste.

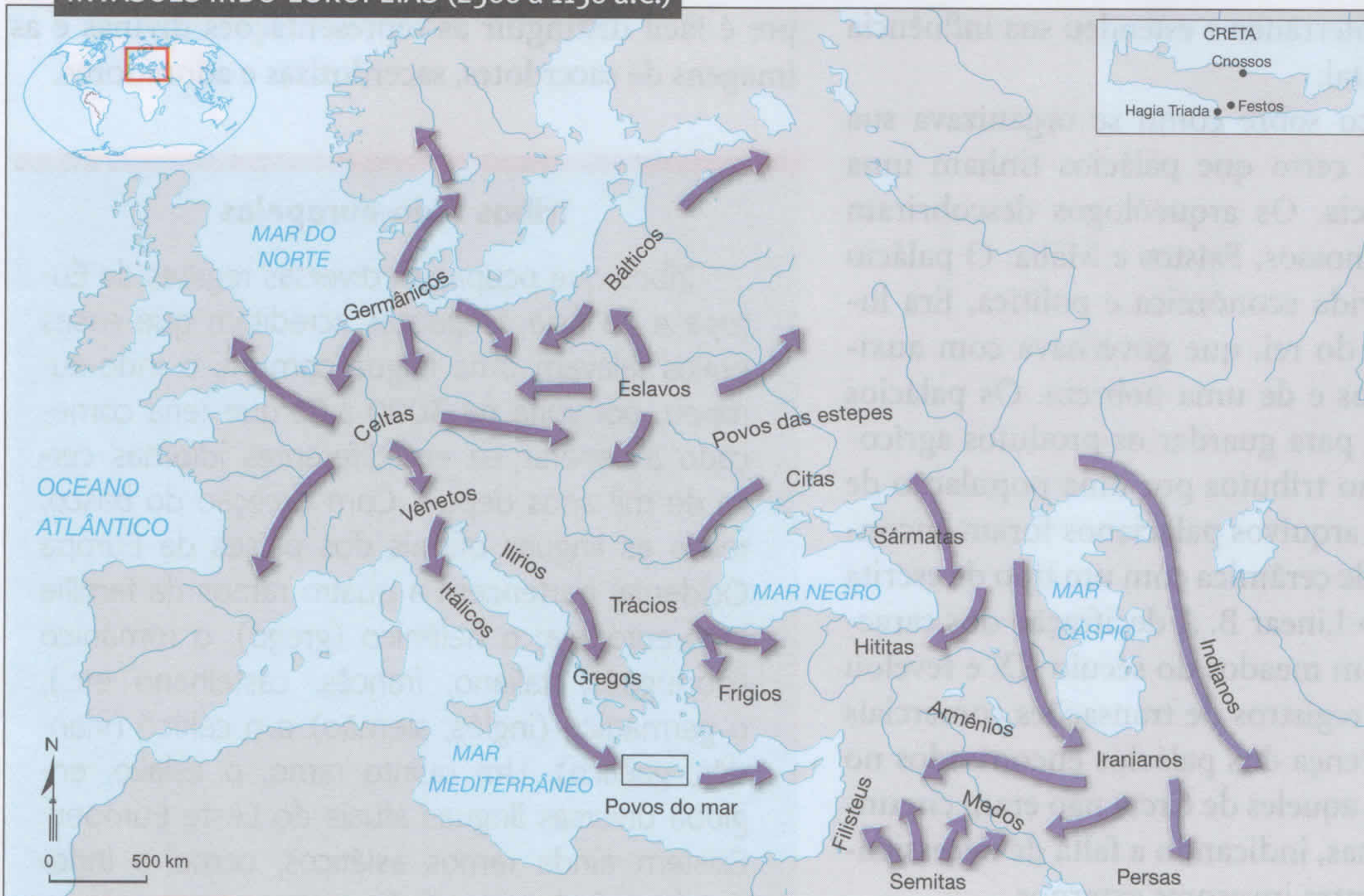
Esse é Agamêmnon, rei poderoso, de Atreu descendente, [...]

Foi meu cunhado, se o foi algum dia, com minha cegueira!”

HOMERO, *Iliada*. 3. ed.

Rio de Janeiro: Ediouro, 2003. p. 108.

### INVASÕES INDO-EUROPEIAS (2500 a 1150 a.C.)



ALESSANDRO PASSOS DA COSTA

Fonte: HILGEMANN, Werner; KINDER, Hermann. *Atlas historique: de l'apparition de l'homme sur la terre à l'ère atomique*. Paris: Perrin, 1992. p. 28.

## ▷ A formação dos genos

De economia essencialmente agrícola, a sociedade micênica também tinha seu centro em palácios, cujos chefes eram reis. Uma aristocracia guerreira possuía terras e controlava o trabalho de camponeses e escravos.

Não se sabe ao certo as causas do seu colapso. Acreditava-se que os dórios dominaram a região e subjugaram Micenas. No entanto, até hoje, não se encontraram vestígios arqueológicos que pudessem comprovar essa hipótese. Desastres naturais ou uma grave crise econômica teriam levado ao fim a cultura micênica. A agricultura e o artesanato decaíram e as armas de bronze finamente trabalhadas foram substituídas por artefatos grosseiros feitos de ferro. Surgiu uma cerâmica com pintura geométrica. O sepultamento em magníficos túmulos deu lugar à cremação simples dos corpos. A escrita e as formas artísticas ligadas à vida palaciana desapareceram. Esse período ficou conhecido pejorativamente como “Período Obscuro”.

A maior de todas as transformações foi as famílias aristocráticas tornarem-se o núcleo da sociedade grega. Dizendo-se descendentes de um antepassado comum, um herói ou um deus, esses grupos constituíram **genos**. O genos era extenso e abrigava terras, casas, rebanhos, escravos e bens preciosos. Existem indícios de que, por volta do século IX a.C., o crescimento populacional e a constante divisão de terras entre os membros dos vários gené (plural de genos) os levaram à fragmentação.

## ▷ Os helenos arcaicos

Durante a **Grécia Arcaica**, entre 800 e 500 a.C., as cidades tornaram-se essencialmente núcleos nos quais se concentravam proprietários rurais e lavradores. Havia uma população estabelecida no campo, mas a maioria dos agricultores vivia dentro das muralhas urbanas e saía todos os dias para trabalhar a terra, regressando à noite. Desse modo, o padrão urbano da cultura grega começou lentamente a se firmar. Cada cidade e os campos a seu redor se transformaram numa comunidade independente, uma **cidade-Estado** ou **pólis**, com sua própria organização socioeconômica e política. A pólis era o ponto de reunião da população que vivia dentro e fora dos muros urbanos. Nela faziam-se negócios, fabricavam-se produtos e realizavam-se cerimônias e ritos religiosos. A existência de uma assembleia que discutia os assuntos de interesse da comunidade, tendo como princípio a igualdade entre todos os aristocratas, era a principal característica da pólis. De início apenas os aristocratas eram cidadãos, mas ao longo do tempo os setores mais pobres foram sendo incluídos, como ocorreu em Atenas nos séculos VI e V a.C.

Além das atividades agropastoris, a economia das cidades-Estado favoreceu o desenvolvimento do co-



Cena do filme *Troia* (2004), do diretor Wolfgang Petersen.

mércio e do artesanato. Moedas eram cunhadas para facilitar o comércio e também para afirmar a autonomia política das cidades. Mas, a base da economia sempre foi a agricultura. As terras mais férteis pertenciam, em geral, às famílias aristocráticas. A transmissão de terras na família era hereditária, ou seja, a cada filho homem era destinado um pedaço de terra como herança. Esse processo conduzia a uma inevitável carência de terras e diminuição dos lotes ao longo do tempo. Além disso, os aristocratas tendiam a arrebatar as terras dos camponeses pobres, que se tornavam então seus empregados. Também existiam escravos por dívidas, o que ampliou as fileiras da mão de obra cativa, mas não o suficiente para caracterizar a sociedade grega dos séculos VIII a VI a.C. como escravista. Naquele período, os escravos constituíam uma pequena parcela da população e não tinham grande importância na vida econômica.

A falta de terras, somada a um aumento populacional, gerou fortes tensões sociais e colocou a necessidade de as cidades-Estado fundarem colônias em outras regiões. Entre os séculos VIII e VI a.C., colônias gregas pontilharam a orla do Mediterrâneo e do Mar Negro, estendendo-se da Espanha ao sul da Rússia (veja o mapa da página seguinte).

A colonização grega do Mediterrâneo incentivou o comércio entre as cidades, reativou o comércio de longa distância com a Síria e o Oriente e também proporcionou a construção de uma identidade cultural entre os gregos, pois ao conquistarem novas terras entraram em contato com diferentes povos, de culturas diferentes. Foi esse sentimento que levou os descendentes dos aqueus, eólios, jônios e dórios a se autodesignarem **helenos**.

### **Heleno**

Aquele que é natural de Hélade, denominação da Grécia antiga; grego.

## GRÉCIA: EXPANSÃO COLONIAL (750 a 550 a.C.)



ANDERSON DE ANDRADE PIMENTEL

Fonte: Atlas histórico escolar. Rio de Janeiro: FAE, 1980. p. 77.

### ▷ A tirania

No plano político, o período entre 650 e 510 a.C. caracterizou-se pelo advento da **tirania** em algumas cidades-Estado. Os tiranos eram, em geral, membros da aristocracia que buscavam apoio político no *demos* (povo). Também representavam grupos de proprietários de terras e comerciantes enriquecidos. Seus poderes baseavam-se em atender a algumas reivindicações da massa desprivilegiada dos habitantes urbanos e camponeses pobres, como partilha de terras e abolição das dívidas.

No final do século VIII a.C. camponeses, artesãos e comerciantes também passaram a exigir maior participação na vida política das cidades. A adoção de uma nova técnica de guerra, a falange hoplítica (*hoplon* era o escudo redondo usado pelos guerreiros), permitiu que as camadas mais pobres tomassem parte dos exércitos, nos quais antes os aristocratas tinham maior peso.

Em fins do século VI a.C., as tiranias predominantes nas cidades gregas no último século do período arcaico foram derrubadas por grupos comandados por aristocratas.

#### Tirania

Regime político em que uma pessoa ou um pequeno grupo exerce o poder independentemente da aprovação dos governados e à margem da legalidade.

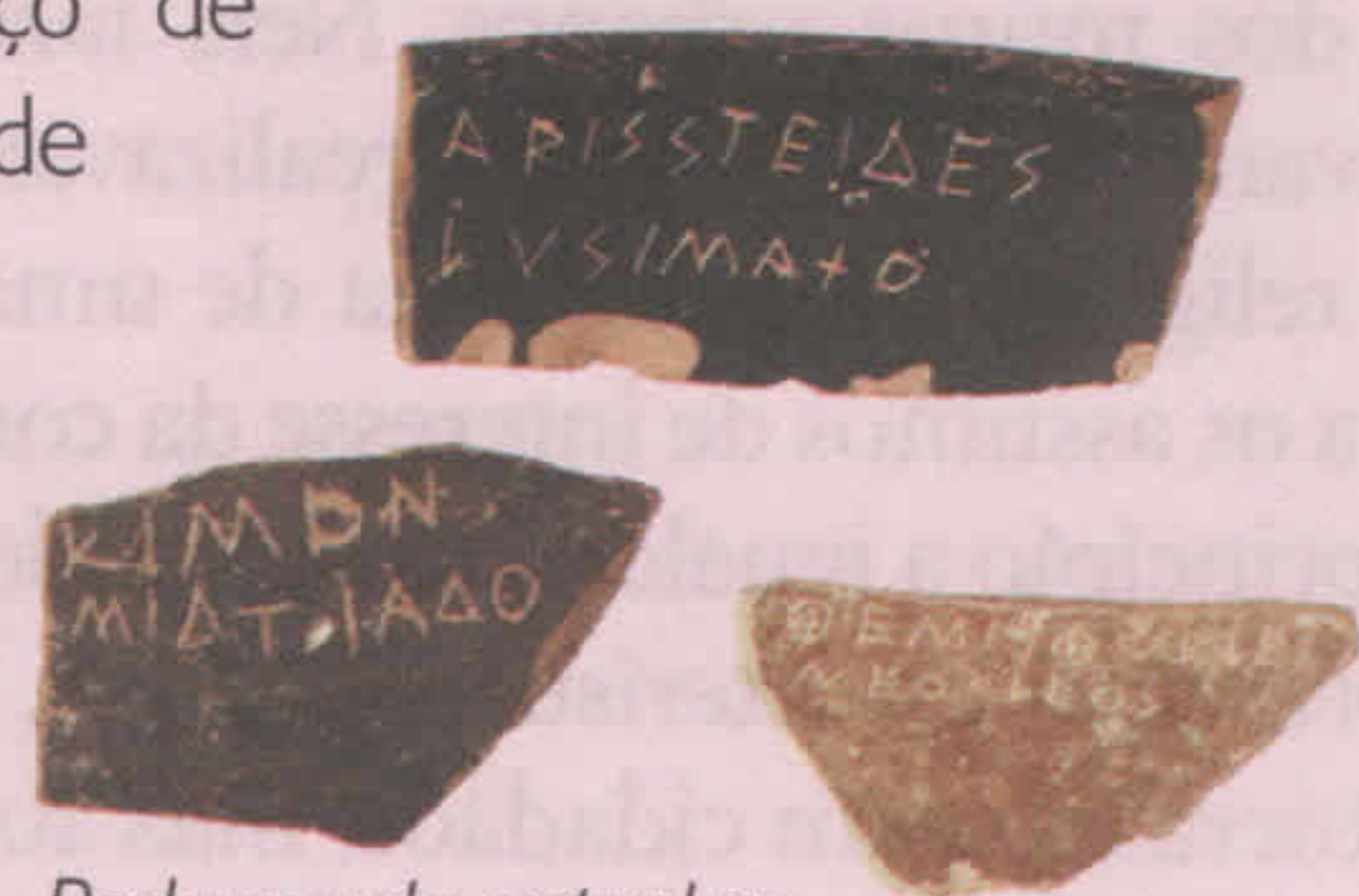
Em Atenas, por exemplo, o **ostracismo** teria sido introduzido de início como instrumento para impedir o retorno de tiranos, condenando ao exílio qualquer líder de uma facção política que aspirasse à tirania.

Em quase todas as cidades-Estado, salvo Esparta e Tessália, os reis tradicionais foram depostos ou reduzidos a figuras decorativas. A autoridade foi retomada pelas aristocracias locais, porém em bases diferentes daquelas da fase anterior à tirania.

Mais do que nunca, a pólis, a cidade-Estado, constituiu-se no foco da vida grega. Em toda pólis grega

#### Ostracismo

Ato da assembleia que baniu alguém da Ática por dez anos, mas sem que isso implicasse perda dos direitos de propriedade. Seu nome deriva de *ostrákon*, pedaço de cerâmica onde os cidadãos presentes na assembleia escreviam o nome do indivíduo a ser banido.



Pedaços de ostrakas, um deles com o nome de Aristides (535-468 a.C.). A peça data de c. 482 a.C.

AKG IMAGES/LATINSTOCK - ESCOLA AMERICANA DE ESTUDOS CLÁSSICOS, ATENAS



GIUSEPPE GIORCELLI/CID

Vista das ruínas de um templo em Olímpia, construída no século VI a.C., uma das cidades-Estado da Grécia na Antiguidade.

encontravam-se as mesmas instituições: assembleia, conselho e magistraturas. Existiram na Grécia mais de 1.500 cidades-Estado, mas conhecemos com maior detalhe apenas duas delas: Esparta e Atenas, que seguiram processos de desenvolvimento diferentes.

## ▶ Esparta

Você conhece a expressão “vida espartana”, que se refere a uma existência dura e austera? E “frase lacônica”, isto é, de poucas palavras, simples e concisa? Elas expressam bem o espírito de Esparta, uma cidade fundada na Lacônia, na Península do Peloponeso, por grupos dórios que dominaram os antigos habitantes. Para manter sua hegemonia, a aristocracia de origem dória montou uma estrutura voltada para uma ação militar contínua. A preocupação das instituições era fazer de cada membro dos setores dominantes um elemento permanente do exército: Esparta encontrava na guerra sua justificativa e sua vocação.

A composição política de Esparta é atribuída a Licurgo, um lendário legislador. A cidade era uma **diarquia**, isto é, dois reis governavam ao mesmo tempo. Os reis desempenhavam funções de caráter religioso e militar: além de comandantes do exército, eram os sumos sacerdotes e os juízes supremos. À **gerúsia**, um conselho composto de 28 anciãos (*gerontes*) com mais de 60 anos, cabiam as decisões mais importantes e a elaboração de leis. A **ápela**, assembleia formada por todos os cidadãos com mais de 30 anos, tinha como

função escolher os membros da gerúsia e ratificar ou não suas decisões. Cinco **éforos** (vigilantes) comandavam as reuniões da gerúsia e da ápela e fiscalizavam a vida pública e econômica dos cidadãos. Podiam inclusive vetar projetos de lei.

A essa estrutura política correspondia uma sociedade hierarquizada, constituída por três grupos distintos. No topo estavam os **esparciatas** ou **espartanos**, descendentes dos dórios, que gozavam de todos os privilégios e viviam sob rígida disciplina militar. Seguiam-se os **periecos**, antigos habitantes da Lacônia, que se dedicavam ao artesanato e ao comércio. Eles não tinham direitos políticos, embora fossem livres e cultivassem suas próprias terras. Havia ainda os **hilotas**, trabalhadores servis que eram destinados aos esparciatas para cultivarem suas terras. Sem direitos ou qualquer proteção legal, os hilotas chegavam a sofrer massacres periódicos, disfarçados como “exercícios militares” e destinados a manter o equilíbrio demográfico entre eles e os esparciatas.

A educação espartana visava à formação de bons soldados e cidadãos leais, privilegiando a preparação física e militar.

A partir dos sete anos, os meninos eram entregues ao Estado, que procurava fazer deles soldados obedientes e capazes de resistir às fadigas.

As mulheres também recebiam, desde a infância, um rigoroso treinamento físico e psicológico. Mas gozavam de algumas liberdades inexistentes em outras cidades-Estado. Por exemplo, as espartanas praticavam ginástica e participavam de jogos. Também podiam comparecer às reuniões públicas e administrar o patrimônio familiar com seus maridos.



DAGLI ORTI/THE ART ARCHIVE/OTHER IMAGES – MUSEU ARQUEOLÓGICO, CHATILLON-SUR-SEINE

Vaso de bronze do século VI a.C. que mostra um guerreiro espartano na luta contra os persas. Observe o hoplon que o guerreiro carrega. A virtude guerreira era um tema precioso para os antigos gregos.

## ► Atenas

Atenas, hoje a capital da Grécia, foi fundada pelos jônios no centro da planície da Ática, próximo ao Mar Egeu. Devido ao relevo montanhoso e aos solos pouco férteis, a população voltou-se para o mar. Do porto do Pireu, perto do núcleo urbano, os atenienses desenvolveram o comércio no Mediterrâneo e abriram sua cidade às influências externas. Atenas conheceu formas de governo como a monarquia, a aristocracia, a oligarquia, a tirania e a democracia, e também desigualdades sociais e ásperos conflitos, mas desenvolveu uma brilhante cultura.

De acordo com o filósofo Aristóteles (que escreveu uma *Constituição de Atenas*, no século IV a.C.), a sociedade ateniense estava dividida em: **eupátridas** ou “bem-nascidos”, ou seja, membros da aristocracia que podiam reivindicar ancestrais prestigiosos; **georgói**, ou camponeses; e **demiurgói**, ou artesãos. Estes três grandes grupos compunham a classe dos **cidadãos**. Para ter a cidadania, isto é, gozar de direitos políticos e possuir terras, era preciso ter pai e mãe atenienses. Os **metecos** (estrangeiros) e os **escravos** não eram considerados cidadãos. A comunidade da pólis clássica, independentemente de suas divisões internas, ergueu-se sobre uma maioria excluída da participação política: as mulheres, os estrangeiros e os escravos.

### Cidadão

Em Atenas era considerado cidadão o homem livre, maior de 18 anos, filho de pai e mãe atenienses. Os cidadãos tinham o direito de adquirir terras e de participar do governo da cidade.

### Escavidão em Atenas

“Os escravos de Atenas eram em sua maioria prisioneiros de guerra (gregos ou ‘bárbaros’, como eram chamados pejorativamente os não gregos) e seus descendentes, considerados não como seres humanos dignos, mas como ‘instrumentos vivos’. Dos escravos, cerca de 30 mil trabalhavam nas minas de prata, das quais se extraía metal para armamentos, ferramentas e moedas, 25 mil eram escravos rurais e 73 mil eram escravos urbanos empregados nas mais variadas tarefas e ofícios, permitindo que seus donos se ocupassem dos assuntos públicos.”

FUNARI, Pedro Paulo. *Grécia e Roma*. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2006. p. 39. (Coleção Repensando a história)

## ► O papel atribuído às mulheres

A sociedade ateniense foi organizada para o mundo masculino. As mulheres atenienses não podiam participar das assembleias, exercer cargos públicos, herdar bens e sair desacompanhadas. Os pais tratavam dos casamentos das filhas adolescentes, as quais, após as núpcias, ficavam sob a tutela de seus maridos. As mulheres pobres tinham que trabalhar na preparação de alimentos e cuidar dos filhos, atividades que as mais ricas podiam deixar a cargo de escravos ou escravas.

Assim como no caso das mulheres, os homens eram educados de acordo com as possibilidades de sua posição econômica e social. Os filhos de famílias ricas eram educados por professores particulares e tinham tempo disponível para praticar esportes e atividades artísticas, como a música. Exercícios militares também faziam parte da educação. Os homens das classes subalternas, ao contrário, muitas vezes trabalhavam lado a lado com escravos na produção de artesanato ou na agricultura.



Hídria grega de cerâmica, mostrando mulheres carregando água, século VI a.C. As mulheres atenienses cabiam, principalmente, as atividades domésticas.



Estela funerária grega com a representação de uma mulher e sua criada, c. 380-370 a.C.

## ► Conflitos e reformas

Até meados do século VIII a.C., existiu em Atenas uma monarquia cujo rei (*basileus*) acumulou as funções de chefe religioso, militar e jurídico. Daí em diante, a aristocracia eupátrida fortaleceu-se em detrimento dos reis. O poder passou então para as mãos de uma oligarquia de nobres, os **arcontes**.

Apenas os eupátridas podiam tornar-se arcontes e, portanto, membros do *Areópago*, o conselho soberano de Atenas. Os arcontes tinham o privilégio de aplicação da justiça, pois lhes cabia a interpretação de leis não escritas, que apenas eles conheciam a fundo.

À medida que a nobreza se apropriava das melhores terras e, conseqüentemente, reforçava seu poder político, os pequenos proprietários empobreciam e se endividavam. Não conseguindo saldar as dívidas, perdiam suas propriedades e até mesmo a liberdade. Gregos tornaram-se escravos de gregos ao lado de cativos de outras origens, como os prisioneiros de guerra e escravos adquiridos em mercados especializados.

Em meados do século VII a.C., o povo ateniense se rebelou com o apoio de ricos mercadores, enriquecidos com o comércio entre Atenas e suas colônias. A cidade foi envolvida por lutas entre o *demos* (povo) e os eupátridas. O partido aristocrático recusou-se a fazer concessões ao partido popular, que exigia o fim da escravidão por dívidas, a redistribuição das terras, leis escritas e maior participação no governo. Como resultado político dessa crise, surgiram os legisladores ou **reformadores**.

Em 621 a.C., o arconte Drácon foi encarregado de redigir um código de leis obrigatórias para todos, mas manteve os privilégios dos aristocratas. Você conhece a expressão “medida draconiana”, que significa medida severa, inflexível? Ela indica bem o espírito das leis instituídas por Drácon.

Em 594 a.C., o arconte Sólon decretou o fim da escravidão por dívidas e a libertação dos devedores escravizados. Além disso, substituiu o critério de nascimento pelo de riqueza para a participação política do cidadão. Sólon classificou os cidadãos em quatro grupos, de acordo com a riqueza. A participação no exército e o exercício de magistraturas passaram a obedecer a esse critério de classificação. Os indivíduos mais pobres, embora não pudessem ser magistrados, podiam votar na assembleia popular — a *ekklesia* — que escolhia os magistrados. Foi criado ainda um outro conselho, a *boulé*, composto por 400 membros escolhidos pela *ekklesia*, que elaboravam as leis a serem votadas pela assembleia popular.

As reformas implementadas por Sólon não foram suficientes para conter as agitações sociais. Em 546 a.C.,

Pisístrato, apoiado pelo partido popular, tornou-se o primeiro tirano de Atenas. Seu governo teve um grande significado para a cidade: empreendeu uma reforma agrária, distribuindo terras e créditos aos camponeses pobres; realizou obras públicas geradoras de empregos; incentivou as artes e prestigiou festas esportivas e religiosas. Começou nesse período a projeção de Atenas como grande centro comercial e cultural da Grécia. Os sucessores de Pisístrato, entretanto, não conseguiram dar continuidade a sua política, e em 508 a.C. a escolha de Clístenes como arconte marcou o fim do governo dos tiranos. As reformas político-administrativas de Clístenes instituíram a democracia ateniense, que floresceria no século V a.C. — o século de ouro de Atenas, também conhecido como século de Péricles.

## ► A democracia ateniense

Durante o governo de Péricles (461 a 429 a.C.), a democracia ateniense consolidou-se e atingiu sua plenitude por meio do estabelecimento dos princípios da **isonomia**, igualdade de todos perante a lei; da **isegoria**, igualdade de direito ao acesso à palavra na assembleia; e da **isocracia**, igualdade de participação no poder. Tratava-se de uma democracia direta, enquanto hoje, nas sociedades ocidentais, vigora a democracia representativa.

Em geral, organizações estudantis são exemplos da democracia direta. Organizados em assembleias, os estudantes debatem, propõem e votam as políticas que devem ser seguidas por eles (veja a foto abaixo).



Estudantes que ocuparam a reitoria da Universidade de Brasília em protesto contra denúncias de corrupção envolvendo o reitor votam em assembleia que decidiu pela manutenção da ocupação. Foto de 2008.

## Democracia direta e democracia representativa

Em Atenas, a democracia era direta. Isso significa que os cidadãos gregos que se reuniam nas assembleias se tornavam responsáveis pelas decisões políticas da pólis, como, por exemplo, criação de impostos, aprovação de obras públicas e eleição de magistrados. No Brasil, as decisões políticas não são tomadas diretamente pelos cidadãos. A população apta a votar elege representantes que, durante um tempo determinado, irão defender os interesses do povo e exercer autoridade em seu nome. Em uma situação ideal, a democracia representativa deveria garantir a todos plenos direitos de participação política, elevação das condições de vida e acesso às conquistas realizadas pela humanidade nos campos da ciência e da cultura.

No tempo de Péricles, o comparecimento à assembleia soberana era aberto a todo cidadão. A assembleia era um comício ao ar livre que reunia centenas de atenienses do sexo masculino, com idade superior a 18 anos. Todos os que compareciam tinham o direito de fazer uso da palavra. As decisões da assembleia representavam a palavra final na guerra e na paz, nos tratados, nas finanças, na legislação, nas obras públicas, no julgamento dos casos mais importantes, na eleição dos administradores, enfim, na totalidade das atividades governamentais.

A concentração da autoridade na assembleia impossibilitou a criação de uma elite política institucionalizada, com sua máquina eleitoral. Além disso, não havia na cidade-Estado burocracia ou funcionários públicos, exceto uns poucos escriturários — em geral escravos de propriedade do Estado — que registravam as decisões e faziam cópias de tratados e leis. A ausência de burocratas remunerados e a fragmentação e o rodízio dos cargos administrativos serviram também para evitar uma liderança direta e pessoal.

## ► As Guerras Greco-Pérsicas

Entre os séculos VI e V a.C., a expansão do Império Persa, que já envolvia as colônias gregas da Ásia Menor, passou a ameaçar a própria Grécia Continental. O confronto entre o Império Asiático e as cidades-Estado se manifestou nas Guerras Greco-Pérsicas ou Guerras Médicas (assim denominadas porque os gregos chamavam os persas de medos).

## Análise o documento

### Discurso de Péricles

"A nossa constituição não imita as leis dos estados vizinhos. Em vez disso, somos um modelo para os outros. O governo favorece a maioria em vez de poucos — por isso é chamado de democracia. Se consultarmos a lei, veremos que ela garante justiça igual para todos em suas diferenças; quanto à condição social, o avanço na vida pública depende da reputação de capacidade. As questões de classe não têm permissão de interferir no mérito, tampouco a pobreza constitui um empecilho: se um homem está apto a servir ao Estado, não será tolhido pela obscuridade da sua condição..."

TUCÍDIDES. *Discurso fúnebre de Péricles*.  
Secretaria de Educação do Estado de São Paulo.  
Disponível em <[www.educacao.sp.gov.br](http://www.educacao.sp.gov.br)>.  
Acesso em fev. 2009.



### Questão

- Identifique a ideia de democracia defendida por Péricles no texto acima.

Entre 500 e 494 a.C., as cidades jônias da Ásia Menor rebelaram-se contra os persas. Depois de dominar a revolta, o rei persa Dario I decidiu castigar os atenienses, que haviam apoiado os núcleos gregos. A primeira invasão da Grécia, em 492 a.C., fracassou depois que uma tempestade destruiu parte da frota persa. Em 490 a.C., porém, navios persas desembarcaram tropas na Planície de Maratona, a 40 km de Atenas. Apesar de inferiorizados numericamente, os atenienses derrotaram os persas e retornaram à cidade antes que a frota de Dario I a atacasse. Conta a tradição que, logo após a batalha, um soldado correu até a pólis e deu a notícia da vitória, morrendo em seguida de exaustão. A prova olímpica da maratona seria uma homenagem a esse sacrifício.

Dario passou então a preparar uma invasão em larga escala, mas morreu antes de concretizar seu projeto. Seu filho e sucessor, Xerxes, teve de adiar o ataque, o que deu tempo para que as cidades da Grécia se unissem e para que Atenas criasse uma



frota poderosa. A ofensiva persa só foi lançada em 480 a.C. Sob a liderança conjunta de atenienses e espartanos, os helenos venceram os persas nas batalhas de Salamina, Plateia e Micala, obrigando o rei Xerxes a voltar à Pérsia.

Uma vez afastada a ameaça persa no continente, os espartanos se retiraram da guerra, enquanto Atenas e outras cidades continuaram a luta para expulsar o inimigo do Mar Egeu e da costa asiática. As cidades mobilizadas contra os persas formaram a **Liga de Delos**, confederação presidida por Atenas. Cada cidade-membro contribuiu com homens, navios e dinheiro para o tesouro comum — que serviu em boa parte para cobrir de construções e esculturas magníficas a Atenas de Péricles.

## ► A Guerra do Peloponeso

A hegemonia ateniense, com a expansão de sua influência política, foi combatida por Esparta, que não desejava que o império de Atenas colocasse em risco as alianças de Esparta com outras cidades. A formação da Liga do Peloponeso inseriu-se nesse contexto. O confronto entre as cidades rivais acabou por levar à guerra, conhecida como Guerra do Peloponeso, iniciada em 431 a.C. Foram 28 anos de lutas, que terminaram com a derrota ateniense.

Na primeira fase da guerra, de 431 a 421 a.C., houve certo equilíbrio entre espartanos e atenienses.

Seguiu-se um período de trégua, quebrada entre 415 e 413 a.C. pelos atenienses, que desejavam conquistar regiões dominadas pelos espartanos. Mas Atenas foi derrotada e perdeu parte da sua frota. Os anos seguintes, de 413 a 404 a.C., assistiram à ofensiva de Esparta, que derrotou os enfraquecidos atenienses.

## ► A conquista macedônica

A supremacia espartana teve curta duração, sendo seguida pelo predomínio de Tebas e por um período de perturbações generalizadas. A verdade é que, no século IV a.C., as principais cidades gregas estavam esgotadas por décadas de guerras. Nenhuma delas tinha condições de impor um projeto político próprio. Divididas, eram alvos fáceis para um inimigo exterior.

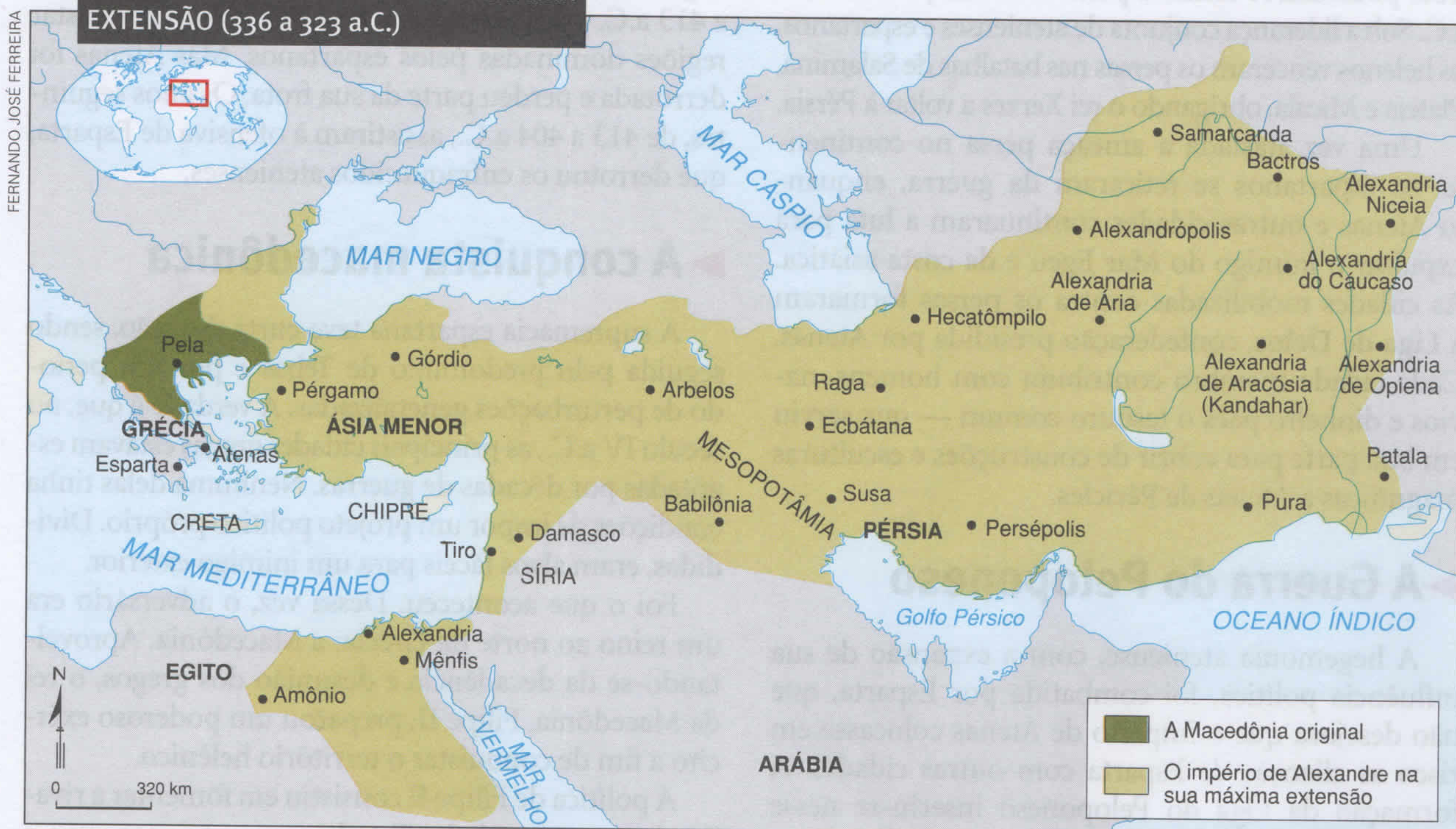
Foi o que aconteceu. Dessa vez, o adversário era um reino ao norte da Grécia: a Macedônia. Aproveitando-se da decadência e desunião dos gregos, o rei da Macedônia, Filipe II, preparou um poderoso exército a fim de conquistar o território helênico.

A política de Filipe II consistiu em fomentar a rivalidade entre as cidades-Estado enquanto preparava a invasão. O ateniense Demóstenes, em célebres discursos conhecidos como *Filípicas*, tentou alertar o povo contra as reais intenções do rei da Macedônia. Tudo em vão, pois em 338 a.C. Filipe II venceu os gregos na batalha de Queroneia.



Detalhe de mosaico em Pompeia (de 79 a.C.), em que se destaca a figura de Alexandre, o Grande, na batalha de Issus (333 a.C.).

## O IMPÉRIO MACEDÔNIO EM SUA MÁXIMA EXTENSÃO (336 a 323 a.C.)



Fonte: VIDAL-NAQUET, Pierre; BERTIN, Jacques. *Atlas histórico: da Pré-história aos nossos dias*. Lisboa: Círculo de leitores, 1990. p. 62.

A política expansionista de Filipe II teve continuidade em seu filho e sucessor Alexandre, que consolidou a dominação da Grécia e conquistou os territórios persas. Alexandre tornou-se o senhor do maior império até então formado, que só seria superado pelo Império Romano séculos depois (veja o mapa).

Habilmente, Alexandre intitulou-se libertador dos territórios conquistados, procurando evitar rebeliões capazes de desgastar seu processo de expansão. Respeitou as instituições políticas e religiosas dos povos vencidos e promoveu casamentos entre seus oficiais e mulheres das populações locais; ele próprio desposou uma princesa persa.

A fusão dos valores gregos com as tradições das várias regiões asiáticas conquistadas deu origem a uma nova manifestação cultural, o **helenismo**. Seus polos foram as cidades de Pérgamo, na Ásia, e Alexandria, no Egito, fundada pelo próprio Alexandre. Na cidade de Alexandria havia centenas de teatros, um museu e uma vasta biblioteca, a maior da Antiguidade.

Após a morte de Alexandre, o império foi dividido em três grandes reinos: o Reino da Síria, que abrangia a Síria, a Ásia Menor e a Mesopotâmia; o Reino do Egito, que compreendia, além deste país, a Arábia e parte da Palestina; e o Reino da Macedônia, que englobava a Grécia. Cidades da Pérsia e Índia recuperaram sua autonomia. Entre os séculos II e I a.C. todos esses grandes reinos e outros menores foram conquistados pelos romanos.

### ► O amor pelo belo

Os gregos alcançaram notável desenvolvimento cultural e artístico. O século de Péricles ou século de ouro de Atenas (V a.C.) consolidou a produção cultural anterior, que cresceu e se tornou tão rica e fecunda que ultrapassou os limites do tempo e do espaço geográfico, influenciando toda a cultura ocidental.

### ► Cotidiano

Estudos arqueológicos indicam que os gregos viviam em moradias simples, feitas de pedra ou tijolos secos ao sol e cobertas com uma argamassa fabricada com gesso, água e cola.



Discóbulo, de Miron, escultura em mármore a partir do original em bronze, do século V a.C.

ARALDO DE LUCA/CORBIS/LATINSTOCK - COLEÇÃO PARTICULAR

Normalmente os gregos faziam duas refeições ao dia: o *ariston*, ou almoço, que muitas vezes consistia apenas de um prato de feijão ou de ervilhas e de uma cebola crua ou um nabo cozido; e o *deipnon*, ou jantar, que era a principal refeição e incluía pão, frutas, verduras, pescados, queijo, figos, azeitonas, carne e azeite, utilizado para temperar os alimentos. Os gregos não conheciam o açúcar e, em geral, adoçavam as bebidas e outros alimentos com mel.

O traje grego era simples e prático. Homens e mulheres usavam túnicas que desciam até os joelhos ou tornozelos. No entanto, a nudez masculina era bem aceita entre os cidadãos gregos, principalmente em Atenas, como mostra o texto a seguir.

## Nudez e cidadania

"A Grécia civilizada fez do seu corpo exposto um objeto de admiração. Para o antigo habitante de Atenas, o ato de exibir-se confirmava a sua dignidade de cidadão. A democracia ateniense dava à liberdade de pensamento a mesma ênfase atribuída à nudez. O desnudamento coletivo a que se impunham — algo que hoje poderíamos chamar de 'compromisso másculo' — reforçava os laços de cidadania."

SENNETT, Richard. *Carne e pedra: o corpo e a cidade na civilização ocidental*. Rio de Janeiro: Record, 1997. p. 30.

## ▷ Religião

A religião teve grande importância na formação da cultura grega. Era politeísta, com deuses dotados de poderes sobrenaturais e também de virtudes e defeitos humanos. A religião grega era essencialmente cívica, ou seja, ligada à cidade. Cada pólis tinha seu deus protetor, e os rituais e festas eram formas de estabelecer uma relação entre homens e deuses. O conjunto de divindades e mitos deu origem à mitologia, que tentava explicar a origem do Universo, dos deuses e dos homens. Os mitos gregos tornaram-se uma das principais fontes da arte e da literatura ocidentais.

Reunidas em torno de Zeus, senhor supremo dos deuses e dos homens, as divindades gregas habitavam o monte Olimpo. Eram bem numerosas: Palas Atena, deusa da sabedoria, padroeira de Atenas e das artes domésticas; Apolo, deus do Sol e patrono da verdade, do tiro com arco, da música, da medicina e da profecia; Ártemis, deusa-virgem da Lua, poderosa caçadora, protetora das cidades, dos animais jovens e das mulheres de qualquer idade; Afrodite, deusa do amor e da beleza;

Hera, protetora do casamento, das mulheres casadas, das crianças e dos lares; Deméter, deusa da agricultura, uma das mais antigas divindades da Grécia, era a mãe de Perséfone; Hermes, guardião dos viajantes, protetor dos rebanhos e também dos ladrões; Poseidon, deus do mar e dos terremotos; Dioniso, deus do vinho e da fertilidade; Ares, deus da guerra; e, finalmente, Hefesto, deus do fogo e dos artífices.

Havia ainda os heróis ou semideuses, que geralmente eram filhos de uma divindade e um mortal ou protegidos dos deuses. Eis alguns deles: Hércules, Perseu, Cadmo, Jasão, Teseu, Belerofonte, Aquiles e Ájax.

## ▷ Teatro

Uma das principais expressões da arte grega, o teatro tem suas origens ligadas às *Dionisiacas*, festas em homenagem a Dionísio, deus do vinho. Essas festividades incluíam, além de sacrifícios, danças, músicas e poesias. Desses festivais originaram-se os dois gêneros clássicos do teatro grego: a tragédia e a comédia.

Entre os poetas trágicos destacaram-se: **Ésquilo** (525-456 a.C.), que exaltou a glória de Atenas em *Os persas*, *Os sete contra Tebas* e a trilogia *Oresteia*. O teatro de Ésquilo apresentou importantes inovações, tais como o uso de máscaras, a presença do coro e o recurso do diálogo, fatores que atribuíram maior veemência dramática à tragédia.



Orestes no templo de Apolo. Cena da trilogia grega *Oréstia*, representada em uma cratera de cerâmica (c. 380 a.C.), recipiente no qual os gregos misturavam o vinho com água.



Vista das ruínas do Teatro de Delfos, na Grécia. Foto de 1999.

Sófocles (496-406 a.C.), autor de obras como *Antígona*, *Édipo rei* e *Electra*, mostrou a influência dos desígnios divinos na vida dos homens. A obra *Édipo rei* consagrou-o como o maior trágico da sua época. Sófocles inovou a técnica teatral graças à inserção de um terceiro ator no palco. Desse modo foi ampliado o número de personagens, uma vez que um ator poderia desempenhar vários papéis.

O interesse de Eurípidés (480-406 a.C.) pelas paixões e misérias humanas se manifestou nas personagens de *Medeia*, *Hipólito*, *Andrômaca* e *As troianas*. E em especial nas personagens femininas. Eurípidés foi o primeiro trágico a dar destaque às mulheres, por considerá-las mais sujeitas a emoções como a ternura, o ódio e a paixão.

Na comédia, gênero mais voltado ao cotidiano e aos costumes, desenvolveram-se a crítica e a sátira. Um dos autores mais expressivos foi Aristófanes (445-386 a.C.), que escreveu *A paz*, *As vespas* e *As nuvens*, dentre outras obras. Aristófanes destacou-se por suas sátiras sociais e políticas. Em seus enredos não poupava figuras ilustres, instituições e até mesmo deuses.

## O drama de Édipo

*Jocasta* — [...] Não mereço ficar sabendo o que te atormenta, senhor?

*Édipo* — Eu não saberia te dizer, não: minha ansiedade é grande demais. [...] Meu pai é Pólibo — Pólibo de Corinto. Mérope, minha mãe, é uma dória. Eu desfrutava o maior prestígio, entre os cidadãos daquela cidade, quando ocorreu um incidente que merecia minha surpresa, sem dúvida. [...] Durante um banquete, no momento do vinho, na embriaguez, um homem chamou-me 'filho suposto'. A expressão me incomodou, foi difícil suportar aquele dia. [...] Então, sem avisar meu pai nem minha mãe, parto para Delfos; lá chegando Apolo manda-me embora [...], mas não sem antes predizer ao infeliz que eu tinha o mais horrível, o mais lamentável destino: eu entraria no leito de minha mãe, faria o mundo ver uma raça monstruosa, seria o assassino do pai que eu nascera!"

SÓFOCLES. *Édipo rei*. Porto Alegre: L&PM, 1998. p. 55-57. (Coleção L&PM Pocket)

## ▷ Pensamento filosófico e científico

Considerado um dos marcos da cultura grega, o pensamento filosófico e científico iniciou seu desenvolvimento no final da época arcaica e atingiu sua maior expressão no período clássico. No início do século V a.C. surgiram os **sofistas**, que negavam a existência de uma verdade absoluta e buscavam conhecimentos úteis para a vida por meio da retórica. O mais destacado dos sofistas foi **Protágoras** (c. 480-410 a.C.), autor da frase “O homem é a medida de todas as coisas”.

Vieram a seguir os três principais filósofos gregos: **Sócrates** (470-399 a.C.), **Platão** (429-348 a.C.) e **Aristóteles** (384-322 a.C.).

Sócrates defendeu que a reflexão e a virtude eram fundamentais à vida. Por criticar as instituições políticas e sociais de Atenas, foi condenado à morte em 399 a.C. O que se sabe do pensamento socrático foi registrado por seus discípulos, principalmente por Platão.

Fundador da Academia de Atenas, Platão afirmava que o real existia no plano das ideias, ao passo que as coisas concretas, perceptíveis aos sentidos, não passavam de sombras ou projeções. A tarefa dos filósofos no pensamento platônico seria libertar os homens das impressões sensoriais para que pudessem perceber as coisas como realmente eram. Deixou registro de seu pensamento nas obras: *A república*, *Apologia de Sócrates*, *O banquete*, entre outras.

Aristóteles é considerado o “Pai da Lógica”. Partindo de Sócrates e de Platão, sistematizou os princípios da lógica que ele chamou de analítica. Em sua teologia, Aristóteles procurou demonstrar racionalmente a existência de Deus, o “primeiro motor móvel”, o “ato puro”.

Nas ciências do período helenístico, merecem destaque certas áreas específicas e alguns nomes: na **geografia**, **Eratóstenes** (275-195 a.C.), que calculou a medida da circunferência da Terra; na **matemática** e na **física**, são fundamentais as contribuições de **Euclides** (século III a.C.), criador das bases da geometria, e de **Arquimedes** (287-212 a.C.), que descobriu princípios como os da alavanca e da roldana, além de formular leis de flutuação dos corpos.

## ▷ História e artes plásticas

Os gregos foram os primeiros a tratar a história como objeto de pesquisa sistemática, separando as lendas dos fatos. **Heródoto de Halicarnasso** (484-425 a.C.), conhecido como o “pai da História”, relatou as Guerras Greco-Pérsicas. Preocupado em conhecer os povos cujas histórias contava, visitou o Egito, a Península Itálica e a Ásia Menor. Outro historiador, **Tucídides** (c. 460-c. 400 a.C.), considerado o criador da história objetiva, escreveu a *História da Guerra do Peloponeso*.

Nas artes plásticas, o grande destaque é o escultor **Fídias** (c. 490-430 a.C.), que, no tempo de Péricles,



A Acrópole de Atenas é até hoje símbolo da grandiosidade cultural e econômica que essa cidade grega atingiu durante o século V a.C. À direita, podemos ver o Partenon.



embelezou Atenas com estátuas e monumentos. Fídias também supervisionou a construção do Partenon, o magnífico templo de Palas Atena erguido na Acrópole de Atenas pelos arquitetos Ictinus e Calícrates. Os trabalhos tiveram início em 447 a.C. e se prolongaram até 432 a.C.

Existem relatos de que a pintura em painéis de madeira e paredes era muito frequente e apreciada pelos gregos. Mas os vestígios de material artístico mais comuns são os vasos e as taças de cerâmica. Neles, os gregos registraram cenas do cotidiano, celebrações, guerras e cenas mitológicas.

*Vaso de fundo branco, do século V a.C., quando esse tipo de peça começou a ser produzido na Grécia. Era utilizado como um monumento funerário que exaltava a memória do morto.*

### Estilos de pintura em vasos

“O estilo geométrico correspondente à época mais antiga, que desabrochou entre os séculos X e VIII a.C., privilegia as linhas retas e a repetição de motivos geométricos básicos, como o círculo, o quadrado e o triângulo. Aparecidas no final do século VIII, as formas animais rapidamente se tornaram o motivo predileto dos pintores de vasos, suplantando logo a arte geométrica. Como certas obras representam animais exóticos, o período ficou conhecido como orientalizante. Após cerca de um século, os desenhos de animais começam a ceder às figuras humanas realizadas de acordo com a técnica de contornos negros: a imagem aparece como uma silhueta escura, com os detalhes marcados em incisões coloridas. Entre os artistas famosos pela decoração em figuras negras, um dos mais célebres foi o pintor ateniense Exekias [...]. Um novo estilo de pintura em vaso se impôs no final do século VI, o da figura vermelha. Desta vez, os artistas escureceram o fundo, sobre o qual seus temas se destacavam em vermelho — a cor da terracota [...].”

Estilos de pintura em vasos. In: *Grécia: templos, túmulos e tesouros*. Rio de Janeiro: Abril Coleções / Time-Life Livros, 1998. p. 46-47. (Coleção Civilizações perdidas).

A argila da Ática, região em que se localiza Atenas, era de excelente qualidade. Os objetos de cerâmica, quando cozidos na temperatura correta, adquiriam um belo tom avermelhado. Em seguida, eram decorados com pinturas feitas em tinta preta.

É possível que a cerâmica fosse considerada uma arte menor pelos gregos, já que existem poucas referências literárias sobre a produção de artefatos feitos com esse tipo de matéria-prima. Mas é graças a esse tipo de material que podemos conhecer melhor a mentalidade e o cotidiano dos homens gregos.

### Lembre-se!

- A Hélade, território habitado pelos antigos gregos, foi ocupada por sucessivas levas de povos indo-europeus que se misturaram às populações que já viviam na região. Vestígios arqueológicos comprovam que esses homens desenvolveram ricas culturas, como a cretense e a micênica, além das bases do que viria a ser a pólis grega.
- A Grécia não constituiu um Estado unificado, mas um conjunto de pólis ou cidades-Estado, cada qual com uma organização administrativa, socioeconômica e política diferente, ligadas, no entanto, por uma identidade cultural e linguística.
- Os casos mais bem documentados são os das cidades-Estado de Esparta e Atenas. Em Esparta desenvolveu-se uma sociedade extremamente militarizada, em que as mulheres gozavam de certos privilégios e liberdade, inexistentes em outras cidades-Estado, como Atenas, por exemplo. Em Atenas, desenvolveu-se a democracia direta. Os cidadãos atenienses que participavam das assembleias tinham poder decisório sobre os destinos da cidade.
- Helenismo é o nome que se dá à fusão de tradições culturais gregas e orientais. Seu principal fomentador foi Alexandre Magno, soberano da Macedônia, um dos maiores impérios da Antiguidade. Alexandre subjugou as cidades-Estado gregas, incluindo Atenas e Esparta.
- A cultura grega foi um dos pilares sob os quais se ergueu a civilização ocidental. Mitos, teatro, filosofia, obras literárias e artísticas são até hoje apreciados.

## A escultura grega

A representação da figura humana foi o tema preferido dos escultores gregos ao longo de sua história. É possível perceber três fases distintas da escultura grega.

No período arcaico (séculos VII e VI a.C.), nota-se a nítida influência da arte egípcia na representação humana, chamada genericamente de *kouros*, escultura destinada a celebrar o triunfo de algum atleta ou soldado morto heroicamente em combate.

No período clássico (séculos V e IV a.C.), a arte grega alcança seu esplendor. A escultura passa a ser mais realista, com volume, movi-

mento e proporção. O domínio da técnica permitiu alcançar elevado grau de perfeição na reprodução das vestes e do corpo humano.

No período helenístico (séculos IV a II a.C.), acentuou-se na escultura o realismo na representação humana. Além da intenção de reproduzir na arte as formas reais, os artistas também procuravam representar sentimentos humanos, como a dor, a angústia e o medo.



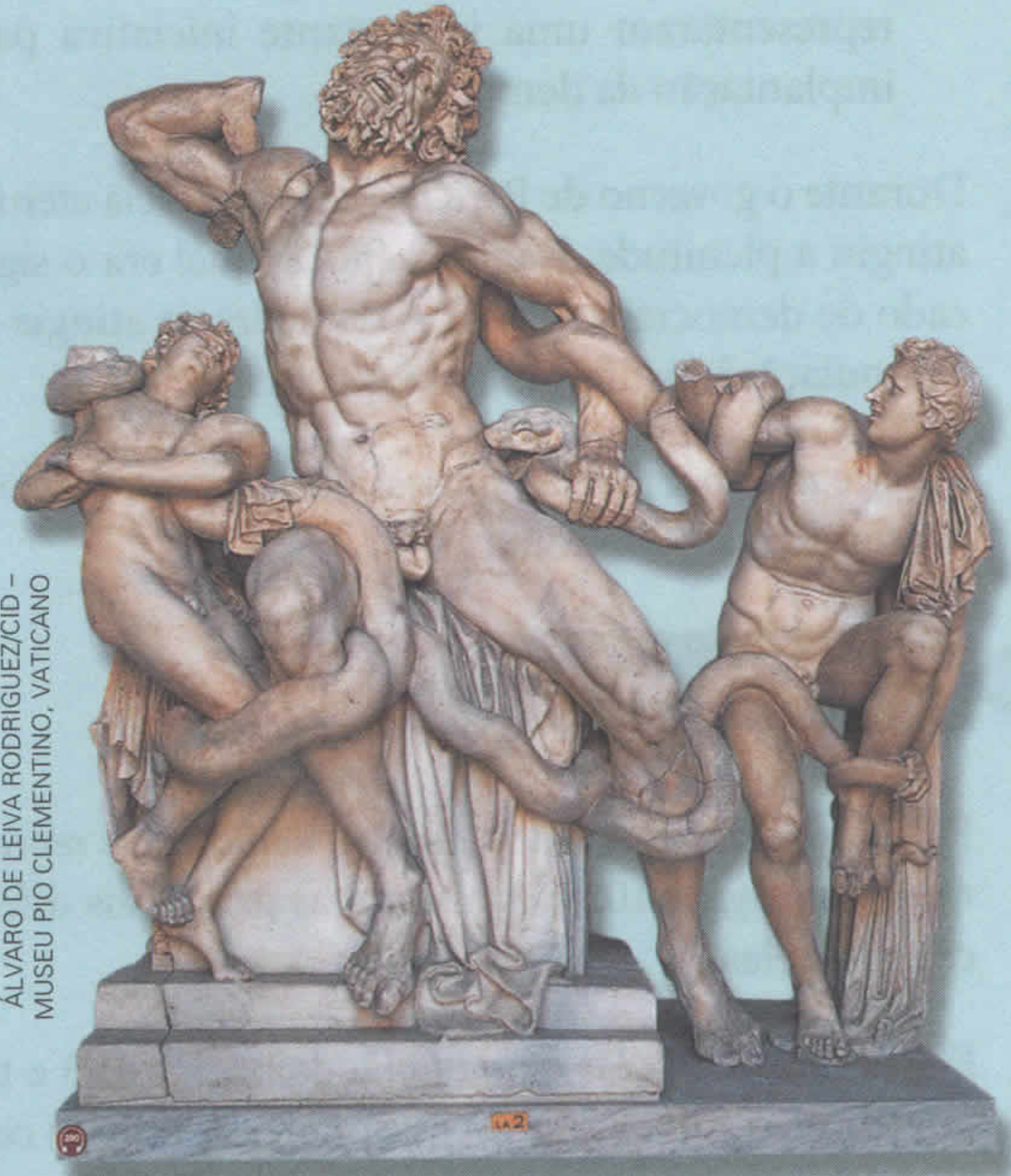
COREL/STOCK PHOTOS - MUSEU ARQUEOLÓGICO NACIONAL, ATENAS

*Kouros*, escultura em mármore, cerca de 550 a.C. A rigidez da postura lembra uma estátua egípcia.



GIUSEPPE GIORCELLI/CID/MUSEU ARQUEOLÓGICO NACIONAL, NÁPOLES

*Doriforos*, de Policleto, escultura do século V a.C. Observe a harmonia e a sensação de movimento criada pelo artista.



ÁLVARO DE LEIVA RODRIGUEZ/CID - MUSEU PIO CLEMENTINO, VATICANO

*Laocoonte*, escultura feita por volta do século III a.C., em que podemos ver a dor e a angústia humanas diante da morte.

### Compreendendo o texto

#### Registre em seu caderno

1. Compare as três esculturas e cite semelhanças e diferenças entre elas.
2. Procure relacionar cada escultura com o contexto histórico da Grécia em que foram produzidas.
3. Observe atentamente a escultura *Laocoonte* e descreva-a.
4. Na sua opinião, por que a escultura grega ainda fascina as pessoas na atualidade?

### EXPLORANDO O CONHECIMENTO

- 1 Caracterize a civilização cretense e a civilização micênica.
- 2 Apresente algumas características da pólis ou cidade-Estado.
- 3 Como eram as sociedades de Esparta e Atenas? Quais eram as principais diferenças entre elas?
- 4 Leia o item *Conflitos e reformas*, na página 101, e responda às questões a seguir.
  - a) Cite os fatores que motivaram as lutas entre o povo ateniense e os ricos proprietários.
  - b) Caracterize as reformas do legislador Sólon, que representaram uma importante iniciativa para a implantação da democracia.
- 5 Durante o governo de Péricles, a democracia ateniense atingiu a plenitude. Naquela época, qual era o significado de democracia plena? A democracia atingia toda a população? Justifique sua resposta.
- 6 Mostre a importância cultural do império criado por Alexandre da Macedônia.

### ANÁLISE DAS FONTES

- 7 Releia o box *Democracia direta e democracia representativa* da página 102 e estabeleça as principais diferenças entre elas.
- 8 Releia o box *Nudez e cidadania* da página 105 e trace um paralelo entre a relação que os gregos tinham com a nudez e o aspecto que ela assumiu na sociedade atual.

- 9 Observe a escultura grega *Discóbulo*, na página 104. Depois, volte ao Capítulo 4 e reveja a escultura que representa um escriba egípcio, na página 65. Por último, faça uma comparação entre as duas imagens, indicando as principais semelhanças e diferenças entre elas.

### A HISTÓRIA E O TEMPO PRESENTE

- 10 Tendo em vista o que você leu e/ou discutiu em sala de aula, responda:
  - comparando o papel das mulheres na Grécia Clássica com o seu papel na sociedade atual, que mudanças e permanências podemos destacar?
- 11 De maneira geral, podemos conceituar a democracia contemporânea como um regime político baseado nos princípios da soberania popular e da distribuição igualitária do poder. Trata-se de um regime de governo que se caracteriza pelo voto livre e universal, pela divisão dos poderes — em Legislativo, Executivo e Judiciário — e pelo controle da autoridade, isto é, dos poderes de decisão e de execução. Tendo em vista essa definição e o que você aprendeu sobre a democracia ateniense, responda.
  - a) A democracia baseia-se no consenso e visa o interesse nacional?
  - b) O Brasil é um Estado de regime democrático? Justifique sua resposta.
- 12 Faça uma lista de palavras de origem grega presentes no cotidiano brasileiro, em áreas como o esporte, a política, as ciências e as artes.

## Vestibular / ENEM

### Registre em seu caderno

- 1 (Unicamp-SP) "Os deuses, quaisquer que tenham sido as suas origens longínquas, nada mais são do que seres humanos, maiores, mais fortes, mais belos, eternamente jovens; adquiriram não só a forma humana, mas também os sentimentos, as paixões, os defeitos e até os vícios dos homens; o mundo divino apresenta, portanto, uma imagem engrandecida, mas não depurada da humanidade."

JARDÉ, A. *A Grécia antiga e a vida grega*, 1977.

Usando as informações contidas no texto e outras de que você dispõe sobre o assunto, cite cinco características da religião na Grécia antiga.

- 2 (Fuvest-SP) "Usamos a riqueza mais como uma oportunidade para agir que como um motivo de vanglória; entre nós não há vergonha na pobreza, mas a maior vergonha é não fazer o possível para evitá-la... olhamos o homem alheio às atividades públicas não como alguém que cuida



apenas de seus próprios interesses, mas como um inútil... decidimos as questões públicas por nós mesmos, ou pelo menos nos esforçamos por compreendê-las claramente, na crença de que não é o debate que é o empecilho à ação, e sim o fato de não se estar esclarecido pelo debate antes de chegar a hora da ação."

Esta passagem de um discurso de Péricles, reproduzido por Tucídides, expressa:

- a) os valores ético-políticos que caracterizam a democracia ateniense no período clássico.
- b) os valores ético-militares que caracterizaram a vida política espartana em toda a sua história.
- c) a admiração pela frugalidade e pela pobreza que caracterizou Atenas durante a fase democrática.
- d) o desprezo que a aristocracia espartana devotou ao luxo e à riqueza ao longo de toda a sua história.
- e) os valores ético-políticos de todas as cidades gregas, independentemente de sua forma de governo.

**3** (UFRN) Leia o fragmento a seguir.

"A civilização da Grécia, em especial na sua forma ateniense, fundava-se em ideais de liberdade, otimismo, secularismo, racionalismo, glorificação tanto do corpo como do espírito e de grande respeito pela dignidade e mérito do indivíduo. A religião era terrena e prática, servindo aos interesses dos homens. A religião era um meio de enobrecimento do homem."

Adaptado de BURNS, Edward McNall. *História da civilização ocidental*, v. 1. Rio de Janeiro: Globo, 1986. p. 123.

O fragmento trata principalmente do(a):

- a) hegemonia cultural da Grécia na cultura antiga.
- b) politeísmo na religião grega.
- c) antropocentrismo na cultura grega.
- d) influência dos gregos sobre o Ocidente.

**4** (Enem-MEC) Os Jogos Olímpicos tiveram início na Grécia, em 776 a.C., para celebrar uma declaração de paz. Na sociedade contemporânea, embora mantenham como ideal o conagraçamento entre os povos, os Jogos Olímpicos têm sido palco de manifestações de conflitos políticos. Dentre os acontecimentos apresentados a seguir, o único que evoca um conflito armado e sugere sua superação, reafirmando o ideal olímpico, ocorreu

- a) em 1980, em Moscou, quando os norte-americanos deixaram de comparecer aos Jogos Olímpicos.
- b) em 1964, em Tóquio, quando um atleta nascido em Hiroshima foi escolhido para carregar a tocha olímpica.
- c) em 1956, em Melbourne, quando a China abandonou os Jogos porque a representação de Formosa também havia sido convidada para participar.

- d) em 1948, em Londres, quando os alemães e os japoneses não foram convidados a participar.
- e) em 1936, em Berlim, quando Hitler abandonou o estádio ao ser anunciada a vitória do universitário negro, Jesse Owens, que recebeu quatro medalhas.

**5** (UFV-MG) A Grécia antiga, no século V a.C., foi marcada por grandes disputas entre dois blocos rivais de cidades-Estado: a Liga de Delos, liderada por Atenas (a pólis democrática), e a Liga do Peloponeso, liderada por Esparta (a pólis oligárquica e militarizada). Os confrontos entre essas ligas resultaram na Guerra do Peloponeso. Por que se pode dizer que a Guerra do Peloponeso levou ao esgotamento das cidades-Estado?

**6** (UFC-CE) Analise a democracia grega levando em consideração o papel social dos seguintes sujeitos históricos: o cidadão, a mulher e o escravo.

**7** (Unicamp-SP) "A relutância dos aliados da Liga de Delos em pagar tributos aumentou quando Atenas decidiu dedicar o enorme excedente acumulado por quase trinta anos para reconstruir os templos e monumentos da Acrópole ateniense, destruídos pelos persas em 480 e 479 a.C."

Adaptado de Peter Jones (org.). *O mundo de Atenas: uma introdução à cultura clássica ateniense*. São Paulo: Martins Fontes, 1997. p. 241.

- a) O que foi a Liga de Delos e quais foram seus objetivos iniciais?
- b) Quais mecanismos asseguravam a hegemonia ateniense sobre seus aliados nesse período?
- c) Qual a importância da Acrópole na Atenas clássica?

**8** (Fuvest-SP) "Cada um deve observar as religiões e os costumes, as leis e as convenções, os dias festivos e as comemorações que observavam nos dias de Dario. Cada um deve permanecer persa em seu modo de vida e viver em sua cidade (...). Porque eu desejo tornar a terra bastante próspera e usar as estradas persas como pacíficos e tranquilos canais de comércio."

"Édito de Alexandre para os cidadãos das cidades persas conquistadas." (331 a.C.)

A partir do texto, responda:

- a) quem foi Alexandre e quais foram os objetivos de suas conquistas?
- b) indique algumas características do "helenismo".

**9** (UFG-GO) "Os fatos na Antiguidade foram muito próximos de como os descrevi, não dando muito crédito, de um lado, às versões que os poetas cantaram, adornando e amplificando seus temas, e de outro considerando que os

logógrafos [primeiros escritores gregos] compuseram as suas obras mais com a intenção de agradar os ouvidos que de dizer a verdade [...] deve-se olhar os fatos como estabelecidos com precisão suficiente, à base de informações mais nítidas."

TUCÍDIDES. *História da Guerra do Peloponeso*.  
Brasília: Editora da UnB, 1999. p. 25. (I, 21.).

O desenvolvimento do pensamento filosófico e o nascimento da história (a investigação que localiza as "informações mais nítidas"), como atividade que distingue mito e verdade, foram concomitantes ao nascimento da "polis" e conheceram um período de florescência no denominado "Século de Péricles". Discorra sobre os aspectos culturais e políticos desse período da história da Grécia antiga.

- 10** (Vunesp) "Depois da colonização grega do século VIII a.C., a riqueza fundiária não mais representou a única riqueza possível. Ninguém mais podia subestimar a riqueza mobiliária. Ora, com maior frequência, esta não chegou às mãos dos nobres, afastados pelos velhos preconceitos das atividades comerciais e industriais. A classe dirigente teve de contar com as reivindicações dos novos-ricos encorajados pelos seus êxitos e que também desejavam participar dos negócios da cidade."

AYMARD, André; AUBOYER, Jeannine.  
*O Oriente e a Grécia antiga*. (Texto adaptado)

O texto faz referência a um dos fatores da:

- a) guerra contra os persas.
- b) decadência ateniense no Período Arcaico.
- c) crise do regime aristocrático nas cidades gregas.
- d) queda da Monarquia e implantações da República.
- e) criação do tribuno da plebe.

- 11** (Fuvest-SP) "Num processo em que era acusado e a multidão ateniense atuava como juiz, Demóstenes [orador político, 384-322 a.C.] jogou na cara do adversário [também um orador político] as seguintes críticas: 'Sou melhor que Ésquines e mais bem-nascido; não gostaria de dar a impressão de insultar a pobreza, mas devo dizer que meu quinhão foi, quando criança, frequentar boas escolas e ter bastante fortuna para que a necessidade não me obrigasse a trabalhos vergonhosos. Tu, Ésquines, foi teu destino, quando criança, varrer como um escravo a sala de aula onde teu pai lecionava'. Demóstenes ganhou triunfalmente o processo."

VEYNE, Paul. *História da vida privada*, v. I, 1992.

A fala de Demóstenes expressa a:

- a) transformação política que fez Atenas retornar ao regime aristocrático depois de derrotar Esparta na Guerra do Peloponeso.

- b) continuidade dos mesmos valores sociais igualitários que marcaram Atenas a partir do momento em que se tornou uma democracia.
- c) valorização da independência econômica e do ócio, imperante não só em Atenas, mas em todo o mundo grego antigo.
- d) decadência moral de Atenas, depois que o poder político na cidade passou a ser exercido pelo partido conservador.
- e) crítica ao princípio da igualdade entre os cidadãos, mesmo quando a democracia era a forma de governo dominante em Atenas.

- 12** (Fuvest-SP) Tendo em vista as cidades-Estado (pólis), comente a seguinte passagem do livro *História* (Livro VIII, 144), na qual Heródoto verifica a existência da "unidade de todos os helenos pelo sangue e pela língua, e os templos dos deuses e os sacrifícios oferecidos em comum, e a semelhança de nossa maneira de viver". Faça o comentário em termos

- a) da identidade dos gregos.
- b) do significado da pólis.

- 13** (Fuvest-SP) "Vendo Sólon [que] a cidade se dividia pelas disputas entre facções e que alguns cidadãos, por apatia, estavam prontos a aceitar qualquer resultado, fez aprovar uma lei específica contra eles, obrigando-os, se não quisessem perder seus direitos de cidadãos, a escolher um dos partidos."

Aristóteles, em *A constituição de Atenas*.

A lei visava

- a) diminuir a participação dos cidadãos na vida política da cidade.
- b) obrigar os cidadãos a participar da vida política da cidade.
- c) aumentar a segurança dos cidadãos que participavam da política.
- d) deixar aos cidadãos a decisão de participar ou não da política.
- e) impedir que conflitos entre os cidadãos prejudicassem a cidade.

- 14** (UFPE) Na Grécia, durante a chamada Antiguidade Clássica, houve a formação de culturas diferentes que defendiam sociedades com práticas políticas, muitas vezes, em confronto. A cidade de Esparta, uma das mais importantes, tinha:

- a) uma legislação social flexível, preocupada com a ética e a justiça social.
- b) uma estrutura social hierarquizada onde dominavam práticas militaristas.
- c) uma sociedade sem escravos, apesar da presença de rigidez social.

- d) uma aliança política com Atenas, em defesa da monarquia eletiva.
- e) um conselho de anciãos, defensores da democracia entre os periecos.

**15** (UFPA) O texto abaixo analisa o mundo do trabalho na Grécia antiga.

"Ao lidarmos com escravos, não deveríamos permitir que fossem insolentes para conosco, nem deixá-los totalmente sem controle. Aqueles cuja posição está mais próxima da dos homens livres deveriam ser tratados com respeito; aqueles que são trabalhadores deveriam receber mais comida. Já que o consumo de vinho também torna homens livres insolentes [...], é claro que o vinho jamais deveria ser dado a escravos, ou só muito raramente."

Aristóteles (Século IV a.C.) In: CARDOSO, Ciro Flamarion. *O trabalho compulsório na Antiguidade*. Rio de Janeiro: Graal, 1984. p. 108.

Sobre esse mundo do trabalho, é correto afirmar que

- a) a sociedade grega era extremamente rigorosa no tratamento com os escravos, embora fosse branda quando se tratava daqueles que trabalhassem em vinícolas.
- b) embora a mão de obra escrava fosse predominante na Grécia antiga, os trabalhadores livres também constituíam a força de trabalho.
- c) os gregos consideravam que a comida era uma expressão de respeito ao trabalhador que vendia a sua força de trabalho.

- d) os homens livres eram tidos como o sustentáculo da economia grega, especialmente na cidade-Estado de Esparta.
- e) foi à custa do trabalho escravo que a cidade ateniense se tornou o maior exemplo de teocracia no mundo antigo.

**16** (UFRN) Filipe II, rei da Macedônia, conquistou a Grécia. Seu filho, Alexandre, o Grande, consolidou as conquistas do pai e expandiu o império em direção à Ásia, chegando até a Índia.

Na perspectiva histórica, a obra de Alexandre e de seus sucessores imediatos foi importante porque

- a) substituiu a visão mística do mundo, presente nos povos orientais, pelo conhecimento intelectual proveniente da razão e do raciocínio lógico.
- b) favoreceu a difusão do modelo político das cidades-Estado da Grécia pelas regiões conquistadas no Oriente, estimulando um governo fundamentado na liberdade e na democracia.
- c) suplantou o poder despótico predominante nos grandes Impérios Orientais, os quais atribuíam aos governantes uma origem divina.
- d) possibilitou o intercâmbio de culturas, difundindo as tradições gregas nas terras do Oriente, enquanto as mesopotâmicas, egípcias, hebraicas e persas expandiam-se para o Ocidente.

## Ampliando o conhecimento

### Leituras

FLORENZANO, Maria Beatriz B. *Nascer, viver e morrer na Grécia antiga*. São Paulo: Atual, 1996. (Coleção Discutindo a história)

Este livro analisa os rituais de passagem do nascimento, puberdade, casamento e morte, mostrando como são reveladores do modo de viver e de conceber a vida entre os gregos antigos.

POUZADOUX, Claude. *Contos e lendas da mitologia grega*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

Reunião das grandes histórias da mitologia grega. O livro também traz um apêndice contextualizando as narrativas.

SÓFOCLES. *Édipo rei*. Porto Alegre: L&PM, 1998.

A tragédia grega sobre a vida de Édipo, rei de Tebas, que ao tentar fugir de seu destino, revelado por Tirésias, contribui para que as fatalidades se concretizem.

### Filmes

#### Alexandre

Direção de Oliver Stone. EUA, 2004. 176 min. A vida de Alexandre, rei da Macedônia. A obra destaca a fusão da cultura grega com as tradições orientais dos diversos povos conquistados por Alexandre.

#### Troia

Direção de Wolfgang Petersen. EUA, 2004. 162 min. Em 1193 a.C., Páris, príncipe troiano, provoca uma guerra entre gregos e troianos ao afastar Helena de Menelau, seu marido, rei de Esparta.

### Site

#### Comitê Olímpico Brasileiro

<[www.cob.org.br](http://www.cob.org.br)>

Site com dados sobre a participação do Brasil nos Jogos Olímpicos e nos Pan-Americanos e informações sobre eventos, como as Olimpíadas Escolares e Universitárias.

# O esplendor de Roma

## Famílias nada tradicionais

“Em Roma existiam três estruturas distintas: a família nuclear, a tríade pai-mãe-filho; a família ampliada — várias gerações que coabitavam sob a autoridade do patriarca; e, finalmente, a família múltipla, que congregava pessoas e outras famílias nucleares unidas por contratos de casamento.

Nas classes médias e populares as famílias eram muito mais estáveis do que na aristocracia. Nas inscrições funerárias há elogios frequentes às mulheres que viveram em paz com seus maridos durante 20, 30, até 60 anos. Mas também existiram famílias reconstituídas. A morte de um dos cônjuges levava o sobrevivente a assumir uma nova união. Alguns documentos mencionam mulheres que foram casadas várias vezes. Já nas classes dominantes, o casamento era equivalente a um acordo político. [...] Muitos dos homens (e das mulheres) influentes de Roma tiveram várias uniões. Sylla, Pompeu e Antônio esposaram cada um cinco mulheres; os imperadores

Calígula e Cláudio se casaram cada um quatro vezes. Entre as mulheres, o recorde parece pertencer a Vistilia, mãe do grande general da época de Nero, Corbulão: ela teve sete filhos de sete maridos em um período de 20 anos. [...]

As crianças eram as que mais sofriam com as sucessivas uniões de seus pais. [...] As madrastas deviam garantir a educação de seus enteados. [...] A irmã do imperador Augusto, Otávia, cuidou ao mesmo tempo de seus próprios filhos e dos que seu marido Antônio teve de outras uniões.

O concubinato era uma forma de casamento inferior entre uma mulher livre que vivia com um homem sem ser sua esposa. [...] Outra forma de união, o *contubernium* ou ‘coabitação’, ocorria quando um dos membros era de origem servil.”

SALLES, Catherine. Famílias nada tradicionais. *História Viva*, n. 59, set. 2008.



BRIDGEMAN ART LIBRARY/KEYSTONE - MUSEO DELLA CIVITA ROMANA, ROMA

Relevo romano em pedra, produzido no século III, mostrando família durante refeição.

A sociedade romana, embora tenha existido há mais de dois mil anos, influenciou profundamente a formação do mundo ocidental. Afinal, foi em Roma que se desenvolveu o latim, língua da qual derivam muitos dos idiomas modernos, como o português e o francês, a República, o direito e outros elementos ainda presentes no mundo contemporâneo.

Hoje, o casamento existe sob as mais diversas formas; ainda assim, podemos identificar semelhanças entre o matrimônio e o concubinato em Roma e em nossa sociedade. O estudo dessas relações da vida privada nos revela aspectos importantes da vida cotidiana e da mentalidade de um povo. Ao longo deste capítulo, você perceberá que estudar a história de Roma é aprender mais sobre a gênese de nossa própria sociedade.

## ► Antecedentes

Roma, a capital da atual Itália, foi na Antiguidade o centro da região do Mediterrâneo, a principal cidade de um enorme império. Está situada na Península Itálica, região europeia limitada ao norte com a Cordilheira dos Alpes; ao sul com o Mar Jônico; a leste com o Mar Adriático; e a oeste com o Mar Tirreno.

Desde o século X a.C., diversos povos latinos viviam na parte central da Península Itálica, também conhecida como Lácio. No século VIII a.C., eles se organizaram em uma pequena comunidade, formada por várias aldeias, que deu origem à cidade de Roma.

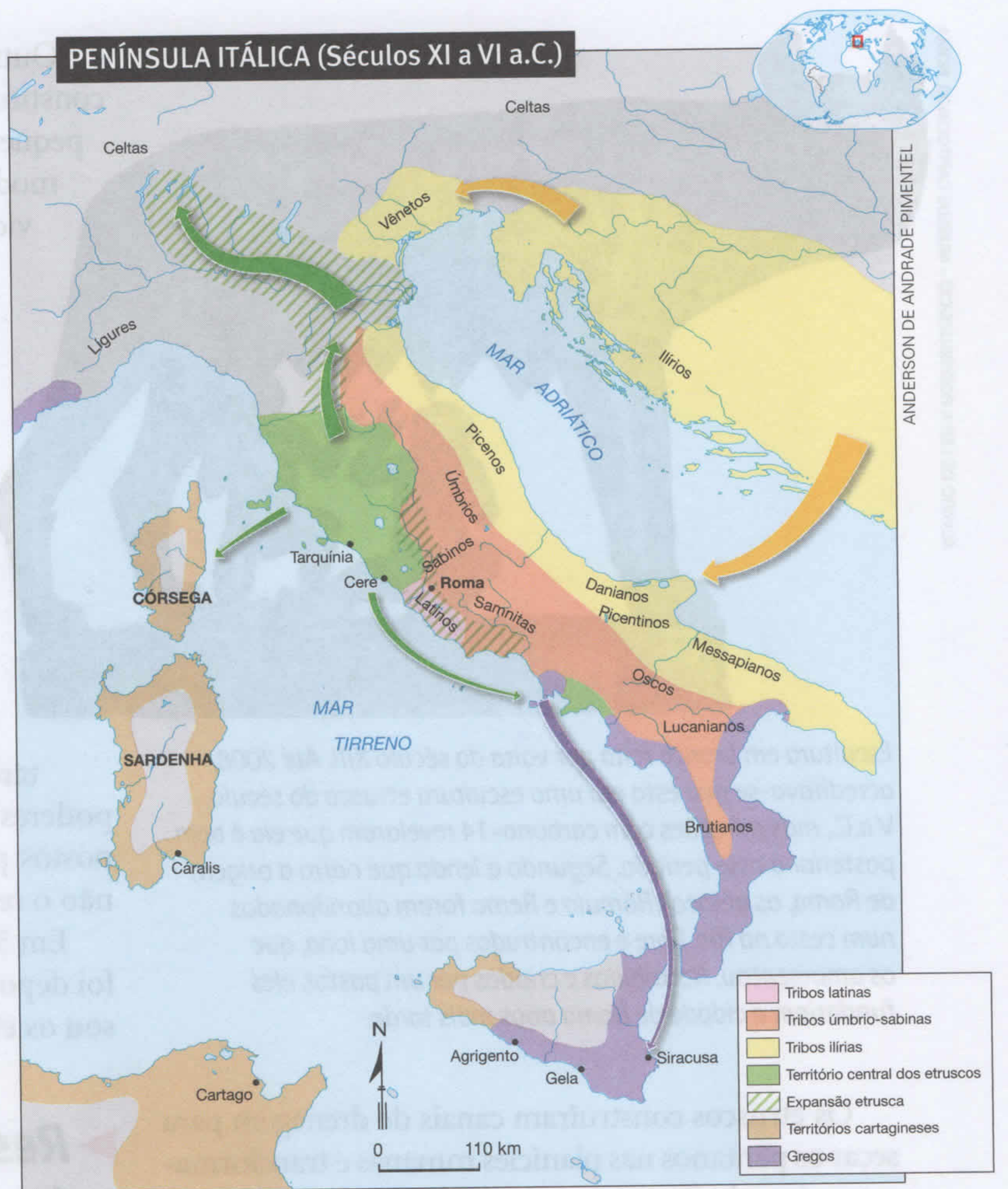
Os latinos, assim como os **sabinos** que habitavam a planície do Lácio, eram itálicos que chegaram à Península Itálica por volta de 1800 a.C. Além desses povos, a península abrigava também os gauleses, que viviam na planície do Rio Pó, e os **etruscos**, localizados entre os rios Arno e Tibre.

### Sabino

Povo itálico que teve importante participação na formação do povo romano.

### Etrusco

Povo que habitou a Etrúria, atual região italiana da Toscana, e que influenciou o desenvolvimento da cultura romana. Os mais antigos cultos religiosos de Roma têm influência etrusca, e o alfabeto grego chegou aos romanos por intermédio dos etruscos.



Fonte: HILGEMANN, Werner; KINDER, Hermann. *Atlas historique: de l'apparition de l'homme sur la terre à l'ère atomique*. Paris: Perrin, 1992. p. 68.

No sul da península e nas ilhas próximas — região conhecida como Magna Grécia —, os gregos fundaram várias colônias.

O contato entre esses povos e os latinos, impulsionado principalmente pelas atividades comerciais, propiciou um intercâmbio cultural fundamental na formação e no desenvolvimento de Roma, cuja história costuma ser dividida em três grandes períodos: **Monarquia, República e Império**.

## ► Monarquia (753 a 509 a.C.)

Segundo a tradição, a cidade de Roma foi fundada em 753 a.C. pelos irmãos gêmeos Rômulo e Remo e foi governada por sete reis, dos quais Rômulo teria sido o primeiro. Desses monarcas, os quatro primeiros reis foram latinos e sabinos e os três últimos etruscos, demonstrando a influência desse último grupo na formação do povo romano.



Escultura em bronze feita por volta do século XIII. Até 2008, acreditava-se que esta era uma escultura etrusca do século V a.C., mas datações com carbono-14 revelaram que ela é bem posterior a esse período. Segundo a lenda que narra a origem de Roma, os gêmeos Rômulo e Remo foram abandonados num cesto no Rio Tibre e encontrados por uma loba, que os amamentou. Recolhidos e criados por um pastor, eles fundariam a cidade de Roma anos mais tarde.

Os etruscos construíram canais de drenagem para secar os pântanos nas planícies romanas e transformaram a área do Fórum no centro da cidade, onde eram organizadas as assembleias políticas e se localizava o mercado. Foram eles, portanto, responsáveis, em grande medida, pela urbanização da cidade de Roma.

Na época da Monarquia, a sociedade romana era basicamente constituída por dois grupos: os patrícios e os plebeus.

- **Patrícios:** Eram os ricos proprietários de terras e gado, e durante muito tempo apenas eles podiam lutar ou comandar um exército. Tratava-se de uma aristocracia de sangue, pois o poder e a riqueza, característicos do grupo dos patrícios, eram transmitidos de pai para filho.
- **Plebeus:** Viviam como agricultores e artesãos. Não tinham direito à participação política, ainda que constituíssem a maior parcela da população, o que gerava graves tensões sociais.

Havia ainda um terceiro grupo, chamado de **clientes**, que era composto por pessoas desprezadas pela sociedade, como escravos libertos, estrangeiros, filhos ilegítimos e pobres em geral. Os clientes, muitos deles plebeus, dependiam da proteção dos patrícios para sobreviver. Em troca de terras para cultivo, gado e proteção, os clientes prestavam ajuda política, judicial, financeira e até militar aos patrícios.

Outro grupo social era o dos **escravos**, mas que constituía, durante a Monarquia, uma parcela muito pequena da população. Na Roma desse período, a modalidade mais comum era a escravidão por dívidas.

Pequenos proprietários convocados para a guerra no período do plantio e colheita viam-se obrigados, ao retornar, a contrair empréstimos para prover sua subsistência, usando sua propriedade como garantia. Caso a dívida não fosse paga, eles perdiam suas terras e a liberdade, tornando-se escravos. Esse tipo de escravidão persistiria quase até o fim da República romana.

Durante a Monarquia, o Senado era o conselho que reunia os chefes das famílias patrícias de Roma e sua principal tarefa era eleger o rei. Este, contudo, não tinha poderes ilimitados, tanto que cabia a comícios compostos pelos guerreiros com até 45 anos aceitar ou não o rei eleito no Senado.

Em 509 a.C., o último rei, **Tarquínio, o Soberbo**, foi deposto por uma revolta dos patrícios que expulsou os etruscos e estabeleceu o regime republicano.

## ► **Res publica** ou “coisa pública” (509 a 31 a.C.)

Nos primeiros tempos da República romana, a sociedade continuava dividida em patrícios e plebeus. Os **escravos**, no início da República, eram pouco numerosos, mas seu número aumentou vertiginosamente como consequência das guerras de conquistas empreendidas por Roma no Mediterrâneo.

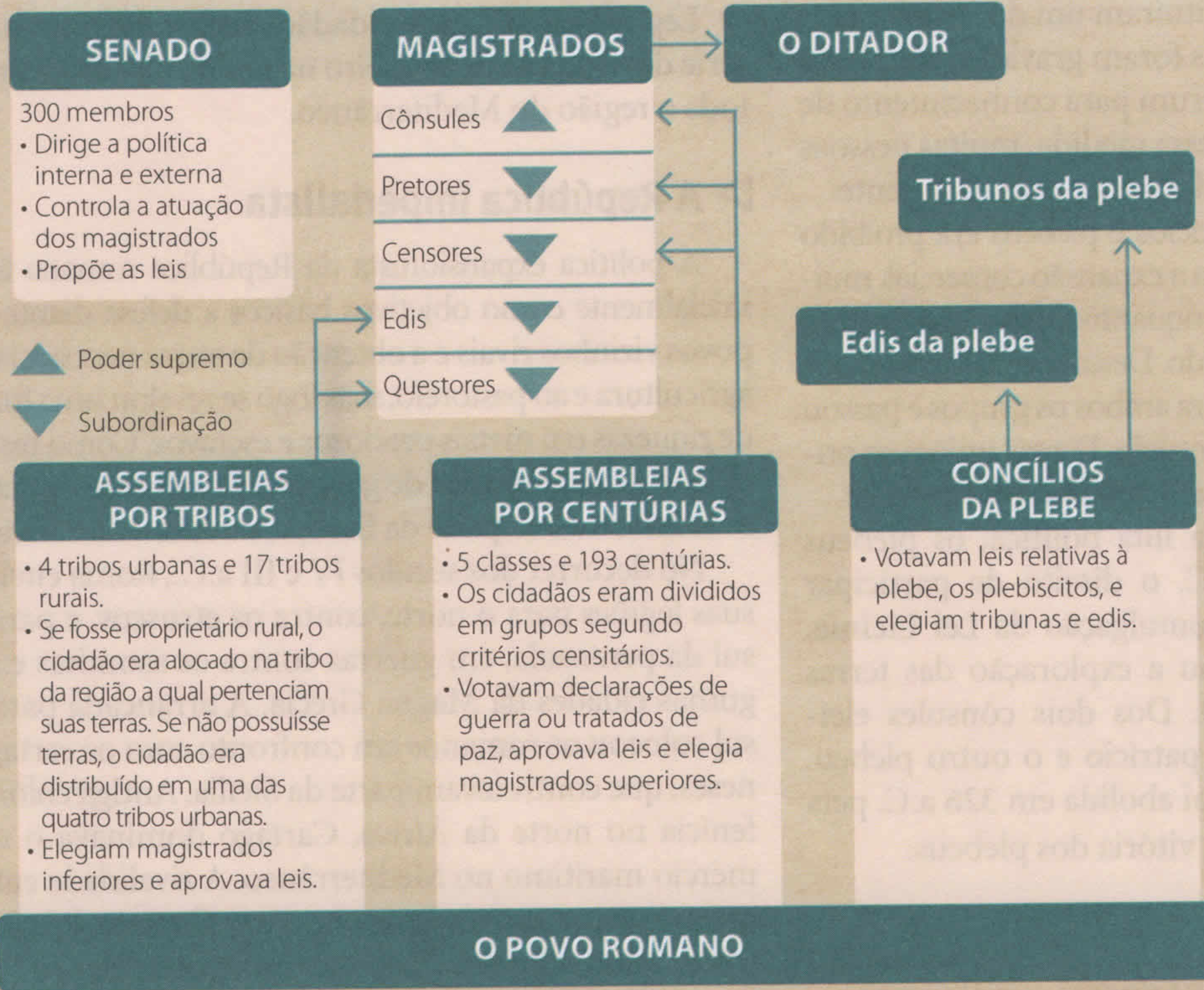
No período republicano, a estrutura do poder em Roma se concentrou em instituições como o Senado, as assembleias ou comícios e as magistraturas, que abrangiam o conjunto dos cargos do poder executivo, como os dos cônsules, pretores, questores e edis.

O **Senado** compunha-se de 300 membros vitalícios, escolhidos entre os cidadãos mais importantes (inicialmente apenas entre os patrícios). Os senadores eram responsáveis por propostas de leis, pelas finanças, pela declaração de guerra ou assinatura de tratados de paz.

A participação política dos cidadãos na Roma republicana tinha lugar predominantemente em assembleias (*comitia*), vedadas às mulheres e aos escravos. Em Roma, destacaram-se três tipos de assembleias: a assembleia por centúrias, a por tribos e os concílios da plebe.

## ORGANIZAÇÃO DA REPÚBLICA ROMANA

ALESSANDRO PASSOS DA COSTA



Fonte:  
HILGEMANN,  
Werner; KINDER,  
Hermann. *Atlas  
historique: de  
l'apparition de  
l'homme sur la terre  
à l'ère atomique.*  
Paris: Perrin, 1992.  
p. 70.

As **magistraturas** eram constituídas pelo conjunto dos mais altos funcionários da República. Eleitos pelas assembleias, os magistrados cumpriam mandato temporário como: **cônsules**, principais magistrados da República que, em número de dois, comandavam o exército, dirigiam o Estado e convocavam o Senado; **pretos**, encarregados da justiça; **ensores**, responsáveis pelo recenseamento dos cidadãos e pela vigilância dos costumes; **questores**, encarregados da arrecadação dos impostos e do tesouro público; **edis**, responsáveis pelos serviços públicos, organização de festas cívicas e religiosas, manutenção de edifícios e policiamento. Havia ainda o cargo de **ditador**, eleito em situação de crise e de guerra, com plenos poderes e mandato de seis meses, renovável se necessário.

### ► Os movimentos sociais

As desigualdades políticas entre patrícios e plebeus geraram muitos conflitos sociais, pois, embora muitos plebeus tivessem riquezas e formassem grande parte das forças militares necessárias à proteção da cidade, estavam excluídos dos principais cargos públicos. As lutas entre patrícios e plebeus marcaram o período republicano. Em 494 a.C., centenas de plebeus rebelados se retiraram para o Monte Sagrado (o Monte Aventino) e ameaçaram não lutar mais no exército caso suas reivindicações não

### A organização da República brasileira

O sistema republicano brasileiro corresponde a uma forma de governo em que um representante (presidente) é eleito pela população, por voto direto, para ser chefe de Estado por um período de tempo determinado.

Na República brasileira, o exercício do poder é dividido entre os órgãos do Executivo, Legislativo e Judiciário. O Executivo é o responsável pela administração do Estado e tem sua expressão máxima na figura do presidente da República. Ao poder Legislativo, representado pela Câmara dos Deputados e pelo Senado, cabe a tarefa de elaborar as leis. Por sua vez, o poder Judiciário verifica a aplicação das leis e soluciona os conflitos existentes entre cidadãos e o Estado.

fossem atendidas. Entre diversas exigências, as camadas populares alcançaram o direito de eleger seus próprios magistrados, os **tribunos da plebe**. O tribuno da plebe dispunha de poder de veto, isto é, podia suspender a aplicação de atos dos magistrados ou das decisões do Senado que considerasse contrários aos interesses dos plebeus.

Outra importante conquista em 450 a.C. foi a publicação das **Leis das Doze Tábuas**, conjunto de leis escritas que asseguravam a igualdade jurídica entre patrícios e plebeus e constituíram um dos fundamentos do direito romano. Elas foram gravadas em placas de bronze e expostas no fórum para conhecimento de toda a população. Antes dessa medida, muitas pessoas desconheciam as leis, divulgadas apenas oralmente.

O casamento entre patrícios e plebeus era proibido até 445 a.C. No entanto, com a expansão comercial, muitos plebeus enriqueceram, enquanto numerosas famílias patrícias haviam empobrecido. Dessa forma, o casamento tornou-se interessante para ambos os grupos e passou a ser permitido pela **Lei Canuleia**. Dessas uniões se originou uma nova aristocracia, a *nobilitas* (os notáveis).

Finalmente, após longa luta política, os plebeus conquistaram em 367 a.C. o direito de participar do consulado graças à promulgação da **Lei Licínia**, que também regulamentou a exploração das terras públicas (**ager publicus**). Dos dois cônsules eleitos anualmente, um seria patrício e o outro plebeu. A escravidão por dívidas foi abolida em 326 a.C. pela **Lei Poetélia Papíria**, outra vitória dos plebeus.

### Ager publicus

Terras administradas pelo Estado e cedidas ao uso para os cidadãos romanos. Os territórios podiam ser alugados por meio do pagamento de uma taxa, cedidos em troca de serviços prestados ao Estado ou ainda explorados gratuitamente no caso de terrenos não cultivados e abandonados. Muitos proprietários aproveitavam essa situação para se apropriar das terras públicas, o que gerava indignação nos camponeses.

Simultaneamente aos conflitos entre patrícios e plebeus, teve início o processo de expansão territorial da República.

Legiões de soldados-cidadãos empreenderam uma série de conquistas, primeiro na península, depois por toda a região do Mediterrâneo.

### ▷ A República imperialista

A política expansionista da República romana teve inicialmente como objetivos básicos a defesa diante de povos vizinhos rivais e a obtenção de terras necessárias à agricultura e ao pastoreio, mas logo se revelou uma fonte de riquezas em metais preciosos e escravos. Como resultado, em cinco séculos de guerras a dominação romana se estendeu a boa parte da Europa, da Ásia e da África.

No decorrer dos séculos IV e III a.C., Roma enviou suas legiões para o norte, contra os etruscos, e para o sul da península, em guerras contra os samnitas e algumas cidades da Magna Grécia. A arrancada para o sul colocou os romanos em confronto com os cartagineses, que controlavam parte da Sicília. Antiga colônia fenícia no norte da África, Cartago dominava o comércio marítimo no Mediterrâneo. A rivalidade entre cartagineses e romanos resultou nas **Guerras Púnicas** (os romanos chamavam os cartagineses de *poeni*).

As Guerras Púnicas desenvolveram-se durante o período de 264 a 146 a.C. A primeira etapa do conflito foi vencida pelos romanos em 241 a.C.; Cartago viu-se obrigada a pagar uma pesada indenização e a reconhecer o domínio romano sobre as ilhas da Sicília, Córsega e Sardenha.

Entre 149 e 146 a.C., ocorreu a última fase das Guerras Púnicas, que terminou com a completa destruição de Cartago. Os sobreviventes derrotados foram



Tapeçaria do Palácio Real de Madri (século XVI), onde está representada a batalha da Zama, 202 a.C., quando o general romano Scipião venceu os cartagineses.



vendidos como escravos e o território cartaginês tornou-se província romana. Afastada a ameaça cartaginesa, Roma iniciou sua expansão pelo Mediterrâneo oriental e nos dois séculos seguintes conquistou os reinos helenísticos da Macedônia, da Síria e do Egito. Desse modo, o Mediterrâneo transformou-se num lago romano, o *Mare nostrum* (“nosso mar”).

A partir do século III a.C., as guerras de conquista contribuíram diretamente para a elevação do número de escravos, que se estenderia até o período imperial. Capturados entre os vencidos, eles eram vendidos e empregados em atividades rurais, domésticas ou relacionadas ao comércio.

Região	População total estimada	Número estimado de escravos	Porcentagem de escravos na população total
Itália romana, em 225 a.C.	4.000.000	600.000	15%
Itália romana, em 31 a.C.	6.000.000	2.000.000	33%

Fonte: CARDOSO, Ciro Flamarion S. *Trabalho compulsório na Antiguidade*: ensaio introdutório e coletânea de fontes primárias. Rio de Janeiro: Graal, 2003. p. 72.

Essas guerras favoreceram também um grande fluxo de riquezas para Roma na forma de espólios de guerra e tributos. A *nobilitas* foi o principal grupo privilegiado por esse processo, pois sobretudo os senadores continuaram a controlar os principais cargos públicos e militares e também a administração dos novos territórios. Consolidou-se nesse momento um novo grupo social: os **cavaleiros**. Eles atuavam na cavalaria durante as guerras, podiam cobrar impostos e atuar como jurados, mas a ordem equestre era sobretudo uma via de acesso à ordem senatorial.

Do ponto de vista econômico, havia muito em comum entre senadores e cavaleiros. Ambos os grupos concentraram terras e escravos, o que levou ao surgimento de propriedades escravistas onde se produziam vinho e azeite para o comércio. Essa situação redefiniu a paisagem agrária na Itália, colocando em risco a pequena propriedade camponesa.

## ▷ A questão agrária

Um dos problemas enfrentados pelos políticos romanos foi a questão da terra, associada à grande desigualdade social que afligia a maior parte da população. Os irmãos **Tibério** e **Caio Graco**, eleitos sucessivamente tribunos da plebe, procuraram solucionar a crise por meio da realização de reformas que atendessem às reivindicações populares.

Em 133 a.C., Tibério Graco conseguiu a aprovação de uma lei agrária que limitou a extensão das propriedades fundiárias da nobreza e autorizou a distribuição de terras públicas para os cidadãos com menos posses. Essa lei desagradou aos grandes proprietários, que se opuseram à sua aplicação. Em 132 a.C., Tibério Graco e outros partidários da lei agrária foram assassinados.

### A reforma agrária

O projeto de Tibério Graco propunha a obediência rigorosa à lei do *ager publicus*, pela qual cada pessoa poderia ocupar no máximo 309 acres do solo público. Como as terras dos latifundiários ultrapassavam em muito esse limite, eles seriam obrigados a entregar parte delas ao Estado, para distribuição entre os camponeses. A reforma visava multiplicar as pequenas propriedades, reforçando o campesinato, que fornecia soldados às legiões.

O problema da concentração de terras, que gerou insatisfação popular e conflitos entre os romanos, ainda está presente em diversos países. No Brasil atual, a reforma agrária é defendida, principalmente, pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST).



Camponeses romanos fazendo a colheita da uva. Detalhe de mosaico do século IV.

O projeto de reforma agrária foi retomado em 123 a.C. pelo tribuno Caio Graco, que obteve o apoio dos cavaleiros para aprovar uma lei que aumentava a participação dos representantes da plebe na administração do Estado. Além disso, o tribuno conseguiu a aprovação da **Lei Frumentária**, que baixou o preço do trigo para os cidadãos pobres. Outro projeto estendia a cidadania romana a populações latinas para diminuir a oposição à reforma agrária. Mas a proposta foi rejeitada pelos grandes proprietários rurais, temerosos de perder seus privilégios. Os choques entre os partidários da reforma agrária e o Senado resultaram no suicídio de Caio Graco e na morte de seus seguidores.

O projeto de reforma agrária e extensão da cidadania romana às populações peninsulares voltaria a ser apresentado em 91 a.C. pelo tribuno **Marco Lívio Druso**. Como acontecera no tempo dos Graco, a proposta foi rejeitada e seu defensor assassinado.

Enquanto a questão da terra mobilizava as camadas mais pobres da sociedade romana, outros setores lutavam pelo direito à liberdade. Entre os anos 136 e 132 a.C. e 104 a 101 a.C., ocorreram revoltas de escravos na Sicília. Na primeira revolta siciliana, os escravos rebelados, dentre eles muitos pastores, tomaram uma cidade e proclamaram como seu rei um escravo sírio de nome Euno. Após longa guerra, as tropas romanas conseguiram debelar o movimento. O segundo levante servil na Sicília decorreu da recusa dos proprietários de escravos de obedecerem a uma resolução do Senado romano que ordenava que os indivíduos de cidades aliadas de Roma que tivessem sido reduzidos

à escravidão fossem libertados. Legiões romanas também suprimiram o movimento. Décadas mais tarde, entre 73 e 71 a.C., ocorreu a mais famosa rebelião de escravos da história romana: a revolta de **Espártaco**, que teve lugar na Península Itálica e mobilizou mais de 90 mil escravos. Liderados pelo gladiador Espártaco, os escravos chegaram a derrotar várias tropas romanas, mas acabaram vencidos e castigados. Todas essas revoltas não tinham como lema a abolição geral da escravidão. Foram insurreições pelas quais os escravos buscavam obter a liberdade pessoal, mas sem negar a escravidão.

## ► Uma República em crise

No século I a.C. Roma não era apenas uma cidade-Estado, mas uma cidade que controlava um império cuja proporção crescia cada vez mais com as guerras de conquista. Conseqüentemente, as instituições concebidas para o autogoverno de uma sociedade de pequenos proprietários agrícolas não funcionavam mais.

Num clima de crescente instabilidade, diversos chefes militares passaram a disputar o poder. Roma conheceu os governos autoritários dos generais **Mário** e **Sila**. Eles haviam conquistado prestígio entre os soldados utilizando como barganha a divisão dos espólios obtidos nas guerras de conquista. Em troca desses despojos, os generais garantiam lealdade e apoio político. Nas décadas seguintes à abdicação de Sila, que ocorreu em 79 a.C., crises sucessivas abriram caminho para os triunviratos (governo de três pessoas).

O **Primeiro Triunvirato** foi composto em 59 a.C. por três políticos de prestígio: **Pompeu**, **Crasso** e **Júlio César**. Os dois primeiros gozavam de reputação militar, enquanto César exercia o consulado e ocupava o cargo de Pontífice Máximo. César conquistou, entre 58 e 51 a.C., todo o território da Gália (atual França) e parte da ilha da Bretanha (atual Inglaterra), consagrando-se o maior general da época.

Em 53 a.C., com a morte de Crasso durante uma fracassada invasão da Mesopotâmia, controlada na época pelos **partas**, os senadores aproximaram-se de Pompeu e afastaram César do governo. A guerra civil desencadeada por essa crise permitiu a César e suas legiões a tomada do poder. O Senado conferiu a César o título de Ditador Vitalício (46 a.C.).

### Parta

Povo que integrou o Império Persa e depois formou um Estado autônomo (247 a.C. a 224 d.C.). Os partas resistiram a vários ataques das legiões, barrando a expansão romana na Mesopotâmia e na Pérsia.



Goran Visnjic em cena do filme *Spartacus* (2004), direção de Robert Dornhelm. O filme é uma nova leitura da revolta de escravos liderada pelo gladiador Espártaco.

Júlio César acumulou os poderes de cônsul, tribuno, sumo sacerdote e supremo comandante do exército. Durante seu governo, promoveu uma reforma político-administrativa, distribuiu terras entre os soldados, impulsionou a colonização das províncias, construiu obras públicas e reformulou o calendário. Mas seus poderes despertaram a oposição de alguns senadores. Em 44 a.C., o ditador foi assassinado por uma conspiração liderada por Brutus e Cássio, que se diziam dispostos a salvar a República.

Todavia, os conspiradores não conseguiram restabelecer as instituições republicanas. Em vez disso, o poder passou a três partidários de César: o cônsul Marco Antônio; Lépido, chefe da ordem dos cavaleiros; e Otávio, sobrinho e filho adotivo de César. Estava formado o **Segundo Triunvirato**, que estabeleceu o comando de **Marco Antônio** no Oriente e de **Otávio** no Ocidente, enquanto **Lépido** ficava com o cargo de Pontífice Máximo. Intensas rivalidades pela supremacia política, porém, logo se manifestaram entre os triúmviros.

Marco Antônio aliou-se a Cleópatra, rainha do Egito por quem se apaixonara, e rompeu com Otávio. Em 32 a.C., irrompeu a guerra entre os governantes do Oriente e do Ocidente. As forças de Otávio derrotaram Marco Antônio no ano seguinte e ocuparam o Egito, que se tornou uma província romana. Com a concentração do poder nas mãos de Otávio, terminava a República romana.

## ► Ascensão e queda do Estado imperial (31 a.C. a 476 d.C.)

O advento do regime imperial esteve ligado às profundas transformações das condições sociais, econômicas, militares e administrativas surgidas pela criação de um império. **Otávio**, o primeiro imperador, acumulou muitos títulos, entre eles o de Augusto, que possuía conotação religiosa.

O imperador passou a deter um poder político superior ao do Senado e demais magistrados. As atribuições eleitorais das assembleias foram progressivamente reduzidas pelo desenvolvimento da prática da recomendação de candidatos aos comícios. Ou seja, os cônsules, edis, questores e pretores eram indicados pelo imperador. Mas, se por um lado o Senado como instituição política teve sua influência diminuída, por outro os senadores foram beneficiados porque passaram a ocupar a maioria dos cargos criados pelo novo regime, como comandos no exército e postos administrativos nas províncias instauradas por Augusto. A partir de então, o acesso às magistraturas civis e militares passou, em grande parte, a depender de uma rede de relações particulares de amizade

e clientelismo entre imperador, senadores, ordem equestre e elites provinciais.

Sob a orientação de Augusto, foi abandonada a política agressiva de conquistas e aperfeiçoada a administração das províncias, o que intensificou as relações comerciais. Esse novo curso contribuiu para que o império vivesse um período de tranquilidade sem precedentes, que se tornou conhecido como *pax romana*, a paz romana, e se estendeu pelos dois primeiros séculos da era cristã.

Da morte de Augusto, em 14 da era cristã, até o ano 235 sucederam-se quatro dinastias de imperadores: os Júlio-Cláudios, os Flávios, os Antoninos e os Severos. Denominada **Alto Império**, essa fase conheceu governantes como **Calígula**, **Nero** e **Cômodo**, que tinham forte apelo popular; em linhas gerais, foi um período caracterizado pela crescente integração política das aristocracias das várias regiões do império. Essa integração era feita principalmente pela concessão de cidadania romana às lideranças provinciais, que lhes dava direito de ingressarem nas instituições políticas de Roma, como o Senado, por exemplo.

Durante o Alto Império, existiu ainda um estímulo à urbanização das cidades, por meio da reforma e da construção de edifícios públicos.



Escultura representando o imperador Otávio Augusto, do século I a.C.

THE BRIDGEMAN ART LIBRARY/KEYSTONE - MUSEU DO VATICANO

## "Pão e circo"?

É muito citada a expressão do satirista latino Juvenal (60-140 d.C.) de que a plebe da cidade de Roma vivia do "pão e circo" (*panem et circenses*) fornecido pelos imperadores, que assim promoviam uma estabilidade social. O "pão" fazia referência à distribuição gratuita de cereais à população romana que ocorria no período imperial. O "circo" representava os espetáculos públicos, dos quais faziam parte as lutas de gladiadores e as corridas de biga. Mas a situação não era bem essa. A frase de Juvenal traduz determinada visão que as elites tinham da população e faz-nos esquecer a dura realidade de vida dos pobres na cidade de Roma, marcada por condições precárias de habitação e alimentação. Com cerca de 1 milhão de habitantes, apenas uma pequena parcela dos romanos pobres tinha direito ao trigo gratuito do Estado e parte considerável da população não tinha acesso aos espetáculos (o Coliseu comportava 50 mil pessoas e o Circo Máximo, 250 mil). Ademais, é equivocado afirmar que a simples promoção de espetáculos pelo imperador garantia a ausência de rebeliões sociais. Era justamente no circo ou no anfiteatro que a plebe demonstrava sua insatisfação, por exemplo, em relação a impostos ou ao preço do trigo.

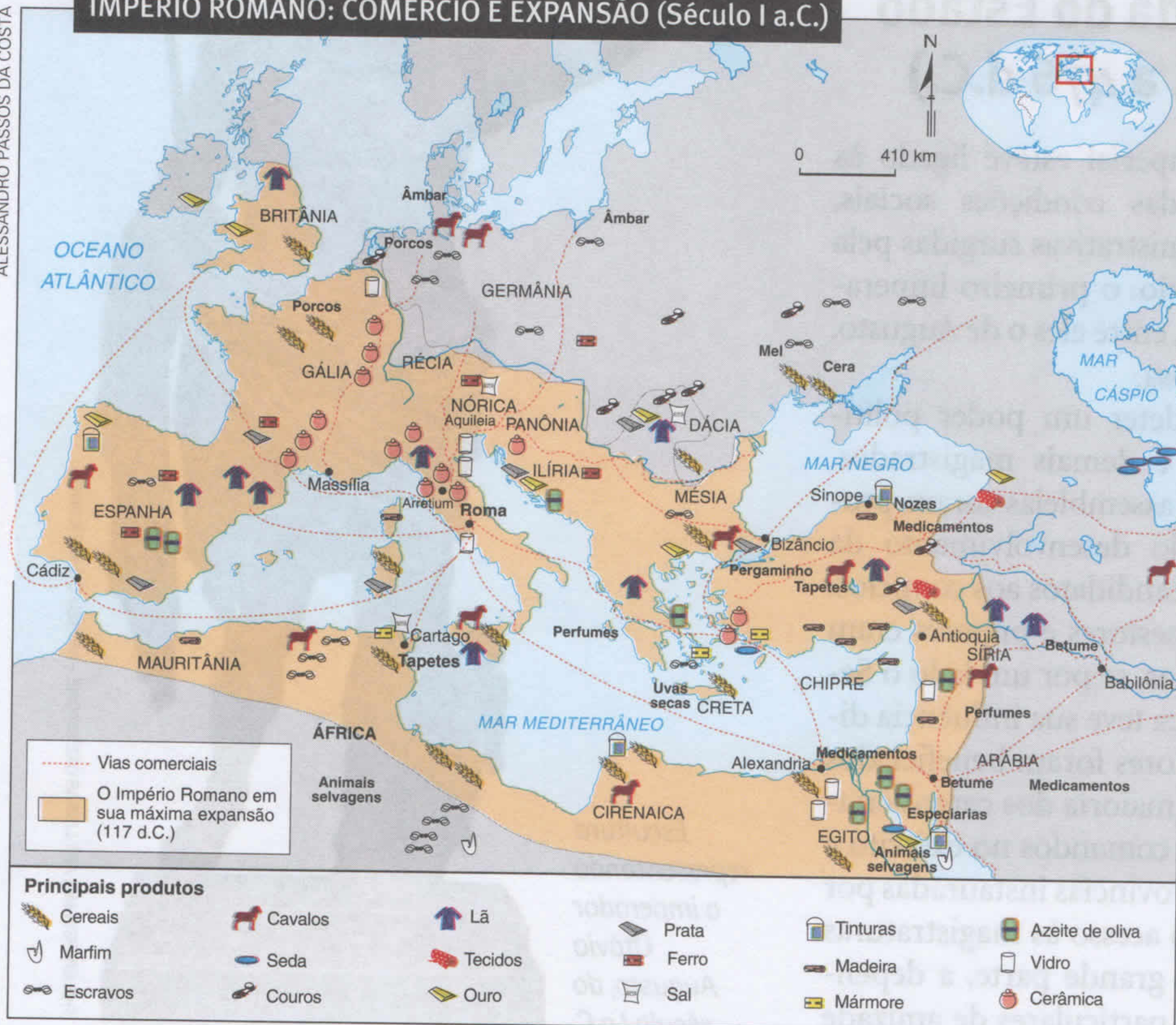
## ▷ A crise e a desagregação do Império Romano

O Baixo Império foi um período de mudanças políticas em Roma. Desde o início do século III, uma crise generalizada se abateu sobre as instituições. Para guarnecer as fronteiras e conservar o controle das províncias habitadas por povos de origens diversas, os governos tiveram de manter grandes contingentes militares, o que gerou enormes despesas para o Estado. O desequilíbrio entre a receita e a despesa pública provocou a desvalorização da moeda, a alta dos preços e um violento processo inflacionário. A crise se acentuou graças ao colapso do escravismo, devido à diminuição das guerras de conquista, e sua gradual substituição pelo sistema de **colonato**. Ao mesmo tempo, ocorria um processo de **ruralização** da sociedade: as cidades se despovoavam, o comércio decaía e os metais preciosos escasseavam.

### Colonato

O colonato foi um sistema de trabalho compulsório que se desenvolveu no período de desagregação do Império Romano, quando camponeses empobrecidos passaram a trabalhar como colonos nos domínios dos grandes proprietários. Esses latifundiários ofereciam terra, proteção e parte dos rendimentos da produção aos colonos, que não podiam abandonar a propriedade e transmitiam aos filhos a condição de servos.

### IMPÉRIO ROMANO: COMÉRCIO E EXPANSÃO (Século I a.C.)



Fonte: HILGEMANN, Werner; KINDER, Hermann. *Atlas historique: de l'apparition de l'homme sur la terre à l'ère atomique*. Paris: Perrin, 1992. p. 100.



Detalhe de relevo produzido no século II, no qual o imperador Marco Aurélio oferece sacrifícios no templo de Júpiter.

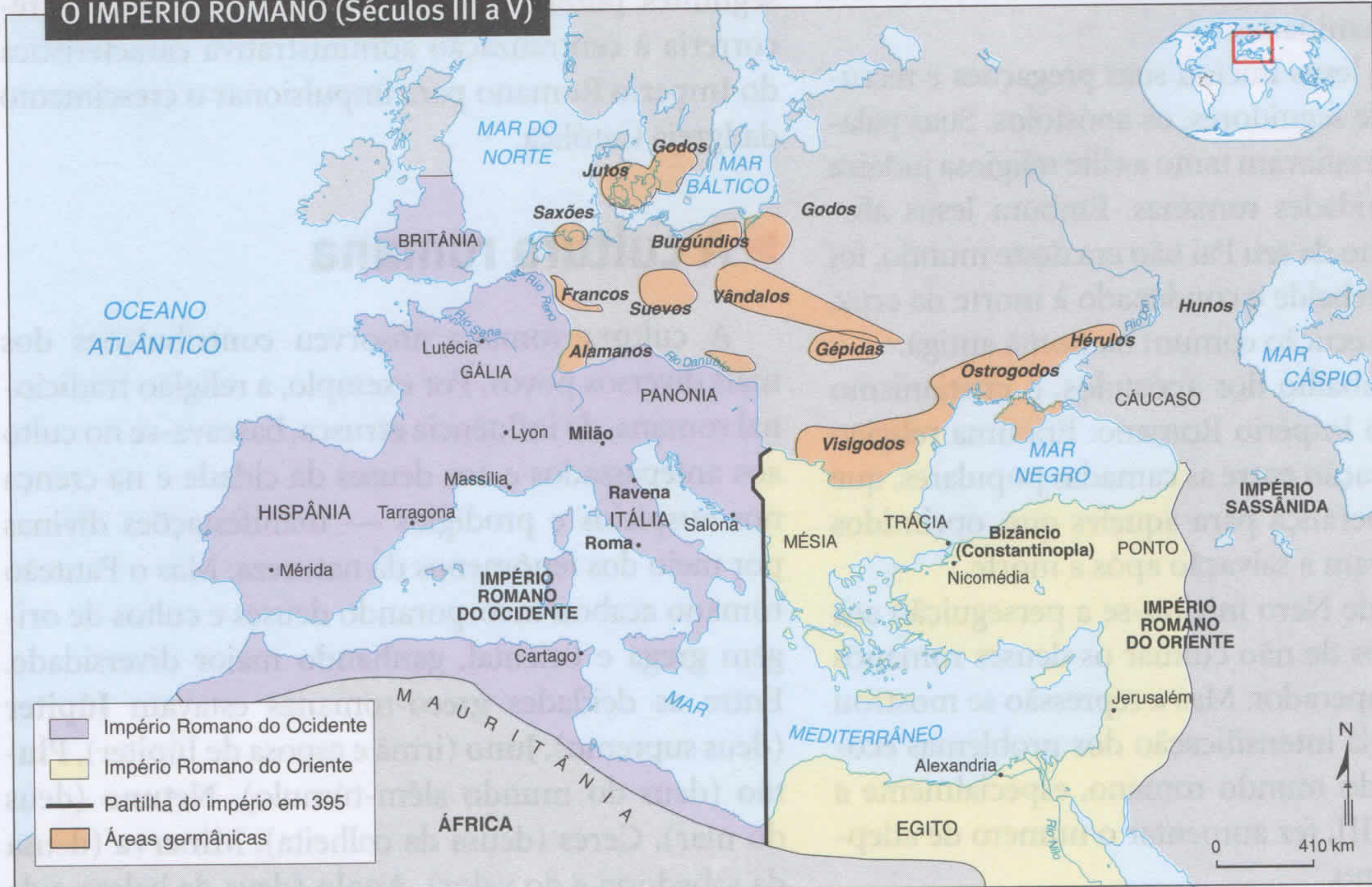
No plano político, as sucessivas lutas pelo poder entre os chefes militares e o Senado minaram a coesão político-militar do exército. Desarticulado, este não conseguiu conter a pressão dos povos germânicos sobre as fronteiras, sempre presente desde o governo do imperador **Marco Aurélio** (161-180), da dinastia antonina.

Em 284, para tentar facilitar a administração do império, Diocleciano introduziu uma reforma conhecida como **tetrarquia**. Haveria dois coimperadores, os **Augustos**, que governariam as metades oriental e ocidental do Império Romano. Cada um teria seu auxiliar direto, que receberia o título de **César** e mais tarde se tornaria coimperador. Na prática, era a divisão do império em duas porções diferenciadas: a ocidental, cada vez mais pobre, e a oriental, ainda próspera.

O imperador **Constantino**, sucessor de **Diocleciano**, restabeleceu a unidade do poder. Mas, consciente de que a força do império dependia cada vez mais das províncias do Oriente, estabeleceu em 330 sua capital na cidade de **Constantinopla** (atual Istambul, na Turquia), fundada por ele no local onde existia a antiga colônia grega de **Bizâncio**.

Menos de cinquenta anos depois, tiveram início as chamadas **grandes migrações dos povos bárbaros**. Pressionados pelos **hunos**, os grupos germânicos dos **ostrogodos** e **visigodos** cruzaram as fronteiras do Danúbio e se estabeleceram no território do império. Era a intensificação de um processo que já havia conduzido povos germânicos, como os **francos**, para dentro das fronteiras romanas. De início, a penetração ocorreu pacificamente. Porém, entre os séculos IV e V, as invasões se tornaram mais frequentes e agressivas.

### O IMPÉRIO ROMANO (Séculos III a V)



FERNANDO JOSÉ FERREIRA

Fonte: VIDAL-NAQUET, Pierre; BERTIN, Jacques. *Atlas histórico: da Pré-história aos nossos dias*. Lisboa: Círculo de Leitores, 1990. p. 81.

O imperador Teodósio conseguiu pacificar os visigodos, cedendo-lhes territórios e colocando-os a serviço da defesa do império. Sua última medida, no ano 395, foi a divisão do Império Romano em **Império do Oriente**, com capital em Constantinopla, e **Império do Ocidente**, com capital em Milão. Ruralizado, fragmentado e enfraquecido por sucessivas invasões, o Império do Ocidente recebeu o golpe fatal em 476, ano em que foi deposto Rômulo Augústulo, seu último soberano. O Império do Oriente manteve-se ainda, por centenas de anos, forte e centralizado, vivendo uma era de grande esplendor.

Até hoje, existe um intenso debate entre os historiadores sobre as causas que levaram ao fim do Império Romano. Para alguns, a crise estava relacionada às invasões bárbaras e ao fato de esses indivíduos não terem sido devidamente incorporados à comunidade romana. Para outros, porém, o advento do cristianismo contribuiu para a derrocada do império ao estabelecer o princípio de um Deus e uma Igreja única em uma civilização até então diversificada em suas crenças e costumes.

## ► A força do poder espiritual

O cristianismo surgiu na Galileia, região da Palestina conquistada e anexada pelos romanos no século I a.C. Segundo os Evangelhos, baseava-se nos ensinamentos de Jesus, que nasceu em Belém de Judá durante o governo de Otávio Augusto. Contava a tradição judaica que nessa pequena cidade nasceria o Messias, que viria à Terra para anunciar o reino dos justos e a salvação da humanidade.

Aos 30 anos, Jesus iniciou suas pregações e recrutou um grupo de seguidores, os apóstolos. Suas palavras e atitudes desafiavam tanto a elite religiosa judaica quanto as autoridades romanas. Embora Jesus afirmasse que o Reino de seu Pai não era deste mundo, foi visto como um rebelde e condenado à morte na cruz, uma forma de execução comum na Roma antiga.

Graças ao trabalho dos apóstolos, o cristianismo difundiu-se pelo Império Romano. Era uma religião de forte identificação entre as camadas populares, que representava esperança para aqueles que, oprimidos em vida, esperavam a salvação após a morte.

No governo de Nero iniciou-se a perseguição aos cristãos, acusados de não cultuar os deuses romanos nem o divino imperador. Mas a repressão se mostrou ineficaz: a própria intensificação dos problemas econômico-sociais do mundo romano, especialmente a partir do século III, fez aumentar o número de adeptos do cristianismo.



Mosaico na cúpula do Batistério dos Arianos em Ravena, Itália. Século VI. A imagem representa o batismo de Cristo por São João Batista, que teria ocorrido nas águas do Rio Jordão, na região da atual Jordânia.

Durante 250 anos, os cristãos sofreram perseguições alternadas com longos momentos de paz. Em 313, o imperador Constantino publicou o **Edito de Milão**, que concedeu liberdade de culto e crença aos cristãos. Em 380, quando Teodósio tornou o cristianismo religião oficial do Estado, Roma já não era mais o centro político do império. Nos séculos seguintes, porém, o bispo da cidade — o papa — recorreria à centralização administrativa característica do Império Romano para impulsionar o crescimento da Igreja Católica.

## ► A cultura romana

A cultura romana absorveu contribuições dos mais diversos povos. Por exemplo, a religião tradicional romana, de influência etrusca, baseava-se no culto aos antepassados e aos deuses da cidade e na crença nos auspícios e prodígios — manifestações divinas por meio dos fenômenos da natureza. Mas o Panteão romano acabou incorporando deuses e cultos de origem grega e oriental, ganhando maior diversidade. Entre as deidades greco-romanas estavam **Júpiter** (deus supremo), **Juno** (irmã e esposa de Júpiter), **Plutão** (deus do mundo além-túmulo), **Netuno** (deus do mar), **Ceres** (deusa da colheita), **Minerva** (deusa da sabedoria e do valor), **Apolo** (deus da beleza e da



O Coliseu, construído em Roma, no século I, era o local onde os romanos realizavam vários tipos de espetáculos como as corridas de bigas e os combates entre gladiadores. A construção é um belo exemplo da sofisticação alcançada pelos romanos na arquitetura.

destruição), **Diana** (deusa da natureza), **Marte** (deus da guerra), **Vênus** (deusa do amor) e muitos outros. Durante o período imperial, os romanos também cultuavam a figura do imperador.

Os primeiros templos de Roma, como o de Júpiter Capitolino (século VI a.C.), mostram uma nítida influência dos etruscos. Outras manifestações artísticas iniciais também refletem a presença cultural etrusca e mais tarde helenística. Entretanto, os romanos também fizeram contribuições originais, em especial na arquitetura: eles foram, por exemplo, os criadores da abóbada, teto côncavo de uma construção. A capacidade técnica de seus arquitetos manifestou-se na construção de estradas, pontes, represas e aquedutos. No urbanismo, a criatividade romana se fez sentir sobretudo nas termas públicas, nos monumentos, em construções ornamentais — tais como os arcos de triunfo e obeliscos, passeios e jardins. Além disso, o gosto romano pelos espetáculos públicos contribuiu para a construção de teatros e anfiteatros, como o **Coliseu**, erguido no ano 80 da era cristã.

Os romanos destacaram-se igualmente na prática política, na administração e no direito. Este último, codificado no século VI durante o governo do imperador Justiniano, forneceu as bases do direito da Eu-

ropa medieval e dos códigos jurídicos de vários povos contemporâneos.

Os romanos sobressaíram-se também nas produções literárias que contemplavam os mais variados assuntos. Os autores mais consagrados foram Tito Lívio, que registrou a *História de Roma* em 142 volumes; Virgílio, que escreveu a *Eneida*, épico sobre as origens da cidade; Horácio, poeta que exaltou as obras do imperador Augusto; e Ovídio, autor de *A arte de amar* e *Metamorfose*.

Uma contribuição decisiva de Roma foi a difusão do latim. Língua indo-europeia do ramo itálico, o latim acabou se tornando um idioma universal — até a modernidade — graças à expansão romana. Na Idade Média, deu origem às línguas neolatinas, tais como o espanhol, o italiano, o português, o francês, o catalão e o romeno.

Outra influência fundamental romana diz respeito à contagem do tempo. Os meses de julho e agosto têm esses nomes em homenagem a Júlio César e Otávio Augusto. Além disso, César reajustou o calendário da República romana com base em pesquisas astronômicas e dividiu o ano em 12 meses, correspondentes a 365 dias e 6 horas. Era o **calendário juliano**, modificado em 1582 pelo papa Gregório XIII.

**Eneida**

"Eis ali, filho, aquela **íncrita** Roma  
 Qu'há de igualar, sob os auspícios deste  
 Co'império a terra, co' o valor o Olimpo,  
 E encerrar em seus muros montes sete:  
 Feliz co'a sua prole d' homens grandes,  
 [...]  
 Para aqui, para aqui ambos os olhos  
 Volta: vê este povo e os teus Romanos.  
 Este é César, e d' **lulo** [Júlio] toda a estirpe,  
 Qu'há de subir do céu à moç altura.  
 Este, este é o barão que tantas vezes  
 Ouvido tens estar-te prometido,  
 Augusto César, geração dos Deuses,  
 Que nos campos do Lácio os áureos tempos  
 Renovará do Reino de Saturno;  
 Além dos Garamantes e dos Indos  
 Estenderá do seu império as raias."

Virgílio. *Eneida*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.  
 p. 201. (Coleção Biblioteca Martins Fontes)



**Questões**

1. Como Virgílio narra a história de Roma?
2. Sabendo que o poema foi escrito no século I a.C., durante o governo de Augusto, estabeleça uma possível relação entre seu conteúdo e o período de sua produção.

▷ **Aspectos cotidianos do povo romano**

A cidade era de suma importância para a sociedade romana, uma vez que, além de centro político-administrativo, econômico e cultural, era também um espaço de entretenimento popular — cenário de espetáculos de teatro, corridas de biga, jogos de dados e lutas de gladiadores.

Os combates de gladiadores eram, inicialmente, dotados de conotação religiosa. Realizados durante cerimônias fúnebres, eles representavam uma oferenda privada, organizada por um indivíduo para honrar a morte de seu pai. Com o passar do tempo, esses acontecimentos foram perdendo seu vínculo com a religião, transformando-se em espetáculos públicos



*Iluminura de manuscrito da obra Eneida, de Virgílio, mostrando o conselho dos reis. Século V.*

**íncrito**

Ilustre, distinto.

**lulo**

Ascânio, também conhecido como lulo (Júlio), era filho de Eneias, o herói dos poemas da *Eneida*. Segundo a tradição, Ascânio é o fundador da cidade de Alba Longa. O general Júlio César o considerava seu ancestral.

patrocinados pelos imperadores ou por representantes da nobreza. As lutas dos gladiadores nem sempre terminavam em morte, como se supunha. Alguns estudos, com base em descobertas arqueológicas, demonstram que esses homens eram poupados para novos confrontos, pois formavam um grupo de profissionais valiosos. Os gladiadores mais velhos tornavam-se, muitas vezes, instrutores dos mais jovens.

As moradias da maioria dos romanos eram simples. Os mais pobres costumavam viver em pequenos apartamentos em edifícios de até seis andares, que apresentavam riscos de desabamento e incêndio. Apenas uma minoria tinha casas amplas e confortáveis, que contavam com água encanada, rede de esgoto, sala de banhos e luxuosa decoração interior.



## As refeições romanas

“Os romanos conheciam dois tipos de refeições opostas, a *cena* e o *prandium*. A primeira reunia homens, sempre deitados (quando há mulheres, elas tradicionalmente ficam sentadas) em um lugar coberto — casa, pórtico ou jardim coberto [...]; um grupo social bem definido — família, clientela, amigos da mesma idade, corporação profissional ou sacerdotal, vizinhos — partilha os prazeres da mesa por ocasião de uma festa. O número de convivas é limitado a uma dezena, mas o número de salas de jantar pode-se multiplicar. Mesmo que os banqueteadores se limitem aos habitantes de uma quinta — um camponês, sua mulher, seus filhos, suas noras, seus netos, alguns criados —, a *cena*, de qualquer maneira, é uma festa, apesar do pouco luxo; ela é sempre uma ocasião especial. [...]

Mas o romano geralmente come apenas o bastante para se restaurar, sem cerimônia, frequentemente só, não importando onde e quando. Porém, ele não consome qualquer coisa: come apenas alimentos revigorantes [...]. Este é o *prandium*.

Assim, o dia do romano não é regulado pelo horário das refeições, uma vez que o alimento indispensável é consumido quando ele sente necessidade, e os banquetes constituem eventos especiais.”

FLANDRIN, Jean-Louis; MONTANARI, Massimo. *História da alimentação*. 4. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 1998. p. 210-211.

A educação variava de acordo com a classe social e o sexo. Os meninos das classes mais abastadas aprendiam a ler e a escrever latim e grego com seus preceptores. Além da alfabetização, os garotos ainda aprendiam agricultura, astronomia, religião, geografia, matemática e arquitetura. Em contrapartida, os meninos das classes menos privilegiadas, que não dispunham de tempo integral para os estudos, dedicavam-se ao trabalho agrícola ou artesanal.

As mulheres, independentemente da classe social à qual pertenciam, eram educadas para ser esposas e mães e não podiam participar das decisões políticas.

Às mulheres das famílias mais abastadas estava reservada a administração da casa e dos escravos e a criação dos filhos. As mulheres das camadas menos favorecidas podiam trabalhar ao lado de seus maridos e até mesmo administrar seu próprio negócio, quando solteiras.

O casamento foi uma das instituições mais respeitadas e valorizadas na sociedade romana. Muitas garotas com 12 anos já se casavam por meio de arranjos familiares. Como vimos na abertura deste capítulo, o divórcio também era comum, principalmente entre a aristocracia, e os motivos das separações variados. Os filhos do casal sempre ficavam com os ex-maridos e, ao se casarem novamente, cabia às madrastas a tarefa de cuidar das crianças.

Os filhos provenientes da união entre um homem da aristocracia e uma mulher de origem servil não eram reconhecidos. Dessa forma, o abandono de crianças era habitual. A prática da adoção também era muito comum. Homens livres que não tinham descendentes geralmente adotavam escravos.

## Lembre-se!

- Roma foi fundada pelos latinos e recebeu influência de diversos povos, entre eles os etruscos e os gregos, que contribuíram para sua formação e desenvolvimento.
- Durante o período republicano, as instituições políticas mais importantes eram o Senado, as assembleias e as magistraturas. As mulheres e os escravos não tinham direitos políticos e, por isso, não participavam dessas instituições.
- Durante a República, os plebeus lutaram por maior participação política e conseguiram algumas vitórias, entre elas a eleição dos tribunos da plebe e o fim da escravidão por dívidas.
- As guerras de conquista empreendidas por Roma modificaram as estruturas econômicas, políticas e sociais da República. A política expansionista romana garantiu a extensão de seus domínios por grande parte da Europa, da África e da Ásia.
- A crise do Império Romano foi acompanhada da ruralização da sociedade e da instituição de uma nova relação de trabalho, o colonato, que se tornaria fundamental para o estabelecimento de uma nova forma de organização política, econômica e social que nasceria na Europa a partir do século V.

## TEXTO COMPLEMENTAR

### As termas romanas

Os antigos romanos dispunham de espaços públicos amplos e luxuosos destinados aos banhos frios e quentes, que serviam para o lazer e estimulavam a socialização entre as diversas camadas sociais de Roma.

"Além dos ferveres e das delícias do calendário religioso, havia outros prazeres que nada tinham de sagrado e só eram encontrados na cidade; faziam parte das vantagens (*commoda*) da vida urbana e eram proporcionados pelo evergetismo. Tais prazeres consistiam nos banhos públicos e nos espetáculos (teatro, corridas de carros no Circo, lutas de gladiadores ou de caçadores de feras na arena do anfiteatro ou, em terra grega, no teatro). [...] Homens livres, escravos, mulheres, crianças, todo mundo tinha acesso aos espetáculos e aos banhos, inclusive os estrangeiros; vinha gente de longe para ver os gladiadores numa cidade. A melhor parte da vida privada transcorria em estabelecimentos públicos.

O banho não era uma prática de higiene, e sim um prazer complexo, como a praia entre nós. Os pensadores e os cristãos recusavam tal prazer; não tinham a fraqueza de ser limpos e só se banhavam uma ou duas vezes por mês; a barba suja de um filósofo constituía prova de austeridade, da qual ele se orgulhava. Não havia casa de rico (*domus*) em que um banho não ocupasse várias salas especialmente arranjadas, com o aquecimento instalado sob o piso; não havia cidade sem pelo menos um banho público e, se necessário, um aqueduto para alimentá-lo e alimentar as fontes públicas [...].

Por alguns cêntimos, os pobres passavam horas num ambiente luxuoso que constituía uma homenagem das autoridades — imperador ou notáveis. Além das complicadas instalações de banhos frios e quentes, os pobres encontravam passeios

e campos de esporte ou de jogo (o banho greco-romano era também um ginásio e, em terra grega, conservava tal nome). Os sexos eram separados, ao menos como regra geral. As escavações de Olímpia permitem acompanhar a evolução desses estabelecimentos por mais de sete séculos; a princípio modestos edifícios funcionais em que se encontravam uma piscina fria, banheiras ordinárias para banhos quentes e um banho de vapor, as "termas" acabaram tornando-se estabelecimentos de prazer [...]. A grande novidade [...] foi o aquecimento do subsolo e até das paredes: já não bastava aquecer a água das banheiras e de uma piscina; proporcionava-se à multidão um local fechado e quente. Nessa época em que, não importava a intensidade do frio, mal havia braseiros e as pessoas ficavam em casa tão agasalhadas como na rua, os banhos eram o lugar aonde se ia em busca de calor. Nas termas de Caracala, isso levará a uma 'climatização' do prédio [...]. Segunda evolução: do edifício funcional ao palácio de sonho, no qual esculturas, mosaicos, pinturas, arquiteturas suntuosas oferecem a todos o esplendor de um ambiente real. Nessa vida de praia artificial, o maior prazer era o de estar em multidão, gritar, encontrar pessoas, escutar as conversas, saber de casos curiosos que seriam objeto de anedotas e exhibir-se."

ARIÈS, Philippe; DUBY, Georges. *História da vida privada: do Império Romano ao ano mil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p. 193-194.

### Compreendendo o texto

#### ► Registre em seu caderno

1. Que camadas sociais frequentavam as termas romanas? Elas eram locais destinados exclusivamente aos banhos? Justifique.
2. Qual a principal diferença entre a função do banho na Roma antiga e atualmente?
3. A preocupação com a preservação ambiental em geral e, principalmente, com as reservas de água do planeta tende a ser um dos grandes temas do século XXI. Cite algumas medidas que podem ser tomadas pela população e pelo governo para garantir a correta manutenção desse recurso natural.